

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

**REGINALDO PEREIRA**

**A EVANGELIZAÇÃO NA DIOCESE DE LAGES  
À LUZ DO CONCÍLIO VATICANO II: 1965 -2010**

**CURITIBA  
2016**

**REGINALDO PEREIRA**

**A EVANGELIZAÇÃO NA DIOCESE DE LAGES  
À LUZ DO CONCÍLIO VATICANO II 1965 -2010**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, da Escola de Educação e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Elias Wolff

**CURITIBA**

**2016**

Dados da Catalogação na Publicação  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR  
Biblioteca Central

P436e      Pereira, Reginaldo  
2016      A evangelização na Diocese de Lages: à luz do Concílio Vaticano II 1965-  
2010 / Reginaldo Pereira; orientador, Elias Wolf . -- 2016  
207 f. ; il. : 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,  
Curitiba, 2016.  
Bibliografia: f. 201-207

1.Evangelização. 2. Dioceses – Lages (SC). 3.Concílio Vaticano (2. 1962-  
1965). 4. Obras da Igreja junto aos pobres. 5. Religiosidade. I. Wolf, Elias.  
II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação  
em Teologia. III. Título.

CDD 20. ed. – 253.7

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO Nº. 115  
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE  
REGINALDO PEREIRA

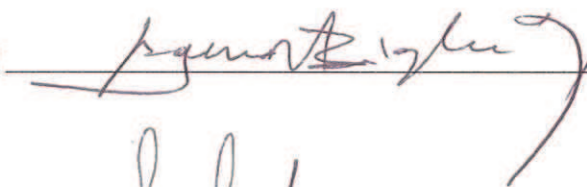
Aos vinte e nove dias, do mês de fevereiro de dois mil e dezesseis, às dezesseis horas reuniu-se na sala 07 de Pós-Graduação - Segundo andar da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a banca examinadora constituída pelos professores: Elias Wolff, Agenor Brighenti e Cesar Augusto Kuzma, para examinar a dissertação do candidato Reginaldo Pereira, ingressante no programa de Pós-graduação em Teologia - Mestrado, no segundo semestre de dois mil e treze. Linha de pesquisa: Bíblia e Evangelização. O mestrando apresentou a dissertação intitulada: A Evangelização na Diocese de Lages. À Luz do Concílio Vaticano II: 1965-2010. O Candidato fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos Membros da Banca e, após a defesa, O Candidato Foi aprovado pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 16 h :00 min. Para Constar, lavrou-se presente Ata, que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Prof. Dr. Elias Wolff



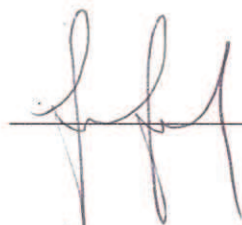
Presidente/Orientador.

Prof. Dr. Agenor Brighenti

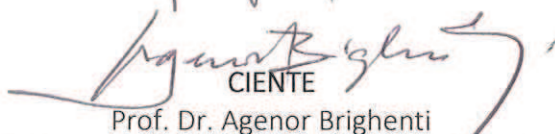


Convidado Interno

Prof. Dr. Cesar Augusto Kuzma



Convidado Externo



CIENTE

Prof. Dr. Agenor Brighenti

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia- *Stricto Sensu*  
PPGT - PUCPR



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiro, a Trindade Santa, pelo dom da vida.

Ao meu orientador, prof. Dr. Elias Wolff, pela paciência e pela generosidade com que aceitou o desafio para a realização desta dissertação.

Aos profs. Dr. Agenor Brighenti e Dr. Cesar Kuzma, por, gentilmente, aceitarem participar da banca examinadora, contribuindo para o enriquecimento deste trabalho.

À toda a equipe de docentes em Teologia da Universidade PUCPR.

Aos colegas de sala de aula, pelos grupos de estudos, fica a minha gratidão.

Às funcionárias da secretaria do mestrado, Maria e Cristina, pelo trabalho, paciência e pela dedicação em nossas necessidades acadêmicas.

Aos queridos amigos Jaison, Edina e família, pela acolhida, incentivo e pela amizade tão importante na estadia em Curitiba. Deus os abençoe!

À ADVENIAT, pela bolsa de estudos que possibilitou a realização desse mestrado.

Ao bispo da Diocese de Lages, Dom Irineu Andreassa, bispo emérito Dom Oneres Marchiori e colegas do presbitério pela amizade e companheirismo. Gratidão pela confiança depositada em mim.

À minha comunidade paroquial São Cristóvão – Cidade Alta, pelo apoio, compreensão e confiança durante este período de estudo.

À minha mãe Aparecida, meu pai Túlio, minha irmã Marinalda, cunhado Edilson e sobrinhos Dionatan, Mel e Edimilson pela presença e pelo incentivo nas horas mais difíceis. Deus abençoe cada um de vocês.

## **LISTA DE SIGLAS**

AM – Associação de Moradores  
APP – Associação de Pais e Professores  
ARP - Assembleia Regional de Pastoral  
CDC - Código de Direito Canônico.  
CELAM – Conselho Episcopal Latino Americano  
CEP – Comissão Episcopal de Pastoral  
CIAT – Comissão de Instalação de Ações Territoriais  
CNBB – Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil.  
CONSAD – Consórcio de Segurança Alimentar e Desenvolvimento Territorial  
CONSER - Conselho Episcopal Regional  
CPC – Conselho Pastoral Comunitário  
CPD – Conselho Pastoral Diocesano  
CPO – Comissão Pastoral Operária  
CPP – Conselho Pastoral Paroquial  
CPT – Comissão Pastoral da Terra  
CRP - Conselho Regional de Pastoral  
FDS – Fundo Diocesano de Solidariedade  
FPM – Fundo de Participação dos Municípios  
GF – Grupos de Família  
IDHM – Índice de desenvolvimento humano municipal  
ITEPAL – Instituto Teológico Pastoral de Lages  
ITESC – Instituto Teológico de Santa Catarina  
MEC – Ministério da Educação e Cultura  
MMA – Movimento de Mulheres Agricultoras  
MMC – Movimento de Mulheres Camponesas  
NAEP – Nucleo Alternativo de Educação Popular  
ONG – Organização Não-governamental  
PC – Pastoral da Criança  
Pnud – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento  
PS – Pastoral Social  
SEFISC – Seminário Filosófico de Santa Catarina

DAp - V Conferência Geral do Episcopado Latinoamericano: Documento de Aparecida

Doc. 100 – Documento da CNBB “Comunidade de Comunidades: A nova paróquia.

DP - Documento de Puebla.

EG - Exortação Apostólica “Evangelii Gaudium” do Papa Francisco sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual.

GS - Concílio Vaticano II: Constituição Pastoral “Gaudium et Spes” sobre a Igreja no mundo atual,

CEB's – Comunidades Eclesiais de Base

UNIPLAC – Universidade do Planalto catarinense

“A Igreja deve ser o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viver segundo a vida boa do Evangelho”

(FRANCISCO, 2013, p. 92)



## RESUMO

A Diocese de Lages ocupa um lugar de destaque no contexto das dez Dioceses que compõe o Regional Sul IV da CNBB, pela sua importância na caminhada de evangelização em seus 88 anos de criação. No espírito do Concílio Vaticano II (1962-1965), a história da evangelização desta Diocese testemunha o crescimento e a diversificação dos ministérios leigos, em busca de uma identidade própria a partir do seu povo e sua cultura. A construção de relações de acolhida e diálogo e o desejo de ser uma Igreja Discípula-missionária a caminho do Reino, são fundamentos da eclesiologia conciliar a serem postas em prática. A partir da práxis histórica, teológica e pastoral, a Diocese de Lages quer conhecer e incentivar novos processos de formação, com ênfase no protagonismo dos leigos, buscando constituir-se como uma Igreja participativa, ministerial, celebrativa, missionária, ecumênica e do diálogo inter-religioso e sócio-transformadora. Objetiva-se com esta pesquisa destacar as características que marcam historicamente a vida da Diocese de Lages em sua história e evangelização. É sabido que a evangelização é um processo amplo de proclamação e vivência do Evangelho na práxis eclesial. Baseado nesta afirmação é preciso apontar, no contexto da Diocese de Lages, as principais características deste processo. Nesta perspectiva, esta pesquisa busca apresentar como se deu o processo de evangelização no contexto da Região Serrana até a criação da Diocese de Lages, bem como refletir como esta Igreja se estruturou e acolheu o Concílio Vaticano II em sua ação pastoral. Aprofundando o recorte histórico central nesta pesquisa que compreendeu o período de 1965 a 2010, constatou-se que na ação evangelizadora da Diocese de Lages está muito presente o modelo eclesiológico e pastoral do Vaticano II. Mesmo com suas limitações, a Diocese de Lages no processo de evangelização em sua reflexão e prática, buscou vivenciar uma Igreja “Povo de Deus” incentivando o laicato, a ministerialidade, os Grupos de Família-CEBs, o espírito de colegialidade a opção preferencial pelos pobres, etc. Isso fortaleceu um jeito de ser Igreja e uma identidade própria que sustentou a caminhada do povo e ainda hoje mantém viva a esperança de uma Igreja comprometida com o seguimento de Jesus.

**Palavras-chave:** Diocese de Lages. Evangelização. Igreja. Vaticano II.

## ABSTRACT

The Diocese of Lages occupies a prominent place in the context of the ten Dioceses that make up the Southern Region IV of the CNBB, for its importance in evangelization work in its 88 years of existence. In the spirit of Vatican Council II (1962-1965), the history of the evangelization of this Diocese witnesses the growth and diversification of lay ministries, in search of its own identity from its people and their culture. The building relationships of acceptance and dialogue and the desire to be a Church Disciple missionary on the way to Unity, are foundations of conciliar ecclesiology to be put in place. From the historical, theological and pastoral praxis, the Diocese of Lages wants to meet and encourage new training processes, with emphasis on the role of the laity, seeking to establish itself as a participatory Church, ministerial, celebratory, missionary, ecumenical and inter dialogue -religious and socio-transforming. It is objective of this research highlight the features that historically mark the life of the Diocese of Lages in its history and evangelization. It is known that evangelization is a broad process of proclaiming and living the Gospel in the Church practice. Based on this statement I must point out, in the context of the Diocese of Lages, the hallmarks of this process. In this perspective, this research aims to show how was the process of evangelization in the context of the mountainous region to the creation of the Diocese of Lages, and reflect how this Church was built and hosted the Second Vatican Council in its pastoral action. Deepening the central historical approach this study that covered the period 1965-2010, it was found that the evangelizing action of Lages Diocese is very present the ecclesiological model and the Vatican ministry. Even with its limitations, Lages Diocese in evangelization process in their reflection and practice, sought to experience a Church "People of God" encouraging the laity, the ministry, for the Family-CEBs groups, the spirit of collegiality the preferential option for poor, etc. This strengthened a way of being Church and an identity that sustained the journey of the people and still keeps alive the hope of a Church committed to following Jesus.

**Key-words:** Diocese of Lages. Evangelism. Church. Vatican II.

## SUMÁRIO

|          |  |           |
|----------|--|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>10</b> |
| <b>2</b> | <b>A HISTÓRIA DA DIOCESE DE LAGES .....</b>                                | <b>16</b> |
| 2.1      | ELEMENTOS DO CONTEXTO HISTÓRICO E SÓCIO-CULTURAL DA DIOCESE DE LAGES ..... | 16        |
| 2.2      | O POVOAMENTO DA REGIÃO SERRANA .....                                       | 18        |
| 2.3      | O CONTEXTO SÓCIO-POLÍTICO-ECONÔMICO .....                                  | 21        |
| 2.4      | A INSTITUIÇÃO DA IGREJA NA DIOCESE DE LAGES .....                          | 24        |
| 2.5      | OS BISPOS DIOCESANOS DE LAGES .....  | 28        |
| 2.5.1    | Dom Daniel Hostin.....   | 28        |
| 2.5.2    | Dom Afonso Niehues.....  | 30        |
| 2.5.3    | Dom Honorato Piazero .....   | 33        |
| 2.5.4    | Dom Oneres Marchiori .....   | 35        |
| 2.5.5    | Dom Irineu Andreassa .....   | 37        |
| 2.6      | O CONSELHO PASTORAL DIOCESANO .....  | 38        |
| 2.7      | O SECRETARIADO DE PASTORAL.....  | 40        |
| 2.8      | O CONSELHO DE PRESBÍTEROS .....  | 42        |
| 2.9      | AS REGIÕES PASTORAIS E OS DESAFIOS SÓCIO-PASTORAIS .....                   | 44        |
| 2.9.1    | Os desafios sócio-pastorais das Regiões Pastorais.....                     | 45        |
| 2.9.2    | As Regiões Pastorais .....   | 48        |
| 2.10     | A FORMAÇÃO DO POVO DE DEUS .....   | 64        |
| 2.10.1   | A formação do clero .....  | 64        |
| 2.10.2   | Centro de Formação Católica.....   | 67        |
| 2.10.3   | O Instituto Teológico Pastoral de Lages (ITEPAL).....                      | 68        |
| 2.10.4   | O Conselho Diocesano de Leigos e Leigas.....                               | 69        |
| 2.10.5   | O Instituto São João Batista Vianeí .....                                  | 70        |
| 2.10.6   | O Jornal Caminhada.....  | 72        |
| 2.11     | A DIOCESE DE LAGES NO REGIONAL SUL IV DA CNBB .....                        | 74        |
| <b>3</b> | <b>PERFIS ECLESIOLÓGICOS DA IGREJA DE LAGES.....</b>                       | <b>77</b> |
| 3.1      | A RELIGIOSIDADE POPULAR, A ROMANIZAÇÃO E A IGREJA DO VATICANO II.....      | 77        |
| 3.1.1    | A religiosidade popular .....  | 79        |
| 3.1.2    | O Contestado e a questão religiosa .....                                   | 83        |

|          |   |            |
|----------|---|------------|
| 3.1.3    | O Contestado na Diocese de Lages: O Canudinho de Lages .....  | 88         |
| 3.2      | A ECLESIOLOGIA INSTITUCIONAL: A “ROMANIZAÇÃO” .....   | 92         |
| 3.2.1    | A “Romanização” .....   | 93         |
| 3.2.2    | A romanização no Planalto Serrano .....   | 98         |
| 3.3      | A ECLESIOLOGIA DO VATICANO II E AS CONFERÊNCIAS GERAIS DO<br>EPISCOPADO LATINO AMERICANO .....              | 101        |
| 3.3.1    | A eclesiologia dos Grupos de Família-CEBs: um jeito de ser Igreja a partir<br>do Concílio Vaticano II ..... | 106        |
| 3.3.2    | O nascimento das CEBs na Igreja de Lages .....  | 109        |
| 3.3.3    | As dimensões da Ação Evangelizadora: seis faces de um mesmo rosto .   | 114        |
| <b>4</b> | <b>ELEMENTOS ESPECÍFICOS DA RECEPÇÃO DO CONCÍLIO VATICANO II<br/>NA DIOCESE DE LAGES .....</b>              | <b>135</b> |
| 4.1      | O PROCESSO DE EVANGELIZAÇÃO EM LAGES NOS ANOS 60 .....  | 136        |
| 4.2      | O PROCESSO DE EVANGELIZAÇÃO EM LAGES NOS ANOS 70 .....  | 138        |
| 4.3      | PROCESSO DE EVANGELIZAÇÃO EM LAGES NOS ANOS 80 E 90 .....   | 146        |
| 4.4      | O PROCESSO DE EVANGELIZAÇÃO EM LAGES NOS ANOS 2000-2010<br>149  |            |
| 4.5      | OS GRUPOS DE FAMÍLIA-CEBS: O “CHÃO” PASTORAL DA DIOCESE DE<br>LAGES   | 150        |
| 4.6      | GRUPOS DE FAMÍLIA-CEBS: UMA REALIDADE CONFLITIVA .....  | 159        |
| 4.7      | O VATICANO II E AS PASTORAIS NA DIOCESE DE LAGES .....  | 162        |
| 4.7.1    | A Renovação Litúrgica e a Pastoral da Comunicação .....   | 164        |
| 4.7.2    | A Pastoral da Juventude (PJ) .....  | 166        |
| 4.7.3    | A Comissão Pastoral Operária (CPO) .....  | 169        |
| 4.7.4    | A Pastoral do Negro .....   | 171        |
| 4.7.5    | A Pastoral Catequética .....  | 172        |
| 4.8      | A RELAÇÃO IGREJA - SOCIEDADE: A INSERÇÃO SOCIAL DA<br>PASTORAL EM LAGES .....                               | 175        |
| 4.8.1    | A Cáritas Diocesana de Lages .....  | 176        |
| 4.8.2    | O Centro Vianei de Educação Popular .....   | 178        |
| 4.8.3    | A Pastoral da Terra e os movimentos sociais na Igreja de Lages .....  | 179        |
| 4.8.4    | O Fundo Diocesano de Solidariedade (FDS) .....  | 184        |
| 4.9      | A FESTA DAS TENDAS: SÍMBOLO DE UMA IGREJA NO ESPÍRITO DO<br>CONCÍLIO VATICANO II .....                      | 185        |

|          |  |            |
|----------|--|------------|
| 4.9.1    | A história da festa no contexto da Diocese de Lages..... | 186        |
| 4.9.2    | As características e os objetivos .....                  | 189        |
| 4.9.3    | A eclesiologia da festa das tendas .....                 | 192        |
| <b>5</b> | <b>CONCLUSÃO.....</b>                                    | <b>195</b> |
| <b>6</b> | <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                  | <b>201</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, “A evangelização na Diocese de Lages à luz do Concílio Vaticano II (1965-2010)” almeja ser uma reflexão histórica resgatando as principais características da Igreja Diocesana de Lages. A partir dessa análise histórica e pastoral, busca-se responder a seguinte questão: De que modo o Concilio Vaticano II foi acolhido na história e na prática pastoral da Diocese de Lages? Apesar da amplitude da questão, o objetivo deste trabalho será o de apresentar em linhas gerais o que caracterizou histórica e pastoralmente a recepção e aplicação dos ideais do Concilio no contexto desta Diocese.

Existem algumas razões importantes para se empreender esta busca: no nível acadêmico-científico pelo seu pioneirismo no estudo histórico e pastoral da Diocese de Lages. Ao perscrutar fontes bibliográficas a respeito da evangelização na Diocese de Lages e da Região Serrana, constata-se que não existem muitos estudos sobre a presença da Igreja neste contexto, ressaltando sua ação evangelizadora e analisando esta. Existem várias literaturas que abordam historicamente alguns períodos da vida do povo e nesta abordagem está a presença da Igreja, mas nada que se possa perceber como um estudo sistemático a respeito da opção eclesiológica e a importância dessa Igreja diocesana na vida desse povo.

No âmbito pastoral, este estudo significa um retorno às raízes da Igreja tentando estabelecer um diálogo frutífero com a história e as contribuições que influenciaram e ainda influenciam neste contexto. O Concilio Vaticano II foi um marco referencial na vida da Igreja. A partir de suas reflexões a Igreja viveu um processo de autocrítica e estabeleceu algumas prioridades pastorais em busca de sua própria identidade como Povo de Deus.

No âmbito teológico, este trabalho quer ser uma tentativa de compreender e refletir a fé de um povo a partir de uma análise sistemática e científica estabelecendo suas principais relevâncias. A teologia como sendo a fé que busca entender, abre espaços para uma pesquisa que auxilia na compreensão do nascimento e do desenvolvimento da evangelização no contexto da Diocese de Lages. Ainda mais, compreender a luz dessa mesma fé os avanços e retrocessos que marcaram positiva ou negativamente a vida desta Igreja específica e suas conseqüências no contexto catarinense. Nessa perspectiva, é fundamental resgatar a partir da história, da teologia e da pastoral, a ação evangelizadora da Diocese de Lages.

A Diocese de Lages possui 24 paróquias e 500 comunidades, está situada no Planalto Sul do Estado de Santa Catarina<sup>1</sup> e ocupa um território de 18.152 km<sup>2</sup>. Neste espaço geográfico existem 23 municípios. A mesma ocupa 1/5 do território do Estado de Santa Catarina. É a Diocese com a maior extensão territorial do Estado.

De 1766 até os dias atuais, a Igreja presente na Diocese de Lages caracterizou-se por diversos modos de ser, que marcaram a história da Evangelização no contexto socioeconômico, político, cultural e religioso vivido pelo povo serrano, desde as suas origens.

Até 1926 a Igreja em Santa Catarina encontrava-se organizada numa única Diocese, a Diocese de Florianópolis. Devido à extensão geográfica e às necessidades pastorais, as primeiras Dioceses desmembradas foram Joinville e Lages, com a Bula papal *Inter Praecipua*, de 1927. As preocupações fundamentais da ação pastoral centravam-se na celebração dos sacramentos, na disciplina, enquanto aplicação das normas jurídicas, na catequese, fortalecendo os conteúdos e verdades da fé católica. Foi um modelo de Igreja fundamentado na “razão”, isto é, a pessoa cristã deveria saber as razões da sua fé, conhecer a doutrina através do catecismo. Este trabalho, embora caracterize uma Igreja mais hierárquica e doutrinal, deu consistência religiosa às atuais comunidades católicas. Foi o tempo da estruturação da Diocese de Lages, que se estendia no planalto, centro e oeste do Estado (1920-1964).

Chegando o tempo da renovação da Igreja através do Concílio Vaticano II (1962-1965), das Conferências dos Bispos Latino Americanos em Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992), Aparecida (2007) e da Conferência Nacional

---

<sup>1</sup> Santa Catarina corresponde às Terras de Sant’Ana, capitania doada por Dom João III a Pero Lopes de Souza, no ano de 1534, e que se estendia de Paranaguá, estado do Paraná (PR), até a atual Laguna no estado de Santa Catarina (SC). Os primeiros habitantes a penetrarem em território catarinense foram grupos de caçadores e coletores, que teriam atingido a região através do vale do rio Uruguai, há 4.500 anos. Mas o povoamento do litoral teve início cerca de 2.500 a.C. estendendo-se praticamente até a chegada dos europeus. A exemplo de outras civilizações indígenas da América, provavelmente era bem expressivo o número de indígenas nas terras catarinenses no momento da Conquista. Na faixa do litoral residiam os indígenas da grande nação tupi-guarani, aqui denominados "carijós", nome originado do tupi-guarani "*Carai-Yoic*", branco, mestiço. No interior, os xókleng e os kaigangs, que eram seminômades e viviam dispersos em pequenos grupos, falavam uma língua diferente e não tinham grandes tradições de trabalho agrícola. Segundo Santos (2004, p. 22), a entrada dessas populações no Brasil meridional se deu através do rio Paraná e seus afluentes. No território de Santa Catarina, é provável que esses primeiros povoadores entraram pelo rio Uruguai, afluente do Paraná. Isto é o que se pode deduzir das pesquisas arqueológicas que vem sendo desenvolvidas no estado. Nas margens daquele rio, encontraram-se vestígios de ocupação humana que foram datados como tendo cerca de 8000 anos

dos Bispos do Brasil (CNBB) apresentou-se o modelo de “Igreja Povo de Deus”, que se aproxima do povo.

Na perspectiva do Concílio Vaticano II e no contexto do processo de Evangelização da Igreja na América Latina, no Brasil, no Regional Sul IV e na Diocese de Lages, será possível identificar as linhas mestras da ação da Igreja no tempo em que vivemos.

Nesta perspectiva, o objetivo geral desta pesquisa foi investigar o processo de evangelização da Diocese de Lages/SC entre os anos 1965-2010, à luz do Concílio Vaticano II, identificando as suas etapas, seus personagens, suas prioridades pastorais e as características da sua eclesiologia, buscando compreender a sua relevância para concretização de uma Igreja Povo de Deus. Desse objetivo geral decorreu os objetivos específicos que foram:

- a) Refletir o desenvolvimento da Igreja e da evangelização no Planalto Catarinense a partir dos fatos, personagens e características da época;
- b) Identificar os elementos históricos e pastorais da evangelização na Diocese de Lages a luz do Concílio Vaticano II no período de 1965 a 2010;
- c) Analisar as particularidades da ação evangelizadora na Diocese de Lages no processo de construção de uma Igreja Povo de Deus, do Diálogo e em sintonia com o Vaticano II.

Para o desenvolvimento desse trabalho, foi realizada uma pesquisa qualitativa do tipo exploratório-descritiva. Foi feito inicialmente levantamentos bibliográfico-documental preliminares, para mapear os principais trabalhos publicados relacionados ao tema do presente projeto de pesquisa. Foram coletados os dados disponíveis nos arquivos diocesanos, nas paróquias e em outras bibliotecas.

O tema foi abordado usando-se do método histórico na análise dos fatos, o que possibilitou colher informações sobre como o evento ocorreu, quais causas o provocaram, porque foi provocado, quais as possíveis consequências atribuídas, entre outras, no intuito de, a partir da realidade, perceber de modo geral as contribuições da Igreja diocesana de Lages no trabalho de Evangelização na Igreja Catarinense e do Brasil. O foco está em estudar suas raízes visando à compreensão de sua natureza e função, pois, conforme Lakatos e Marconi (2007, p. 107), “as instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época”.



Criado pelo antropólogo Franz Boas, o método de pesquisa histórica caracteriza-se como uma abordagem sistemática por meio de coleta, organização e avaliação crítica de dados que tem relação com ocorrências do passado. Três passos são considerados essenciais na produção de um trabalho histórico ou seja: (a) levantamento de dados; (b) avaliação crítica destes dados; e (c) apresentação dos fatos, interpretação e conclusões. A investigação histórica lança luzes sobre o passado para que este possa clarear o presente, inclusive fazer perceber algumas questões futuras. A metodologia histórica pode surgir dentro de uma abordagem quantitativa ou qualitativa, entretanto a natureza da história é fundamentalmente narrativa (qualitativa) e não numérica (quantitativa). Partindo, sobretudo, de uma concepção, de que o conhecimento é produzido socialmente, e que o pesquisador ao produzir o conhecimento sobre qualquer tempo, estará trabalhando a perspectiva do passado com o seu presente. Essa relação de passado e presente se estabelece na busca do conhecimento, de maneira a se questionar o passado numa série de questões que são o “agora”.

Esta pesquisa se insere na Linha de Bíblia e Evangelização e está vinculada ao projeto de pesquisa “o Diálogo na Ação Evangelizadora das Igrejas”, que reflete o pluralismo eclesial e religioso da sociedade atual desafiando a missão evangelizadora, e ao mesmo tempo exigindo repensar seus métodos e objetivos.

Dentro dessa perspectiva, essa pesquisa sobre a evangelização na Diocese de Lages, visa também destacar essa realidade dialogal da Igreja com a sociedade no contexto específico da Diocese de Lages a luz do Concílio Vaticano II.

Sua importância também reside no fato de ajudar a identificar quais passos no processo de evangelização já foram dados, ajudando a descobrir neste contexto diocesano a identidade que esta Igreja possui e o caminho que ainda precisa percorrer em busca de uma maior aproximação do Reino proposto por Jesus Cristo.

É de se esperar que esta pesquisa seja uma oportunidade de contribuir com a caminhada pastoral da Diocese de Lages. Que este trabalho seja útil contribuindo no entendimento e aplicação do ensino do Concílio Vaticano II, refazendo a “primavera” na vida da Igreja disposta a se encarnar na realidade do seu povo, a exemplo de Jesus.

No primeiro capítulo será tratado sobre a história da Diocese de Lages, desde a sua criação até a criação e organização da Igreja no contexto da região serrana. Foram muitos os elementos que marcaram a realidade da Igreja em Lages,

principalmente por se tratar de uma região pouco habitada em seus primeiros tempos e que de certa forma foi sendo construída a partir de outras culturas que foram ocupando aquele território. Passando pelo contexto sócio-político-econômico e mostrando a organização eclesial da Diocese de Lages, com as estruturas que garantem a ação pastoral, se pretende delinear as principais características dessa Igreja tendo presente sua importância dentro da realidade Catarinense. A partir dessa estruturação e desenvolvimento através dos tempos, se quer também mostrar que o Concílio Vaticano II teve uma influência importante neste processo de crescimento e organização da Igreja.

No segundo capítulo, apresento os perfis eclesiológicos presentes na realidade da Diocese. É fato que a Igreja inserida na realidade humana não é algo estanque, pronto. Na Diocese de Lages se manifestou alguns modelos de Igreja que marcam ainda hoje o jeito de crer e agir das pessoas. Tentarei explicitar as características desses perfis de Igreja tentando estabelecer as principais características e implicações dos mesmos na realidade da Igreja de Lages.

Como escolha pessoal nesta pesquisa, parto de uma reflexão no contexto geral para então apresentar o contexto local tentando perceber as características, que muitas vezes do macro para o micro, se impõe sobre determinadas realidades. Sendo assim, desde a Igreja da religiosidade popular, passando pelo processo de “romanização” e chegando ao concílio Vaticano II, explicitarei as principais características destes perfis eclesiológicos que ainda hoje, de forma latente ou escondida, continuam povoando o jeito de crer do povo serrano. Destaco aqui a guerra do Contestado que, mesmo tendo uma motivação social, apresentou elementos religiosos marcantes na Igreja de Lages, principalmente através do monge João Maria, considerado santo e ainda hoje respeitado em suas palavras e cultuado por seus “milagres”.

No terceiro capítulo apresentarei alguns elementos específicos que identificam a aplicação da proposta do Concílio Vaticano II na Diocese de Lages. A partir dos planos e diretrizes pastorais apresento como os ideais do Vaticano II foram sendo compreendidos e aceitos dentro da perspectiva da ação pastoral da Diocese, haja visto que vigorava ainda uma certa mistura de um catolicismo popular e outro de cunho mais romanizado, O primeiro praticado pelas pessoas mais ligadas a Igreja Oficial e letradas, enquanto que o segundo praticado pelas pessoas mais simples e iletradas das zonas rurais e também urbanas.

Como característica principal da recepção e vivência das propostas do Concílio, apresento o grande crescimento dos movimentos sociais, principalmente nos anos 80 e 90 mostrando uma Igreja mais inserida na realidade das pessoas. Também se ressalta os Grupos de Família–CEBs, prioridade pastoral assumida como “chão pastoral” e motor que impulsiona todas os serviços e ministérios na comunidade. A partir dos Grupos de Família–CEBs a Diocese de Lages se reconheceu como uma Igreja Povo de Deus, motivada a ser servidora e missionária desde os mais pobres e excluídos, ideal sempre presente nas reflexões do Vaticano II. Nesta perspectiva, termino o capítulo refletindo sobre a Festa das Tendas, celebrada desde o Antigo Testamento, mas tomada pela Diocese de Lages como símbolo maior de uma Igreja dos pobres, da partilha e de comunhão.

O que é a Igreja? O que faz a Igreja? Estes são os dois eixos em torno dos quais devem mover-se todos os temas do Concílio. O mistério da Igreja e a missão que lhe foi confiada e que ela tem de realizar: eis aí o tema ao redor do qual deve girar o concílio (CAMACHO, 1995, p. 251).

## 2 A HISTÓRIA DA DIOCESE DE LAGES

A história do povo serrano vem de longe, do povo indígena araucano da terra das araucárias, da terra do “Karú”. Há 4 mil anos, os índios Kaingangs, Xoklengs, Guaranis e Carijós habitavam esta região da América do Sul. Observando as grutas das montanhas de Urubici, a Serra do Corvo Branco e do Rio do Rastro, os sítios arqueológicos em Anita Garibaldi e Celso Ramos, percebemos vestígios históricos da presença destas culturas. No ano de 2004 foi encontrado no sítio arqueológico de Celso Ramos resquício em cerâmica, considerado pelo exame científico do “carbono 14”, o mais antigo das Américas, datado como sendo de 2.860 a.C. A presença dos povos indígenas Kaingangs, Xoquelens, Araucanos, Guaranis, Carijós; Sudaneses, Yorubás, Minas, Gegês e Bornus, vindos da África; Portugueses, Espanhóis, Alemães e Italianos, vindos da Europa, constituem etnias e culturas que formaram com o passar do tempo o rosto do povo serrano.

Neste capítulo vamos discutir sobre alguns elementos do contexto histórico, cultural, político, econômico, social e principalmente religioso da Diocese de Lages a partir de sua colonização até a instituição da Igreja (Diocese) e suas estruturas que configuram um capítulo importante na história de Santa Catarina. Neste sentido, voltamos um pouco mais no tempo para então entendermos o espaço temporal 1965-2010 como resultado de uma caminhada histórica marcada por relevantes acontecimento e com certeza pela ação divina na vida desse povo.

### 2.1 ELEMENTOS DO CONTEXTO HISTÓRICO E SÓCIO-CULTURAL DA DIOCESE DE LAGES

A Região Serrana foi colonizada principalmente pelos bandeirantes paulistas. Vieram com a finalidade de definir e guarnecer a fronteira entre os colonizadores portugueses e espanhóis. Em agosto de 1766, com toda a família, escravatura e mestres de ofícios, Antônio Correa Pinto desceu para o sertão das Lages e fundou a nova povoação às margens do rio Canoas sob a invocação de Nossa Senhora dos Prazeres. Era uma vila de pouso e passagem do gado das “Vacarias” (RS), até Curitiba (PR) e Sorocaba (SP). Grande quantidade de seus habitantes são descendentes de tropeiros que acompanhavam o gado. O poder

político e econômico sempre esteve ligado às fazendas de criação de gado. Somente mais tarde veio a exploração do pinheiro e do agro-negócio.

Ocorreu, então, que o governador da capitania de São Paulo determinasse a fundação de uma vila junto a estrada de tropas, nos confins meridionais da capitania. Para cumprir tal determinação, seguiu para o Sul, para o lugar chamado Lages, Antônio Corrêa Pinto. Em 1766, Corrêa Pinto instalou-se no lugar chamado Taipas, iniciando uma povoação. Mas foi somente depois de mudar sua localização por três vezes que, em 1771, Corrêa Pinto finalmente lavrou o termo de fundação da vila de Nossa Senhora dos Prazeres de Lages. Abria-se assim, em definitivo, as possibilidades para o povoamento do planalto de Santa Catarina (SANTOS, 2004, p. 44).

Segundo Costa (1982), o Morgado de Mateus, governador da capitania de São Paulo, além de indicar o nome da Vila – Vila Nova dos Prazeres, pois a Virgem dos Prazeres era sua advogada, madrinha e padroeira – também recomenda que na bagagem, incluía os paramentos e alfaias para a igreja:

[...] hua bestimenta de damasco vermelho com seus pertences, digo de damasco vermelho e branco, com seus pertences, hua alva de pano de linho lizo, hua toalha de altar de pano de linho lizo com renda estreita, hua dita liza q serve de forro ao altar, hua guarda, hum corporal, hu amito, hu frontal de Damasco branco, e vermelho, hu miçal, hu purificador, Tres sanguinhos, cujos ornamentos são todos velhos, e já com seus remendos, pertencentes ao Colégio dos Jesuítas da Cidade de São Paulo” (COSTA, 1982, p. 319).

O charque gaúcho, exportado para outras regiões do Brasil, tinha passagem obrigatória pelo porto da Laguna, o que lhe deu um momento de progresso. Devido à necessidade de garantir a defesa da Colônia Sacramento (Uruguai), os portugueses já em 1703 buscaram um caminho mais seguro que levasse ao Rio de Janeiro ou a Santos, pelo interior.

No ano de 1728, Francisco de Souza Faria conseguiu abrir um caminho que subia pelo rio Araranguá, atingia os campos de Lages, e seguia para Curitiba e São Paulo. Isto permitiu que fosse intensificado o novo comércio, pois seguindo viagem por terra os paulistas eliminavam os custos do frete marítimo, e evitavam intermediários, obtendo melhores preços nas feiras que eram feitas na cidade de Sorocaba, em São Paulo.

No decorrer do século XVIII, o Rio Grande tornou-se a maior fonte de abastecimento de gado para as feiras de São Paulo, que eram o entreposto de fornecimento da região das Minas. O caminho do Araranguá, ou dos Conventos, foi substituído por outro, que atravessava os campos de Vacaria, e daí atingia Lages (SANTOS, 2004, p. 44).

Assim, os Campos de Lages tornaram-se estratégicos com a abertura destes caminhos que vinham dos campos de Viamão e iam até Sorocaba. Serviam de entreposto tanto para o abastecimento dos tropeiros como para a defesa contra os espanhóis confinantes, que espionavam as atividades dos portugueses. Ocupar a região significava, para a Coroa portuguesa, garantir o território contra as pretensões espanholas.

A vila fundada por Correa Pinto aos poucos foi se desenvolvendo. Toda sua razão de ser era a estrada de tropas. As primeiras fazendas que se instalaram em suas vizinhanças pertenciam a paulistas, que tinham acompanhado Correa Pinto. E foi em função da economia pastoril que Lages se identificou.

A primeira ligação entre a então cidade de Desterro e a vila de Lages foi aberta em 1778. Naquele ano, Antônio Arzão abriu um caminho acompanhando o rio Imaruí, chegando ao planalto. Este caminho, entretanto, teve pouco sentido econômico, uma vez que o Desterro não era um centro consumidor importante naquela época.

A vila de Lages tornou-se o centro irradiador do povoamento do planalto. Os campos de Curitibanos e Campos Novos foram descobertos e povoados com fazendas. E toda região oeste foi desbravada a partir desses núcleos iniciais.

## 2.2 O POVOAMENTO DA REGIÃO SERRANA

A história do povoamento da Região Serrana de Santa Catarina pelo homem branco, segundo Costa (1982, p.13), teve início depois da abertura do Caminho dos Conventos, ocorrida de 1728 a 1730, pelo Sargento Mor Francisco de Souza Faria. Esses primeiros povoadores eram geralmente tropeiros que já conheciam os campos de Viamão-RS, e que vieram se estabelecer nas áreas devolutas dos Campos de Lages, pois para estimular o povoamento, a ocupação do interior da colônia, o governo português concedia privilégios especiais aos que se fixavam no

lugar: não ser preso nem processado por dívidas contraídas anteriormente, concessão de sesmarias, etc.

Antonio Correa Pinto era um desses pioneiros, estabelecido na região com duas fazendas de criação de gado. Devido ao seu conhecimento da área e liderança, foi convocado a São Paulo, província à qual eram subordinados os campos de Lages, para neles fundar uma cidade que contivesse o avanço dos “espanhóis confinantes”. Correia Pinto chegou à região em 1768, mas só fundou a póvoa Nossa Senhora dos Prazeres das Lages em 22 de maio de 1771. É nesse território, assentado em vasto planalto, coberto por férteis campos de pastagens naturais, por muitas zonas montanhosas, por densas matas de flora nativa, onde predominava a araucária, de clima rigorosíssimo no inverno, que foram se estabelecendo famílias de origem portuguesa, providas principalmente de São Paulo, mas também do litoral sul de Santa Catarina, de São Miguel a Laguna, da Região Serrana do Rio Grande do Sul (Vacaria, Bom Jesus, São José dos Ausentes), e de Viamão, Santo Antonio da Patrulha, etc.

Nesses primeiros tempos, as fazendas eram poucas, mas muito extensas e, por isso, bastante afastadas umas das outras, igualmente distantes da única cidade existente, Lages, sem outro meio de transporte que não o cavalo. Esses obstáculos oportunizaram o surgimento de uma população significativamente homogênea, com uma única atividade econômica, a pastoril. Geraram uma cultura também única, com uniformidade de hábitos, costumes, tradições, valores morais e religiosos, etc.

Dentre as tradições familiares, cumpre salientar o costume do casamento consanguíneo, importante item para a compreensão do estudo genealógico das estirpes serranas que, por falta de oportunidades dos jovens se conhecerem e encontrarem fora do entorno de fazendas vizinhas, geralmente pertencentes a famílias do mesmo tronco, incentivavam o casamento entre primos em vários graus, tio/a com sobrinho/a, etc.

Somente a partir da fundação de novas vilas, com a conseqüente aportagem de famílias com perfil diferenciado, de comerciantes, funcionários públicos, etc, em meados do século XIX, período em que igualmente começaram a se instalar na região cidadãos de outras etnias, como a alemã, a italiana e várias outras, observou-se uma lenta abertura para essas novas culturas, constatando-se, porém, paradoxalmente, que a influência maior e permanente, deu-se do nativo sobre o forasteiro: este assumiu, sem restrições, a vida típica da região, e tornou-se, como

aquele, pecuarista e dono de terras. E só depois da abertura e cobertura asfáltica das inúmeras estradas de rodagem que a comunicaram com as demais regiões do estado, já no século XX, é que a modernidade chegou à área. Segundo Cardoso (2007, p. 26) uma análise inicial da distribuição das Dioceses no recorte espacial determinado, o Estado de Santa Catarina, permite algumas considerações acerca dos desmembramentos destes territórios religiosos ao longo dos processos de povoamento, de evolução das cidades e de difusão e materialização da fé católica, tão objetivada pela Igreja.

Por outro lado, nas comunidades interioranas, até meados do século XIX, a população era praticamente analfabeta, principalmente as mulheres. Só quando se estabeleceu a norma de os fazendeiros contratarem professores para ensinarem os filhos nas próprias fazendas é que as crianças e os jovens começaram a ser alfabetizados. A edição de livros, revistas e jornais só existia nos grandes centros urbanos, de onde era necessário virem as cartilhas, as “lousas”<sup>2</sup> e todo o material necessário aos estudantes. Assim, muitas gerações de serranos permaneceram também no isolamento intelectual, sem informações de espécie alguma. O conhecimento restringia-se às informações sobre a genealogia e as tradições familiares, transmitidas oralmente de pais para filhos. Poucas famílias cultivavam o hábito de guardar documentos, circunstância que agravou a perda progressiva do registro escrito da história local.

A transformação cultural gerada pela progressiva sistematização da educação, primeiro na informalidade do ensino nas fazendas, depois na abertura de escolas primárias particulares em Lages e em algumas poucas outras vilas, o envio dos filhos homens ao estudo fora, principalmente em São Leopoldo, RS, começou, inevitavelmente, a mudar a mentalidade. Ela se voltou, acentuadamente, para o resgate histórico-genealógico dos primeiros povoadores e suas famílias, pois tal conhecimento propiciaria uma melhor compreensão do processo civilizatório da Região Serrana. Mas foi a abertura de universidades interioranas, como a Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC) de Lages, que consolidou as conquistas mais importantes: a abertura de bibliotecas e museus locais, a

---

<sup>2</sup> Lâmina fina de ardósia com moldura de madeira, usada antigamente pelos estudantes, que nelas escreviam com giz.



intensificação da qualificação de professores e historiadores, o que engendrou uma nova comunidade intelectual que, a par de seu trabalho específico, passou a incentivar e orientar várias pesquisas, valiosas e indispensáveis também ao resgate da memória da comunidade serrana.

### 2.3 O CONTEXTO SÓCIO-POLÍTICO-ECONÔMICO

Na segunda metade do século XVIII, com a expansão da mineração no estado de Minas Gerais, aumentou a necessidade do gado, tanto para a alimentação, como para servir de meio de transporte. No princípio, a região do Planalto Catarinense servia de local de parada das tropas de gado gaúcho que seguiam rumo à feira de Sorocaba-SP. A abundância de campos nativos possibilitou que, aos poucos, Lages e seu entorno se transformassem também em um centro de produção pecuária.

Até 1771, Lages era considerado um povoado da Província de São Paulo. Somente em 1820, passou à categoria de vila de Santa Catarina. Ao contrário de outras regiões catarinenses, essa forma de ocupação acabou estimulando a criação de uma estrutura agropecuária assentada nas médias e grandes propriedades.

No início do século XX, parte dessa região foi palco da Guerra do Contestado (1912-1916), que teve como protagonistas principais camponeses de origem cabocla. O estopim do processo foi a construção de uma estrada de ferro, cujo pagamento à empresa estrangeira responsável pela obra se efetivou através da concessão de terras devolutas ao longo do leito da ferrovia, onde viviam inúmeras famílias camponesas. A exploração de madeira nessas áreas e sua posterior destinação para projetos privados de colonização com famílias de descendência européia tinham como pressuposto a “limpeza da área”, que se traduzia na expulsão das famílias caboclas.

Na atualidade, a região ainda guarda essa herança histórica, embora novas atividades tenham sido implantadas, a exemplo da horticultura e da fruticultura de clima temperado em São Joaquim e municípios do seu entorno; a bovinocultura de leite e os cultivos de alho, milho e soja nas microrregiões de Curitibanos e de Campos Novos. A região é a principal produtora de alho do estado e a segunda maior de maçã, com destaque também no cultivo de batata-semente.

Diferente do restante do Estado, a região é de colonização antiga e com uma estrutura social bastante diferente das outras regiões. O movimento de colonização com imigrantes europeus no século XIX que ocorreu no sul do estado e vale do Itajaí e a venda de grandes lotes às empresas colonizadoras como no Oeste catarinense diferenciaram da região serrana, pois a estrutura fundiária e a economia da região já estavam consolidadas nas grandes fazendas de criação de gado, definidos desde os anos 20, tempo dos bandeirantes paulistas e tropeiros. Principalmente devido a isto, a região não acompanhou o desenvolvimento junto com a história de Santa Catarina nesse aspecto.

A criação de gado foi até a década de 30 do século XX, a única atividade econômica geradora de riquezas na região. A agricultura de subsistência produzia os outros gêneros alimentícios apenas para consumo local, não sendo comercializado para outras regiões onde a indústria era praticamente inexistente. A estrutura socioeconômica formada pela pecuária criou uma relação patrão-empregado de completa subordinação, uma estrutura fundiária extremamente concentrada, o comando político centrado na mão de poucos fazendeiros e a economia com pequena circulação de dinheiro, gerou poucas oportunidades de negócios. Mesmo as melhorias tecnológicas que foram feitas na criação de gado, com introdução de raças melhoradas a partir da década de 30 não foram capazes de promover maior dinamismo na economia serrana.

Segundo Goularti Filho (2002, p. 108) mesmo com os avanços nas atividades pastoris, a região serrana não conseguiu dinamizar sua economia, pois sempre esteve mergulhada no atraso social, econômico e político. A pecuária, baseada na grande propriedade e numa relação de mandonismo entre os senhores de fazenda e a pobre população cabocla foi incapaz de criar em Lages um centro irradiador para toda a região de novas relações econômicas.

Assim, a estrutura fundiária da região e estrutura social, formadas a partir desta data não promoveu o desenvolvimento e dificulta o seu surgimento. Iniciando os anos 50, a região experimentou o desenvolvimento através da exploração de madeira de araucária nativa. Assim, iniciou-se o processo de industrialização da região, provocando um aumento da população com a chegada de migrantes de outras regiões para trabalhar em serrarias.

Apesar de ter iniciado nos anos 30, seu auge foi nos anos 50 e 60 com aberturas de novas vias de escoamento de produto através de ferrovias e rodovias

pavimentadas. Nos anos 1960, os campos de Lages, produziam madeira em volume tão significativo que representava o principal produto de exportação do Estado e uma das principais fontes de impostos. Desde então a vocação da região para a atividade madeireira consolidou-se, sendo que a criação de gado saiu de atividade motriz da região. Devido a esta mudança, o poder político, antes das oligarquias rurais passou aos empresários do setor madeireiro.

Sobre a questão política, Batista (2009, p. 47) argumenta que

Lages era vista como um importante núcleo político no Estado, nos inícios do século XX, numa época em que cidadãos lageanos tinham significativa participação no poder público (como Nereu Ramos, que nos anos 1930 chegara ao governo estadual, e mais tarde, à presidência da República). Durante este momento histórico, em virtude da influência que a cidade projetava sobre outros municípios catarinenses e a região Sul como um todo, chegou a surgir nos círculos políticos a uma discussão que sinalizava para a possível transferência, de Florianópolis para Lages, da sede da Capital do Estado de Santa Catarina.

No início, a venda de madeira em pé para os madeireiros era atrativa para os criadores de gado, não só financeiramente, mas pelo fato de que áreas cobertas por florestas eram um entrave ao aumento da área da fazenda para criação de gado.

As serrarias geraram grandes modificações na estrutura econômica da região. Com a alteração no regime de trabalho, o caboclo optou entre a vida de operário assalariado e a de peão da fazenda, assim aumentando o dinheiro circulante na região. Para que ocorresse o crescimento econômico foi necessário que houvesse um mercado consumidor de bens, de forma que essa alteração foi considerada fundamental para possibilitar o progresso da região. Assim, foi dado um passo fundamental à criação de um ambiente propício ao “empreendedorismo” na região, que antes era limitado.

Outra atividade, ainda que não diretamente ligada à atividade madeireira e ganhando independência do setor madeireiro, é o setor de transportes, onde o transporte de madeiras por longas distâncias para outras regiões do país, fez formar uma frota considerável de caminhões na região, e tornou-se pólo comercial de caminhões, peças e serviços, inclusive sendo pioneiro na importação de caminhões de maior porte e capacidade de carga como caminhões Scania, importados da Finlândia pela empresa Batistella para transporte de madeira. A atividade madeireira gerou para a região a possibilidade de surgirem novos empreendimentos, dessa

forma dinamizando a economia da região e promover o desenvolvimento econômico ao custo também de novos problemas para o ecossistema da região.

Coincidiu com o início da atividade madeireira o fato de que a pecuária serrana estava em crise, facilitando a migração de peão para o operário de serraria, e com os fazendeiros descapitalizados, ficou mais fácil aos empresários da madeira comprassem reservas de pinheiros. A alteração das relações trabalhistas da região, que antes eram nas grandes fazendas de gado para os trabalhos em serrarias com horários pré-determinados foram necessários para possibilitar à região a instalação posterior de modernas indústrias de papel e celulose, onde já demandavam mão-de-obra capacitada na inserção do processo produtivo da indústria.

Goularti Filho (2002, p.24) coloca como possível motivo do atraso econômico da região de Lages a ausência de um grande capital de origem local para alavancar os investimentos, mas não explica as razões pelas quais não levou ao surgimento deste “motor econômico”. Já a formação socioeconômica da região, com menor grau de empreendedorismo, explica em parte o fato de não haver surgido esse capital necessário à viabilização de novos empreendimentos na região.

## 2.4 A INSTITUIÇÃO DA IGREJA NA DIOCESE DE LAGES

Como vamos refletir no capítulo posterior, a vida de fé na região serrana, onde está localizada a Diocese de Lages, era marcada pelo catolicismo popular. Caminhada (1988, p. 5) argumenta que “a religiosidade de nossa gente teve como pano de fundo o catolicismo popular português do século XVI, proveniente por sua vez da tradição medieval, anterior ao Concílio de Trento”. A partir da necessidade de uma maior presença da Igreja enquanto instituição naquela realidade, se criou a Diocese de Lages.

Esse caminho começa no ano de 1551, quando o Papa Júlio III criou o primeiro bispado do Brasil, sediado na Bahia e com Jurisdição sobre toda a então colônia brasileira. Somente depois de um século, em 1676, o papa Inocência XI criou as Dioceses de Olinda e Rio de Janeiro. Esta última ficou com a responsabilidade de cuidar pastoralmente do sul do Brasil. Em 1745, o Papa Bento XIV desmembrou da Diocese do Rio de Janeiro a Diocese de São Paulo que, depois

de muitas polêmicas sobre sua jurisdição, ficou definido que teria jurisdição sobre a região de Lages.

Em 1768, Lages foi elevada a paróquia, sob o patrocínio de Nossa Senhora dos Prazeres e confiada aos padres diocesanos. A partir de 1891, a paróquia foi atendida pelos padres franciscanos, que também futuramente assumiriam as providências de organização da nova Diocese.

Em 1892 foi criada a Província Eclesiástica do Rio de Janeiro, com os Bispados sufragâneos de São Paulo e Curitiba. O território catarinense foi incluído neste último. Assim, a jurisdição eclesiástica sobre o sul do Brasil levou mais de dois séculos para ser definida. O primeiro bispo de Curitiba, Dom José de Barros Camargo (1894-1904) visitou Lages pela primeira vez no ano de 1898. Seu sucessor, Dom Duarte Leopoldo da Silva (1904-1907) fez uma visita a Lages em 1906. Com a remoção de Dom Duarte para São Paulo, assumiu o bispado de Curitiba, Dom João Francisco Braga, em março 1908. No entanto, em três de março do mesmo ano, o Papa Pio X, pela Bula "*Quum Santissimus Dominus Noster*" criava a Diocese de Florianópolis, abrangendo o território catarinense e sufragâneo do então arcebispado de São Paulo.

Em três de maio de 1908, pelo Breve Apostólico "*Apostolus Officium*" era eleito o primeiro Bispo de Santa Catarina, Dom João Becker. O mesmo tomou posse em 11 de outubro de 1908 exercendo seu ministério até 1912, quando foi eleito Arcebispo de Porto Alegre. Mesmo assumindo a Arquidiocese de Porto Alegre, Dom João Becker continuou como Administrador Apostólico da Diocese de Santa Catarina até 1914, quando Dom Joaquim Domingues de Oliveira assumiu a mesma. Tanto Dom Joaquim, quanto Dom João, realizaram várias visitas pastorais a paróquia de Lages.

Entretanto, as distâncias eram muito grandes. Tornava-se cada vez mais complicado o trabalho de evangelização nas paróquias devido as dificuldades de comunicação para uma articulação pastoral. A partir dessa realidade, começaram-se então alguns esboços no sentido de se criar novas Dioceses em Santa Catarina, principalmente na região de Lages e Joinville, tornando-se então Florianópolis uma Arquidiocese e tendo essas como sufragâneas.

Em 1925, Dom Joaquim e o pároco de Lages, Frei Marcello Baumeister, iniciaram uma "Comissão preparatória" com três objetivos principais: construir uma residência episcopal, adquirir um terreno para construção de um seminário

diocesano e trabalhar junto aos veículos de comunicação da época para que preparassem e trabalhassem junto da população para que Lages fosse elevada à categoria de Bispado.

Em 18 de abril de 1925, Dom Joaquim telegrafou ao Frei Marcelo pedindo o envio urgente de nomes para a comissão de aquisição do Palácio Episcopal e do terreno do seminário. Frei Marcelo respondeu a Dom Joaquim com uma carta retratando as dificuldades de se constituir essa comissão devido as divergências políticas presentes na realidade lageana. No entanto, depois de muitos diálogos e da participação do então senador Vidal Ramos, foi constituída a Comissão que trabalhou e, junto com as autoridades eclesiais, ajudou a preparar a Região Serrana para a criação do Bispado de Lages.

No dia 17 de janeiro de 1927 através da Bula *Inter Praecipuas*, foi criado o Bispado de Lages, composto por seis extensas paróquias: Lages, Curitiba, Canoinhas, Porto União, Campos Novos e São Joaquim. Mesmo sendo criada em 1927, só foi instalada definitivamente em 18 de outubro de 1929. A população católica era de aproximadamente 185.000 habitantes, num território de 58.587 km<sup>2</sup>. Com o tempo, a Diocese de Lages chegou a contar com 60 paróquias que futuramente seriam desmembradas para formarem outras Dioceses como Palmas, Caçador, Chapecó e Joaçaba.

Daí para frente, a tarefa principal girou em torno da estruturação e evangelização da nova Diocese, estando à sua frente o primeiro bispo diocesano Dom Daniel Henrique Hostin, ofm (1927-1973). Depois, assumiu Dom Honorato Piazero, scj (1973-1987) e Dom Oneres Marchiori, a partir de 1987. Em 11 de novembro de 2009, foi nomeado o 4º bispo da Diocese de Lages, Dom Irineu Andreassa, ofm.

A evangelização sempre se fez presente na história da Região Serrana. O próprio fundador de Lages, Antônio Correia Pinto, em 1766, trouxe consigo a devoção a Nossa Senhora dos Prazeres, para ser a madrinha e protetora do povoado. Mais tarde, por lei municipal, Padroeira do município; depois, Padroeira da Diocese e titular da Catedral Diocesana.

No contexto da história religiosa-cultural de Lages salienta-se a necessidade sentida por autoridades eclesiais da revitalização da vida religiosa local e que levou ao assentamento de Franciscanos alemães. Essa presença franciscana não pode ser apenas explicada pelo fato de ser Lages cidade referencial na região da

colonização e da imigração de Santa Catarina no século XIX, mas também por uma constatação da premência da reintensificação da vida religiosa local pelas autoridades eclesiásticas.

Quando os Franciscanos alemães estabeleceram-se na Colônia de Teresópolis, em 1891, a paróquia de Lages encontrava-se sem sacerdote. Por essa razão, o bispo do Rio de Janeiro – a quem estava subordinado o de Desterro – pediu ao Superior dos Franciscanos que assumisse a assistência de Lages.

A tarefa foi aceita pelo Frei Amandus Bahlmann, ali encontrando uma situação vista como altamente deficiente. Com a vinda de dois outros padres de Teresópolis, deu-se a intensificação da vida religiosa, tendo nisso se empenhado, sobretudo, o Pe. Rogerius Neuhaus, visto como o “apóstolo do planalto”. Lages contara em remoto passado com a atuação de Franciscanos da antiga Província da Imaculada Conceição. Esta, iniciada em 1767 com Fr. Thomé e Fr. Manoel da Natividade, que construíram uma capela devotada a Nossa Senhora dos Prazeres e administraram a paróquia até a chegada do primeiro vigário, encontrava-se encerrada. O conhecimento de Lages na Alemanha era precário, senão negativo no século XIX.

As atividades de assistência religiosa na região foram dificultadas não apenas pela precariedade dos caminhos ao interior, que deviam ser percorridos em longas viagens em lombo de mulas. O principal empecilho encontrado para as atividades franciscanas foi, porém, aquele criado por uma atitude de animosidade de círculos da população contrários à restauração religiosa dos alemães, vista como retrocesso para a sociedade e de intervenção de estrangeiros na cultura nacional. Segundo Caminhada (1988b, p. 5),

[...] a nova prática religiosa se expressava através do culto, catequese, escola dominical, missas solenes cantadas, festas com quermesses e devoção aos santos. Essa prática girava em torno dos sacramentos e do padre que se ocupava com o aspecto religioso do seu povo.

Apesar dessas dificuldades, os trabalhos de construção de um convento puderam ser iniciados em 1895. Ao mesmo tempo, os Franciscanos abriram uma escola para atuar mais intensamente na formação da juventude, criando uma geração que, pela sua formação, fosse simpática aos seus ideais.



Em Lages, o Pe. Rogerio Neuhaus fundou o Colégio São José, cuja denominação indica significativamente o espírito do estabelecimento, uma vez que São José havia sido declarado protetor da Igreja no Concílio Vaticano I. O nível do ensino nesse colégio levou a que este fosse equiparado a ginásio oficial, o que representou um extraordinário reconhecimento e prestígio ao trabalho educativo dos Franciscanos.

## 2.5 OS BISPOS DIOCESANOS DE LAGES

### 2.5.1 Dom Daniel Hostin

No dia dois de agosto de 1929, o Papa Pio XI nomeou o primeiro bispo da Diocese de Lages: Dom Daniel Henrique Hostin, nascido em Gaspar, então distrito de Blumenau, no dia dois de abril de 1890. Sua família era de origem belga, chegados em Santa Catarina entre 1850 e 1854 e instalados no vale do Itajaí. Dom Daniel era filho de Frederico Hostin e de Margarida Martendal Hostin.

Iniciou seus estudos no Colégio Seráfico de Blumenau, onde no ano de 1910 recebeu o hábito da Ordem franciscana no dia 16 de janeiro. Neste dia mudou seu nome de batismo de Henrique para Frei Daniel. Sua profissão religiosa simples aconteceu no dia 20 de janeiro de 1911 e sua profissão perpétua no dia 20 de janeiro de 1914. Depois de terminado o noviciado, continuou seus estudos em Curitiba (filosofia) e Petrópolis (Teologia). Dom Daniel foi ordenado presbítero no dia 30 de novembro de 1917 em Petrópolis, na Igreja Sagrado Coração de Jesus, por Dom Agostinho Benassi, Bispo de Niterói.

Regressando a sua terra, Dom Daniel trabalhou por um ano como professor do Colégio Seráfico e, por muito tempo como vigário em Blumenau. Em 1926 foi nomeado guardião do Convento do Senhor Bom Jesus, de Curitiba e logo foi nomeado Superior do Convento do Sagrado Coração de Jesus, em Petrópolis. Foi exercendo este ministério que Dom Daniel foi escolhido pela Santa Sé para ser o primeiro bispo de Lages.

Eleito bispo em dois de agosto de 1929, recebeu a ordenação episcopal no dia 29 de setembro de 1929, em Blumenau, das mãos de Dom Joaquim Domingues



de Oliveira, sendo concelebrante Dom Guilherme Müller e Dom Pio de Freitas Silveira.

Dom Daniel Hostin e sua comitiva composta por políticos e religiosos, chegaram a Diocese de Lages no dia 18 de outubro de 1929. No dia 18 de outubro de 1929 foi feita a solene entrada na Catedral de Lages e foram devidamente lidas a Bula pontifícia referente a nomeação de Dom Daniel como bispo diocesano. Coube ao Frei Celso Dreiling, provincial da Ordem franciscana, ler a bula em nome do Arcebispo Metropolitano Dom Joaquim Domingues de Oliveira.

Dom Daniel Hostin esteve à frente da Diocese de Lages durante 44 anos. Dentre suas muitas qualidades como pessoa e como Pastor da Igreja, pode-se ressaltar seu espírito de amor ao próximo, sua simplicidade, sua capacidade oratória e principalmente seu comprometimento com a Evangelização de seu povo. Dentre suas grandes iniciativas estão a fundação do Colégio Diocesano, direcionado a educação; a criação do primeiro Curso Secundário na Região Serrana; a fundação do Centro de Formação Católica; a fundação do Seminário Diocesano; a criação do semanário “guia serrano”; a fundação em 1957, juntamente com a irmã Ida Meneghelli, da Congregação das Irmãs Franciscanas do Apostolado Paroquial, uma comunidade religiosa de direito diocesano com a missão de trabalhar nas mais diversas realidades paroquiais.

Especificamente falando de sua participação e acolhida do Concílio Vaticano II, pode-se afirmar que ela aconteceu de uma forma gradual. Dom Daniel era um homem formado nos tempos pré Concílio Vaticano II e ligado aos círculos mais tradicionais da Igreja. Pela sua formação mais tradicional e saúde frágil, Dom Daniel delegou a função de participar e trazer à Diocese as propostas do Concílio aos seus bispos auxiliares Dom Afonso Niehues e depois Dom Honorato Piazero. Sua grande contribuição neste sentido foi ter sido um bispo aberto à novidade do Vaticano II fazendo com que a Diocese de Lages pudesse beber dessa fonte e pesquisar novos rumos nos caminhos da evangelização.

Depois de uma fecunda vida de serviço a Deus e ao povo, Dom Daniel Hostin faleceu no dia oito de novembro de 1973, aos 83 anos de idade, e seu corpo foi sepultado na Catedral Diocesana de Lages. Ainda hoje não são raras as pessoas que, com carinho, lembram de sua Vida e de sua Obra junto ao povo serrano.

Segundo Costa (1982, p. 371), Dom Daniel se destacou por ser, dentre outras qualidades pessoais, um “Primoroso orador sacro, que deixou também na

lembrança dos seus fiéis uma impressão de extraordinário espírito de caridade e de compreensão da sua missão verdadeira de evangelização”.

### 2.5.2 Dom Afonso Niehues

Como constatamos, a diocese de Lages era muito extensa, dada essa extensão e as necessidades pastorais, Dom Daniel necessitou da ajuda de um bispo-coadjutor. O primeiro deles foi Dom Afonso Niehues, que exerceu seu ministério na Diocese de Lages a partir de 07 de maio de 1959 até 03 de agosto de 1965, quando o mesmo foi transferido para Florianópolis.

Dom Afonso Niehues nasceu no dia 23 de agosto de 1914 em São Ludgero, Santa Catarina. Foi ordenado presbítero no dia 23 de abril de 1938 na capela do Colégio Pio Latino, em Roma, por Dom Lucas Hermenegildo Pasitto, OfmCap. Aos 08 de janeiro de 1959 foi eleito pelo papa João XXIII bispo coadjutor de Lages, sendo ordenado no dia 05 de abril do mesmo ano no Santuário de Azambuja, em Brusque.

No livro de Tombo da Catedral de Lages, Frei Bernardino Bortolotti, Ofm, então pároco da Catedral, escreve sobre a ordenação de Dom Afonso dizendo o seguinte:

No dia 05 de abril foi sagrado em Brusque o novo Bispo Coadjutor de Lages Dom Afonso Niehues. Dom Daniel Hostin, Frei Bernardino e diversos padres da Diocese assistiram a esta sagração Episcopal. Foi sagrante do novo Bispo Coadjutor de Lages, o Arcebispo Metropolitano Dom Joaquim Domingues de Oliveira e foram consagrantes Dom Wilson Laus Schmidt e D.D. Bispo de Lages Dom Daniel Hostin e paraninfos, o governador Heriberto Hulse e o industrial Carlos Renaux. Após os atos de sagração, que tiveram início às 8 hs, na Igreja de Azambuja, com missa solene, o novo bispo Dom Afonso recebeu os cumprimentos de quantos participaram das importantes solenidades (DIOCESE DE LAGES: Livro Tombo – Catedral de Lages, 1939-1979)

No dia 07 de maio de 1959, o novo bispo foi recepcionado e homenageado em sua primeira diocese com a seguinte programação:

9:00 h - Concentração de automóveis em frente ao Seminário;

9:15 h – Saída do Seminário para a Catedral Diocesana;

9:30 h – Saudação feita pelo Prefeito da cidade;

10:00 h – Missa festiva da Ascensão do Senhor celebrada por Dom Afonso Niehues;

Além da programação, Frei Bernardino escreve que tanto no interior da Catedral quanto na Praça em frente, o povo se aglomerava em grande número para recepcionar Dom Afonso.

Durante a missa, Dom Daniel fez um relato sobre as atividades desenvolvidas na Diocese e da necessidade de se ter um auxílio maior para realizá-las. O arcebispo Dom Joaquim também fez uso da palavra na ocasião. Após a missa, Dom Afonso Niehues agradeceu as homenagens e a recepção solene e explicou o sentido do seu brasão episcopal: "Ite in vineam meam" <sup>3</sup>

No exercício de seu ministério pastoral em Lages, Dom Afonso Niehues marcou profundamente a vida do povo, principalmente daqueles que tiveram a oportunidade de conviver com ele. A razão mais plausível para essa afirmação se baseia principalmente no fato do novo bispo ter se destacado na visitação às comunidades e às famílias. Nas mais de 60 paróquias na época, Dom Afonso visitou mais de 700 comunidades no território que compreende hoje a diocese de Lages, Caçador e Joaçaba. São muito comuns entre as pessoas ainda hoje a lembrança destas visitas pastorais.

Dom Afonso destacou-se pela facilidade nas relações com as pessoas da época. Era um homem simples mas ao mesmo tempo sábio nas palavras e na condução das atividades que se propunha a desenvolver. Enfrentou as intempéries, as distâncias, as estradas de chão batido, etc, e principalmente os desafios de uma diocese ainda "jovem" em seu caminho de Evangelização. De suas andanças nas comunidades se contam muitas histórias sempre permeadas de adjetivos positivos à pessoa de Dom Afonso.

Além das viagens no território da diocese, Dom Afonso também viajou várias vezes à Europa durante sua estada em Lages. Como por exemplo quando esteve no Congresso Eucarístico Internacional em Munique no ano de 1960.

Contudo, destaca-se na vida pastoral de Dom Afonso na Diocese de Lages sua presença no Concílio Ecumênico Vaticano II. Participando em todas as quatro sessões, Dom Afonso foi o responsável por traduzir os anseios do Concílio para a realidade da Diocese. Como narra o frei Bernardino, sua volta da 1ª sessão do Concílio foi festejada e celebrada na diocese.

Dia 13 de dezembro houve missa festiva a noite, celebrada por Sua Excia Revma. Dom Afonso Niehues, que, de regresso do Concílio Ecumênico, falou na hora do Evangelho aos fiéis sobre as impressões e o andamento do Concílio Ecumênico Vaticano II. (DIOCESE DE LAGES: Livro Tombo – Catedral de Lages, 1939-1979)

O primeiro Plano de pastoral da Diocese de Lages só foi elaborado no ano de 1967, quando Dom Afonso já estava atuando como bispo coadjutor na Arquidiocese de Florianópolis, mas ele teve um papel fundamental na compreensão, reflexão e vivência do "espírito" do Vaticano II na diocese de Lages. Como representante desta diocese naquele evento, Dom Afonso bebeu nas fontes do Concílio e teve a oportunidade de sentir os ventos da mudança impulsionados pela força do Espírito

---

Santo no testemunho de Bispos e Teólogos que foram verdadeiramente proféticos no falar e no agir.

Esse “ar novo” que impregnou toda a vida eclesial foi trazido as terras da diocese de Lages e o que se observou naquele momento histórico foi um processo de conversão pessoal e pastoral. Basicamente se renuncia a uma Igreja de cristandade, hierarcológica e autorreferencial em prol de uma Igreja Povo de Deus, em espírito de colegialidade, em diálogo com o mundo, etc. Tudo isto depois confirmado e ampliado para nossa realidade de Igreja através das Conferências Episcopais Latino- americanas.

A atuação de Dom Afonso neste processo de leitura do Vaticano II para a realidade da Diocese de Lages de certa forma foi facilitado pela sua grande capacidade intelectual, como confirma sua biografia.

“Era um orador esplendido, um homem muito capacitado”, essa é a afirmação que se ouve quando se pergunta sobre a pessoa de Dom Afonso a alguns padres, diáconos ou leigos que conviveram com ele. Sua facilidade em se comunicar nas mais diversas classes sociais e culturas da época lhe renderam muitas amizades em diversos lugares da diocese e também um grande respeito pela sua pessoa e pelos seus ensinamentos.

Dom Afonso era frequentemente convidado a assessorar encontros com o clero, a palestrar em escolas e outras instituições da época. Além disso, foi importante sua contribuição junto ao seminário diocesano na estruturação de normas, disciplinas, e formação em geral do futuro clero da diocese.

Na diocese de Lages, Dom Afonso celebrou seus 25 anos de ordenação presbiteral, no dia 16 de abril de 1963. Estiveram presentes em seu jubileu os bispos Dom Joaquim (Florianópolis), Dom Wilson Laus Schmidt (Chapecó), Dom Gregório Warmeling (Joinville) e Mons. Frederico (Florianópolis) além de outros padres de vários lugares. Dom Afonso recebeu homenagens das 3 paróquias da cidade na época: Nossa Senhora do Rosário, São Judas Tadeu e Catedral.

No jubileu de sua ordenação presbiteral, registrou-se nos arquivos que Dom Afonso celebrou a missa solene em ação de Graças com um “sermão congratulatório” que durou mais de uma hora. Depois foi-lhe oferecido um almoço no Colégio Diocesano com a presença de bispos, padres e algumas autoridades. Nessa oportunidade recebeu de presente da Diocese uma nova caminhonete “Aero Willys”.

No dia 14 de agosto de 1965, Dom Afonso foi eleito pelo papa Paulo VI como Arcebispo coadjutor de Dom Joaquim Domingues de Oliveira e administrador apostólico “sede plena” de Florianópolis.

Sua despedida oficial da Diocese de Lages, antes de assumir sua nova missão na arquidiocese, foi um momento celebrativo marcante na história da Igreja de Lages pela importância de Dom Afonso Niehues na caminhada pastoral dessa Igreja. Muitos presbíteros, lideranças das comunidades, autoridades e povo em geral estiveram presentes para agradecer todo trabalho desenvolvido por Dom Afonso

durante o tempo em que esteve contribuindo na diocese. Esse dia foi assim registrado:

Domingo, 19 de dez. às 10 hs realizou-se na catedral solene despedida oficial de Dom Afonso Niehues, arcebispo titular de Apituca, eleito coadjutor c/ direito a sucessão e administrador apostólico “sede plena” de Florianópolis. Precedido por numerosos sacerdotes da cidade de Lages e paróquias do interior do Estado, deram a entrada na catedral S. Excias Dom Daniel Hostin e Dom Afonso Niehues. Antes de iniciar a S. Missa, celebrada por Dom Afonso, usou da palavra o bispo diocesano, realçando os méritos e realizações de Dom Afonso em favor da diocese durante os 6 anos e 7 meses e 12 dias de seu múnus episcopal na dioc. de Lages. No dia 30/XII/65 Dom Afonso tomara posse da archidiocese de Florianópolis. (DIOCESE DE LAGES: Livro Tombo – Catedral de Lages, 1939-1979)

Como se pode perceber, não há muitos escritos de Dom Afonso Niehues durante sua passagem pela diocese de Lages, mas as referências à sua pessoa são abundantes devido a sua atuação e personalidade marcantes na memória daqueles que o conheceram pessoalmente.

### **2.5.3 Dom Honorato Piazero**

Dada a extensão de sua Diocese, Dom Daniel necessitou da ajuda de um bispo-coadjutor. O primeiro deles foi Dom Afonso Niehues, que exerceu seu ministério na Diocese de Lages a partir de sete de maio de 1959 até três de agosto de 1965, quando o mesmo foi transferido para Florianópolis.

No dia oito de abril de 1966, Dom Honorato Piazero, foi nomeado bispo coadjutor de Lages com direito a sucessão. Dom Honorato Piazero, nasceu em Jaraguá do Sul, no dia 16 de novembro de 1911 e era religioso da Congregação dos padres do Sagrado Coração de Jesus e foi ordenado padre no dia 30 de novembro de 1936.

O Papa João XXIII o nomeou bispo auxiliar do Rio de Janeiro no dia 11 de julho de 1959, com a Sé titular de Termessus. Recebeu a ordenação episcopal no dia 11 de outubro de 1959, das mãos do Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, tendo como concelebrantes Dom Gregório Warmeling e Dom Wilson Laus Schmidt. Transferido mais tarde do Rio de Janeiro, Dom Honorato se tornou o segundo bispo da Diocese de Nova Iguaçu (1914) e, no dia oito de novembro de 1973, assume a Diocese de Lages como seu segundo bispo Diocesano. Também exerceu o

ministério de bispo coadjutor de Lages Dom Carlos Schmidt, sobrinho de Dom Daniel, de 21 de fevereiro de 1971 a 22 de outubro de 1975, quando o mesmo foi transferido para Blumenau, como capelão do hospital Santo Antônio.

Dom Honorato foi um homem a frente de seu tempo. Como principal protagonista na acolhida do Vaticano II, teve um papel fundamental na construção de uma Igreja diocesana comprometida principalmente com a questão social. Através dos Planos de Pastoral, incentivou-se a prioridade diocesana das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Promoveu um intenso trabalho de formação de leigos a nível paroquial, diocesano e regional, através de cursos, assembleias e retiros. A partir de 1980 sentiu a necessidade de preparar as Assembleias Diocesanas, começando com as assembleias paroquiais, comarcais e, só depois a diocesana (CAMINHADA, 1986c, p. 5).

Isso demonstrou um espírito de colegialidade, questão central no Vaticano II, que marcou seu episcopado. Por iniciativa de Dom Honorato, em 1966, foi eleito o primeiro Conselho Diocesano de Presbíteros, que auxiliaria o bispo no governo da Diocese. Hoje esta atividade está dividida com o Colégio de Consultores.

Outras iniciativas de Dom Honorato podem ser destacadas: A criação da Diocese de Caçador em 1969; a criação do Centro de Formação Católica da Diocese de Lages também em 1969, que hoje é referência para o Regional Sul IV; A Criação da Diocese de Joaçaba em 1975; o incentivo e construção do Mosteiro Nazaré, das Irmãs Clarissas Pobres em 1977; o apoio e participação na criação do Regional Sul IV em 1970.

Em conversa com o professor Ari Martendal<sup>4</sup>, o mesmo afirmou que

Dom Honorato possuía uma personalidade acolhedora e aberta a uma mentalidade de mudança. Graças a isso, pode ser elaborado o primeiro plano de pastoral da Diocese de Lages no ano de 1967. Mesmo não sendo o Bispo diocesano, sua participação direta na coordenação das reflexões foi fundamental para aplicação dos ideais conciliares. Em Dom Honorato percebia-se uma espiritualidade encarnada na vida do povo, uma humildade marcante e um pastor zeloso e preocupado com seu povo (MARTENDAL, 2015).

---

<sup>4</sup> Ari Martendal é jornalista, coordenador do Projeto “Lages sem fome” e presbítero (dispensado do uso de ordens) da Diocese de Lages. Professor Ari conviveu com Dom Honorato enquanto exerceu o ministério presbiteral.

Dom Honorato tendo a missão de ser o bispo que levou adiante o projeto do Vaticano II na Diocese de Lages, se tornou uma referência no sentido de compreensão e prática de uma Igreja Povo de Deus e num espírito de comunhão e inserção na realidade. Com a participação de Dom Honorato, na década de 70 em diante a nível regional, surge o Cursilho de Cristandade e o Movimento de Juventude, multiplicaram-se as Assembléias Regionais de Pastoral. O Regional fez sua opção pelas CEBs como prioridade pastoral dando inícios aos grupos de família, círculos bíblicos, grupos de reflexão, tornando-se mais próxima dos meios populares (CAMINHADA, 1988a, p. 5).

Pela sua simplicidade e suas convicções de Igreja, uniu a Diocese em torno desse novo jeito de ser Igreja valorizando a participação dos leigos e leigas na vida da pastoral. Sua herança pastoral contempla atitudes de comunhão e de participação fecundas na Igreja de Lages que se tornou uma Igreja mais ministerial e comprometida com os pobres seguindo as características desse pastor.

#### **2.5.4 Dom Oneres Marchiori**

Dom João Oneres Marchiori foi o terceiro bispo diocesano de Lages. Nascido em Carazinho (RS), no dia dois de maio de 1933. Ordenado presbítero no dia 21 de fevereiro de 1961 em Roma, Itália. Antes de ser ordenado bispo foi diretor espiritual e professor do Seminário Menor em Lages-SC (1961-1966); Coordenador diocesano de pastoral, Lages (1967-1977); Diretor da Caritas diocesana, Lages.

Como coordenador diocesano de pastoral, Dom Oneres percorria toda a Diocese de Lages, que naquela época compreendia também as Dioceses de Caçador e Joaçaba. Eram mais de 60 paróquias com grandes distâncias onde se deveria realizar cursos, reuniões, palestras, planejamento pastoral, retiros, sacramentos, etc.

Dom Oneres foi Sagrado Bispo Diocesano de Caçador (SC) no dia 17 de abril de 1977, em Lages (SC). Em 1983 é nomeado bispo coadjutor de Lages com direito a sucessão. Em 1987 assumiu a Diocese de Lages. Seu lema: "Prepara Caminho Seguro", refletia seu espírito comprometido com a Igreja e com a Diocese de Lages. A ordenação de Dom Oneres foi um marco na Diocese de Lages. Costa (1982, p. 394) descreve o dia de sua ordenação episcopal afirmando que



[...] no dia 17 de 1977, realizou-se em Lages a ordenação episcopal de Dom Oneres Marchiori, eleito bispo da Diocese de Caçador. Foi a primeira cerimônia, no gênero, efetuada na Cidade. A fim de poder abrigar o grande número de fiéis procedentes do Rio Grande do Sul e de vários municípios de S. Catarina, assim como de Lages, onde o novo prelado vivia, a cerimonia realizou-se no amplo recinto do centro esportivo do Colégio S. Rosa de Lima.

Como Bispo Diocesano de Lages, Dom Oneres deu prosseguimento aos trabalhos que vinham sendo desenvolvidos por Dom Honorato Piazero. Em seu horizonte de ação pastoral estava uma Igreja missionária, que vai ao encontro, que se questiona diante das urgências da evangelização. Por isso afirma Dom Oneres em seu primeiro ano como Bispo Diocesano de Lages:

Nossa Igreja Diocesana deve se engajar firmemente neste grande desafio missionário. É preciso compreender que isto faz parte da nossa vocação cristã; é preciso compreender que somos responsáveis também pelo anúncio da Boa Nova às nações; que devemos estar abertos às urgentes necessidades de todos os homens, que não podemos permanecer fechados em nossos limites Diocesanos; que ser missionário é preocupar-se com o homem em sua dimensão total: corpo e alma; que uma pastoral missionária deve estar organizada em todas as nossas Comunidades (CAMINHADA, 1987c, p. 1).

Em sua trajetória como Bispo de Lages, Dom Oneres foi de verdade um homem aberto ao Espírito e ao novo que o Vaticano II trouxe para a Igreja. Isso se deu principalmente pela sua opção por uma Igreja que se estrutura a partir das bases, uma Igreja que se faz presente na vida dos mais pobres e que caminha com eles. Para Dom Oneres a Igreja, para ser fiel a Jesus, precisa ter uma palavra principalmente para os mais pobres.

A Diocese de Lages, neste instante tem alguma coisa a dizer, porque ela quer ser fiel a proposta de Jesus Cristo. Ela definiu sua caminhada numa frase:

Evangelizar o povo serrano através dos Grupos de Famílias – Comunidades Eclesiais de Base –, a partir da verdade sobre Jesus Cristo, a Igreja e o homem, à luz da opção preferencial pelos pobres (agricultores, jovens e operários), testemunhada pela unidade de seus animadores, construindo assim o Reino de Deus. Estamos ao lado dos agricultores, operários e jovens, que são os pobres da Região Serrana. Seríamos infiéis ao Evangelho se não tivéssemos do lado dos mais fracos, estimulando, apoiando e fazendo com que eles se tornem pessoas humanas com direito à vida (CAMINHADA, 1988b, p. 8).



A atuação de Dom Oneres como bispo de Lages foi de fundamental importância. Dom Oneres dedicou-se a continuar o caminho proposto pela Igreja do Vaticano II, principalmente no fortalecimento do trabalho com os Conselhos de Pastoral, expressão de uma Igreja que vive o princípio da colegialidade. A partir disso se configurou na Diocese de Lages uma Igreja de base, caminho importante para uma Igreja CEBs, como é o objetivo da ação evangelizadora já a alguns anos.

Dentre as várias atividades exercidas durante o episcopado destacam-se: Bispo de Caçador-SC (1977-1983); Bispo Coadjutor de Lages-SC (1983-1987); Presidente da CNBB - Regional Sul 4; Membro do Conselho Permanente da CNBB; Membro da Comissão Episcopal de Pastoral (CEP) da CNBB e Presidente da Fundação Dom Jaime de Barros Câmara, com sede em Florianópolis-SC.

Destaca-se na vida de Dom Oneres o trabalho longo e incansável em torno do Ecumenismo e do diálogo inter-religioso. Por muito tempo ele foi presidente do Conselho de Igrejas para o Ensino Religioso, Estudo e Reflexão (CIER), responsável pela promoção do ecumenismo e o diálogo inter-religioso no Brasil, pela CNBB e Membro do Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos, sediado em Roma.

Nos dias atuais, Dom Oneres é bispo emérito da Diocese de Lages mas continua presente nos momentos importantes da caminhada da Igreja Diocesana. Seu legado como Bispo traçou rumos que ainda hoje são o “cerne” da caminhada da Igreja em Lages como por exemplo o trabalho com as Pastoral Sociais, os Grupos de Família e a Pastoral Familiar.

### **2.5.5 Dom Irineu Andreassa<sup>5</sup>**

O quarto, e atual bispo diocesano de Lages, é Dom Irineu Andreassa. Dom Irineu nasceu em 15 de dezembro de 1949 em Iacri-São Paulo. Depois de haver completado os estudos de Filosofia e Teologia no Instituto Franciscano "Sagrado Coração de Jesus" em Petrópolis, em 30 de setembro de 1977 fez a profissão religiosa na Ordem dos Frades Menores e foi ordenado sacerdote em 16 de dezembro de 1978.

---

<sup>5</sup> Sobre o episcopado de Dom Irineu optou-se por fazer apenas uma menção biográfica haja visto que seu episcopado está fora do recorte temporal proposto para este trabalho (1965-2010).

Antes de ser nomeado para o ministério episcopal na Diocese de Lages, Dom Irineu exerceu algumas atividades pastorais que destacamos: Pároco da Paróquia de "Nossa Senhora Aparecida" em Olímpia e membro do Conselho Presbiteral da Diocese de Barretos (1979-1981), Definidor na Custódia Franciscana "Sagrado Coração de Jesus" (1980-1983 e 1986-1995), Pároco da Paróquia de "Santo Antônio Maria Claret" em Ribeirão Preto (1982-1987 e 2001-2007), Formador dos estudantes de Filosofia e Teologia da Província Franciscana (1982-1987), Membro do Conselho Presbiteral e do Colégio dos Consultores da Arquidiocese de Ribeirão Preto (1982-1987), Pároco da Paróquia de "São Judas Tadeu" em Franca (1987), Formador dos Postulantes e Filósofos da Província Franciscana (1988-1993), Pároco da Paróquia do "Sagrado Coração de Jesus" na Diocese de Jaboticabal (1994-1998), Ministro Provincial da Custódia Franciscana "Sagrado Coração de Jesus" (1998-2001). Pároco das Paróquias de "Sant'Ana" em Herculândia e "Nossa Senhora Aparecida" em Queiroz, na Diocese de Marília (2007 – 2010).

Dom Irineu foi nomeado Bispo Diocesano de Lages pelo Santo Padre o Papa Bento XVI no dia 11 de novembro de 2009. Foi ordenado Bispo no dia 24 de janeiro de 2010, na Paróquia São Luiz Gonzaga, de Iacri, Diocese de Marília-SP. No dia 28 de fevereiro de 2010, assumiu seu ministério episcopal na Diocese de Lages, sucedendo a Dom João Oneres Marchiori.

## 2.6 O CONSELHO PASTORAL DIOCESANO

A Diocese é chamada a viver o dinamismo da comunhão-missão. O papa João Paulo II disse em Santo Domingo: "Em torno do Bispo e em perfeita comunhão com ele, devem florescer as paróquias e as comunidades cristãs como células vivas e pujantes de vida eclesial" (JOÃO PAULO II, 1992).

O espírito de comunhão e participação, coração do Vaticano II, deve ser o grande ideal de uma Igreja Particular. A comunhão de todas as paróquias se faz pelo planejamento diocesano de pastoral, se realiza na busca de uma caminhada conjunta, amadurece com os programas comuns e se promove pelo conhecimento das necessidades e avanços.

Só é possível construir uma Igreja diocesana com fisionomia própria, quando todos os cristãos e todas as paróquias se sentirem co-responsáveis pela Diocese. E isso só se alcança se houver profunda comunhão e efetiva participação. O Conselho Diocesano de Pastoral (CPD) é, neste espírito, um espaço privilegiado de reflexão, avaliação, proposição e decisão sobre os rumos do projeto pastoral da Diocese.

O Conselho Pastoral Diocesano é quem garante a execução das decisões assumidas na Assembleia Pastoral Diocesana. Organiza, coordena e anima a Ação Eclesial na Diocese em comunhão com as demais Dioceses que formam o Regional Sul IV e com a caminhada da Igreja do Brasil. O Conselho Pastoral Diocesano é composto pelo Bispo Diocesano, o Vigário Geral, um representante do Colégio de Consultores, um representante do Conselho Diocesano de Presbíteros, um representante do Conselho Diocesano de Diáconos, um representante da Conferência dos Religiosos e Religiosas na Diocese, um representante do Conselho Diocesano de Leigos e Leigas, um representante do Conselho Diocesano de Economia, um representantes dos Conselhos das Regiões Pastorais, um representante de cada Serviço Pastoral, Organismo, Movimento, Instituição e Entidade Eclesial, que funcionam em nível diocesano, escolhido pelos mesmos. Também participam a equipe executiva do Secretariado Pastoral Diocesano, outras pessoas convidadas.

Segundo a Diocese de Lages (2010, p. 63) as atribuições e funcionamento do Conselho Pastoral Diocesano são as seguintes:

- a) Promover e articular a unidade das Regiões Pastorais, dos Serviços, Organismos, Movimentos, Instituições e Entidades Eclesiais em nível diocesano;
- b) Garantir e encaminhar as decisões da Assembleia Pastoral Diocesana;
- c) Examinar e encaminhar propostas dos e para os Serviços, Movimentos, Instituições, Entidades, Organismos e Setores da Pastoral da Diocese;
- d) Avaliar as atividades do cronograma da Diocese, considerando todas as dimensões da vida eclesial diocesana, inclusive a administrativa.
- e) Preparar e animar a Assembleia Pastoral Diocesana;
- f) Aprovar a indicação de novos Representantes ou Coordenadores de Setores Pastorais específicos a nível de Diocese;

- g) Convocado pelo Bispo Diocesano, reúne-se ordinariamente de três em três meses;
- h) A Equipe Executiva do Secretariado Pastoral Diocesano é a secretaria executiva do Conselho Pastoral Diocesano;

Na Diocese de Lages o conselho diocesano de pastoral tem a função de refletir, discutir, preparar e aprovar junto com a equipe do secretariado diocesano de pastoral os assuntos e projetos diocesanos que serão trabalhados nos 3 encontros anuais das regiões pastorais. Dessa forma, os encontros de região pastoral é um espaço de proposição e de execução do projeto pastoral anteriormente aprovado neste conselho (DIOCESE..., 1997, p. 10).

Não poderíamos deixar de ressaltar que a práxis deste Conselho visa manifestar as intuições do Concílio Vaticano II no sentido de articular uma eclesiologia de comunhão e, por consequência uma pastoral que possa responder aos desafios presentes no contexto da Igreja local e universal. Este processo de “encarnação” na realidade se torna um eixo central no processo de evangelização a ser articulado e vivido no cotidiano da Diocese de Lages.

Sabendo que a vida pastoral de uma Diocese acontece não de forma linear mas a partir de progressos e retrocessos, o Conselho Diocesano de Pastoral funciona como espaço de construção e avaliação da vida pastoral diocesana. Na Diocese de Lages ele se constitui como horizonte essencial para que se viva de forma comprometida as Diretrizes e Orientações aprovadas para serem ideal de evangelização a ser posto em prática nas regiões pastorais.

## 2.7 O SECRETARIADO DE PASTORAL

A ideia de se criar na Diocese de Lages um Secretariado Diocesano de Pastoral, nasceu por ocasião de uma reunião dos bispos do então regional Sul III, que se realizou de 11 a 19 de abril de 1966, em Passo Fundo-RS. A ideia era ter na Diocese de Lages um meio organizado para se aplicar a eclesiologia proposta pelo Vaticano II, bem como organizar a vida pastoral nesta nova perspectiva pós Vaticano.

Em julho de 1966 decidiu-se que o Secretariado funcionaria nas mesmas instalações da Cúria Diocesana. No entanto, os trabalhos propriamente ditos,

tiveram início apenas na segunda quinzena de setembro de 1966. Este órgão tinha como finalidade principal o incremento do então Plano de Pastoral de Conjunto, implementado pela CNBB no ano de 1966. O primeiro coordenador Diocesano de Pastoral foi o padre Humberto Bragaglia no ano de 1966 e o segundo o padre João Oneres Marchiori que viria a ser eleito bispo diocesano de Caçador e depois transferido para Lages.

As principais atividades desenvolvidas giravam em torno da Liturgia, Diaconato, Ação Social e Apostolado dos leigos. Além disso, eram realizados encontros, reuniões, cursos, promoções e outras atividades visando a dinamização da pastoral nas comunidades. As grandes linhas de ação estavam concentradas em 4 grandes frentes: Educação na fé, Ação litúrgica, Ação ecumênica, Inserção no mundo e Unidade visível (DIOCESE..., 1977, p. 23).

Hoje o Secretariado Diocesano de Pastoral se configura como um grupo de articulação e reflexão para o encaminhamento da Ação Evangelizadora da Diocese em conformidade com as decisões do Conselho Diocesano de Pastoral. Segundo a Diocese de Lages (2010, p. 78), suas atribuições são:

- a) Garantir a execução das linhas de ação e metas encaminhadas pela Assembleia Pastoral Diocesana e CPD;
- b) Assessorar encontros paroquiais, das regiões pastorais e pastorais específicas;
- c) Elaborar subsídios e o “Jornal Caminhada” que é um dos mais importantes órgãos de formação e informação da Diocese;
- d) Representar a Diocese na instância da CNBB-Regional Sul IV;
- e) Ser um espaço de articulação e informação permanente entre Paróquias, Regiões Pastorais e Diocese;

Dentro da organização pastoral, na Diocese outros Conselhos atuam visando uma forma conjunta de reflexão e decisão no processo de Evangelização. Destacam-se os Conselhos de Pastoral Paróquial (CPPs), Conselhos de Pastoral Comunitário (CPCs), etc.

É de fundamental importância no contexto da Diocese de Lages o secretariado diocesano. Desde o momento em que este foi constituído ele se tornou uma ferramenta essencial para a caminhada pastoral da Diocese. Do secretariado diocesano de pastoral fazem parte representantes de várias pastorais e movimentos a nível diocesano. Reunidos periodicamente, com a presença do bispo diocesano,

este conselho articula a vida pastoral da Diocese e através das atribuições antes explicitadas, vai imprimindo uma identidade diocesana na caminhada pastoral em todas as regiões pastorais. Pode-se dizer que o Secretariado, trabalhando em equipe, faz acontecer a vida pastoral nas comunidades, seja pela presença na formação às comunidades, seja pela confecção de subsídios que auxiliam na reflexão e prática pastoral das mesmas.

Mesmo que a figura do coordenador diocesano seja uma referência importante, a Diocese de Lages procura fazer uma experiência de coordenação colegiada onde alguns membros assumem dimensões importantes do serviço de coordenação como por exemplo assessoria das regiões pastorais, participação em encontros, economia, etc. Isso expressa um sentido importante de responsabilidade compartilhada, fator que se julga ser importante para o trabalho em equipe.

## 2.8 O CONSELHO DE PRESBÍTEROS

A Igreja Particular é assumida conjuntamente pelo bispo e pelo presbitério, mas cabe ao Conselho Presbiteral ajudar nessa tarefa. O Conselho Presbiteral não substitui o presbitério, mas o representa, cabendo-lhe ajudar no governo pastoral da Diocese.

Segundo subsidio compilado na Diocese, atendendo ao apelo da CNBB e aos documentos do Conciliares, principalmente Presbiterorum Ordinis nº 7 que diz: “forme-se — num modo adaptado às circunstâncias e necessidades hodiernas, na forma e por normas a serem tratadas pelo direito — um grupo ou senado de sacerdotes, que representem o presbitério e possam auxiliar eficazmente com seus conselhos o bispo no governo da Diocese”, aos 20 de dezembro de 1966, Dom Honorato Piazero, pela primeira vez convocou os membros escolhidos para o Conselho Diocesano de Presbíteros (DIOCESE..., 1977, p.26).

Além dos quatro padres que eram Consultores, foi convocado um representante eleito de cada comarca da Diocese. O primeiro conselho era composto de 14 padres, neste tempo ainda incluindo Caçador e Joaçaba. De 1966 até 1977, foram realizadas pelo conselho de presbíteros 41 reuniões ordinárias.

O Conselho Presbiteral da Diocese de Lages é constituído por um grupo de sacerdotes, representantes do Presbitério, a quem cabe, de acordo com o Direito,

ajudar o Bispo no governo da Diocese, a fim de se promover ao máximo o bem pastoral da porção do Povo de Deus que lhe foi confiada (CÓDIGO..., 1983, p. 254-255, c. 495).

Dos Conselheiros, individualmente, além de assiduidade às reuniões, exige-se sensibilidade eclesial aos problemas, estudo consciencioso dos assuntos, participação ativa nos trabalhos, sinceridade fraterna e humildade na manifestação de suas opiniões, equilíbrio, bom senso e sigilo dos assuntos tratados.

De sua própria natureza e por direito comum o Conselho Presbiteral é órgão consultivo, nada lhe competindo em ordem de deliberação ou execução, ressalvados os casos expressamente determinados pelo Direito (CÓDIGO..., 1983, p. 257 c. 500 §2).

O Conselho Presbiteral se reúne a cada três meses e é composto pelo bispo, vigário geral, coordenador diocesano de pastoral, um representante de presbíteros de cada região pastoral da Diocese e um representante dos padres religiosos.

Segundo Antoniazzi (2001, p. 22) “foi expresso pelo próprio Concílio (PO 7) quando definiu os presbíteros como “necessários cooperadores — e conselheiros no ministério e múnus de ensinar; santificar e apascentar o povo de Deus” — do bispo e a ele unidos pelo vínculo da “comunhão hierárquica”, pois “todos os presbíteros participam de tal maneira com os bispos no mesmo e único sacerdócio e ministério de Cristo que a unidade de consagração e missão requer a sua comunhão hierárquica com a Ordem Episcopal”. Em outras palavras, o ministério episcopal e o ministério presbiteral são tão estritamente unidos, que se pode dizer que o ministério episcopal está no presbiteral, e o presbiteral está no ministério episcopal. Por um lado, “o ministério episcopal não existe sem os presbíteros”. Por outro,

[...] a existência dos presbíteros ao redor do bispo não deriva apenas de simples motivos de ordem funcional, como se o bispo sozinho não fosse capaz de exercer todas as tarefas do seu ofício, mas de motivos eclesiológicos. Uma estrutura ‘monística’ da Igreja particular, ou seja, uma estrutura formada pelo bispo sem o presbitério, não teria condições de realizar nela mesma a estrutura ‘sinodal’ [isto é, de ‘comunhão’] da Igreja universal (ANTONIAZZI, 2001, p.22)

A motivação do Concílio na instituição do Conselho Presbiteral é reconhecer a necessidade, particularmente na conjuntura atual, de uma mais estreita



colaboração entre os bispos e os presbíteros. Os padres são necessários ao bispo e à comunidade eclesial, para realizar sua missão de ensinar, santificar e governar. E isso não acontece só em razão da conjuntura, ou pela influência de ideias democráticas, mas por uma razão teológica: padres e bispos participam do único sacerdócio de Cristo, embora em “grau” diferente, e estão unidos pela comunhão hierárquica.

A partir dessas reflexões se constata, na Diocese de Lages, que o conselho diocesano de presbíteros exerce aquilo que se postulou no Vaticano II. Com representações de padres das diversas regiões pastorais, neste conselho são refletidos e decididos com o bispo diocesano, assuntos de suma importância para a vida da Diocese e dos seus agentes de pastoral. Mesmo sendo de caráter consultivo, é um espaço onde historicamente os bispos buscam colegiadamente “aconselhar-se” fazendo acontecer concretamente o sentido de colegialidade e sinodalidade da Igreja.

## 2.9 AS REGIÕES PASTORAIS E OS DESAFIOS SÓCIO-PASTORAIS

Na Diocese de Lages, as 24 paróquias que formam a Igreja particular estão divididas em seis regiões pastorais: Região pastoral de Lages, Região pastoral de Correia Pinto, Região pastoral de Bom Retiro, Região pastoral de São Joaquim, Região pastoral de Campo Belo do Sul e Região pastoral de Curitibaanos.

As regiões pastorais surgem no espírito do Concílio Vaticano II e tem como objetivo central ser Igreja que possibilita um processo Comunhão e Participação de todos os cristãos e cristãs. São formadas por rede de Comunidades-paróquias, que se reúnem por proximidade geográfica e por afinidade socioeconômica- cultural, para refletir, discutir e traçar metas conjuntas em determinado contexto eclesial.

A partir desse objetivo central, busca-se agir pastoralmente em uma realidade marcada por grandes desafios a serem enfrentados no contexto da Diocese de Lages. Apresentamos aqui, de forma geral, um pouco da realidade que continua presente e interpelando a Igreja de Lages à uma práxis pastoral cada vez mais eficaz para que, a partir de uma inserção na realidade, se objetive uma maior aproximação de uma Igreja segundo o Concílio Vaticano II.



### 2.9.1 Os desafios sócio-pastorais das Regiões Pastorais

A Diocese de Lages ocupa 1/5 do território do Estado de Santa Catarina. Isso significa que é a Diocese com a maior extensão territorial do Estado. Por outro lado, é a Diocese com a menor densidade demográfica (habitantes por km<sup>2</sup>) de Santa Catarina. O Estado possui uma média de 62 habitantes por km<sup>2</sup>. A Região Serrana registra a densidade mais baixa: 19 habitantes por km<sup>2</sup>. Há muita terra e pouca gente. Ao ver estes números, parece não haver crescimento populacional. Mas não é assim. Nasceram muitas crianças, mas a população não cresce porque, principalmente os jovens saem do interior e vão procurar vida melhor na cidade, de forma especial nas cidades industrializadas do Sul do Brasil. É um êxodo permanente.

Apesar desses avanços, a zona do Planalto Catarinense tem ainda uma baixa participação na formação bruta da produção agropecuária estadual. A crise da indústria madeireira de base extrativista e de seus derivados nas décadas de 1970 e 1980, forjou o surgimento dos ramos de papel e de celulose, que se constituem num dos segmentos industriais mais competitivos do estado. Essas duas atividades são responsáveis pela maior parte da renda industrial da região. Verifica-se também que os programas de reflorestamento com pinus, implementados pelas principais empresas nas últimas décadas, ampliaram consideravelmente a oferta de matéria-prima. O incremento não atendeu somente as demandas das indústrias de papel e celulose, mas cobriu também as necessidades do ramo moveleiro que se estende na região e no planalto norte do Estado.

Essas atividades industriais apresentam uma nítida concentração nos municípios de Lages, Otacílio Costa, Curitibanos e Campos Novos. Mesmo que exista certo dinamismo nessas quatro cidades pólo percebe-se um baixo aproveitamento da mão-de-obra liberada da agricultura. Isso leva a um processo migratório contínuo para Lages e em direção ao litoral e planalto norte do estado, determinando uma característica regional marcante: perda significativa da população rural dos pequenos municípios e baixa taxa de absorção pelos empreendimentos urbanos.

Por causa disso, vários municípios apresentam, ao mesmo tempo, taxas de crescimento populacional negativa e os maiores índices de pobreza do Estado. Ao longo da trajetória de desenvolvimento dessa zona, as ações de planejamento

intermunicipal, por iniciativa de atores territoriais, que busquem reverter esse quadro de precariedade social, apresentam uma profunda fragilidade.

Segundo reportagem do jornal “Correio Lageano”, um estudo feito pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), constatou que o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) do Brasil cresceu de forma expressiva entre a década de 1990 e o final de 2010.

Na Serra Catarinense, boa parte dos municípios ficou apenas no desenvolvimento médio. No período, a classificação geral do país passou de 0,493, índice considerado “muito baixo”, para 0,727, valor já no patamar de “alto desenvolvimento humano”. Na serra catarinense, grande parte dos municípios permanece na posição de grau de desenvolvimento “médio”, o mesmo que apresentava o país em 2000.

Hoje, entre as cidades da Associação dos Municípios da Região Serrana (Amures), apenas Lages, Otacílio Costa e Correia Pinto se enquadram na mesma categoria que o Brasil, de IDHM alto. Segundo dados do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013, que contabiliza os dados históricos do IDHM no país, Lages – entre 1991 e 2010 – teve um incremento no IDHM de 39,75%, valor abaixo da média de crescimento nacional (47,46%) e também abaixo da média de crescimento estadual (42,54%) (RODRIGUES, 2013). O município de Lages, por exemplo, ocupa a 227ª posição entre os 5.565 municípios do Brasil. Entre as 295 cidades pesquisadas no Estado, Lages ocupa a 50ª posição no ranking.

Como agravantes desta situação no cenário brasileiro, poderíamos citar alguns fatores como a falta de oportunidade de trabalho associada à invasão de atividades de monocultura como o pinus, que estão empurrando os serranos a um processo de migração desenfreado. É o que revelam os primeiros dados do Censo/2010 e que indicam uma frustração da população em relação às estimativas.

Informações preliminares apontam que a população que deveria passar dos 300 mil habitantes nos 18 municípios da Serra Catarinense, pode não atingir os números estimados há dez anos, quando o Censo/2000 contou 285.283 habitantes. Com 89,2% da população recenseada este ano, o número está em 269.131. Esses números revelam que, principalmente os municípios com características rurais, estão tendo evasão rural (POPULAÇÃO..., 2010).

As análises a partir dos dados censitários mostram que os municípios rurais com população pequena estão enfrentando um processo de migração para os

grandes centros de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O levantamento do Censo também apurou que, apesar de residir na cidade, as pessoas mantêm a propriedade na zona rural. São os chamados moradores de uso ocasional. Assim, estão sendo encontradas muitas propriedades na região serrana que tinham características rurais e que hoje são chácaras de lazer.

A monocultura do Pinus contribui fortemente para a evasão da população, pois o avanço da monocultura substitui também, outras culturas nativas ou de lavouras que demandariam emprego de mão de obra. As famílias remanescentes do meio rural são em grande parte as que têm ocupação de mão de obra no extermínio de formigas. O inseto é uma ameaça aos reflorestamentos. Quando termina o ciclo de tratamento dos primeiros anos, as famílias migram para outras regiões ou acabam se estabelecendo nos grandes centros. Quando comparado há dez anos, conclui-se que a região terá pelo menos 30 mil habitantes a menos que em 2000.

Um dos fenômenos das oscilações populacionais são as grandes obras temporárias. Como construção de estradas e hidrelétricas que promovem um crescimento tipo “bolha” e mascaram o número de habitantes. Quando ocorre isso, os municípios enfrentam sérios problemas estruturais, porque a arrecadação originária do Fundo de Participação dos Municípios (FPM) não confere com o número de habitantes.

Segundo a Diocese de Lages (2010, p. 20) a leitura da realidade de nossa Diocese nos mostra que fizemos passos significativos na superação da desigualdade, através de nossas relações de solidariedade, partilha e compromisso com as pessoas necessitadas. Porém, em nossa região, ainda há carência e limitação quanto à leitura e interpretação dos dados do empobrecimento e da desigualdade. Em Santa Catarina, considera-se alto o indicador de empobrecimento, entre 30% e 46%. Mais da metade (61%) dos municípios de nossa Diocese possuem estes números nos indicadores de empobrecimento da população. De cada quatro municípios mais empobrecidos do Estado, 1 pertence à região da Diocese de Lages.

## 2.9.2 As Regiões Pastorais

A partir da realidade apresentada, as regiões pastorais surgem como uma resposta aos desafios presentes no contexto da região serrana. Quando estas surgiram na década de 80, substituindo as chamadas Comarcas, tinham como objetivo unir a partir de suas particularidades, realidades comuns ou desafios comuns existentes entre um determinado número de paróquias. No intuito também de acolher, refletir e aplicar de uma forma comum o projeto de evangelização apresentado pela Diocese, as regiões pastorais ainda hoje, a partir de suas características próprias, simbolizam concretamente a recepção e prática dos ideais do Concílio Vaticano II que trazidos para a realidade da Igreja no Brasil nos coloca a urgência de pensar estruturas pastorais que favoreçam a realização de uma maior consciência missionária (CONFERÊNCIA..., 2015, p. 35).

### 2.9.2.1 Região Pastoral de Lages

A Região Pastoral de Lages é formada pelas paróquias: Nossa Senhora dos Prazeres – Catedral (1768)<sup>6</sup>, Nossa Senhora do Rosário (1953), São Judas Tadeu (1957), Nossa Senhora das Graças (1967), Nossa Senhora Aparecida do Navio (1971), Nossa Senhora da Saúde (1971), Sagrada Família (1973) e São Cristóvão (1987).

De forma geral, as paróquias da Região Pastoral de Lages estão localizadas no município de Lages, mesclando uma realidade urbana e rural. Ao longo dos últimos anos a área rural dessa Região Pastoral vem se transformando em uma significativa extensão de terras cada vez mais diminuída em número de habitantes. Nestas áreas rurais viceja a monocultura de pinus, empresas rurais, a pecuária e o turismo rural.

Historicamente, a memória de Lages reflete uma rede de poder que surge da estruturação de uma sociedade baseada nos interesses de um determinado grupo econômico, os fazendeiros, que detêm a posse da terra, do gado, a concentração do

---

<sup>6</sup> Ano de fundação da referida paróquia

poder político em níveis de município e Estado e o controle militar, desde o início da fundação.

Quando da fundação de Lages, em 1766, então denominada Vila Nossa Senhora dos Prazeres das Lagens, tendo à frente Antônio Correia Pinto de Macedo, a mando do português dom Luiz Antônio de Souza Botelho e Mourão, viu-se a necessidade de se instalar na região um posto militar avançado para prevenir-se contra possíveis avanços dos castelhanos (MUNARIN, 1990, p. 47).

Essa forma de exclusão vivida desde muito tempo pelas classes populares de Lages, pode ser percebida ainda nas relações contemporaneas no contexto da região pastoral de Lages. Como podemos constatar no quadro abaixo, a Região pastoral de Lages possui um dos melhores índices de desenvolvimento humano<sup>7</sup> da Diocese de Lages, no entanto, ao lado desse dado se percebe um processo acelerado de êxodo rural sem, na maioria das vezes, o mínimo de estrutura urbana.

---

<sup>7</sup> O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é uma medida resumida do progresso a longo prazo em três dimensões básicas do desenvolvimento humano: renda, educação e saúde. O objetivo da criação do IDH foi o de oferecer um contraponto a outro indicador muito utilizado, o Produto Interno Bruto (PIB) per capita, que considera apenas a dimensão econômica do desenvolvimento. O IDH é medido em cinco níveis, de 0 a 1: Muito Baixo (0 a 0,499), Baixo (0,500 a 0,599), Médio (0,600 a 0,699), Alto (0,700 a 0,799) e Muito Alto (0,800 a 1).

Quadro 1 – Região serrana de SC (população urbana e rural – PIB – IDHM)

| MUNICÍPIO | PIB per capita/mês 2012 | População Urbana 2010 | População Rural 2010 | IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano) 2000 | IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano) 2013 | Ranking SC - 2013 |
|-----------|-------------------------|-----------------------|----------------------|--|--|-------------------|
| Lages     | R\$ 1.779,16            | 153.937 (98,2%)       | 2.790(1,8%)          | 0,674  | 0,770  | 50º               |

Fonte: Diocese de Lages - Diretrizes da Ação Evangelizadora, 2015, p.10-11.

Os campos de Lages se caracterizam por três pontos: um solo acidentado e empobrecido pelo monocultivo do pinus, o clima com fortes geadas e nevascas e a concentração da terra. Além dos tradicionais latifúndios nas mãos dos fazendeiros, agora também, devido a plantação de pinus, há as reflorestadoras multinacionais. O sistema capitalista de exploração do trabalhador do campo se impôs, ainda, por meio dos cultivos empresariais principalmente da maçã e da soja, o que provoca um grande número de trabalhadores rurais 'sem terra'. Estes, quando podem produzir, o fazem, por exemplo, nas beiras das rodovias. Passam a ser trabalhadores volantes, assalariados temporários. Estes são os sintomas do capitalismo no campo, onde, aliada à eletrificação, vem a exploração e enquanto se condenam as queimadas, abandonam-se os rios à poluição pelas fábricas de celulose. Os agrotóxicos que vieram salvar vidas, diminuindo perdas, na verdade, matam e criam escravos da produção.

A Região Pastoral de Lages buscou na reflexão e na ação conjunta entre as paróquias, resgatar valores e princípios pautados em relações de igualdade e justiça. Essa tomada de consciência, a partir da presença da Igreja na sociedade, com o trabalho das lideranças leigas, organizando as comunidades, resultou em reivindicações e luta pela conquista de direitos para todos.

O ideal é que a partir da vivência da fé se assumam o compromisso de resolução dos problemas que afligem a comunidade e se garanta que cada pessoa consiga ter acesso as políticas públicas a que tem direito como moradia, educação, alimentação, saneamento básico, saúde, etc. Da mesma forma o atendimento de outros direitos como dignidade, respeito, bem estar, afetividade e participação.

A exigência colocada como desafio central, devido o grande êxodo rural, foi um trabalho sério e sistemático com a pastoral urbana, pois na cidade se encontram os maiores desafios dessa região Pastoral. No entanto, os desafios do mundo urbano faz pensar a ação pastoral neste contexto. O livro de atas da região pastoral de Lages afirma que

A cidade é terra de missão, de evangelização, mas por onde começar? Boa pergunta! Pelo começo diriam uns e outros... A cidade, o espaço urbano, pode ser compreendida como território, com começo, meio e fim. As placas indicam: perímetro urbano. As pessoas se referem ao centro da cidade, ao redor situam os bairros, a periferia; mais afastado está os espaço rural, o campo. Esse é um olhar sobre a cidade. O mundo urbano é, também, vivência, convivência, relações, intercâmbios... A isso podemos chamar de cultura urbana, um outro jeito de olhar a cidade. Não tem começo e nem fim, não há fronteira, não há fronteiras, menos ainda centro. A presença da Igreja na cidade não se define pelo território paroquial. Na cidade a Igreja é uma rede de comunidades interativas. Dito isso, o que poderíamos estar fazendo para evangelizar o mundo urbano? (DIOCESE..., 2006, p. 3).

Esta realidade complexa do mundo urbano manifesta algumas urgências nesta região pastoral a serem trabalhadas como forma de responder aos apelos que o contexto exige, principalmente através de uma ação evangelizadora que possa ser presença na vida das pessoas. Neste sentido, se percebeu, enquanto região pastoral, que “falta formação às lideranças nas comunidades e intercambio das paróquias, pastoral urbana, falta visibilidade da pastoral da juventude” (DIOCESE..., 2007, p. 3).

Outros desafios brotam do contexto da Região pastoral de Lages como a articulação das paróquias em um projeto comum de evangelização, o atendimento pastoral dos que migram para a cidade, o acesso aos sacramentos de uma forma menos burocrática a partir de uma pastoral urbana “sem” fronteiras territoriais, o trabalho com a família e suas novas configurações, a acolhida dos homoafetivos, a presença da Igreja junto a sociedade civil para a implementação de políticas públicas, a violência, a pastoral universitária, a pastoral carcerária, a pastoral dos migrantes, a pastoral do dízimo e principalmente o trabalho com os Grupos de Família. No entanto se percebeu que existe um esforço de continuar a caminhada pastoral a serviço da Vida como Igreja numa realidade mutante, com muita diversidade, valores e contra valores a serem assumidos a luz da fé.

#### 2.9.2.2 Região Pastoral de Curitiba

A Região Pastoral de Curitiba compreende as seguintes paróquias: Imaculada Conceição (1875), Santa Ana (1960), São Cristóvão (1987) e Nossa Senhora Aparecida (2015).

Essa Região Pastoral abriga um significativo polo industrial, de forma especial no município de Curitiba. Também se destaca aqui a presença de importantes instituições educacionais como, por exemplo, um campus da Universidade Federal de Santa Catarina, proporcionando a abertura de novas possibilidades em todos os âmbitos. Na região dos municípios que fazem parte dessa Região pastoral, é grande o número de pequenas propriedades agrícolas, com destaque na produção de cereais e fruticultura. O clima é de verões frescos e invernos rigorosos, com temperatura média de 15 graus.

No entanto, essa região convive com um grande êxodo rural e apesar do crescimento nos últimos tempos, ainda apresenta um baixo índice de desenvolvimento humano (DIOCESE..., 2010, p. 13), como pode-se observar no quadro abaixo:

Quadro 2 – Região Pastoral de Curitiba (população urbana e rural – PIB – IDHM)

| MUNICÍPIO            | PIB per capita/mês 2012 | População Urbana 2010 | População Rural 2010 | IDH-M (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) 2000 | IDH-M (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) 2013 | Ranking SC - 2013 |
|----------------------|-------------------------|-----------------------|----------------------|---|---|-------------------|
| Curitiba             | R\$ 1.356,89            | 34.769 (92,1%)        | 2.979 (7,9%)         | 0,621   | 0,721   | 178º              |
| Frei Rogério         | R\$ 1.312,61            | 706 (28,5%)           | 1.768 (71,5%)        | 0,533   | 0,682   | 261º              |
| Ponte Alta           | R\$ 1.142,03            | 3.578 (73,1%)         | 1.316 (26,9%)        | 0,520   | 0,673   | 267º              |
| Ponte Alta do Norte  | R\$ 1.646,17            | 3.007 (91,0%)         | 296 (9,0%)           | 0,576   | 0,689   | 255º              |
| São Cristóvão do Sul | R\$ 1.135,37            | 3.800 (75,8%)         | 1.212 (24,2%)        | 0,518   | 0,665   | 274º              |

Fonte: Diocese de Lages - Diretrizes da Ação Evangelizadora, 2015, p.10-11.

No ano de 1985 foi pedido um levantamento da realidade das paróquias. Nesta região pastoral encontramos uma apreciação feita pelo padre Davi Tramontini sobre a realidade daquele tempo que demonstra um pouco do fenômeno que vem cada vez mais se acentuando naquela realidade.

A tendência das capelas é diminuir, porque vão vendendo as pequenas propriedades pela asfixia dos reflorestamentos. Num ano que estou na paróquia há reflorestamento que tinha 15 famílias e hoje não tem mais nenhuma porque terminou o seu trabalho e são despachadas. Despachadas quer dizer: mandadas embora só com os filhos. Daí uns tempos surgem novas famílias só para o desbaste etc... Só aparece nas capelas quando é para batizar os filhos ou revalidar o casamento e batizar 2 ou 3 filhos. Pessoal de reflorestamento não tem INPS. Nada! [...] Praticamente a direita e nordeste da BR 116 é só reflorestamento. E aí em termos de vida humana é infra! Portanto 75% da paróquia (DIOCESE..., 1985b, p. 27).



Este testemunho ajuda-nos a entender o contexto social e econômico desta região pastoral bem como os desafios que ainda perduram. De forma geral, esta região possui um grande potencial econômico mas que contrasta com a pobreza do povo pela acumulação das propriedades nas mãos de alguns poucos. As grandes empresas do ramo florestal atuam muito fortemente o que gera trabalho escravo nas plantações e tira as pessoas das pequenas propriedades empurrando-as para os centros urbanos, principalmente Curitiba. Isso acentua o número de problemas de ordem social pela falta de infraestrutura como por exemplo violência, desemprego, fome, miséria, etc.

Como contraponto a essa realidade, a Igreja presente nesta região pastoral tem a missão de reivindicar, junto ao poder público, uma política de inclusão e de garantia dos direitos. Da mesma forma, garantir através da formação das lideranças e da inserção na realidade, uma evangelização que desperte nas pessoas a consciência da realidade que se vive e o compromisso com a construção de relações de justiça.

### 2.9.2.3 Região Pastoral de São Joaquim

A Região Pastoral de São Joaquim compreende as seguintes paróquias: Paróquia de São Joaquim (1902), Paróquia São Sebastião (1950) e Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo (1940).

A fruticultura e a pecuária são as principais atividades econômicas dessa região, principalmente o cultivo de maçã. Possui também um grande potencial turístico, graças ao clima frio e ao raro conjunto de atrações naturais.

Quadro 3 – Região Pastoral de São Joaquim (população urbana e rural – PIB – IDHM)

| MUNICÍPIO           | PIB per capita/mês 2012 | População Urbana 2010 | População Rural 2010 | IDH-M (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) 2000 | IDH-M (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) 2013 | Ranking SC - 2013 |
|---------------------|-------------------------|-----------------------|----------------------|---|---|-------------------|
| Bom Jardim da Serra | R\$ 1.030,54            | 2.397 (54,5%)         | 1.998 (45,5%)        | 0,553   | 0,696   | 242°              |
| Painel              | R\$ 1.087,61            | 945 (40,1%)           | 1.408 (59,9%)        | 0,528   | 0,664   | 275°              |
| São Joaquim         | R\$ 1.182,47            | 17.573 (70,8%)        | 7.239 (29,2%)        | 0,589   | 0,687   | 257°              |
| Urupema             | R\$ 1.072,67            | 1.232 (49,6%)         | 1.250 (50,4%)        | 0,578   | 0,699   | 233°              |

Fonte: Diocese de Lages - Diretrizes da Ação Evangelizadora, 2015, p.10-11.

Como observamos no quadro acima, com excessão de São Joaquim, a realidade dessa região pastoral apresenta um certo equilíbrio entre a população urbana e rural como podemos ver na tabela abaixo. Isso quer dizer que as pessoas sobrevivem de uma agricultura familiar, ou seja, nas pequenas propriedades rurais estão concentradas a maioria da população que cultivando a terra sustentam sua família.

Percebe-se nesta realidade o avanço das florestas de pinus, que tira as pessoas de suas terras, bem como o aumento considerável de violência nos meios urbanos. Prova disso é o numero de casos de homicídios principalmente relacionados com pessoas vindas do Rio Grande do Sul para a colheita da maçã. A chegada destas pessoas causa um inchaço nas periferias da cidade e leva, pela falta de trabalho e politicas publicas adequadas, a um processo cada vez maior de empobrecimento em todos os sentidos.

Como as pessoas vivem em pequenas propriedades e as únicas opções de trabalho estão na fruticultura e nos pequenos comércios da cidade, os jovens saem de suas famílias para os grandes centros como Florianópolis, Joinville, Blumenau, Criciúma, etc, em busca de estudos, empregos e oportunidades de vida. Por isso a maioria das pessoas que ainda vivem na área rural são, na maioria, casais com filhos pequenos e pessoas idosas. O êxodo rural aqui é bem considerável.

No sentido religioso, aqui se manifesta uma Igreja muito caracterizada pela devoção popular. Por ter uma característica mais rural, ainda se conservam a pratica das devoções do terço, a Bandeira do Divino, os capitéis e grutas pela estrada, a busca das confissões em tempos de Quaresma e Natal, etc.

Outro traço interessante desta região é o da acolhida, característico do povo caboclo presente nesta realidade.

#### 2.9.2.4 Região Pastoral de Bom Retiro

A Região Pastoral de Bom Retiro compreende as seguintes paróquias: Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (1940), Paróquia Nossa Senhora da Boa Viagem (1953) e Paróquia Nossa Senhora Mãe dos Homens (1932).

A economia desta região pastoral se baseia principalmete na pecuária, apicultura, extrativismo vegetal através de reflorestamento, extração do vime,

plantação de milho, feijão e fumo. As pequenas empresas são tipicamente familiares e se concentram nas áreas urbanas. A exemplo da região pastoral de São Joaquim, conta com um clima rigoroso no inverno o que dificulta as atividades agrícolas.

Nesta realidade, percebe-se um forte crescimento das matas de pinus e das grandes plantações de maçãs que cada vez mais estão monopolizando as terras e prejudicando as pequenas propriedades.

Quadro 4 – Região Pastoral de Bom Retiro (população urbana e rural – PIB – IDHM)

| MUNICÍPIO      | PIB per capita/ mês 2012 | População Urbana 2010 | População Rural 2010 | IDH-M (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) 2000 | IDH-M (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) 2013 | Ranking SC - 2013 |
|----------------|--------------------------|-----------------------|----------------------|---|---|-------------------|
| Bocaina do Sul | R\$ 1.093,47             | 967 (29,4%)           | 2.323 (70,6%)        | 0,505   | 0,647   | 287º              |
| Bom Retiro     | R\$ 1.250,35             | 6.417 (71,7%)         | 2.525 (28,3%)        | 0,560   | 0,699   | 233º              |
| Rio Rufino     | R\$ 980,90               | 688 (28,2%)           | 1.748 (71,8%)        | 0,544   | 0,653   | 285º              |
| Urubici        | R\$ 1.036,25             | 7.006 (65,5%)         | 3.633 (34,5%)        | 0,592   | 0,694   | 247º              |

Fonte: Diocese de Lages - Diretrizes da Ação Evangelizadora, 2015, p.10-11.

As três paróquias que fazem parte dessa região apresentam características muito próximas. Como toda região serrana, convivem com a problemática das florestas de pinus e com uma economia que apesar de ser desenvolvida, esconde uma realidade de empobrecimento principalmente nas periferias urbanas. Se percebe o aumento da violência tanto na cidade quanto no interior, além de sérios problemas de infra estrutura básica.

Sobre a realidade que se vê no contexto da região pastoral, foi explicitado na ata da Região Pastoral o seguinte: Vemos realidades diferentes com pessoas que detem o poder, uma classe média e pessoas que são mão de obra barata. A juventude e as crianças estão desassistidas, se vê rostos de cansaço, de fome, de falta de referência e de moradia; alcoolatras, dependentes químicos, trabalhadores rurais temporários, negros, concentração de pobreza em bairros específicos (DIOCESE..., 2008, p. 14).

Diante desses desafios, a Igreja nesta região pastoral discute caminhos para enfrentar a realidade cada vez mais alarmante e que exige uma ação efetiva. A formação de lideranças conscientes e um trabalho conjunto com os poderes públicos e considerada uma opção importante pra se superar as desigualdades que ferem a vida e os valores evangélicos que se quer viver.

### 2.9.2.5 Região Pastoral de Campo Belo do Sul

A Região Pastoral de Campo Belo do Sul compreende as seguintes Paróquias: São Pedro Apóstolo (1961), Santa Bárbara (1948), Nossa Senhora do Patrocínio (1971) São Paulo Apóstolo (1998) e São Francisco de Paula (2011).

Como se pode constatar abaixo, é a região pastoral com o maior número de pessoas que vivem na área rural. Isso tem uma incidência importante na ação evangelizadora haja visto que o jeito de se viver a fé e os desafios do dia a dia são diferenciados da realidade urbana. No entanto, é sabido que aqui está o município com o menor IDHM do Estado de Santa Catarina, o município de Cerro Negro.

Quadro 5 – Região Pastoral de Campo Belo do Sul (população urbana e rural – PIB – IDHM)

| MUNICÍPIO           | PIB per capita/mês 2012 | População Urbana 2010 | População Rural 2010 | IDH-M (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) 2000 | IDH-M (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) 2013 | Ranking SC - 2013 |
|---------------------|-------------------------|-----------------------|----------------------|---|---|-------------------|
| Anita Garibaldi     | R\$ 852,39              | 4.551 (52,7%)         | 4.072 (47,3%)        | 0,544   | 0,688   | 256º              |
| Campo Belo do Sul   | R\$ 1.104,16            | 4.406 (58,8%)         | 3.077 (41,2%)        | 0,488   | 0,641   | 289º              |
| Capão Alto          | R\$ 1.769,71            | 962 (35,0%)           | 1.791 (65,0%)        | 0,506   | 0,654   | 283º              |
| Celso Ramos         | R\$ 942,76              | 872 (31,5%)           | 1.899 (68,5%)        | 0,562   | 0,719   | 183º              |
| Cerro Negro         | R\$ 870,20              | 764 (21,3%)           | 2.817 (78,7%)        | 0,475   | 0,621   | 293º              |
| São José do Cerrito | R\$ 784,63              | 2.492 (26,8%)         | 6.781 (73,2%)        | 0,502   | 0,636   | 290º              |

Fonte: Diocese de Lages - Diretrizes da Ação Evangelizadora, 2015, p.10-11.

Os dados acima revelam que as relações de empobrecimento e exclusão estão muito presentes nesta região. Poderíamos dizer que basicamente o monocultivo da soja, as plantações de pinus e as grandes usinas hidrelétricas são os principais responsáveis por esta situação. Existem grandes extensões de terras usadas para produzir soja e madeira enquanto a população rural se torna escravo dessas propriedades, trabalhando por salários que mal sustentam suas famílias. Nesta região pastoral está a empresa Gateados considerada uma das maiores produtoras de pinus do Sul do Brasil.

No entanto, um dos maiores desafios pastorais desta região é concretizar uma ação evangelizadora que possa, como Igrteja em saída, ir ao encontro anunciando e denunciando a partir da realidade, ser presença e acolher aqueles que

são “expulsos de suas terras” devido essa realidade e buscar alternativas junto ao poder público para garantir os direitos daqueles que são explorados.

O hidronegócio explora, expulsa e tira a dignidade das pessoas. Na reunião da região pastoral, o então bispo diocesano Dom Oneres Marchiori comenta que “irá ajudar na luta a favor dos atingidos e alertou sobre a necessidade de se ter documentos que provem os prejuízos causados pelas barragens” (DIOCESE..., 2002, p. 28).

Um artigo do Jornal Correio Lageano assim fala sobre a instalação de uma das barragens:

As usinas hidrelétricas, tidas como essenciais para o setor elétrico brasileiro, deixam profundas marcas na vida das pessoas. Se, por um lado, trazem desenvolvimento para as regiões onde são instaladas, por outro, provocam impactos socioambientais irreversíveis, que são sentidos em maior ou menor grau pela população atingida. A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) estima que um milhão de pessoas já foram atingidas pela construção das barragens no Brasil, e 30 milhões no mundo. Na bacia do Rio Uruguai, que abrange a Serra, fora a Garibaldi, estão previstas também a construção das barragens de Paiquerê, em Lages, e São Roque, no Rio Canoas, entre São José do Cerrito e Vargem. O agricultor André Bortoli, de 55 anos, é um dos moradores da comunidade. Era arrendatário do terreno de seu pai, há 30 anos, que foi desapropriado. ‘Tiraram um pedaço de minha vida’, desabafa (MORAIS, 2013).

Nesta realidade, destaca-se a figura do monge João Maria que teria passado em São José do Cerrito, no início do século XX. Sua lembrança é guardada com respeito por muita gente até hoje, pois pregava um mundo livre da fome, da guerra e da peste. Com a criação da paróquia, bispos, padres, irmãs e leigos contribuíram para a construção histórica da comunidade de fé, através da formação permanente, das celebrações, visitas, organização do povo, catequese, grupos de família, pastorais, etc.

A colonização da região começou no século XIX, com a ocupação e exploração dos campos de Lages pelos bandeirantes paulistas. Políticos da época juntamente com Dom Daniel Hostin, então bispo de Lages, são historicamente tratados como fundadores do povoado.

Basicamente o meio de subsistência neste município está pautado numa agricultura familiar, em pequenas propriedades, principalmente no cultivo do feijão, milho, alho, etc.

Essa região já contou com imensas florestas de araucárias em seu território, florestas que, hoje, cederam lugar à agricultura e à pecuária. Recebe a denominação de "Região dos Lagos" em decorrência também dos grandes empreendimentos instalados no seu entorno, tais como as construções das Usinas Hidrelétricas de Machadinho, Campos Novos e Barra Grande, as quais formaram grandes lagos a banhar o território, trazendo também grandes consequências para vida daquele povo como já discorreremos anteriormente.

O povo negro e o povo caboclo sempre tiveram fortes raízes e influências nas tradições religiosas dessa região. A vida religiosa da população cabocla sempre foi muito caracterizada por muitas devoções. Nesta religiosidade de poucos padres, não faltaram ministérios como parteira, benzedeiros, puxadores e puxadoras de rezas, capelães, festeiros, curandeiros e curandeiras, penitentes, cantadores, cuidadores de capela e de cemitérios.

O povo dessa região pastoral se caracterizou historicamente por ser muito sensível na fé, por isso profundamente religioso, onde a grande maioria professa o catolicismo. Conserva, por isso, resquícios da prática de uma religião popular, implantada por alguns "Monges" ou "Profetas" como, por exemplo, João Maria de Agostinho, que passou nessa região e ainda é lembrado com carinho. Eles plantavam cruzeiras próximas às fontes de água, em grutas convidando o povo a rezar e a lutar contra a fome, a peste e a guerra.

Ainda hoje se conservam as procissões e visitas aos "pocinhos", os terços cantados e outras expressões dessa devoção popular. Em tempos de quaresma, principalmente na Semana Santa, ainda se conserva as devoções antigas da "Recomenda das Almas" e o "25 de março".

#### 2.9.2.6 Região Pastoral de Correia Pinto

A Região Pastoral de Correia Pinto compreende as paróquias Nossa Senhora dos Campos (1971) e Santa Catarina (1956).

Em 1766, Antônio Correia Pinto de Macedo chegou à região dos Campos de Lages com a incumbência de formar um povoado às margens do Rio Canoas ou do Rio Pelotas. O objetivo era demarcar a ocupação portuguesa e evitar a entrada de espanhóis no Brasil.

A escolha desses locais se deu por serem próximos de rios caudalosos e abundantes de peixe. Antônio Correia Pinto de Macedo trouxe de São Paulo sua família, escravos e mais nove famílias com interesses latifundiários. Primeiro o grupo se instalou na área conhecida como Taipas. Um ano depois, em 1767, mudou para as margens do Rio Canoas, a meia légua abaixo da atual localização da ponte sobre o rio, na BR-116. O nome é uma homenagem do desbravador que chegou com famílias paulistas e partiu acabando por fundar o município de Lages, de quem o distrito era comarca.

Vejamos abaixo alguns dados desta região pastoral:

Quadro 6 – Região Pastoral de Correia Pinto (população urbana e rural – PIB – IDHM)

| MUNICÍPIO      | PIB per capita/mês 2012 | População Urbana 2010 | População Rural 2010 | IDH-M (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) 2000 | IDH-M (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) 2013 | Ranking SC - 2013 |
|----------------|-------------------------|-----------------------|----------------------|---|---|-------------------|
| Correia Pinto  | R\$ 1.872,96            | 12.022 (81,3%)        | 2.719 (18,7%)        | 0,587   | 0,702   | 227°              |
| Otacílio Costa | R\$ 2.324,54            | 14.891 (91,0%)        | 1.446 (9,0%)         | 0,635   | 0,740   | 127°              |
| Palmeira       | R\$ 1.808,98            | 925 (39,0%)           | 1.448 (61,0%)        | 0,521   | 0,671   | 269°              |

Fonte: Diocese de Lages - Diretrizes da Ação Evangelizadora, 2015, p.10-11.

Como podemos perceber, esta região possui um PIB per capita (produto interno Bruto por pessoa) consideravelmente alto, e isto tem uma explicação: nesta região pastoral o pinus é a fonte de renda principal. Banhados pelo Rio Canoas e cercado de áreas de reflorestamento, os municípios dessa Região Pastoral estão entre os maiores fabricantes de papel, celulose e embalagens de Santa Catarina. A madeira é sua principal fonte econômica. Tem uma imensa área coberta de pinus, pinheiros, eucaliptos, araucárias e árvores nativas.

A economia gira em torno dessa monocultura o que gera um monopólio nas terras, nos empregos e praticamente na vida das pessoas. A vida se constrói em “turnos” como é o sistema de trabalho da Klabin, principal multinacional presente nesta região.

Para se ter uma idéia, segundo dados colhidos recentemente, o município de Otacílio Costa detém a maior concentração de florestas de Pinus, com mais de 50 mil hectares de florestamentos e reflorestamentos, que representam cerca de 55% da cobertura de seu território. Por essa razão, Otacílio Costa é conhecida como a “Capital Catarinense da Madeira”. Na ata da Região pastoral existe claramente



uma preocupação com esta realidade do pinus e até mesmo dos agrotóxicos, que estariam gerando uma realidade de grandes impactos ambientais que afligem diretamente a vida das pessoas. Argumenta-se que “Existe uma grande preocupação com a platação de pinus elioté, no reflorestamento da região serrana e com os chiqueirões que contaminam a água com a urina do porco, no oeste e também os agrotóxicos das plantações” (DIOCESE..., 2004, p. 5).

Os desafios pastorais a serem enfrentados giram em torno da realidade criada pela economia reinante nesta região. Por isso se percebeu que a Igreja enquanto ação pastoral precisa ainda dar passos neste contexto. No livro de atas da Região Pastoral encontramos a seguinte argumentação:

Nossa região pastoral é uma região de êxodo rural para o urbano, de toda a Diocese é a que mais cresce populacionalmente. [...] Não estamos preparados para atender as pessoas que passam temporariamente na região. Exemplo as paradas da Klabin que trazem em média 300 pessoas. Problemas encontrados: êxodo, mobilização sazonal (pessoas que passam) migração e etnia; há necessidade de formação de lideranças e ao mesmo tempo há ausência de lideranças pelo êxodo. Concluiu-se que na região pastoral 1º a região tem dificuldades no campo ecumênico; 2º região com salários mais altos, porém altos índices de analfabetos; 3º Etnia. Porque é uma região branca? 4º dificuldades em formação e com muitos Grupos de família (DIOCESE..., 2005b, p. 11).

Enquanto caminhada pastoral, essa região pastoral pela proximidade e pelos desafios que são praticamente os mesmos, procurou com o passar dos tempos centrar forças em uma reflexão e prática que pudesse despertar nas lideranças o protagonismo nas ações. Como um fenômeno social e que diretamente se impõe na caminhada enquanto Igreja, se busca melhores condições de vida em vista de justiça social. Da mesma forma este trabalho visa a Evangelização pela participação da vida eclesial no sentido de formar comunidade de fé consciente de sua missão na história.

Segundo a Diocese de Lages (2000, p. 17),

[...] o processo de evangelização nas Regiões Pastorais precisa levar as pessoas a engajarem-se na transformação dessa realidade. No seguimento de Jesus de Nazaré, a práxis da Boa Nova nos impele a uma encarnação na realidade. Para isso, a Diocese de Lages propõe que se Evangelize participando e fortalecendo os Grupos de Família – caminho das Comunidades Eclesiais de Base, dos Movimentos e Organizações populares que defendem a vida e promovem os valores do Reino.



Nesta perspectiva a partir de um olhar pastoral, a Diocese de Lages (2010, p. 31) propõe

[...] uma evangelização que celebra a presença de Jesus Cristo morto e ressuscitado, a caminhada feita de lutas, tristezas e alegrias, à luz da fé. Por fim, o desafio de pastoralmente despertar na sociedade e na Igreja um refletir e um agir pastoral que seja fonte de memória, resistência, profecia, compromisso e sonho.

No mundo de hoje é preciso ver a realidade, ser presença junto ao ser humano. Mais do que nunca as pessoas têm hoje maior consciência de sua dignidade, cidadania, liberdade e participação. Isto deverá influenciar diretamente na maneira da Igreja fazer pastoral. Para que a Igreja seja de verdade um caminho autêntico para o ser humano de hoje, precisa ser um sinal profético que possa tocar o coração das pessoas, isso significa evangelizar muito mais pelo testemunho do que com palavras.

As constantes mudanças da sociedade têm permitido ao ser humano construir seus relacionamentos a partir de sua individualidade, deixando para trás os valores transcendentais. O indivíduo fica cada vez mais indefeso e deixa aflorar sua vulnerabilidade em todos os sentidos da vida. Brighenti (2000, p. 26) salienta que “vivemos sob a égide da cultura do triunfo do individualismo solitário. Ao comunitário sobrepõem-se os interesses pessoais; diante do público, afirma-se cada vez mais o ideal do privado; e, ante o universal, advoga-se a legitimidade do fragmentário. Rojas (1996, p.14) aponta cinco elementos que tem características do tipo de sociedade que afeta o indivíduo hoje:

- a) *Materialismo*: faz com que um indivíduo obtenha certo reconhecimento social pelo simples fato de ganhar muito dinheiro;
- b) *Hedonismo*: viver bem a qualquer custo é o novo código de comportamento, o que significa a morte dos ideais, a ausência de sentido e a busca de uma série de sensações cada vez mais novas e excitantes;
- c) *Permissividade*: arrasa os melhores propósitos e ideais;
- d) *Revolução sem finalidade nem projeto*: a ética permissiva substitui a moral, o que engendra um desconcerto generalizado;
- e) *Relativismo*: tudo é relativo, o que leva a cair na absolutização do relativo, brotam, assim, algumas regras presididas pela subjetividade;

f) *Consumismo*: representa a fórmula pós-moderna da liberdade.

Dentre as realidades percebidas no contexto das regiões pastorais, destacam-se alguns desafios que estão presentes e que precisam ser objeto de reflexão e ação pastoral:

- a) *A valorização da pessoa*: a crescente valorização da subjetividade tem questionado cada vez mais o modo que as pessoas são recebidas, tratadas, acolhidas na comunidade e ninguém quer ser tratado como um desconhecido ou mesmo como alguém inferior, mas que seja reconhecida como sujeito, pessoa. Nasce então a urgência de uma boa acolhida em todos os sentidos e em todos os momentos. Muito mais do que exigências autoritárias é preciso dialogar! É importante mostrar caminhos, acompanhar, ter misericórdia;
- b) *Romper com a rigidez paroquial*: no mundo urbano, o ritmo dos trabalhadores, do comércio, das indústrias etc, é diferente do ritmo do mundo eclesiástico e eclesial. É preciso descobrir a urgência de criar serviços que atendam as pessoas no horário que elas precisam e podem. É preciso romper com os esquemas rígidos e muitas vezes ultrapassado que não dinamiza a vida pastoral;
- c) *Ir ao encontro*: nas regiões pastorais, há um grande clamor pela presença da Igreja. Na realidade a Paróquia tradicional se elitizou e fechou-se em si mesma, virando as costas para as pessoas. É urgente o ministério da missão e da visitação. A Igreja (comunidade) precisa ir para as casas, para os prédios e apartamentos. Para isso é preciso uma consciência profunda de que somos todos missionários e temos esta missão. Para que isso aconteça é preciso valorizar a presença dos leigos proporcionando uma formação sólida e permanente e em todos os sentidos;
- d) *Valorizar a comunidade como lugar das relações*: O mundo de hoje está desintegrado. As pessoas se perdem e não se encontram mais. Nasce a urgência de fortalecer os laços comunitários, os grupos de Família, os encontros de pastorais e movimentos que fortaleçam um projeto comum. Mais do que nunca hoje, a Igreja tem de ser de fato comunidade / paróquia. Este desafio talvez seja fundamental para salvar a Igreja do

isolamento e até mesmo do individualismo. É preciso voltar ao ideal dos primeiros cristãos;

- e) *Amor aos empobrecidos*: a Diocese de Lages é uma das mais pobres do Regional Sul IV. Isso se percebe claramente quando refletimos os problemas sociais e econômicos nas regiões pastorais. Por isso, a partir desse processo de empobrecimento do povo, a comunidade deverá ser a casa dos pobres como também a casa e escola de oração. Uma verdadeira evangelização deverá ter um amor forte e misericordioso como os pobres desta Região Pastoral como sinal de comunhão com Jesus Cristo e de conversão;
- f) *Priorizar as políticas públicas*: no contexto de êxodo rural presente nas Regiões Pastorais, cada vez é mais necessário uma inserção efetiva da Igreja nos conselhos de políticas públicas. A Igreja não está mais separada do mundo. Deverá tornar-se parceira na luta pública, política, influenciando o tecido social com sua mensagem e testemunho. Este clamor brota principalmente da realidade urbana com toda a sua complexidade;
- g) *Valorizar o ecumenismo na pastoral*: trabalhar pela unidade, acreditar no diálogo ecumênico é fazer acontecer uma nova face da Igreja de Jesus Cristo no mundo hoje! Esta é uma necessidade na ação evangelizadora no contexto diocesano. Não se percebe o ecumenismo presente na ação pastoral. Apesar de esforços no passado, hoje se percebe entre as lideranças e o clero um desconhecimento e até um descrédito dessa dimensão tão importante;
- h) *Viver a comunhão em torno de um projeto comum*: talvez um dos grandes males que enfrentamos hoje seja o individualismo. Isto não é diferente neste contexto diocesano, onde muitas vezes os projetos pessoais se sobressaem sobre os projetos diocesanos. Ser Igreja requer um processo contínuo de conversão em torno do projeto de vida plena que Deus nos propõe. Evangelizar hoje exige de cada pessoa uma profunda conversão a fim de que se assuma, antes dos projetos pessoais, um projeto de Igreja para todos. Isso requer um espírito de comunhão e de humildade, respeitando as características próprias de

cada realidade, mas buscando uma identidade comum. Por isso é importante descobrir que viemos para servir e não para ser servidos.

## 2.10 A FORMAÇÃO DO POVO DE DEUS

A formação cristã constitui um desafio constante. O cristão é interpelado a crescer sempre em sua fé no hoje de sua história, é uma exigência imprescindível. A vida cristã implica, necessariamente, uma formação. A graça de Deus, que foi recebida no batismo, deve ser cultivada e desenvolvida, para que o cristão adquira sua maturidade espiritual.

A formação cristã é permanente, pois deve acompanhar o batizado por toda a vida e se integre em seu amadurecimento integral. Por isso, o cristão é um ser humano completo. Por isso, deve cuidar bem de todos os aspectos de sua vida cristã. Ela cria unidade de conhecimento e de prática de fé. Os momentos de catequese nos períodos de criança, de jovem e de adulto não são estanques, mas complementares. Quando existe a formação contínua, não há a ruptura entre as diversas faixas etárias. Sendo assim, a formação cristã não só nos prepara para a vida de fé, mas também continua influenciando toda a nossa existência. Ele se processa durante todo o nosso desenvolvimento humano, social, cultural e religioso.

No campo da fé e da teologia, a formação maior resulta no amadurecimento do cristão como discípulo missionário de Jesus. Favorece mais a eficácia no apostolado. Proporciona mais envergadura em suas obras. Um cristão bem formado prestar melhor serviço à Igreja e consegue ter maior incidência no mundo.

### 2.10.1 A formação do clero

Segundo o informativo Pastoral Diocesana,

[...] a história do Seminário começa com a bula 'Inter Praecipuas' de 17 de janeiro de 1927, criando a Diocese de Lages. Nela se lê: 'Mandamos outrossim, que, logo que seja possível, se erija um Seminário Diocesano, pelo menos o menor, segundo as disposições do Código e Normas da Sagrada Congregação dos Seminários' (DIOCESE..., 1980, p. 53).

Na Diocese de Lages, o primeiro Seminário Diocesano começa em cinco de março de 1944, em Bom Retiro com o título de Pré-Seminário São Norberto, inicialmente, com 12 alunos, na época do preliminar e depois o início do ensino fundamental. Lá funcionou até 1945. Em 1946, foi transferido para a cidade de Lages, ainda num prédio provisório, enquanto o prédio definitivo estava em construção. Ali, funcionou durante três anos, sob a direção de Monsenhor Luiz Orth. Em quatro de março de 1950 as atividades se iniciaram apenas com uma parte da construção concluída. Lá o número de alunos já era maior, pois na época, os limites da Diocese de Lages chegavam até o oeste catarinense. De lá vinha a maior parte dos vocacionados. O prédio só foi inaugurado aos 26 de setembro de 1954, quando Dom Daniel Henrique Hostin, completou 25 anos de sacerdócio e durante as festividades do jubileu da criação da Diocese de Lages. É uma data histórica.

Atualmente a Diocese não conta mais com seminários em nível de ensino médio, mas apenas recebe jovens que concluíram o ensino médio que são devidamente acompanhados e ingressam no “Ano Propedêutico”, ano caracterizado como preparação e discernimento para o ingresso no seminário de Filosofia.

O Seminário de Filosofia, onde os seminaristas de Lages estudam, está localizado em Brusque-SC. O Seminário Filosófico de Santa Catarina (SEFISC) iniciou suas atividades em 1981, com sete estudantes de Filosofia da Diocese de Chapecó, ano em que foi construído o atual prédio. Desde seu início confiou-se o SEFISC aos cuidados e à proteção de Santa Catarina de Sena, Doutora da Igreja e Padroeira da Europa. Nascida em 1347 em Siena, na Itália, faleceu em 1380. A Igreja celebra a sua festa em 29 de abril. De 1974 a 1981 cada Diocese assumiu a seu modo e onde achava mais convenientes os estudos de nível filosófico. No SEFISC. Hoje residem os seminaristas da Filosofia das Dioceses de: Lages, Caçador, Joinville, Tubarão, Criciúma, Blumenau e Joaçaba.

Em nível de teologia, até o final de 1972, os seminaristas de teologia de Santa Catarina estudavam em Curitiba, no Paraná. Residiam no “Paulinum”, seminário que as Dioceses catarinenses haviam construído naquela cidade. Em outros tempos haviam estudado no Rio Grande do Sul na cidade de Viamão. No entanto, o crescimento populacional de nosso Estado, o aumento do número das Dioceses catarinenses e, em consequência, do número de seminaristas do curso de teologia, a criação do Regional Sul IV da CNBB, o anseio por uma teologia catarinense e o desejo de maior proximidade física dos seminaristas junto a suas Igrejas

Particulares, entre outros fatores, levaram o episcopado a decidir por um instituto de teologia em terras catarinenses.

Fundado em 10 de janeiro de 1973, o Instituto Teológico de Santa Catarina (ITESC), iniciou seu curso de Teologia, em Florianópolis, no mês de março desse mesmo ano. Até meados do ano de 2008 os seminaristas da Diocese de Lages residiam numa casa antiga, comprada pela Diocese.

Com a construção da nova casa, a partir de agosto de 2008 a Diocese de Lages passou a contar com uma residência ampla, moderna e que atende às necessidades de formação do clero diocesano, estando também aberta para acolher padres e lideranças para estudo, tratamento de saúde, etc. esta nova casa foi construída graças à generosidade de muitos benfeitores, tanto de Lages como do exterior.

A Diocese de Lages, através do Seminário Diocesano e do seu trabalho vocacional, já tem em sua história mais de dois mil alunos que passaram por lá, com cerca de 60 padres ordenados, entre os quais dois Bispos: Dom Oneres Marchiori, bispo de Lages e Dom Orlando Brandes, arcebispo de Londrina.

Segundo a Diocese de Lages (2010, p. 69) na Diocese de Lages o presbítero é chamado, no seguimento de Jesus Cristo, ao serviço dos irmãos e irmãs, especialmente dos mais empobrecidos, para a construção do Reino de Deus. Por isso precisa praticar a vivência de uma Igreja de Comunhão e Participação:

- a) Assumindo e acompanhando a caminhada dos Grupos de Família – CEBs;
- b) Convocando, promovendo e acompanhando o estudo formativo dos Conselheiros e Conselheiras;
- c) Investindo na formação sistemática e de qualidade de Lideranças Leigas;
- d) Investindo tempo na própria formação permanente, em suas quatro dimensões: humana, espiritual, intelectual e pastoral;
- e) Recuperando as raízes espirituais e místicas do seguimento de Jesus Cristo;
- f) Prosseguindo na missão do profetismo social da Igreja.

Com o passar do tempo o clero da Diocese de Lages se tornou cada vez mais heterogêneo. A presença das congregações religiosas já existiu desde os primeiros tempos da Diocese como já vimos nesta pesquisa, no entanto eles ainda se constituem como uma grande riqueza para a realidade eclesial de Lages, seja pela oportunidade de troca de experiências, seja pelo importante testemunho do carisma

da vida religiosa o qual são chamados a testemunhar. Por outro lado, pelo fato de estarem ligados as normas de sua Ordem, percebe-se uma certa dificuldade em assumir um projeto comum diocesano haja visto que as transferências são freqüentes para outras regiões do país e quase sempre não participam das instancias de decisão.

Nos últimos tempos, também se percebe um grande fluxo de seminaristas egressos de outros seminários e Diocese do Regional Sul IV e fora dele. Isso foi positivo em alguns pontos e ao mesmo tempo negativo em outros. Positivamente se destaca a renovação do clero que já se encontrava em uma media de idade avançada; o maior numero de padre para as comunidades que enfrentavam uma escasses de vocações; a contribuição em serviços pastorais carentes de agentes e de renovação. Por outro lado destaca-se negativamente a inserção de novas espiritualidades que não reforçam a caminhada de Igreja da Diocesede Lages; a formação de grupos antagônicos que gerou uma certa divisão do clero; a falta de identidade com o povo e a realidade serrana, o que reflete na vida pastoral.

Contudo é importante salientar que existe no clero um esforço conjunto de fazer acontecer a evangelização na realidade diocesana. Muitos sinais de conversão pastoral animam a caminhada da Igreja de Lages e sustentam a esperança de uma evangelização cada vez mais condizente com a prática de Jesus.

### **2.10.2 Centro de Formação Católica**

O Concílio Vaticano II foi uma “Boa Nova” para o laicato na Igreja. Ele despertou na Igreja um olhar diferente para este apostolado que nunca deixou de ser fundamental para a ação evangelizadora da Igreja. Segundo a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (n. 33), o apostolado dos leigos é a participação na própria missão salvífica da Igreja. Todos são destinados a este apostolado pelo próprio Senhor através do batismo e da confirmação. Segundo o Decreto *Apostolicam Actuositatem* em seu número três, sobre o apostolado dos leigos, o apostolado exercita-se na fé, na esperança e na caridade, virtudes que o Espírito Santo derrama no coração de todos os membros da Igreja. Contudo, a recepção destes carismas do Espírito confere a cada um dos fiéis o direito e o dever de atuar na Igreja e no mundo. Segundo o Catecismo da Igreja Católica (2000, p. 258) sem a



ação deste apostolado nas comunidades eclesiais, o apostolado dos pastores não pode obter o seu pleno efeito.

Neste espírito, a partir de um desejo dos bispos, especialmente Dom Afonso Niehues, então bispo auxiliar de Lages, surgiu a ideia de se construir uma casa que servisse para retiros, encontros e cursos diversos para a formação principalmente dos leigos. Antes, os encontros realizados na Diocese de Lages, tanto em nível regional ou local, eram realizados no seminário diocesano ou no Colégio Santa Rosa de Lima. O objetivo desta construção era:

- a) Ter um local adequado para cursos intensivos;
- b) Formação de lideranças e agentes de pastoral, o ano todo.

Em julho de 1964 foi apresentada a planta do primeiro projeto. Em 1965, 1966 e 1971 ficaram prontas a primeira, segunda e terceira ala respectivamente.

No entanto, mesmo sem ter sido terminadas as obras, dia 16 de novembro de 1969 deu-se por inaugurado o Centro de Formação Católica de Lages, que na época buscava ser um local não só de formação mas também um espaço para: descansar, alimentar, rezar e estudar.

Nos dias atuais o Centro de Formação Católica continua sendo um espaço de acolhida e de formação a nível local e regional. Também é um espaço aberto para outros segmentos da sociedade que desejam usufruir o espaço para suas respectivas formações e encontros.

### **2.10.3 O Instituto Teológico Pastoral de Lages (ITEPAL)**

O Instituto Teológico Pastoral de Lages (ITEPAL) foi uma escola de formação de lideranças leigas sob a responsabilidade da Diocese fundada em 1981. Já há muitos anos, às quintas-feiras à noite, reúne leigos oriundos principalmente de paróquias da cidade, tendo aí oportunidade para formação bíblica, metodologia pastoral, moral, instrumentos de análise de realidade e eclesiologia.

Com o lema “Educação a Serviço da Vida e da Esperança”, o ITEPAL tem como principal objetivo motivar as lideranças leigas para que vivam e promovam uma Espiritualidade Participativa, Ministerial, Missionaria, Celebrativa, Ecumênica e Sócio-transformadora para a unidade dos ministérios e serviços através de



conteúdos, metodologia e engajamento na vida da comunidade. Tudo isso para fortalecer as prioridades da Igreja diocesana:

- a) Grupos de Família para uma Igreja Comunidade Eclesial de Base;
- b) Participação nos Conselhos Pastorais Comunitários e de Políticas Públicas;
- c) Partilha do Dízimo como forma de manutenção do projeto pastoral.

Pode-se afirmar que a maior parte dos animadores e animadoras da vida pastoral da Diocese de Lages teve alguma passagem por esta escola.

#### **2.10.4 O Conselho Diocesano de Leigos e Leigas**

Na Diocese de Lages, o Conselho Diocesano de Leigos e Leigas assiste o Bispo e a Diocese em todas as questões relacionadas às contribuições que podem dar à vida e à missão da Igreja, seja como pessoas, seja nas diferentes formas de associações eclesiais. O Conselho de Leigos e Leigas tem sua fundamentação na Tradição e no Magistério de nossa Igreja na proposta formulada no Concílio Vaticano II. Compete-lhe animar os leigos, promover a integração entre pastorais e movimentos no caminho do mesmo projeto pastoral diocesano; fortalecer a formação permanente e de qualidade dos fieis leigos, a fim de participarem na vida e na missão da Igreja do modo que lhes é próprio, quer como pessoas, quer como membros de associações. Sua missão peculiar é permear com o espírito evangélico a Sociedade, no testemunho da Igreja, para a construção de um mundo sem exclusões, justo, fraterno e solidário, sinal do Reino definitivo.

Para Libânio (2005, p. 182), a partir do Concílio Vaticano II,

[...] o caminho foi que as opções e prioridades pastorais, as decisões mais importantes para a vida da Igreja passassem a ser tomadas nas assembleias do povo de Deus, em que participam o bispo, padres, religiosos, religiosas e representantes das comunidades. [...] Em resumo, o futuro da Igreja e a Igreja do futuro dependerão da vitalidade da participação dos leigos.

Tendo consciência da importância do protagonismo dos leigos e leigas na Igreja e sua necessidade enquanto explicitação prática dos ideais do Concílio Vaticano II, a Diocese de Lages assume o compromisso de promover, articular e fortalecer a formação deste Conselho em nível Diocesano, em comunhão com a

CNBB-Regional Sul IV. A Conferência de Aparecida reconhece o valor e a eficácia dos Conselhos Diocesanos de Leigos e Leigas, “porque incentivam a comunhão e a participação na Igreja e sua presença ativa no mundo. A construção da cidadania, no sentido mais amplo, e a construção da eclesialidade dos leigos, é um só e único movimento” (cf. CONSELHO..., 2007 p. 215).

O Vaticano II deu grande ênfase às lideranças leigas, abriu as portas para que os leigos cristãos pudessem agir... E os leigos começaram a aparecer. “O leigo cristão até hoje no Brasil (não só em Lages), não conquistou nem descobriu seu espaço próprio” (DIOCESE..., 1984, p.42).

### **2.10.5 O Instituto São João Batista Viane**

O caminho pedagógico proposto pelo Instituto São João Batista Viane fez história na região serrana de Santa Catarina desde meados da década de 40. Fundado em 22 de março de 1945 para atender as necessidades de escolarização dos candidatos ao Seminário Diocesano de Lages, recebeu este nome como homenagem ao padroeiro do clero diocesano, São João Batista Viane (1786-1859), também conhecido como Cura d’Ars. A missão de contribuir na formação intelectual dos seminaristas perdurou até o final da década de 70, quando iniciou um processo de abertura para estudantes das comunidades próximas, desvinculados do seminário. Desde então, foi se consolidando na cidade de Lages como uma alternativa de ensino de qualidade e mais acessível às populações empobrecidas.

Como escola da Diocese de Lages, o Instituto Viane buscava inserir-se, em sua prática educacional, no contexto das Diretrizes e Orientações da Ação Evangelizadora da Diocese, primando por um ensino que se pautasse na busca da inclusão e da construção de uma sociedade justa e fraterna, conforme requer o Evangelho.

Educar “para” e “no” exercício da cidadania ativa era o horizonte de todas as práticas pedagógicas do Instituto São João Batista Viane durante muitos anos de sua existência. A busca de uma identidade própria para o estabelecimento de ensino iniciou em meados da década de 90 e, ao longo deste caminho, percebeu-se um crescimento de convicções e opções. De outro lado, novos desafios se

apresentaram e, por eles, educadores e estudantes foram cotidianamente a buscar o novo.

O padre José Roberto Moreira, último diretor do Instituto Vianey, afirma que

[...] nos últimos tempos, a concepção pedagógica da escola deixou-se interpelar por novas questões, tais como: a inclusão, o respeito às diferenças, a gestão participativa, os processos de avaliação, a definição de conteúdos, projetos e materiais didáticos, a resolução não-violenta dos conflitos, entre outros (MOREIRA, 2014)<sup>8</sup>

Com certeza isso significou a abertura de um horizonte fundamental que deu à Escola um papel fundamental na formação de pessoas conscientes de sua missão na Sociedade e principalmente a consciência do que significa ser um Cristão ou uma Cristã autêntica.

Estas questões eram relativamente novas, no entanto fortaleceram uma concepção de educação cidadã que a Escola vinha desenvolvendo historicamente. Sendo assim, o Instituto Vianey buscou re-afirmar, em sua prática pedagógica, sua posição crítica diante da realidade e contribuiu para a formação não só de tantos outros futuros profissionais de outras áreas, mas para a formação de futuros clérigos e agentes de pastoral comprometidos com uma sociedade “cidadã” ou seja, democrática e inclusiva.

Mesmo a proposta educacional feita pelo Instituto Vianey sendo de fundamental importância para a Diocese e para a sociedade da época, em março de 2006, depois de várias reflexões acerca do assunto, o Instituto foi fechado devido principalmente a falta de número de alunos necessários para sua manutenção e funcionamento.

Como toda a responsabilidade de administração e manutenção estava a cargo da Diocese de Lages, refletiu-se que seria um ônus que a Diocese não poderia arcar devido as suas condições econômicas. No entanto, certamente o Instituto São João Batista Vianey foi um órgão que exerceu historicamente um papel importante na vida Eclesial e Social do município de Lages e da Região Serrana.

---

<sup>8</sup> José Roberto Moreira é presbítero da Diocese de Lages e por muitos anos foi diretor do Instituto Vianey.

### 2.10.6 O Jornal Caminhada

De acordo com Serpa (1997), entre os planos articuladores pela Igreja, visando sua expansão e estabelecimento nas regiões interioranas, estava incluída a instauração de um sistema jornalístico religioso, um veículo que possibilitasse uma maior difusão do ideário preconizado.

A criação de uma linha de imprensa católica estava inclusive, entre as determinações estabelecidas por Roma através do Concílio Plenário Latino-Americano, realizado em 1899. Serpa cita as palavras do bispo de Curitiba Dom José de Camargo Barros, em 1900, mostrando como a questão foi de importância para os dirigentes eclesiásticos:

É uma obra recomendada pelo Papa Leão XIII a partir do Concílio Plenário Latino-Americano, é um instrumento hábil para a propagação da fé, das verdades católicas, desperta a simpatia pela religião, propaga por todas as partes os feitos da igreja e da religião e combate a imprensa ímpia (SERPA, 1997, p.118).

Por seguinte, as práticas religiosas que destoavam do catolicismo europeizado não eram o único alvo destas ações, as idéias políticas veiculadas nos jornais leigos, que desagradassem ou discordassem da Igreja, também seriam visadas. Assim, no início do século XX, a pacata Lages presenciou a formação de tenso palco ideológico, onde aconteceriam acirradas discussões entre jornalistas religiosos e leigos. Alguns autores citam as disputas entre os jornais divergentes, ocorridas durante a primeira década do século passado, como um marco desta empreitada da igreja católica na região.

Entre os protagonistas daquele efervescente cenário estavam, de um lado, o frei Pedro Sinzig (1876-1952), um frade franciscano que estava trabalhando na então paróquia de Lages, e de outro, personagens ligados a política, à intelectualidade e as famílias tradicionais, como o jornalista e político Manoel Thiago de Castro, figura importante na Lages na passagem do século XIX para o XX.

O nome do frei Pedro Sinzig está associado ao surgimento de dois órgãos de imprensa neste período: o Cruzeiro do Sul, o primeiro jornal católico da cidade, e a revista Sineta do Céu. Ambos entraram numa árdua disputa de espaço com outras publicações jornalísticas já presentes na cidade. Em 1902, Sinzig chegou a cidade,

além de assumir os cargos de Guardião do Convento Franciscanos e de Vigário da Paróquia de Lages o frade fundou o hebdomadário *Cruzeiro do Sul*, no qual iniciou sua carreira jornalística, trabalhando como editor e redator. A *Sineta do Céu* viria no ano seguinte, dando reforços as idéias apregoadas pelo jornal.

De acordo com Costa (1982), os órgãos católicos teriam surgido para combater as idéias veiculadas por outros periódicos, especialmente o jornal *O Imparcial*, ferrenho opositor político e Ideológico do *Cruzeiro*, que tinha Thiago de Castro com um de seus colaboradores. Segundo Serpa (1997), frei Pedro teria interrompido a publicação do *Cruzeiro do Sul* em 1905, devido às repetidas rugas entre ele e os redatores de *O Imparcial*, e por ter encontrado grande resistência as idéias religiosas por parte das instituições representadas pelo jornal de Thiago de Castro: o poder político e as idéias do liberalismo, a maçonaria, as famílias da elite (ou de uma parte da elite cujo os interesses não eram compatíveis com os da igreja).

Depois que o frei Pedro Sinzig foi transferido para Petrópolis, a imprensa católica passou por alguns anos de inatividades, mas voltou à plena ação através jornal semanário *Guia Serrano*, cujo primeiro número circulara em Lages em 7 de março de 1937 com o título “Christo e o Comunismo” em destaque. A publicação, assim como o *Cruzeiro*, foi fundada por frades franciscanos e surgiu como continuação da corrente jornalística iniciada por Frei Pedro. Considera-se que o *Guia Serrano* teria sido o próprio *Cruzeiro do Sul* ressurgido com outro nome. O novo jornal foi mantido em funcionamento até 1972.

Enquanto subsidio pastoral da Diocese de Lages, foi a partir de 1969, que Dom Honorato Piazero, então bispo diocesano, incentivou a edição mensal do periódico “Pastoral Diocesana” órgão oficial do Secretariado Diocesano de Pastoral. Servindo de informativo às paróquias e lideranças de base, teve 16 anos de funcionamento com 140 numeros editados (CAMINHADA, 1986d, p. 5).

No dia 20 de dezembro de 1985 foi lançado o primeiro numero do *Jornal Caminhada*, que substituiu o antigo periódico e até hoje é um dos principais meios de formação e informação de lideranças na Diocese. Este jornal surgiu para ser um órgão publicitário mais popular e que atingisse mais pessoas na Diocese. Na esteira do Concilio Vaticano II, a carta de apresentação do jornal *Caminhada* tinha algumas pretensões bem claras:

Vai ser um ótimo meio de informação da caminhada pastoral da Igreja da Diocese de Lages. É também um meio de formação que nos ajudará a entender melhor como podemos ser cristãos na realidade na realidade em que vivemos. 'CAMINHADA' é o jornal para os Grupos de Famílias, operários, agricultores, jovens, catequistas, ministros, religiosos, padres... Enfim, é o jornal para os cristãos e pessoas de boa vontade que estão comprometidas com a transformação do mundo. 'CAMINHADA' está nascendo no Natal de 1985. Certamente com as bênçãos de Deus e a proteção de nossa Mãe, Maria (CAMINHADA, 1985, p. 3).

Esses objetivos foram buscados em todas as edições posteriores do referido jornal. Desde a sua primeira edição ele de verdade vem sendo um dos principais meios de formação de lideranças da Diocese de Lages. Com um conteúdo que engloba variados temas tanto de relevância eclesial quanto da sociedade civil, o Caminhada tem um alcance significativo principalmente nas comunidades do interior através dos Grupos de Família, como era seu objetivo inicial.

Em entrevista cedida a Costa, Padre Henrique comenta como foi o surgimento do jornal A Caminhada que veio para embasar os encontros dos grupos e da catequese na Diocese de Lages:

[...] naquele período de 77/78 ainda não se falava em CEB's, em Lages. A partir das capelinhas de Nossa Senhora, que passavam de casa em casa, coordenadas por uma senhora que era a zeladora, lideranças da igreja tomaram a iniciativa de criar a 'Folha do Mês', onde se expunha um tema para se pensar e se convidavam as famílias para, durante o mês, debater sobre aquela realidade. As pessoas passaram a se reunir nas residências, refletindo sobre o determinado tema (COSTA, 2008, p. 52).

Nos dias atuais, são mais de dez mil assinaturas espalhadas em todas as paróquias da Diocese e fora dela. O objetivo não é outro senão ser um instrumento de evangelização, levando a todas as pessoas o conhecimento da realidade em que se vive enquanto Igreja e sociedade, sempre iluminada pela Palavra de Deus.

## 2.11 A DIOCESE DE LAGES NO REGIONAL SUL IV DA CNBB

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), criada em 1952, é a instituição permanente que congrega os Bispos (diocesanos, auxiliares e titulares) da Igreja Católica no País, na qual, exercem algumas funções pastorais em favor de seus fiéis e procuram dinamizar a própria missão evangelizadora. Tudo isso para melhor promover a vida eclesial, responder mais eficazmente aos desafios

contemporâneos, e realizar evangelicamente seu serviço de amor, na edificação de uma sociedade justa, fraterna e solidária, a caminho do Reino definitivo.

A CNBB possui 17 regionais em todo o país, entre eles, a CNBB Regional Sul IV, que abrange as dez Dioceses da Província Eclesiástica de Santa Catarina e nasce na esteira do Vaticano segundo e no influxo das Conferências Episcopais do CELAM. Sendo instância de reflexão, articulação e deliberação no que se refere ao agir pastoral, a finalidade do regional Sul IV é:

- a) Animar, articular, orientar e subsidiar a pastoral orgânica;
- b) Ser o elo entre a CNBB e as Dioceses;
- c) Manter economicamente a sua ação pastoral;
- d) Homologar regimentos e estatutos.

Para implementar as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja, existem algumas estruturas fundamentais de comunhão eclesial, os organismos de articulação da ação pastoral: Conselho Episcopal Regional (CONSER); Assembleia Regional de Pastoral (ARP); Conselho Regional de Pastoral (CRP); Secretariado Executivo, com sua Equipe de Coordenação Pastoral; Articulação das Pastorais Sociais e Coordenações de pastorais, movimentos e organismos e as Coordenações Diocesanas de Pastoral.

Com o objetivo de dar maior organicidade e dinamicidade ao planejamento e ao acompanhamento de sua execução, constituem-se Comissões de Pastoral, que congregarão os serviços do Regional, com Bispos a sua frente.

Até 1969, as Dioceses da província eclesial de Santa Catarina faziam parte da CNBB Regional Sul 3 (Rio Grande do Sul). A CNBB Regional Sul 4 foi instalada no primeiro dia útil de 1970. Dom Afonso Nehues foi eleito presidente, o que se repetiu sucessivamente até 1986. A sua primeira sede foi um prédio cedido pela Arquidiocese no centro de Florianópolis.

Os anos seguintes foram de organização e fortalecimento das Dioceses, pastorais, organismos e serviços como um regional. Um trabalho mais voltado para dentro da própria organização.

Nos anos 1980, diversas decisões criam ambiente para o fortalecimento do trabalho de base além do protagonismo dos leigos em novas frentes de evangelização com o viés libertador previsto no objetivo desde 1980. Aquela década dá início a uma importante novidade, o “planejamento participativo”. Caminhada (1987a, p. 5) afirmava que

[...] o objetivo do Regional era despertar todo o homem, e o homem todo para uma vida de Igreja, onde cada um assuma a missão de anunciar o Reino pela Palavra, pela celebração do Mistério Cristão, na vida, pelo testemunho, através de uma evangelização libertadora que leve à comunhão e participação.

O mesmo jornal explicitou que a concretude deste objetivo foi buscada através do fortalecimento de prioridades consideradas importantes no contexto do regional, tais como:

[...] a formação das CEBs, a formação de agentes de pastoral; A pastoral social: CPT, CPO, pastoral da juventude, pastoral da saúde; A família, as vocações, apoio aos movimentos populares: Sem terra, atingidos por barragens, mulheres agricultoras, movimentos ecológicos (CAMINHADA, 1987a, p. 5).

Em 1995, a CNBB Regional Sul 4 muda-se para a nova sede, alugada da Fundação Dom Jaime de Barros Câmara, em Florianópolis, junto ao Instituto Teológico de Santa Catarina (ITESC). Mais de duas dezenas de pastorais e organismos já atuavam em âmbito regional.

A prioridade no início dos anos 2000 foram os Grupos de Reflexão/Família, o que incluiu a realização de seminários sobre o tema. No entanto, segundo Wolff (2013, p. 117),

[...] atualmente, os GR-F, que foram 'prioridades' em muitas Dioceses e paróquias até os anos 90, não recebem mais a mesma atenção pastoral. Em muitos lugares deixaram de existir aqueles pequenos grupos que se encontravam, semanalmente, para refletir e rezar os fatos da vida à luz da Palavra de Deus.



### 3 PERFIS ECLESIOLÓGICOS DA IGREJA DE LAGES

Neste capítulo trataremos sobre os perfis eclesiológicos que estão presentes na Diocese de Lages. Durante os quase 90 anos de criação da Diocese de Lages e os anos que antecederam este fato, muitas foram as formas de viver a fé neste contexto específico. De forma especial ressaltamos a religiosidade popular, principalmente em um contexto marcadamente rural e com pouca presença de ministros ordenados. Destacamos aqui também o conflito do Contestado que, mesmo sendo um conflito com fortes motivações sociais, tinha como principal motivador a religiosidade popular vivida naquele contexto. A partir disso, apresentaremos o processo de romanização e suas implicações para a vida da Igreja até chegarmos ao Concílio Vaticano II estabelecendo as principais características de sua proposta para a Igreja contemporânea. Neste contexto, na Diocese de Lages, apresentaremos os Grupos de Família – CEBs como eclesiologia principal que melhor exprime as intuições do Concílio Vaticano II.

#### 3.1 A RELIGIOSIDADE POPULAR, A ROMANIZAÇÃO E A IGREJA DO VATICANO II

Santa Catarina é um Estado de grande riqueza cristã, tanto pela intensidade de vida quanto pela variedade de formas. Numa primeira fase, confluíram no cristianismo catarinense a extrema religiosidade dos indígenas carijó/guarani, do xokleng, do negro, do bandeirante paulista e do imigrante açoriano. Estas vertentes de fé abrangem sua história até o século XVIII.

Os índios são religiosos, de uma religiosidade não sacerdotal, não possuindo templos nem culto, penetrando todas as coisas, a ponto de ser chamado de animista: em tudo há alma, Deus está em tudo e em cada coisa, é sagrada a realidade. Os primeiros missionários – franciscanos e jesuítas – ficaram impressionados com o interesse e o fervor religiosos dos habitantes desta terra.

Os bandeirantes paulistas, fundadores de São Francisco do Sul, Desterro-Florianópolis, Laguna e Lages trouxeram a religiosidade portuguesa medieval, marcada pelas procissões, devoções, de modo especial pela devoção à Paixão do Senhor, a Nossa Senhora e pelo Espírito Santo, sendo esta última, através das

chamadas “Bandeiras do Divino”. A comunidade religiosa, como em todo o Brasil, se formou dentro das Irmandades leigas.

Os negros trazidos da África, inseridos na religiosidade católica de santos, cantos e devoções, foram capazes de recriar um rico cristianismo onde os orixás/santos, cantos/danças, ritos/devoções puderam conviver ordenada e alternadamente. Num espírito incompreensível à lógica católica oficial, tornaram possível ser ao mesmo tempo católicos e africanos, alternando respeitosa e frutuosa as duas vivências. Estas duas expressões religiosas foram as mais determinantes no contexto da região serrana.

Na região serrana, grande parte da população é de origem “cabocla”, ou mesmo os que não são caboclos, compartilham diversos elementos de sua cultura, seu modo de vida e de expressão. Infelizmente essa riqueza cultural cabocla não é valorizada em sua diversidade como deveria ser. Sua forma de pensar, suas concepções acerca do mundo e a riqueza de sua mitologia não é explorada pelos estudiosos das ciências sociais e humanas. A própria definição da palavra “caboclo” já exige um debruçar-se sobre o tema e um desafio a ser explorado.

Para Ribeiro (1988, p. 91), podemos definir o indivíduo caboclo como

[...] o não-descendente de italianos, alemães ou poloneses etc. Ele é o ‘brasileiro’ como pejorativamente é qualificado. Descendente de europeu cruzado com bugres e alguns negros, e depois casando entre si, o caboclo está presente por todo o estado, mas predomina nas regiões de colonização não-europeia do século passado e início deste.

De forma geral, o caboclo é visto como sinônimo de pessoa passiva nas relações na sociedade, como gente ignorante e que não se interessa em progredir economicamente. Ao mesmo tempo, desponta também os atributos de “coragem”, “força” e “desconfiança” como marcas de sua personalidade, mesmo que, historicamente, se negue a importância da sua presença na construção da identidade do indivíduo serrano como tal.

Segundo Peixer (2002, p. 43) é preciso compreender todo o universo social e cultural do caboclo para se poder definir sua identidade, por isso é preciso pergunta-se: o que é ser caboclo? Etimologicamente seriam os indivíduos que vivem nos rincões, no campo, em um determinado isolamento geográfico. Outra definição é sobre a origem deste caboclo, ser mestiço de branco e índio. Entretanto esses

conceitos são muito rígidos e limitados para dar conta da riqueza, da imensidão e da diversidade do mundo caboclo. Diversidade de hábitos, diversidade de espaço e, principalmente diversidade de origem. Pode-se pensar o mundo caboclo, mas somente a partir de um entendimento do que é sua cultura, como esses grupos articulam sua identidade, internamente e no relacionamento com outros, não deixando de perceber como essas identidades foram sendo construídas historicamente, num constante processo de reelaboração.

Dentre os vários aspectos da riqueza cultural do jeito de ser e viver do caboclo, destaca-se sua vida de fé ou religiosidade. Na região serrana as práticas religiosas populares sempre estiveram arraigadas na vida do caboclo e ainda hoje continuam presentes ainda que em meio ao catolicismo oficial.

### **3.1.1 A religiosidade popular**

No contexto dos primeiros tempos do século XVIII, expressou-se na então “Paróquia de Lages”, um Catolicismo de cunho popular. As manifestações religiosas, os cultos e as crenças partiam da intuição da fé afro-luso-brasileira ou cabocla, obedecendo à cultura própria da região e à resistência do povo empobrecido. A origem dessa forma religiosa deve ser buscada no catolicismo popular vindo da fé africana, indígena e das pessoas que acompanharam os colonizadores portugueses. Segundo Brighenti (2001, p. 15)

[...] na América Latina, o catolicismo popular é o resultado da transposição da religiosidade ibérica pré tridentina e da ulterior marca tridentina, marca esta levada a cabo pelo processo de romanização no século XIX, na perspectiva da Contrarreforma.

As principais manifestações religiosas eram as festas do Divino Espírito Santo, de Nossa Senhora dos Prazeres, de Santa Cruz, Senhor Bom Jesus e Nossa Senhora do Rosário. A vida religiosa da população cabocla sempre foi caracterizada por muitas devoções.

Nesta religião de poucos padres, não faltavam ministérios, como parteiras, benzedeiças, puxadoras de rezas, capelães, festeiros, curandeiros e curandeiras, penitentes, cantadores, cuidadores de capelas e de cemitérios. No catolicismo popular, o leigo assumia um papel importante. Ele muitas vezes construía com seus

próprios recursos a capela, escolhia o santo padroeiro da comunidade e dirigia as festividades. A seu encargo muitas vezes estavam as práticas religiosas, como por exemplo a condução do “Culto” ou também a tarefa de contratar e se necessário demitir o capelão ou puxador de reza.

Dentro desse contexto de catolicismo popular, a devoção aos santos tinha uma importância fundamental. No imaginário do fiel daquela época, a figura do Santo ou Santa, era um mediador em potencial junto a Deus sempre que se invocava sua proteção ou se pedia uma Graça especial. Era muito comum as pessoas carregarem imagens ou estampas dos santos de sua devoção e em quase a totalidade das residências eram encontrados altares ou grutas em honra a determinado santo. A estes santos eram atribuídos muitos milagres e a eles se destinavam momentos de orações em família.

Serpa (1997, p. 52) explica que

[...] os santos eram encarados ao mesmo tempo como pessoas e espírito divino. Dotados de poderes sobrenaturais, tinham condições, no imaginário das pessoas, de interceder junto a Deus no sentido de resolver seus problemas existenciais: de ordem material e/ou espiritual. Muitos deles tinham áreas específicas de atuação, ou seja, atuavam de acordo com sua especialidade.

As relações entre o fiel e o santo davam-se de diversas formas. A mais importante e usada era a prática da “promessa” feita ao santo pedindo alguma Graça, que deveria ser paga sob pena de receber um castigo pela falta cometida. As promessas eram feitas através das novenas feitas honra ao santo de devoção e também das festas que aproximavam os fiéis de seus santos. Dentro do catolicismo popular tudo o que acontecia no cotidiano da vida era resultado da vontade de Deus. Sucessos e frustrações eram explicados como desígnios divinos para o ser humano.

Além da “promessa”, outra expressão do catolicismo popular era a benzedura. A benzedeira e ou benzedor, tinha um status de mediadores humanos junto aos santos. Faziam uso de orações e símbolos inerentes ao catolicismo e a eles se creditava a cura de pessoas e animais de diversos males.

A prática do catolicismo popular dava-se também em oratórios feitos nas residências, onde principalmente os pobres colocavam a imagem do santo pedindo proteção à sua família. No entanto, segundo Serpa (1997, p. 54) “já nas fazendas, existiam oratórios mais arrojados, com imagens do santo de devoção da família do

fazendeiro que reunia a família, os escravos e agregados para prestar o culto ao santo”.

Como já percebemos, a devoção aos santos, festas, novenas, promessas e benzeduras eram elementos fortes do catolicismo popular e se caracterizavam pelo seu caráter festivo, uma junção do sagrado e do profano e com a mínima interferência da hierarquia eclesiástica.

Nas vilas e cidades, em Santa Catarina, além da igreja dirigida por um vigário de paróquia, existiam as Irmandades e as Ordens Terceiras que eram dirigidas e controladas por leigos e reconhecidas pelo poder temporal e eclesiástico. As irmandades e ordens terceiras eram responsáveis pela manutenção da capela, cultuavam o santo escolhido como patrono, organizavam festas e praticavam a caridade, dando assistência aos pobres. No entanto, no planalto serrano, não há registros da participação de irmandades em qualquer atividade religiosa importante ao contrário do litoral onde se destacaram.

Na região serrana se destacaram a participação de leigos, principalmente da elite local, nas procissões e na organização das festas religiosas como a Festa do Divino Espírito Santo e a Festa de Nossa Senhora dos Prazeres. Com uma realidade fundamentalmente rural, a vida coletiva era reduzida a momentos de encontros sociais que aconteciam principalmente nas festas religiosas e nas eleições.

Para Serpa (1997, p. 64-65) estas festividades possuíam um caráter muito mais profano do que religioso, por isso

[...] no dia da festa, os fazendeiros saíam de suas fazendas ostentando luxo e riqueza e dirigiam-se às festividades em que o padre ocupava posição secundária, administrando sacramento do batismo aos afilhados dos fazendeiros e estes, por sua vez, viam-se na obrigação de conduzir com requinte a festa, muitas vezes perturbada por entreveiros. Era na verdade uma festa profana, em que o religioso mesclava-se ao social e pouco ou nada significava. No momento, homens e mulheres se reuniam com o objetivo de fazer um conagração social. O pobre observava com espanto e admiração o brilhantismo e o luxo demonstrado pelo fazendeiro ou comerciante, e este fazia o possível para demonstrar seu poderio econômico, consumando sua imagem, perante a população, que transfigurava-se em homem generoso.

Visto de uma forma mais profunda, as festas religiosas e as procissões acabaram se tornando momentos onde as elites dirigentes locais faziam suas aparições ao público como idealizadores, tendo em vista que a igreja era

praticamente inexpressiva naquele contexto e o aspecto devocional se confundia com o social.

Os pobres ou caboclos que viviam condições extremas de vida, viviam nas áreas rurais e possuíam formas próprias de viver sua religiosidade. A terra era abundante, mas estava nas mãos de poucos. O analfabetismo era muito grande e as famílias viviam do mínimo possível para sobreviver, seja através de uma agricultura de subsistência, seja da caça, ou do trabalho quase que escravo na extração da erva-mate. Dentro desse contexto, o caboclo pobre vivia uma forma de ser, viver e crer próprios. Sua devoção não seguia os ditames das normas doutrinárias da Igreja até mesmo pelo fato de não conhecê-las.

Segundo Cabral (1979, p. 98), a vida do caboclo pobre estava eivada de devoção a santos, fazendo promessas a São João Batista, que andava vestidos de peles, com um cordeirinho no colo e bandeirolas no ombro. São Sebastião, o guerreiro, era o santo protetor contra as pestes e as doenças. São Benedito que, enquanto homem de cor preta, conseguia alçar-se ao altar. O Divino Espírito Santo pelo seu poder infinito. Santa Barbara e São Gerônimo eram invocados nas trovoadas e tormentas, contra o mandado que tantas vítimas fez aos descampados, e ainda, entram no hagiológico do caboclo a devoção a São Cosme e Damião, São Roque, Santo Ambrósio, São Bom Jesus de Iguape e São Jorge.

As orações do caboclo tinham relação direta com a situação que o mesmo estava vivendo. Em suas orações pedia a melhora de sua situação de vida, seja nos casos de doença, na proteção contra os possíveis inimigos ou contra as tentações do Maligno.

A participação nos sacramentos, em geral, era quase que inexistente, principalmente devido à ausência de padres em toda a região, de forma especial, antes da chegada dos Franciscanos à região de Lages. Devido a essa escassez, quando havia festas com presença de algum padre, administravam-se em massa os sacramentos. Para Cairns (2008, p. 384), o catolicismo popular é uma fé viva bem distante dos ritos oficiais da Igreja.

Existe aqui uma peculiaridade com relação ao sacramento do batismo que dava ao pobre a possibilidade de tornar-se compadre de um fazendeiro rico. Nesta relação de “compadrio” em troca de obediência e fidelidade, o pobre recebia do fazendeiro a proteção e a oportunidade de tornar-se amigo de alguém que exercia certo poder na sociedade. Neste sentido, o batismo tinha uma conotação mais social

que religiosa e nesta relação de “amizade” e compadrio se escondia um profundo abismo entre ricos e pobres.

### 3.1.2 O Contestado e a questão religiosa<sup>9</sup>

Segundo Gil Filho (2007, p. 207), “a religião foi apreendida como produto da prática humana e como expressão da cultura religiosa em um campo de motivações materializadas na paisagem”. Por isso, a idéia de sentimento religioso constitui um dos mais complexos anseios que fundamentam a essência do ser humano, visto que “o homem no seu processo de adaptação com o meio marca a terra a partir de seu pensamento, atribuindo sentido às realidades naturais e sobrenaturais” (GIL FILHO, 2007, p. 207-208). Este sentimento independe da inteligência, da razão, da cultura e de outros elementos que compõem a formação humana, pois:

A prática religiosa se apresenta como um fenômeno da cultura humana inspirada na busca da transcendência ou imanência [...] no plano social as religiões se expressam na práxis de um sistema ético suscitado pelos valores religiosos. Assim, no campo religioso, respondem direta ou indiretamente a motivações éticas (GIL FILHO, 2007, p. 210-211).

Podemos dizer existiu, de um jeito próprio, um jeito de crer e viver proposto pelo monge e que foi levado a sério pelos caboclos da época, tanto que ele era chamado de “São João Maria” e invocado nas mais diversas situações da vida. Segundo Karsburg (2012, p. 85),

[...] o Monge João Maria, considerado santo por milhares de pessoas, é venerado há mais de um século no sul do Brasil. Dezenas de oratórios espalhados do Paraná ao Rio Grande do Sul, principalmente no planalto catarinense, são a prova material da fé popular neste santo milagreiro.

---

<sup>9</sup> A Guerra do Contestado marcou profundamente o planalto serrano. Ela foi um conflito social, ocorrido nos planaltos catarinense e paranaense entre 1912 e 1916, que colocou de um lado Coronéis, fazendeiros, governo e, de outro lado, posseiros, pequenos lavradores, ervateiros, tropeiros e agregados. Tokarski (2002, p.153) define a Guerra do Contestado dizendo que A antiga questão de divisas entre o Paraná e Santa Catarina (incluindo disputas pela posse de terras ricas em erva-mate e araucárias e a ausência governamental no território disputado), a presença do capital internacional representado pela ferrovia São Paulo - Rio Grande, através da empresa Brazil Railway e pela madeireira Southern Brazil Lumber & Colonization Company; os conflitos fundiários decorrentes da implantação da ferrovia; o sistema de estratificação social centrado no coronelismo sertanejo e o sistema econômico regional pautado no extrativismo florestal, além de outras secundárias foram causas decisivas para a deflagração da Guerra do Contestado.



Canonizado pelo povo, até o momento não foi reconhecido pela Igreja Católica, o que não minimiza sua importância para o fiel que reserva lugar especial para ele em seus altares domésticos. As histórias de façanhas, milagres, aparições e profecias – histórias, aliás, sempre atualizadas e ressignificadas – servem como elementos de consolidação da crença, fazendo com que o ‘Monge João Maria’ seja lembrado e reverenciado por tantos e há tanto tempo em uma extensa região do Brasil Meridional

Cabral (1960, p. 63), sustenta que João Maria de Agostini era italiano nascido em 1801. Não há muitos registros do seu passado nem quando chegou ao Brasil. O que se tem é que esteve no Pará, viajou para o Rio de Janeiro por volta de 1844 e depois para São Paulo. Diz-se que era solteiro, eremita, de estatura baixa, cor clara. Sobre sua passagem por São Paulo, o que se tem é de relatos orais, visto que era um homem voltado à solidão. Conta-se que o eremita andou fixando cruzes por onde passava, e numa determinada região chegava ao número de 14 cruzes, como uma via-sacra. Em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, João Maria também ergueu cruzes com o mesmo número e com o intuito de estimular a adoração ao símbolo da fé cristã. De vez em quando participava da Santa Missa e aproveitava, depois da reza, para dirigir umas palavras aos que ali se encontravam. Nenhuma inovação tentou introduzir e não impunha nada do que pregava, simplesmente aconselhava.

O profetismo popular praticado pelo monge João Maria de Agostini desde meados do século XIX no planalto, criou um ambiente cultural de autonomia, um conjunto de práticas sociais e costumeiras do mundo caboclo, autonomia em relação ao Estado, aos proprietários e ao clero católico. João Maria era um rezador leigo, andarilho, que circulava num amplo território que ia de Sorocaba, em São Paulo, até Rio Pardo e Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Seus caminhos eram os mesmos das tropas de mulas, que uniam o sul ao centro do Brasil. A partir da década de 1860, este primeiro João Maria nunca mais foi visto. Seguindo pesquisas acerca da figura de João Maria, Karsburg (2012, p. 85) destaca que “sabe-se, contudo, que sob o nome ‘Monge João Maria’ vários indivíduos se apresentaram, não obstante a crença popular acredita ter havido apenas um”.

Na década de 1890, outros andarilhos irão assumir esta identidade e, em 1912, o próprio José Maria, após a sua morte, terá sua memória associada, cada vez mais, à trajetória de João Maria de Agostini. Como dissemos acima, para os caboclos o profeta é um santo, “São João Maria”. Em suas pregações pedia uma



vida de respeito ao próximo, aos animais e à natureza. Assinalava a existência de fontes de água, que logo a população passou a chamar de “águas santas” ou “águas do monge”, e recomendava a edificação de cruzeiros em vários locais. Informava que haveria uma época em que o sol não nasceria por três dias e que só os verdadeiros penitentes se salvariam.

Desde o momento de seu aparecimento, sua fama cresceu vertiginosamente no meio do povo, principalmente na ação das pequenas lideranças locais, que descobriram em suas palavras uma bandeira de luta contra o autoritarismo imposto de fora<sup>10</sup>.

Ao longo de um extenso período não só no Contestado, mas em outras regiões do Sul brasileiro, ocorreram concentrações camponesas em nome de João Maria, que foram objeto de ação repressiva da polícia e de forças militares, como a concentração de Santa Maria (no Campestre entre 1846 e 1849), no Rio Grande do Sul; o Canudinho de Lages (em Santa Catarina, em 1897), o movimento dos monges do Pinheirinho (Encantado, Rio Grande do Sul, 1902), o movimento dos Fabrícios e dos Palhanos (Concórdia, SC, 1924-25), o movimento dos monges barbudos (Soledade, RS, 1935-37) e o movimento do Timbó Grande, 1942 (Porto União, SC, 1942). Com certeza a ação dos monges foi importante não só para o Contestado, mas também para todo o Planalto Meridional.

---

<sup>10</sup> Segundo Machado (2012, p. 26) este conflito possui características próprias dentro dessas tradições e tensões existentes naquela época: O conflito do Contestado ocorrido entre 1912 e 1916, além de estribar-se na longa tradição política do federalismo popular e na tradição cultural de São João Maria, potencializou-se no início do século XX com a grande crise agrária criada por um conjunto de impactos na região serrana e nos vales dos rios do Peixe, do Iguazu e Negro. Dentro deste conjunto de problemas, ainda havia uma longa disputa de limites entre os Estados de Santa Catarina e Paraná. Os catarinenses reivindicavam, como suas divisas os rios Iguazu e Negro. Os paranaenses consideravam que toda a região dos campos de Palmas, de União da Vitória até o rio Caçador e das saliências do Timbó, de Três Barras, Rio Negro, Itaiópolis e Papanduva, constituía parte de seu território. Os catarinenses já possuíam três sentenças do Supremo Tribunal Federal a seu favor (de 1904, 1909 e 1910), mas a execução destas decisões era inviabilizada por pressão política dos paranaenses.

Nas regiões contestadas entre Paraná e Santa Catarina havia muitos territórios com dupla titulação, em cartórios catarinenses e paranaenses. A instabilidade da questão de limites entre os estados facilitou a grilagem praticada em grande escala por Coronéis da Guarda Nacional do Paraná, sobre muitas terras habitadas por indígenas e caboclos. Mesmo depois da execução do acordo de limites, assinado por ambos os estados ao final da Guerra, em 1916, uma cláusula deste acordo consolidou a grilagem das terras contestadas por proprietários paranaenses, mesmo nos territórios que caíram sob jurisdição catarinense. No entanto, não é objetivo desse trabalho tratar sobre o conflito em si, mas perceber que dele surgiram manifestações religiosas populares, principalmente através das pregações do monge João Maria de Agostini.

No Contestado, a religião popular tornou-se uma espécie de messianismo que ajudou a formação do movimento e, portanto se constituiu enquanto uma religiosidade de reivindicação, próxima dos interesses e da luta da população. Sendo assim os monges e as entidades religiosas particulares desse processo cativaram um grande número de devotos, que perpetuaram suas práticas através de seus sucessores.

A base do messianismo dentro do Contestado é o catolicismo: o culto às imagens, aos santos e à Maria. Os mesmos sacramentos de batismo, comunhão, casamento, etc. Os fundamentos do catolicismo foram mantidos, porém, muitas de suas doutrinas foram alteradas conforme a compreensão das pessoas. No messianismo, cria-se em curas, ervas curandeiras, profecias, santidade das meninas virgens, na cura que vinha pelo toque à bandeira do Espírito Santo, etc.

A intitulada Santa Religião, que foi muito importante para a aglomeração, para a formação e para os ideais do “exército” caboclo no movimento do Contestado, foi gerada pela fé e esperança atribuídas às profecias dos monges. A imagem e a construção religiosa que a população criou desses profetas deveu-se principalmente à propagação dos mitos em torno de suas práticas cotidianas, de suas penitências, da simplicidade e da presença ativa com a população.

Para González et al. (1992, p. 164) no contexto Latino Americano, o catolicismo popular, em muitos casos, tem em seus símbolos verdadeiras “entidades sagradas”. Normalmente, eles incorporam elementos naturais com destaque especial à água, que é empregada em inúmeras formas de bênçãos, proteção e cura. Veneram-se também outros símbolos, como a terra, rochas, cachoeiras, nascentes, fogo, árvores, animais, etc. Alguns destes símbolos são “humanizados”, e o culto já não é mais prestado a uma “coisa”, mas à “mãe”, ao “espírito” que vive naquela realidade.

Os “monges-profetas” são lembrados ainda hoje, em inúmeras comunidades; em muitas famílias encontram-se fotografias; há nomes de batismo como “João Maria”, lembrando a devoção ao monge; fontes e grutas recebem verdadeiras romarias, lembrando a fé e a forma religiosa da Igreja denominada “Cabocla”.

Não resta dúvida de que os monges orientaram condutas e estilos de vida, e ainda hoje habitam o imaginário individual e coletivo de muitas pessoas e grupos no Planalto Serrano. De certo modo, os monges tiveram a função de agentes

explicadores da realidade no contexto de um ambiente rústico, empobrecido, sem escola, cujos valores culturais são reproduzidos e perpetuados pela tradição oral.

A região do Planalto Serrano exerceu um papel fundamental no contexto da guerra do Contestado. Pode-se dizer que foi a partir dessa região que começou todo movimento político, social e religioso que dará as bases para o conflito do Contestado.

No período de 1893 a 1895 o sul do Brasil passou por um conflito de grandes proporções, conhecido como Revolução Federalista. A luta colocou em lados diferentes facções da classe dominante em disputa pelo poder local. De um lado, os políticos republicanos com forte apoio do Exército. De outro lado, os federalistas, herdeiros políticos do Partido Liberal, dominante no regime monárquico, tinham o apoio da oficialidade da Marinha e de políticos ligados ao Partido Blanco, no Uruguai, como Gumercindo Saraiva. A luta se prolongou por três anos, atingindo fortemente o planalto sul do Brasil, o que representou o recrutamento forçado, para ambos os lados, de muitos peões e agregados de fazendas e pequenos sítiantes do planalto.

Para Machado (2012, p. 21) há indícios que apontam que a aproximação do federalismo à religiosidade popular no planalto ocorreu durante a própria Revolução Federalista. Frei Rogério Neuhaus, franciscano alemão que atuava em Lages desde 1891, afirma que João Maria passou a condenar a República e a divulgar um discurso apocalíptico com grande receptividade entre os sertanejos.

É importante considerar que o monarquismo sertanejo, presente nestes movimentos sociais rurais, como também no norte do Brasil, no grande movimento de Canudos, não significa uma contrarrevolução monárquica ao jovem regime republicano. Estes camponeses jamais se manifestaram pela restauração da família Bragança ao trono brasileiro. O monarquismo sertanejo precisa ser entendido como parte da experiência traumática da República que, no Brasil, significou para a população pobre do interior do país, maior tributação, guerras e aumento do poder político dos terratenentes.

### 3.1.3 O Contestado na Diocese de Lages: O Canudinho de Lages

A aglomeração de camponeses no Canudinho de Lages começou a acontecer em julho de 1897, na chamada região de Entre Rios, fundos de Campo Belo do Sul, a oeste da cidade de Lages. Consta que um indivíduo chamado Miguel, ou Miguelito, apresentou-se a um comerciante local, dono de um engenho de cana, Francelino Subtil de Oliveira, afirmando ser irmão do monge João Maria. Miguel estabeleceu-se no engenho de Subtil e passou a ministrar curas e penitências a todos os doentes que começaram a afluir em grande número para o local.

As curas eram feitas com chás e as penitências eram realizadas carregando-se pedras nas cabeças e fazendo várias orações por dia para uma grande pedra que existia no rochedo da barranca do rio Pelotas. A rocha lembrava as feições de uma figura humana, que os devotos acreditavam tratar-se de uma santa “encantada”. As preces, penitências e procissões deveriam “desencantar” a santa, libertando-a da pedra. Entre os habitantes de Entre Rios criou-se a noção de que este desencantamento deveria acontecer antes da virada do século, em 1900, onde uma noite de três dias poderia acabar com a vida dos que não seguiam esta devoção. Em um mês de duração, o engenho já era cercado por 70 casas habitadas por mais de 400 pessoas.

O povoado de Entre-Rios recebeu doentes e moradores de uma ampla região do planalto catarinense e do norte do Rio Grande do Sul, inclusive alguns veteranos da campanha federalista, encerrada há dois anos (MACHADO, 2008, p.32). Como ao longo do ano de 1897 corria a guerra de Canudos, na Bahia, logo a imprensa de Florianópolis e de Lages deu o nome de “Canudinho” à concentração de sertanejos de Entre-Rios. O jornal Região Serrana, de Lages, assim explicava a formação do povoado do Canudinho e exigia providências do governo:

Estamos atravessando uma quadra excepcional a respeito do FANATISMO RELIGIOSO. Qualquer indivíduo de cabelos e barbas longas e um tanto encanecidas embrenha-se pelos sertões, explora a ignorância dos pobres matutos e, eis que em pouco tempo, tem ao seu lado um exército, disposto a lutar até a morte em defesa de tal indivíduo, uma vez que apregoe-se enviado ou representante de Jesus Cristo, como meio mais fácil de iludir essas infelizes criaturas! Reclamamos do poder competente urgentes providências para que os fundos de Campo Belo não se transforme em um novo CANUDOS, pois já ninguém ignora que o célebre CONSELHEIRO da Bahia começou como Miguelito e, entretanto, por causa da inércia dos governos assistimos hoje...uma das mais cruentas lutas em que têm

perecido os mais devotados soldados da República (MACHADO, 2012, p. 23).

A formação da concentração e a disposição de luta das pessoas em defesa do novo povoado são interpretadas pelo jornal apenas como manifestação de ignorância dos “pobres matutos”. Nesta época, em meados de 1897, o exército organizava uma quarta expedição a Canudos, após o fracasso da terceira, em março do mesmo ano. Havia uma verdadeira histeria da imprensa de todo o país com os seguidores de Antônio Conselheiro. Para os governantes de Santa Catarina e Rio Grande do Sul a concentração em si de devotos de João Maria não era a principal preocupação. O temor existia pelo fato deste povoado receber veteranos maragatos, federalistas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina estavam em Entre-Rios.

Em 17 de agosto de 1897 uma primeira volante policial, composta em sua maioria por guardas municipais de Lages, comandados pelo Alferes Inácio Casimiro de Góes, soldados do Regimento de Segurança de Santa Catarina, comandados pelo Alferes Firmino Rodrigues Neto e reforçada por capangas do Cel. Henrique Rupp (Superintendente Municipal de Campos Novos) e de Lucidoro Matos, tentou dispersar o ajuntamento sertanejo. Entretanto, parece que os caboclos já estavam informados da expedição oficial e receberam a força policial com fogo cerrado. Os sertanejos conseguiram abater quatro soldados (dois mortos e dois seriamente feridos) e fizeram recuar a força oficial. Para aumentar o pânico das autoridades locais, os caboclos perseguiram os policiais até a entrada da Vila de Campos Novos, a aproximadamente 40 km de distância de Entre-Rios (Região Serrana, 29/08/1897).

A partir deste primeiro confronto, a imprensa passou divulgar que a resistência armada dos camponeses foi atribuída a presença de federalistas e de um “castelhano” dentro da cidadela atacada. Consta que o piquete armado dos camponeses de Entre Rios usava uma fita branca, com 1,7 metros, amarrada aos chapéus. A cor branca significava a marca dos federalistas catarinenses e 1,7 m era a altura de João Maria. A presença de uruguaios e argentinos – denominados como “castelhanos” pela população local, significaria mais um indício da presença federalista em Entre Rios.

O governador de Santa Catarina, Hercílio Luz, combinou com o Presidente do Rio Grande do Sul de realizarem um ataque conjunto ao Canudinho de Lages.

Júlio de Castilhos temia um novo levante federalista, que poderia ser iniciado com uma invasão via fronteira uruguaia e, pior, com uma dupla invasão ao sul pelo Uruguai e ao norte, pelo planalto catarinense. A fronteira Brasil-Uruguai estava desguarnecida de várias unidades do exército brasileiro, que foram deslocadas para combater na Bahia.

O trágico destino do Canudinho de Lages foi definido por uma mudança política dentro do Uruguai, que precipitou o ataque do governo do Rio Grande a população de Entre Rios. Na manhã do dia 29 de agosto de 1897 o povoado de Entre Rios foi atacado pela polícia rio-grandense. Quando a força catarinense chegou ao local o povoado já estava destruído. Nos dias seguintes os policiais dos dois estados passaram a caçar os sertanejos fugitivos pelas matas da região e pelas furnas então existentes ao longo dos rios Canoas e Pelotas. Miguelito foi capturado no Rio Grande do Sul, na localidade de Barracão, município de Lagoa Vermelha, acompanhado da filha de Francelino Subtil de Oliveira, e identificado como um soldado desertor da guarnição de Curitiba. Francelino Subtil de Oliveira fugiu pelas matas do vale do rio Canoas com um grupo de 20 homens, mas apareceu morto em outubro do mesmo ano.

Segundo Machado (2012, p. 22), a imprensa de Lages e Florianópolis apontava para uma operação de extermínio dos sertanejos que participaram do povoado destruído. As autoridades sonhavam que, com a destruição do Canudinho, colocariam fim às crenças dos sertanejos e assegurariam a paz aos proprietários. Uma mistura de sentimentos, que vão da intolerância religiosa ao preconceito de classe, estava presente no balanço final do massacre. Assim, Machado (2012, p. 25) citando o jornal Região Serrana explicita a fala das autoridades da época:

À louvável presteza desenvolvida pelos governos unidos do nosso Estado e do Rio Grande do Sul devemos a completa dispersão do bando fanático e perverso de Entre-Rios que como uma ameaça a tranquilidade pública e um polvo à propriedade individual, se arregimentava e crescia à sombra mal velada de manifestações religiosas. O fato do contumaz fanatismo largamente propellido pelas práticas da vulgaridade forasteira de um João Maria de Agostini, mal pode distender as garras de uma terrível ignorância feroz e arrebatadora, perante a vigorosa providência oficial que em tempo realmente abreviadíssimo estancou com um vigoroso golpe definitivo os desenvolvimentos do núcleo de Entre-Rios, onde reinava a promiscuidade animal de envolta com a orgia das paixões.

O Bispo de Curitiba, Dom José de Camargo Barros, em visita a região do conflito um ano após a destruição de Entre Rios afirmava que ali vivia “um povo atrasado, cheio de vícios e muito fanático e seguidor do célebre João Maria” (SERPA, 1997, p. 144).

O crescimento e a consolidação da liderança mística de João Maria já era uma realidade entre vários habitantes da região. Havia um forte sentimento de crise no planalto no início do período republicano. A população camponesa do planalto procurou intérpretes, como o profeta João Maria, para expressar seu descontentamento com o estado de coisas. O culto a João Maria, independente da estrutura do clero oficial e por ele hostilizado, continuou vigente entre a população trabalhadora do planalto e ofereceu a base cultural para a formação dos redutos sertanejos do movimento do Contestado, quinze anos depois. No povoado de Entre-Rios já se estabelecia uma praça central onde todos se reuniam em determinados momentos do dia. As relações comunitárias de auxílio mútuo são identificadas.

Em grande medida, há uma confluência crescente de pontos de vista entre antigas lideranças federalistas avulsas e exiladas no planalto e os sertanejos que se dispunham a abandonar suas casas e pequenas lavouras para viver em torno de algum representante de João Maria. O episódio do Canudinho significou um momento importante desta confluência de duas tradições: o profetismo de João Maria e uma vertente popular do federalismo.

Ao final da reflexão sobre a Guerra do Contestado, podemos dizer que a região que outrora teve uma dinâmica econômica baseada na exploração de florestas nativas e a utilização da rede ferroviária para circulação de pessoas e matérias-primas, hoje vive um momento histórico diferenciado.

A rede ferroviária hoje deu lugar à rede rodoviária, onde os caminhões transportam produtos dos ramos agropecuário e industriais. A madeira ainda existe, porém, não mais representada pelos vigorosos pinheiros e imbuías que no início do século XX cobriam naturalmente a região do Contestado. Predominam hoje na paisagem regional as árvores exóticas de pinus, as quais contribuem para a sustentação econômica de inúmeros municípios constituintes da região do Contestado.

Na memória das pessoas que vivem nessa região, existem diferentes visões sobre o que realmente foi a Guerra do Contestado. Para algumas, os caboclos não passavam de pessoas pobres, desempregadas e sem educação. Para outras os



caboclos foram vítima da ganância de latifundiários pertencentes à oligarquia rural do incipiente "Brasil República".

Por meio da leitura e análise das diferentes obras consultadas para a consecução deste trabalho, pôde-se notar que, no período em que antecedeu a Guerra do Contestado, a região estava vivendo um descaso por parte do governo federal e dos próprios estados do Paraná e de Santa Catarina. Dessa forma, a população abandonada à sua própria sorte desenvolveu a seu modo, uma maneira própria de viver em que não havia interferência direta dos governos (GALLO, 2001).

Não haviam políticas públicas direcionadas a população cabocla que lá vivia antes da chegada da Companhia Lumber e, posteriormente de imigrantes, representados majoritariamente por alemães e italianos.

A transição do Brasil entre o regime monárquico e republicano, aliado a falta de desconhecimento da real situação da região (sob o ponto de vista social, econômico e jurídico) por parte dos governantes estaduais e nacionais certamente contribuíram para a deflagração da guerra e, conseqüentemente para a morte injusta de milhares de pessoas.

É plausível a idéia de que seria melhor o governo republicano e os estados de Santa Catarina e Paraná, prestarem os auxílios devidos à população cabocla que vivia naquela região para que os mesmos ocupassem legalmente aquelas terras, do que deixá-los numa situação de descaso e posteriormente exterminá-los.

A construção de uma estrada de ferro, dando concessão de terras a uma empresa estrangeira, foi uma medida errônea, que não levou em consideração os aspectos humanos, de identidade nacional e de justiça, pois as pessoas que lá estavam eram antes de tudo: brasileiras, catarinenses e paranaenses. O capital estrangeiro estava à frente de tudo, em detrimento do bem do povo caboclo - brasileiro, catarinense e paranaense.

### 3.2 A ECLESIOLOGIA INSTITUCIONAL: A "ROMANIZAÇÃO"

Em meio ao catolicismo popular, sempre esteve presente, mesmo que enfraquecida pela ausência de padres nas comunidades, a Igreja institucional caracterizada pela aplicação das normas e doutrinas dos concílios e dos papas. As grandes campanhas missionárias, a vinda de padres europeus para os novos



“mundos” descobertos, os batismos em massa, as construções de igrejas, e tantos outros exemplos nos ajudam a perceber que a Igreja sempre se preocupou em estar presente e ditar os conteúdos da fé às novas realidades. Com a cruz e a espada, com o Evangelho e a autoridade, o encontro com as outras culturas, a Igreja sempre fez questão de propor e até mesmo impor suas ideias, muitas vezes chegando a isolar-se do mundo para afirmar suas certezas dogmáticas. O processo de “romanização” não foi diferente disso.

### 3.2.1 A “Romanização”

Segundo Wernet (1987, p.180-182), o termo “romanização” foi criado pelo padre e historiador “alemão” Johann Joseph Ignatz Von Döllinger (1799-1890). A obra em que usa o conceito em análise foi traduzida e prefaciada por Rui Barbosa sob o título de O Papa e o Concílio, em 1900. Von Döllinger, que escreveu o livro com o pseudônimo Janus, opunha-se ao processo de expansão do poder centralizador da Cúria Romana e do dogma da infalibilidade papal: eis aí, provavelmente, a razão para a tradução do livro da parte de Rui Barbosa que também desconfiava das novas articulações da Santa Sé. No que nos interessa aqui, urge salientar que o termo romanização surge, assim, em meio a um conflito envolvendo ultramontanos e “liberais”, para designar, na perspectiva dos “liberais”, o projeto ultramontano de “romanizar todas as igrejas”.

Há mais de três décadas o respeitado historiador Beozzo (1977, p. 745) afirmou: “Já se tornou clássico chamar-se de “romanização” o processo a que foi submetida a Igreja do Brasil entre 1880 e 1920”. Para Besen (2012, p. 43), “dá-se o nome de romanização ao processo pastoral iniciado em meados do século 19 e que tinha como objetivo recolocar a Igreja latino-americana sob o governo da Santa Sé, do Papa”. Esse projeto de romanização foi posto em prática principalmente com o papa Pio IX (1846-1878).

Pio IX iniciou um vasto movimento teológico, pastoral, missionário e diplomático, para manter viva e independente a estrutura da Igreja, por toda parte cerceada naquilo que julgava seus direitos históricos. A oposição sistemática aos regimes liberais fê-lo ter uma declarada aversão a tudo que era do mundo moderno. Os documentos *Syllabus* e a *Quanta Cura* (1864) delimitaram o relacionamento

entre a Igreja, a ciência e o mundo. Por toda a parte, Pio IX buscou reforçar a união das Igrejas com a Sé romana.

O Concílio Ecumênico do Vaticano I (1869-1870) foi o coroamento de sua obra. A definição do primado de jurisdição<sup>11</sup> e da infalibilidade papal<sup>12</sup> foram a palavra final. Em 1850, fundou-se em Roma o Pontifício Colégio Pio Latino-americano, onde se formariam novas gerações de sacerdotes e bispos, ligados a Roma e responsáveis por explicitar e aplicar as doutrinas aprendidas a toda a Igreja, principalmente na América Latina.

Para Besen (2000, p. 52), alguns passos decisivos neste campo, que tiveram repercussão na América Latina: a reforma de antigas Ordens e Congregações religiosas, segundo o novo espírito, a fundação de muitas Congregações religiosas masculinas e femininas "romanizadas", isto é, mais "espirituais", no espírito da unidade e da centralização da vida da Igreja em torno do Papa, as novas nomeações episcopais, a criação de Seminários confiados às Ordens e Congregações romanizadas.

O Papa investiu nas missões católicas e buscou que não faltasse atendimento pastoral aos milhares de imigrantes que deixavam a Europa. E, especialmente, cuidou que fossem novas Ordens e Congregações religiosas para o Continente americano, carente de sacerdotes e religiosos.

Esta nova espiritualidade acentuava as devoções à Eucaristia, a Nossa Senhora e ao Papa. Na religiosidade popular se incentivou movimentos como o Apostolado da Oração, as Congregações Marianas, Cruzada Eucarística e Pontifícia Obra da Santa Infância. Para ser um bom cristão era preciso frequentar a Missa e procurar confessar-se regularmente. Para serpa (1997, p. 45) “a devoção ao Sagrado Coração de Jesus constituiu-se num símbolo básico para a expansão do catolicismo romanizado, contrapondo-se ao catolicismo luso-brasileiro pelo aporte deste santo, fortemente europeizado”.

O pontificado de Pio IX durou 32 anos, transformando profundamente a Igreja, principalmente na sua relação com o mundo. Ela praticamente se isolou daquilo que era dito “moderno” ou “mundano”, condenado sistematicamente e se colocando como autorreferencial. Esse processo fortaleceu a instituição

---

<sup>11</sup> O Romano Pontífice detém o direito primeiro e imediato sobre todas as Igrejas no mundo.

<sup>12</sup> O Papa está livre de erro quando, *ex Cathedra*, define matéria de fé e moral

internamente mas a afastou de sua verdadeira missão: evangelizar a partir da realidade, grande bandeira do Vaticano II.

O processo de romanização foi uma clara europeização da vida religiosa. O foco principal é Roma, dali procedem todas as ordens sacramentais e litúrgicas. Da Europa importam-se religiosos individuais ou congregações para dar cátedras teológicas e morais para o clero e estes para o povo. A lavagem cerebral romanística é muito sutil e subjetiva. Sem entrar em choque com os hábitos religiosos da população, os romanistas convencem o povo por uma estratégia de substituição.

As crenças, os ídolos, os deuses nacionais e os costumes religiosos do povo gradativamente são substituídos por outros inventados na Santa Sé e na Europa. As antigas irmandades e confrarias são substituídas por associações paroquiais, as antigas associações leigas são submetidas ao poder clerical. Os bispos procuram assumir o controle dos centros de mediação do catolicismo popular, os santuários. Segundo Oliveira (1985, p. 89) para isso se valem do papel das congregações religiosas européias como o caso dos redentoristas que se propõem: combater as superstições e o fanatismo, catequizar, exercer o controle financeiro sobre as esmolas trazidas pelos romeiros destinando-as a obras prioritárias como seminários, e moralizar as romarias. É dos santuários que parte a influência romanizadora sobre as massas rurais.

O que acontece na verdade é um choque de culturas; de um lado está o povo simples, principalmente o brasileiro do campo, com pouca ou nenhuma formação escolar. Do outro lado está o aparelho eclesiástico, composto por intelectuais romanizadores, por teólogos e sociólogos da religião. Desses dois grupos quem predomina finalmente é o grupo que serve a Roma.

Os romanistas se esforçam em “purificar” o catolicismo popular de seus ditos abusos e superstições, realçando a dimensão espiritual da religião. Do outro lado, o povo simples resiste em aceitar essas imposições estranhas e se fincam nas capelas rurais, mas as capelas são fechadas e subjugadas aos párocos romanistas.

Positivamente poderíamos dizer que a Romanização objetivava ser um processo de sistematização da teologia e da liturgia ao ponto de padronizar e organizar todas as instâncias e agrupações religiosas direcionadas e centralizadas em Roma. Daí resultaria o cidadão-católico que deveria ser: Acima de tudo um homem cujas atitudes se pautem por um princípio moral derivado da moral cívica e

verdadeira, revelada por Deus à Igreja e por ela ensinada à humanidade. Esse é o ponto fundamental do projeto católico (MANOEL, 1996, p. 59).

Contudo, negativamente, a romanização foi um processo que se deu unilateralmente com métodos impositivos, autoritários, abusos de poder, preconceitos, indiferenças, etc. Reforçou ainda mais, ao povo humilde, o “rótulo” de ignorantes que não conhecem a religião romana, desrespeitando a cultura popular brasileira e a sua identidade folclórica.

O pior aspecto negativo dos bispos e do clero é que eles viviam acomodados quando o Estado e a Igreja estavam juntos, mas quando o Estado brasileiro se dissociou da Igreja os romanistas se viram como que isolados. E a partir daí é que eles se tornaram em verdadeiros veiculadores da Cúria Romana e não do Reino de Deus.

A romanização do Catolicismo em Santa Catarina não pode ser compreendida sem se levar em conta a ação dos missionários e sua aceitação nos meios populares. Os padres jesuítas foram os grandes evangelizadores do Brasil, Ordem religiosa fundada em plena Reforma protestante por Santo Inácio de Loyola, eram intimamente ligados ao Papa pelo quarto voto de obediência. Foram eles e os franciscanos os grandes missionários do Brasil colonial. Para Bidegáin (1993, p. 101), a Companhia de Jesus teve singular relevância na reorganização da Igreja depois da reforma, principalmente na América Latina ela exerceu um grande papel na evangelização através das missões.

Num contexto de catolicismo português medieval, principalmente através da religiosidade popular, se disseminou um Catolicismo romano e tridentino desde os inícios, através das Missões promovidas pelos jesuítas. Na medição de forças entre essas duas formas de catolicismo, saiu vitorioso o Catolicismo romanizado no Brasil e em Santa Catarina, principalmente pelas correntes imigratórias dos séculos XIX e XX, que já viviam na Europa esse mesmo Catolicismo.

No século XIX, Santa Catarina era um Estado periférico no contexto nacional com uma grande carência de população. Por isso, se promoveu um grande movimento para atrair imigrantes que colonizassem o território catarinense, como já tratamos anteriormente. A partir de fluxos imigratórios de alemães, italianos e poloneses, e outras nacionalidades, foram fundadas muitas cidades e povoados em Santa Catarina.

Para Lustosa (1977, p. 50), o reduzido número de sacerdotes, quer diocesanos, quer religiosos, continuava sendo um desafio, apesar do surto de fundações de novos seminários e da entrada de religiosos estrangeiros, já no final do segundo reinado. O decréscimo constante no número de sacerdotes, teve como consequência a perda da vitalidade do Catolicismo. Com exceção de algumas comunidades litorâneas, no final do século XIX não havia mais atendimento pastoral regular no território catarinense. Como fora feito diante do problema populacional, em Santa Catarina e no Brasil, foram “importados” padres que vieram da Europa para trabalhar nas comunidades. Todos eles, sem exceção, eram padres formados no novo espírito romanizado. Assim, Micelli (1988, p. 112) argumenta que

Para superar a carência de padres e até mesmo livrar-se daqueles acostumados com a situação durante o império – de meros funcionários públicos – o episcopado brasileiro lançou mão da importação de ordens e congregações religiosas estrangeiras e, até mesmo, de padres ligados a congregações tradicionais, cuja formação religiosa era compatível com os interesses da igreja romanizada.

Em sua totalidade, os imigrantes católicos do séc. XIX, eclesiásticos ou leigos, provieram de regiões já atingidas pela "romanização" tridentina e do Vaticano I, que se implantou definitivamente na América Latina somente em 1899, com o Concílio Plenário Latino-americano em Roma, convocado por Leão XIII.

A importação de padres e o incentivo aos seminários era fundamental neste contexto, pois o catolicismo romanizado era vivido em torno da figura do pároco. Ele era quem administrava os negócios da igreja. O conhecimento religioso era obtido através da catequese e vivido na prática sacramental da participação na confissão e na Missa. As festas agora são para a captação de recursos para a manutenção da paróquia.

As devoções se deslocam para o Rosário, o mês de Maio, a Primeira Sexta-feira do mês, o culto dominical, a piedade eucarística, que dava aos colonos a oportunidade de se encontrarem também para negócios, namoros, troca de notícias, após uma semana vivida distantes uns dos outros, cada um na sua roça. Se antes o Santo resolvia tudo através do oferecimento e pagamento de Promessas, agora as situações difíceis vão ser resolvidas com o aconselhamento do padre, de suas bênçãos e sugestões de orações.

Na Igreja da romanização, o papel do leigo ou leiga diminuiu significativamente na pastoral, os bispos através de suas cartas pastorais deixavam claro seu poder, de origem divina, e centralizavam em suas mãos as decisões. Definiam para a esfera do religioso o papel do clero e dos leigos, exigindo acima de tudo respeito e obediência à sua autoridade além de quase sempre estarem muito próximos das elites locais.

### **3.2.2 A romanização no Planalto Serrano**

No Planalto de Lages, não atingido por correntes significativas de imigração, o predomínio foi do catolicismo na forma portuguesa existente em Sorocaba SP, principalmente através de Antônio Correa Pinto, fundador do povoado. Isso perdurou por muito tempo.

O predomínio do catolicismo popular português era responsável por práticas devocionais que em muito diferiam daquelas que a Igreja buscava instituir. Além disso, nesta porção do território catarinense, a Igreja praticamente não se fazia presente. Enquanto instituição até o empreendimento de romanização então proposto, quando o “atendimento religioso por parte da Igreja serviu-se do trabalho da Ordem Franciscana formada por elementos vindos da região da Saxônia, na Alemanha, que estabelecidos em Lages em 1892, procuravam atender toda a região” (SERPA, 1997, p. 78).

Foram os frades Franciscanos que, mais tarde chegaram a Lages, e devido a escassez do clero secular foram os responsáveis pela implantação do novo catolicismo nas comunidades da época. Destaca-se aqui a ação de Frei Rogério Neuhaus OFM (1863-1934) que, de certa forma, representou um catolicismo mais romanizado frente ao catolicismo popular vivido pelos crentes de São João Maria.

Até a implementação do projeto religioso de combate às manifestações religiosas populares, segundo este autor, Lages não havia sido contemplada com a presença de irmandades e confrarias, como em Desterro, Laguna e São Francisco do Sul. Assim, os padres franciscanos que se dirigiram para esta localidade empenharam-se, sobremaneira, na catequese dos índios e tiveram que enfrentar muitos embates, pois se opuseram às práticas religiosas dos caboclos. Paulatinamente, eles se fixaram em Lages e buscaram se expandir para outros

locais assumindo a direção de paróquias, como em Curitibanos, Palmas, Canoinhas, Porto União e São Francisco do Sul. Somente em 1927, Lages foi contemplada com a criação de sua Diocese.

Estes foram grandes missionários, percorrendo todo o Estado de Santa Catarina. Ao chegarem ao Estado, em 1891, sua primeira preocupação foi a Missão geral. As Paróquias que assumiram Lages, Curitibanos, Campos Novos, Palmas (oeste catarinense), Blumenau, Gaspar, Desterro, eram centros de ampla atividade missionária. Em suas Paróquias sempre criaram a Ordem Terceira, para os leigos, suplantando assim as Irmandades.

Apesar dos conflitos, principalmente na introdução de normas e doutrinas, foi de fundamental importância o trabalho dos Frades, vindos da Saxônia para os sertões de Lages, Curitibanos, Campos Novos, Canoinhas, Mafra e mais tarde para o vale do Rio do Peixe. Na verdade, não havia outra opção, pois não existia mais um clero catarinense que pudesse exercer este trabalho nas comunidades.

Sobre o período de romanização, a Diocese de Lages (2010, p. 26), através de suas diretrizes e orientações da ação evangelizadora afirma que “nos tempos da instalação da Diocese, o modelo de Igreja foi a “Igreja Romana”, ou seja, processou-se a romanização da Igreja, configurada no Concílio de Trento (1545-1563) e nas orientações disciplinares do Concílio Vaticano I (1869-1870). As preocupações fundamentais da ação pastoral centravam-se na celebração dos sacramentos, na disciplina, enquanto aplicação das normas jurídicas, na catequese, fortalecendo os conteúdos e verdades da fé católica. Foi um modelo de Igreja fundamentado na “razão”, isto é, a pessoa cristã deveria saber as razões da sua fé, conhecer a doutrina através do catecismo. Este trabalho, embora caracterize uma Igreja mais hierárquica e doutrinal, deu consistência religiosa às atuais comunidades católicas”.

O processo de romanização, através dos Franciscanos, se defrontou com a cultura e o povo do Planalto catarinense e este encontro não foi sem conflitos. As impressões dos representantes da hierarquia eclesiástica foram de certa forma contrárias às suas expectativas. Segundo Serpa (1997, p. 144), Dom José Camargo de Barros, primeiro bispo da Diocese de Curitiba da qual Santa Catarina esteve sob jurisdição até 1908, fez uma visita pastoral a Lages em 1898 e depois de algumas experiências em algumas paróquias como Curitibanos e Campos Novos afirmou o seguinte:



O primeiro dia de visita em Campos Novos foi bastante para mostrar que o povo desta parochia é muito ignorante e muito indiferente em matéria de religião, e até meio incrédulo por ignorância. Como não pudemos fazer hontem a cerimonia da entrada solene, a fizemos hoje, porém que tristeza! A visita a esta parochia correu completamente fria e algum tanto estéril. Não houve concorrência, o povo do mato quasi não apareceu; não tive visitas nem manifestações. Houve nesta villa pouca animação, é um povo atrasado, cheio de vícios e muito fanático e seguidor do célebre João Maria. Em Curitiba no fim da missa fiz uma prática, prevenindo o povo contra os ensinamentos do célebre João Maria que por aqui anda mistificando o povo.

Ao lado deste processo religioso de introdução de normas e disciplinas eclesiásticas, na região serrana também foi muito forte a participação de fazendeiros e políticos influentes. Existia uma “cooperação” entre Igreja e poder local para angariar fundos para as obras necessárias no campo religioso e também em vista da promoção daqueles que exerciam o poder e queriam obviamente estar em evidencia em vista dos seus projetos políticos. Como grande centro político da época, em Lages a religião e os coronéis caminharam juntos e de certa forma introduziram a partir “de cima” a nova mentalidade romanizada, em detrimento da religiosidade popular.

As elites locais, a pedido dos frades franciscanos, doavam recursos financeiros para as igrejas a fim de equipar as mesmas e em troca eram prestigiadas publicamente. No jornal lageano, “O Cruzeiro do Sul” de 25 de março de 1903, frei Pedro Sinzig faz o seguinte comunicado:

Os nossos amigos Coronel Vidal José de Oliveira Ramos e o Major Henrique Ramos [...] puseram a disposição do vigário uma quantia para a aquisição de um novo e bonito altar [...] e o Tenente Coronel Polydoro Paes de Farias e as esposas do senhor Machado e de Henrique Ramos, festeiros da festa de Nossa Senhora dos Prazeres, mandam vir da Europa para o novo altar uma bellissima e bem alta imagem de Nossa Senhora dos Prazeres (SERPA, 1997, p.148).

Como podemos perceber, com a ajuda da imprensa, que divulgava os ideais da religião, e a ação em conjunto com a elite da época, os franciscanos introduziram os princípios hierárquicos da Igreja, num contexto onde praticamente não existiam enquanto instituição. Para substituir as práticas populares nas festas, os franciscanos incentivaram criações de corais e bandas e instituíram festas como de São José e Santo Antônio, dando a estas uma característica institucional e solene, sem os elementos da religiosidade popular. Além disso, foram criadas escolas e



associações com o intuito de remodelar as condutas sociais e educar as novas gerações para a vida social e religiosa segundo os moldes da época. No entanto, eram as elites que tinham acesso a este tipo de educação enquanto que a população mais pobre e iletrada vivia uma religiosidade popular aprendida através da família e com forte influência de João Maria.

Na Igreja do Planalto serrano, principalmente Lages, João Maria e Frei Rogério Neuhaus foram os principais representantes destes dois “modelos” de Igreja em conflito. Conta-se que chegaram a encontrar-se e a dialogar, no entanto suas visões de Igreja e de relações de poder estavam muito distantes para uma aproximação mais significativa. No fundo, essa diferença de posições se deu basicamente pelo fato de os franciscanos imporem sua autoridade e se autoproclamarem responsáveis legítimos pelas práticas religiosas e os caboclos por reivindicarem respeito e direito de expressarem suas formas de crer e viver.

### 3.3 A ECLESIOLOGIA DO VATICANO II E AS CONFERÊNCIAS GERAIS DO EPISCOPADO LATINO AMERICANO

No ano de 2012, celebrou-se os cinquenta anos da abertura do Concílio Vaticano II, em 11 de outubro de 1962. O Concílio Vaticano II insere-se na grande Tradição da Igreja e na história dos 21 Concílios Ecumênicos. Este concílio inaugurou um novo tempo na história da Igreja, rompeu com concepções que não respondiam mais aos anseios da sociedade e lançou a Igreja em novo momento histórico que marcou e ainda marca a sua história.

O Papa João XXIII, idealizador do Concílio, deu um grande passo no processo de redimensionamento da caminhada da Igreja, convocando o Concílio Vaticano II. Não se tratava de “continuar” o Concílio anterior, mas de refletir e deliberar sobre questões centrais na Igreja. Algumas questões foram retomadas, como a teologia do episcopado, a relação com o mundo, os leigos na Igreja, mas outros assuntos, impensáveis no passado como, por exemplo, o diálogo com as religiões estava em pauta. Segundo Libânio (2004, p. 181) “mais que uma questão temática, o Vaticano II mudou profundamente a atitude apologética para a dialogal, de serviço, de compreensão, de mutuo questionamento em relação às outras igrejas evangélicas, as religiões e às éticas humanas”.

As ideias divulgadas pelo Vaticano II representaram a “evolução”, de uma longa caminhada e caracterizaram uma ruptura com algumas concepções que não mais respondiam as questões do ser humano do tempo presente. Foi preciso ousadia, coragem e, sobretudo, muita abertura ao Espírito para repensar a vida da Igreja, sua natureza e missão.

Dentre os avanços poderíamos destacar: A noção de Igreja como Povo de Deus considerado antes da hierarquia; sacerdócio comum dos fiéis torna todo batizado participante do único sacerdócio de Cristo; a doutrina da colegialidade dos bispos completa a doutrina do primado do papa; a liturgia como ação de todo o povo; o respeito e o diálogo com outras religiões, com os não crentes e a abertura para o diálogo ecumênico; o reconhecimento da autonomia das realidades terrestres; a valorização das Igrejas locais em relação a Igreja Universal, etc.

O Vaticano II apresenta a “mesma” Igreja de todos os tempos, mas com “novo rosto” e novas perspectivas. Ao contrário do que se pensava anteriormente, a Igreja não é uma “Sociedade Perfeita”, na qual se valorizam seus aspectos institucionais e sua hierarquia somente, mas ela se constitui como Comunhão, Mistério e Povo de Deus. Acontece uma verdadeira “revolução copernicana” na compreensão de Igreja e de mundo a partir desse Concílio.

Para Caliman (2004, p. 231) no Concilio Vaticano II

[...] a eclesiologia deixa o âmbito imediato do direito para situar-se dentro da teologia. No horizonte mais amplo do mistério trinitário, fora das relações imediatas de poder, explicitadas justamente pelo direito, é que se pode ver sob luz nova a relação da Igreja com o mundo, a relação entre hierarquia e fiéis e a relação entre a dimensão universal e sua realização local.

A Igreja, sem deixar de ser presença fundamental na vida das pessoas, deve ser servidora do mundo e estar no mundo. Para ser verdadeiramente sinal do Reino, precisa estar encarnada na realidade das pessoas e fazer uma opção evangélica no meio dessa realidade.

Através do retorno às fontes, sobretudo bíblicas e patrísticas, o Concílio Vaticano II afirma uma eclesiologia sacramental apresentando uma Igreja sacramento de salvação e de comunhão, valorizando as diferentes vocações na Igreja e redescobrimo o papel dos leigos. A partir dessa concepção, a hierarquia não possui nenhuma “superioridade”, quanto à dignidade, em relação aos leigos,

mas é servidora deles e de toda a Igreja. O sacerdócio ministerial está a serviço do Sacerdócio de todo o Povo de Deus. A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, confirma essa comum dignidade de todo o Povo de Deus, lembrando que os bispos, padres e também o Papa são membros do Povo de Deus e, ao mesmo tempo, estão a seu serviço. Este novo rosto eclesial é fundamento para uma nova prática evangelizadora. Assim, Feller (2002, p. 64-65) argumenta sobre esta nova concepção eclesial presente na Constituição, que

Há em *Lumen Gentium* uma proposta de mudança histórica no modo de se entender e viver a Igreja. Da imagem da Igreja como Sociedade Perfeita, apreciada desde o concílio de Trento em sua dimensão jurídica e institucional, passa a imagem da Igreja como povo de Deus inserido na história. Da imagem da Igreja como Corpo de Cristo, entendida mais em sua funcionalidade e organicidade, como se pensava nos anos imediatamente anteriores ao Vaticano II, por obra da encíclica *Mystici Corporis* (1943), de Pio XII, passa-se para a imagem da Igreja como povo de Deus, entendida em sua dialeticidade e historicidade. Passa-se de uma Igreja entendida em suas categorias funcionais para uma Igreja de categorias dialéticas. Começa-se a compreender a Igreja aberta, ou seja, ainda não pronta, e por isso em continuidade com o povo de Israel e em relação com todos os povos, com as religiões, com as outras igrejas cristãs, uma Igreja peregrina, dinâmica, evolutiva e histórica.

Afirma-se, com frequência, que o Concílio Vaticano II foi um concílio “pastoral”. Na verdade neste novo Concílio, o método foi diferente dos anteriores. Esclarecendo o verdadeiro rosto da Igreja, não apresenta a doutrina em tom de condenação ou de ultimato. Seu objetivo é a exposição da teologia da Igreja, a busca de sua renovação interna, o empenho pela unidade dos cristãos e o diálogo com o mundo contemporâneo. Não quer “impor”, mas “propor o Evangelho” e discernir os sinais dos tempos.

Estavam em discussão, na maior parte das aulas conciliares, questões de importância pastoral, mas o concílio soube apresentar a fé cristã e a doutrina de maneira adequada às exigências de seu tempo histórico. Através de um olhar “encarnado na realidade”, o concílio situou a doutrina da Igreja de uma maneira totalmente nova perante o mundo. Ampliou os horizontes do diálogo ecumênico e inter-religioso, resgatou o valor do sacerdócio comum de todos os fiéis, valorizou as diferentes vocações do Povo de Deus. A partir da idéia de “voltar às fontes”, sem desprezar o passado, dialogou com as culturas do presente, tornando a Igreja mais

credível perante o mundo e, como se acredita ter dito o Papa João XIII, retirou a “poeira” e o “mofo” que se encontravam sobre ela.

A riqueza do Vaticano II para a vida da Igreja é inesgotável. Como referencial para compreendermos a Igreja atual, o Concílio Vaticano II ainda tem muito a ensinar e a ser aprofundado para uma melhor vivência e compreensão das suas principais intuições e conceitos pastorais e teológicos, representando uma verdadeira “primavera” na vida da Igreja. De forma especial ele estabeleceu um novo paradigma para a Igreja principalmente buscando em suas fontes a sua identidade por excelência.

A Igreja da América Latina acolheu este processo de modo criativo e inspirador relendo os documentos do Concilio Vaticano II, a partir da sua realidade e necessidade, dando um salto qualitativo para além da concepção europeia que prevaleceu no Vaticano II. Em seu contexto histórico, na década de 60 a América Latina era extremamente conflitivo, em que imperavam: um sistema de dominação econômica e política; uma cultura burguesa; regimes militares autoritários; uma realidade de pobreza extrema associada à constante violação dos direitos humanos. Aqui surgiram os grandes profetas e mártires da Igreja Latino-americana.

A América Latina era, até então, o único continente onde já havia um Conselho Episcopal, o Conselho Episcopal Latino Americano (CELAM), que fora fundado em 1955, por ocasião da primeira Conferência, no Rio Janeiro, para reunir e congregar os bispos Latino-Americanos.

Ao longo dos 50 anos do início do concílio ocorreram cinco Conferências Episcopais convocadas pelo CELAM: Rio de Janeiro (1955), Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007). Os documentos produzidos nestas conferências nos apresentam uma Igreja viva, encarnada na realidade latino-americana, fazendo opções fundamentais e “preferenciais” em sua ação evangelizadora: a opção preferencial pelos pobres; defender e promover a vida; defender e promover os direitos dos povos; valorizar a Igreja na base (CEBs), como Povo de Deus no meio dos povos da América Latina e Caribe.

Falando especificamente da Conferencia de Medellin, Comblim (2008, p. 5) afirma que

[...] a Igreja latino-americana, reunida na II Conferência Geral do seu Episcopado, situou no centro de sua atenção o homem deste continente, que vive um momento decisivo de seu processo histórico. Assim sendo, não

se acha desviada, mas voltou-se para o homem, consciente de que para conhecer Deus, é necessário conhecer o homem. Pois Cristo é aquele em que se manifesta o mistério do homem: procurou compreender este momento histórico do homem latino-americano à luz da Palavra, que é Cristo.

As primeiras Comunidades Eclesiais de Base - CEB's surgiram no Brasil, a partir dos anos 60 em áreas rurais e regiões suburbanas. As CEBs reúnem pessoas pertencentes às camadas populares, como resultado de uma ação conscientizadora da Igreja que sai ao encontro das realidades mais carentes em razão da "opção preferencial pelos pobres" e, atuando nas pastorais ajuda o povo a perceber elementos reais de sua vida e situação histórica.

Organizaram-se de modo participativo para cultivar a fé cristã, através da celebração dominical, leitura popular da Bíblia, reflexão e oração. A partir das CEBs, muitas lideranças cristãs e outros membros de comunidades passaram a se dedicar às Pastorais Sociais, aos movimentos de luta e às reivindicações populares, organizando o povo na luta pelos seus direitos básicos, ajudando a criar uma nova cultura política e educando para a cidadania e a participação. Internamente, estes movimentos contribuíram para que a Igreja se tornasse mais próxima dos pobres, humanizaram o clero, criaram estruturas de participação e corresponsabilidade, trouxeram espontaneidade e alegria, e encarnaram a liturgia na vida do povo, valorizando imensamente o papel dos leigos.

À luz do Vaticano II, renasceu o movimento ecumênico, em prol da justiça e da paz, onde as diferentes Igrejas se empenharam pela libertação dos oprimidos, em favor da construção de uma sociedade justa e fraterna. Essa eclesiologia latino-americana concretiza-se historicamente na perspectiva da constituição *Gaudium et Spes*, em sua metodologia ver-julgar-agir que orienta a relação da Igreja com o mundo. Os esforços são para que se possa construir uma Igreja e uma sociedade de comunhão e de participação para se chegar à verdadeira e autêntica libertação.

A valorização das culturas afro-ameríndias e da religiosidade popular acenou para riqueza cultural latino americana, entendendo o que se chamou em Santo Domingo de "Nova Evangelização" como promoção humana integral e evangelização inculturada. Neste sentido, a Conferência de Aparecida (2007, p. 8) propõe uma grande missão continental na esperança de fazer dos cristãos

Discípulos e missionários de Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida, para que nele nossos povos tenham vida. Por isso, afirma que

A Igreja é chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais. Ela não pode fechar-se àqueles que trazem confusão, perigos e ameaças ou àqueles que pretendem cobrir a variedade e complexidade das situações com uma capa de ideologias gastas ou de agressões irresponsáveis. Trata-se de confirmar, renovar e revitalizar a novidade do Evangelho arraigada em nossa história, a partir de um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, que desperte discípulos e missionários

Não há dúvidas de que o Vaticano II, na América Latina e no Caribe, teve um impacto grandioso. No esforço de renovar e atualizar a Igreja para que seja lugar de acolhida e vivência do evangelho, ainda existem desafios que se impõem para a Igreja Universal e para todas as consciências humanas. Passados cinquenta anos, ainda busca-se realizar a implantação do Concílio. Por isso, a importância desse estudo para o conhecimento, o entendimento e a prática dos Documentos do Concílio Vaticano II.

Com o advento do Concílio Vaticano II (1962-1965) e das Conferências de Medellín (1968), de Puebla (1979), Santo Domingo (1992), a Igreja dá um passo importante na direção das comunidades cristãs; começa também a ouvir os clamores do povo mais sofrido e coloca-se, em parte, ao lado das classes populares. Segundo O Conselho Episcopal Latino-Americano (1979, p.146) “é preciso que a Igreja da América Latina seja evangelizadora e solidária com os pobres, testemunha do valor dos bens do Reino e humilde servidora de todos os homens de nossos povos”.

### **3.3.1 A eclesiologia dos Grupos de Família-CEBs: um jeito de ser Igreja a partir do Concílio Vaticano II**

A partir do Concílio Vaticano II e das Conferências Episcopais, na América Latina, a idéia de uma Igreja que vem para evangelizar e ser evangelizada se tornou cada vez mais urgente e necessária. Considerando-se a cultura e a realidade e assumindo a opção preferencial pelos pobres e pelos jovens, novas diretrizes teológico-pastorais se formam e as comunidades são chamadas a serem de verdade

“Povo de Deus”, ou seja, na diversidade de dons, carismas e ministérios todos devem participar ativamente na construção do Reino.

As CEBs surgiram a partir das lutas por justiça das pessoas empobrecidas da América Latina, na década de 60, como expressão sorridente da comunhão trinitária. Esta expressão foi acolhida pelo Concílio Vaticano II, nos limites do catolicismo romano, quando afirma que a Igreja é “o povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (CONCÍLIO..., 1998b, p. 41). Na III Conferência Geral dos Bispos Latino-americanos, reunida em Puebla, México, em 1979, a Igreja é apresentada como sacramento de comunhão dos homens no único Povo de Deus, peregrino na história.

O principal objetivo era passar de uma Igreja piramidal, fundamentada na hierarquia, para uma Igreja que incentiva e acolhe um maior engajamento dos leigos e leigas e maior participação nas tomadas de decisões.

Inspiradas no método Paulo Freire de alfabetização de adultos, trabalhando da conscientização à ação, gerando uma nova consciência nas camadas populares e priorizando o processo de libertação dos pobres. A Igreja passa a participar da realidade de sua comunidade buscando encontrar novos caminhos, que abram espaço para a elaboração coletiva e crítica da vida individual e social das classes populares, constituindo formas de aquisição de conhecimento, elaboração de projetos e transformações sociais que levassem atores antes excluídos da sociedade a se tornarem membros ativos em crescimento.

Vistas como um “novo jeito de ser igreja”, organizadas na base e formadas por pequenos grupos, geralmente de vizinhos que compartilhavam das mesmas idéias, as CEBs são ligadas principalmente à Igreja Católica, mas agem de forma ecumênica. Espalharam-se nos anos 70 e 80 do século XX, lutando contra a ditadura militar no Brasil, buscando conscientizar para o processo de democratização do país, e abrindo caminhos para formar uma nova sociedade.

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) são pequenos grupos organizados em torno de uma paróquia (urbana) ou da capela (rural), por iniciativa de leigos, padres ou bispos. As primeiras surgiram por volta de 1960, em Nísia Floresta, Arquidiocese Natal, segundo alguns pesquisadores, ou em Volta Redonda segundo outros. De natureza religiosa e caráter pastoral, as CEBs podem ter dez, vinte ou cinquenta membros.

Segundo Frei Betto (1985, p. 16-17)



[...] são comunidades, porque reúnem pessoas que têm a mesma fé, pertencem a mesma Igreja essas pessoas vivem uma comum-união em torno de seus problemas de sobrevivência, de moradia, de lutas por melhores condições de vida e de anseios e esperanças libertadoras. São eclesiais, porque congregadas na Igreja, como núcleos básicos de comunidade de fé. De base, porque são integradas por pessoas que trabalham com as próprias mãos (classes populares).

Para Teixeira (1988, p. 305-306) as CEBs

[...] são comunidades pelo fato de reunir pessoas que comungam da mesma fé e que se unem por laços de solidariedade e de compromisso de vida. Estas pessoas se reúnem normalmente em pequenos grupos e de maneira geral pertencem a uma mesma vizinhança geográfica. São eclesiais porque constituídas de cristãos reunidos em razão da fé e em comunhão com toda a Igreja. É justamente este dado eclesial que confere a identidade às que integradas por essas pessoas das camadas populares”.

As CEBs se orientam pelo método Ver, Julgar e Agir. Este método foi reconhecido formalmente pela Igreja na encíclica *Mater et magistra*, do papa João XXIII, no dia 15 de maio de 1961. O método é definido da seguinte forma: Ver: partir da realidade do contexto que se vive ou que se impõem como mais importantes; Julgar: refletir, estudar, iluminar esta realidade. No sentido da ação eclesial cabe questionamentos como por exemplo: como Jesus agiria nessa situação? Como devemos agir? Esta segunda parte do método é sempre ligada ao Evangelho; e Agir, o planejamento, a busca pela forma concreta de enfrentar o problema; (um mutirão, o abaixo-assinado, etc.).

Para Frei Betto (1985, p. 32),

[...] a ação das comunidades eclesiais de base dá-se de modo intra-eclesial (celebração de culto, festas litúrgicas, novenas, catequese, preparação aos sacramentos, estudo de documentos da Igreja) e de modo extra-eclesial (vinculação às lutas populares, na cidade e no campo). Nessa perspectiva de organização, destaca-se a o protagonismo dos animadores das CEBs, os chamados agentes pastorais: leigos, religiosos ou padres, formados pelas próprias comunidades. Os agentes pastorais devem seguir um trabalho horizontal, ou seja, é preciso viver vinculado ao povo, comungar a sua vida, para aprender com ele e refazer suas categorias e valores elitistas, academicistas, populistas ou vanguardistas.



### 3.3.2 O nascimento das CEBs na Igreja de Lages

Sem sombras de dúvidas, na Diocese de Lages, o Concílio Vaticano II foi acolhido de forma especial através da eclesiologia das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Principalmente na década de 80, as CEBs visibilizaram uma Igreja mais encarnada na realidade das pessoas, comprometida com as causas sociais, o que não se visibilizava tanto na ação dos movimentos religiosos. A partir das CEBs surgem os grupos de família que até os dias atuais são considerados prioridade pastoral nas Diretrizes e Orientações Diocesana. A compreensão é a de que uma Igreja no espírito do Vaticano II precisa ser uma Igreja a partir da base, onde acontece a vida cotidiana e onde se manifesta a ação salvífica de Deus. A Diocese de Lages (1990, p. 13) afirma que “o modelo da Igreja dos pobres concretiza-se nas Comunidades Eclesiais de Base – as CEBs. A CEB é o lugar onde o povo organizado discerne e celebra a presença de Deus na história de libertação do povo”.

Fundada em pleno Brasil colônia e vivendo o período imperial e republicano, Lages é uma cidade com mais de 250 anos, sua população experimentou os diferentes modos de se viver o catolicismo brasileiro, como já vimos nos cenários de Igreja no planalto serrano por exemplo.

De forma mais geral, retomamos aqui os principais elementos que estiveram na origem das CEBs na Diocese de Lages para entendermos que esta opção pastoral e seu desenvolvimento na Diocese não encontrou o mesmo acolhimento e adesão por parte de muitos daqueles que constituíram a hierarquia da Igreja e que estiveram à frente de uma paróquia ou de uma “região pastoral” onde se propôs este jeito de ser Igreja.

Apesar dos sujeitos religiosos ou leigos, membros do Secretariado Pastoral Diocesano, de alguns sujeitos em paróquias – padres e irmãs religiosos – manifestarem vontade política e implementarem ações na direção das Comunidades Eclesiais de Base, esta “opção de igreja” nunca encontrou unanimidade no clero (LOCKS, 2008, p. 104).

As assembléias pastorais diocesanas realizadas anualmente, onde se discutia e se discute e encaminha o projeto pastoral, são testemunhas de posições antagônicas ou de defesas intransigentes do projeto das CEBs. O que se afirma, é que, não fora a maioria constituída por leigos convictos do projeto da CEBs e um

segmento da hierarquia mais comprometido com ele, dificilmente as diretrizes apontariam e sustentariam o catolicismo das CEBs na Igreja de Lages.

Segundo Locks (2008, p. 84) destacam-se aqui alguns aspectos considerados específicos do universo cultural para identificar alguns fatores que estiveram na origem e no desenvolvimento das CEBs na Diocese de Lages:

Em primeiro lugar, a Diocese na sua extensão de 18.152 km<sup>2</sup>, 1/5 do território catarinense, agrega significativa parte de população, 337.546 habitantes<sup>13</sup>, muitos destes, descendentes do povo caboclo que viveu longo período da vertente do catolicismo popular. Este trabalho já discorreu que parte do território da Diocese foi cenário da Guerra do Contestado. A partir deste contexto, mitos, lendas e contos são reproduzidos continuamente pela população que habita no campo, e também persistem em alguns habitantes das periferias de Lages, originários do campo. Acabou por predominar na realidade da Igreja de Lages uma corrente religiosa com menor acento à racionalidade, devocionista e mais subjetiva como se caracteriza este catolicismo popular. Muitos sujeitos envolvidos na ação da Igreja ao longo do período de desenvolvimento das CEBs mostraram-se sensíveis e têm incorporado estes valores em sua ação, a tal ponto que, a partir dos anos de 90, as diretrizes pastorais da Diocese descrevem e assumem, em seu projeto, valores e práticas inspiradas no que denominam de “tradições religiosas”.

O povo negro e o povo caboclo têm fortes raízes e influências nas tradições religiosas de nossa região [...]. Nos primeiros tempos (1766-1920), expressou-se uma “Igreja Cabocla”. As manifestações religiosas, os cultos e as crenças partiam da fé afro-lusobrasileira ou cabocla, obedecendo à cultura própria da região e à resistência do povo empobrecido. Ao mesmo tempo, o povo recebia a presença missionária dos padres, que de tempo em tempo, visitam os povoados e vilas para a celebração dos Sacramentos. A origem desta formação religiosa deve ser buscada no catolicismo popular vindo da fé africana, indígena e das pessoas que acompanharam os colonizadores portugueses (DIOCESE..., 2005a, p.11).

Como se pode verificar, existe uma diversidade étnica que marcou profundamente a Igreja católica no Planalto Serrano. Reconhecendo essa diversidade, se denominará esta Igreja de “Igreja Cabocla” e daí a sua compreensão de “catolicismo popular”. Não se pode perder de vista neste catolicismo popular a

---

<sup>13</sup> Fontes: IBGE, Censo Demográfico 2000-2010 e Atlas do Desenvolvimento Humano/2013 – PNDU-ONU.

influência dos “monges”, sua metodologia de ação e a força que, todavia, se identifica no imaginário individual e coletivo da população católica na região. Segundo a Diocese de Lages (2005, p. 11),

[...] passavam de casa em casa abençoando, curando, fazendo profecias, plantando cruzeiros próximas às fontes de água, nas grutas e convidando o povo a rezar e lutar contra a fome, a peste e a guerra (...) Não resta dúvida de que os monges orientaram condutas e estilos de vida, e ainda hoje habitam o imaginário individual e coletivo de muitas pessoas e grupos no Planalto Serrano. De certo modo, os monges tiveram a função de agentes explicadores da realidade no contexto de um ambiente rústico, empobrecido, sem escola, e cujos valores culturais são reproduzidos e perpetuados pela tradição oral.

Como já vimos anteriormente nesta pesquisa, o Monge João Maria é reconhecido, ainda hoje, por grande parte da população do universo cultural localizado na cidade de Lages e no Planalto Serrano Catarinense. Podemos afirmar principalmente da zona rural do planalto serrano muitas práticas desse catolicismo popular valorizavam o espaço doméstico, o encontro de famílias, as relações de vizinhança e o estabelecimento de vínculos pessoais, familiares e comunitários, pressupostos importantes para a formação de uma Igreja de base;

Uma segunda fonte teria sido o próprio catolicismo romanizado incorporado ao catolicismo popular. Isto aconteceu principalmente com a chegada de padres estrangeiros, entre eles, Frei Rogério Neuhaus, que chegou a Lages em 1892 com outros franciscanos orientados para desempenharem o papel de romanizar a Igreja Católica no Planalto Catarinense. Fica claro que esta mescla entre catolicismo popular e romano se fazem presentes nas práticas da Igreja em Lages e na região.

Como não poderia ser diferente, as diretrizes da Diocese fundamentaram seu projeto essencialmente nos elementos do catolicismo romano ao reconhecer a instauração de “uma Igreja hierárquica, jurídicista e doutrinária”, se estruturando como Diocese, paróquias e capelas.

Mas, da mesma forma, busca ser uma Igreja à luz das orientações doutrinárias e pastorais do Concílio Vaticano II e das Conferências de Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992), sempre afirmando sua organicidade à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Nessas Conferências a referência às CEBs acentua que são originárias da “Igreja Povo de Deus”, da “opção preferencial pelos pobres”,

este último o mote da CNBB depois da conferência de Puebla (DIOCESE..., 2010, p. 27).

O fato é que o projeto inicial das CEBs é uma proposta de alguns sujeitos intelectuais que dirigem o trabalho na Diocese. Trata-se de um processo lento e gradativo pelo qual essas Comunidades conquistam espaço nas paróquias e se consolidam na estrutura eclesial.

Uma terceira fonte se encontra nos movimentos eclesiais, particularmente, o “Movimento do Cursilho de Crisandade”, o “Cursilho ou Movimento de Jovens”, o “Movimento de Casais” e o “Movimento da Lareira”. Estes movimentos são de espiritualidades católicas que emergem na Diocese de Lages na década de 70. Eles representaram muito na ação pastoral da Igreja até os começos dos anos 80 e através deles se formaram grupos de base que depois deram sustentação ao jeito de ser Igreja CEB.

Uma quarta fonte que impulsionou o projeto das CEBs na Diocese Lages, foi o fato de na virada da década de 70 para 80, ela produzir em conjunto com a Diocese de Caçador o “subsídio” que orientava os encontros dos Grupos. As duas Dioceses, pelas características comuns, passaram a apostar num projeto e numa estratégia comum: priorizar os “Grupos de Reflexão” como foram conhecidos na época. Os “subsídios” eram estruturados no método ver, julgar e agir, com pretensão de capacitar os participantes a se situarem e agirem na realidade local e regional. Com o passar do tempo, a Diocese de Lages iria produzir seu “subsídio” próprio.

Uma quinta fonte foi o surgimento de um grupo formado por sujeitos religiosos em 1981 que passaria a atuar na paróquia da catedral. Alguns fatores foram importantes para esta influencia: Primeiro, esse grupo orientava sua prática pastoral pelas diretrizes da Teologia da Libertação que deveria se concretizar nas Comunidades Eclesiais de Base. Segundo, esse grupo passou a se reunir semanalmente para pensar e produzir um “subsídio” próprio endereçado às Comunidades, apelidado de “Folha”. Depois de um ano foi substituído pelo “livrinho” utilizado até hoje por todas as Comunidades. Nessa elaboração teve-se o cuidado de refletir os valores da fé católica a partir do contexto sócio-cultural local e regional dos participantes. Terceiro, o projeto das CEBs passaria a ganhar corpo e amplitude por toda a Diocese.

Uma sexta fonte foi a criação, no início de 1980, do Instituto de Teologia Pastoral da Diocese de Lages (ITEPAL), dando ênfase para o protagonismo dos

leigos e leigas. A mais de 30 anos, este instituto oferece fundamentos de análise de realidade, estudo bíblico, planejamento pastoral, orientações teológico-eclesiológicas e pastorais referenciadas nos documentos da Igreja de tradição latino-americana e da CNBB para lideranças leigas na Diocese. É importante ressaltar que a formação do leigo se constituiu em um fator estimulador da participação dele na CEB, haja visto que este precisa ser um protagonista neste espaço. O ITEPAL formou, na perspectiva de uma Igreja no espírito do Vaticano II, um grande número de lideranças que, a partir de seu protagonismo, desafiaram as estruturas sociais e hierárquicas em suas comunidades pastorais.

Por fim, outro fator que pode ser apontado como significativo para o desencadeamento das CEBs em Lages é o movimento bíblico inspirado no Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos (CEBI). Utilizando-se do método ver, julgar e agir, na fase do “julgar” privilegia-se a leitura bíblica. Nunca se concebeu um encontro de Comunidade que não se fizesse o uso da Bíblia. Impulsionados pelo Vaticano II, o CEBI promoveu um despertar geral na Diocese para a importância da Bíblia na vida do cristão, através de inúmeros “cursos de formação bíblica”, dirigidos aos animadores de Grupos ou “lideranças em geral”.

As diretrizes da Diocese explicitavam que “há muitos anos praticamos uma cultura bíblica através da leitura popular da Bíblia, segundo o método do CEBI” (DIOCESE..., 2005, p. 10). Depois de muitos anos de ausência da cultura bíblica entre os leigos e as comunidades na Diocese, pode-se dizer que houve um grande e frutífero trabalho no intento de divulgar a Bíblia. Isso foi fundamental para a nascimento e conscientização da Igreja CEBs em Lages. É importante notar que as CEBs de Lages na sua origem são reconhecidas pela designação de “Círculo Bíblico”. Certamente, pelo fato dos componentes do Grupo aglutinarem-se estimulados pelo uso e leitura da Bíblia.

Em suma, são diferentes fatores que foram fontes impulsionadoras das CEBs na Diocese de Lages, que em seus respectivos tempos e com suas características peculiares, vão gerar Comunidades com distintos modos de pensar e agir ao longo de sua história.

A partir desta eclesiologia, a Comunidade paroquial passa a ser entendida como uma Rede de Comunidades, Comunidade de Comunidades. De forma privilegiada nas CEBs, se estrutura o modo de ser Igreja explicitado nas seis dimensões da Ação Evangelizadora na Diocese de Lages: Participativa, Ministerial,

Celebrativa, Missionária, Ecumênica e do Diálogo Inter-religioso e Sócio Transformadora<sup>14</sup>.

### **3.3.3 As dimensões da Ação Evangelizadora: seis faces de um mesmo rosto**

Desde o Concílio Vaticano II, a Igreja Católica assumiu um rosto novo. Ela foi definida como Povo de Deus. Insiste-se mais na dimensão da Igreja-comunhão. É o novo jeito de ser Igreja-família, Igreja-participação, Igreja-comunidade, Igreja-povo. Nela, todos os fiéis são corresponsáveis pela vida cristã e pela missão evangelizadora. Todos os batizados têm carismas ou dons, para serem postos a serviço da comunidade. Para Libânio (2005, p. 146)

[...] o Concílio Vaticano II significou real ruptura em relação a mentalidade predominante na Igreja católica até o final do pontificado de Pio XII. Essa ruptura caracterizou-se pela passagem de uma visão pré-moderna do mundo para uma visão moderna. E o Concílio foi esse divisor de águas, ao confeccionar os textos e ao dirigi-los precipuamente ao sujeito social moderno.

Com o objetivo de melhor explicitar e viver essa mudança de mentalidade, surgem as Dimensões da Ação Evangelizadora, como princípios norteadores de toda ação pastoral que deverão ser colocados em prática para que se testemunhe uma Igreja verdadeiramente inserida na vida da comunidade e sinal visível da prática de Jesus.

---

<sup>14</sup> Desde o Plano de Pastoral de Conjunto (1966-1970), a Igreja no Brasil adotou, como quadro de referência abrangente e encaminhador de sua atividade, as denominadas "linhas" pastorais. As seis linhas correspondem às grandes dimensões da vida eclesial. Dimensões que são elementos constitutivos da ação pastoral da Igreja, fundamentados na própria vida cristã pessoal e comunitária. São expressões qualificadas dessa vida cristã e pertencem necessariamente à atuação visível do Espírito Santo na Igreja. São elas: DIMENSÃO COMUNITÁRIA E PARTICIPATIVA (Linha 1); DIMENSÃO MISSIONÁRIA (Linha 2); DIMENSÃO CATEQUÉTICA (Linha 3); DIMENSÃO LITÚRGICA (Linha 4); DIMENSÃO ECUMÊNICA E DE DIÁLOGO RELIGIOSO (Linha 5); DIMENSÃO PROFÉTICA E TRANSFORMADORA (Linha 6). Como percebemos, os ministérios não são compreendidos como "dimensão" da ação pastoral da Igreja no Brasil. No entanto, a Diocese de Lages, assume a Dimensão ministerial como constitutiva da sua Ação Evangelizadora.

### 3.3.3.1 Uma Igreja Participativa

A participação é uma nota fundamental da Igreja-CEBs. Uma Igreja Participativa favorece cada vez mais uma Ação Evangelizadora através de um trabalho de equipe, em perspectiva sinodal. Além de ter respaldo bíblico-teológico, trata-se de uma exigência fundamental da humanidade em nossos tempos: toda pessoa aspira em participar, em ser corresponsável, em assumir conscientemente sua missão. Viver o testemunho de fé em Assembleias, Conselhos, Grupos de Família e Dízimo é a forma de ser Igreja Participativa na Diocese de Lages.

O Documento 100 da CNBB (CONFERÊNCIA..., 2014, p.119) argumenta que:

A Igreja, chamada a ser comunidade de comunidades, é a casa dos discípulos-missionários. Para o seu bom funcionamento, é preciso comunhão e participação que exigem engajamento, tanto na provisão de recursos quanto na administração paroquial. A responsabilidade de sustentar a comunidade paroquial é um compromisso de todo cristão.

Por isso, na Diocese de Lages, uma Igreja Participativa implica em vivenciar a partilha em quatro dimensões essenciais: partilha do ser, poder, saber e ter.

A partilha do “ser” acontece principalmente através dos Grupos de Família, expressão privilegiada das CEBs, de onde brotam todos os serviços e ministérios pastorais e para os quais devem estar voltados. Também na grande Comunidade do Povo de Deus, constituída por uma verdadeira rede de comunidades, espaço e sinal do Reino de fraternidade e justiça na sociedade humana.

A partilha do “poder” acontece em três espaços privilegiados: nos Conselhos Pastorais, espaços de participação e democratização do poder da comunidade eclesial e instrumentos de unidade entre as diversas iniciativas da evangelização, além de oportunizar a Ação Evangelizadora dos leigos e leigas; nos Conselhos de Políticas Públicas, espaços importantes de garantia de direitos, de deliberação de políticas públicas, de participação direta no controle social e de construção de uma Sociedade sem exclusões e, por fim, nas Assembleias Pastorais, espaços de avaliação, de tomada das decisões, de elaboração dos objetivos, de estabelecimento das metas, dos programas e dos projetos pastorais.



A partilha do “saber” acontece nas celebrações comunitárias da Palavra, da Eucaristia, dos outros sacramentos, lugares do cuidado e da acolhida, espaços da partilha do saber, estritamente ligados com o saber, que dá sentido à nossa vida: a experiência sempre renovada do Mistério Pascal de Jesus, o Cristo. Esta partilha acontece também no processo de formação permanente das lideranças, no caminho do saber que é Sabedoria: olhar a realidade com os olhos de Deus.

A partilha do “ter” que acontece nos diversos ministérios, pastorais e outras iniciativas comunitárias, que nascem das necessidades da comunidade e dos dons que cada pessoa coloca a serviço de todos. Que acontece da mesma forma na manutenção da ação evangelizadora, através da partilha do dízimo, no testemunho de uma vida simples, na vivência do necessário e da prática da solidariedade e gratuidade.

Na concepção diocesana acerca do Dízimo, quando o ser humano entende e se converte para compartilhar o dízimo ele está também evangelizando. Além disso, o exercício do dízimo também faz dizimistas capazes de viver do necessário, isto é, sem o espírito de acumular por isso, a partilha do dízimo é um gesto profético numa sociedade que só pensa em acumular e consumir riquezas.

As diretrizes pastorais afirmam: nossa Diocese fez a opção pelo dízimo como forma de louvor e ação de graças a Deus. A partilha do dízimo expressa nossa fidelidade ao modelo de Igreja Povo de Deus. Ele nos aproxima e ajuda-nos no seguimento de Jesus Cristo. O dízimo é um gesto de participação na vida da comunidade eclesial. É, também, um gesto de solidariedade com os pobres e excluídos da sociedade. É na partilha do que somos, temos, sabemos e podemos que concretizamos o gesto do dízimo, conforme testemunharam as primeiras comunidades cristãs (At 4,42-46). Através do dízimo compartilhamos do nosso tempo, capacidades, serviços, ministérios, conhecimentos, inteligência, dinheiro, bens, saberes, enfim, da própria vida (DIOCESE..., 2010, p. 65).

Nesta concepção de dízimo, de forma geral, as comunidades são chamadas a continuar fortalecendo os Conselhos Pastorais, que planejam e executam o Orçamento Comunitário e, com transparência, prestam contas de tudo o que é realizado na comunidade. Também se resgata o verdadeiro sentido da Festa da Comunidade como oportunidade para o crescimento comunitário da espiritualidade e da devoção, como espaço da alegria e do encontro de irmãos e irmãs e não apenas como forma de arrecadar dinheiro.

A partir das indicações pastorais da conferência de Aparecida, a Diocese de Lages também acredita que a conversão pastoral exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária. Por isso, os planos de pastoral, caminho de pastoral orgânica, buscaram ser uma resposta consciente e eficaz, para atender às exigências do contexto apresentado, com indicações programáticas concretas, objetivos e métodos de trabalho. Neste sentido, a partir do Vaticano II, a Igreja Povo de Deus exigiu que o laicato participasse do discernimento, da tomada de decisões, do planejamento e da execução.

Afirma que todos são “convidados a uma conversão contínua para um outro jeito de vivenciar o poder. Não mais o “poder sobre”, um poder violento e autoritário; mas um “poder com”, um poder circular, entre iguais, no respeito às diferenças. Este caminho nos faz encontrar um “poder desde dentro”, o poder de encontro espiritual com Jesus Cristo e sua prática (cf. Jo 13, 1-13). Acreditamos que este jeito de ser Igreja Participativa se manifesta através das Assembleias, dos Conselhos, dos Grupos de Família e na partilha do Dízimo na Diocese de Lages” (DIOCESE..., 2010, p. 35).

Certamente, para ser uma Igreja Participativa concretamente, no processo de evangelização, a Diocese de Lages precisa ser uma Igreja que abre espaço para a participação de todos em todas as suas instâncias de serviços e decisões. Através da vocação profética das CEBs, precisa ainda dar passos para que a Igreja em suas estruturas se torne mais circular, colegiada, acolhedora, inclusiva nas suas relações. Neste sentido, o empenho para que haja a participação de todos nos destinos da comunidade supõe reconhecer a diversidade de carismas, serviços e ministérios.

### 3.3.3.2 Uma Igreja Ministerial

A Igreja é essencial e constitutivamente ministerial. A dimensão ministerial é salutar na vida da Igreja. É vocação e missão da Igreja, através da Ação Evangelizadora, viver o mandamento do amor e a defesa da vida (cf. Jo 10,10). A sua missão não é responsabilidade de poucos, mas de todos os batizados e batizadas. Todas as pessoas são chamadas a um serviço ou ministério, tanto na Igreja como na Sociedade. Deste entendimento brotam os ministérios, nenhum mais

importante que o outro, pois devem estar a serviço da Vida, da Comunidade, indo ao encontro das pessoas afastadas, excluídas, “supérfluas e descartáveis” como nos fala o documento de Aparecida (2010, p.40).

O Papa Francisco (2013, p. 96) afirma na exortação *Evangelii Gaudium*, que em todos os batizados, desde o primeiro ao último, atua a força santificadora do Espírito que impele a evangelizar. O povo de Deus é santo em virtude desta unção, que o torna infalível *in credendo*, ou seja, ao crer, não pode enganar-se, ainda que não encontre palavras para explicitar sua fé. Como parte de seu mistério de amor pela humanidade, Deus dota a totalidade dos fieis com um instinto da fé – o *sensus fidei* – que os ajuda a discernir o que vem realmente de Deus.

A ministerialidade é uma das dimensões fundamentais da Igreja-CEBs, assumida como linha pastoral na Diocese de Lages. Neste jeito de ser Igreja, todas as pessoas que formam uma comunidade são evangelizadas e evangelizadoras. Segundo Sabugal (1997, p. 20) a Igreja toda é ministerial porque a Igreja toda é servidora, mas não porque todos sejam ministros. Por isso cada pessoa, segundo os dons recebidos de Deus, assume Serviços ou Ministérios específicos, reconhecidos pela Comunidade e necessários para a Ação Evangelizadora. Eles surgem na medida em que aparecem pessoas vocacionadas e se organizam para responder às necessidades que devem ser atendidas em vista da construção do Reino de Deus.

Os bispos do Celam na conferência de Aparecida nos lembram que os ministérios são exercidos através do discipulado missionário. As pessoas que são discípulas missionárias são chamadas a viver em comunhão com o Pai (1Jo 1,3) e com seu Filho morto e ressuscitado, na comunhão do Espírito Santo.

Na Igreja diocesana de Lages, estão presentes os Ministérios Leigos, a Vida Consagrada e os Ministérios Ordenados. Em todos se ambicionou que se articulassem e fossem exercidos numa relação de íntima colaboração no serviço à Comunidade. Por isso, eles devem ser exercidos na igualdade e com a mesma dignidade batismal, que caracteriza toda a vocação cristã, pois nenhum Ministério é mais importante que o outro, embora cada qual possua tarefas específicas.

A Diocese de Lages conta com uma diversidade de Ministerios exercidos na perspectiva da Igreja CEBs, em comunhão com as perspectivas do Vaticano II.

### 3.3.3.2.1 Ministérios Leigos Instituídos

São escolhidos pela comunidade de fé e pelo pároco, instituídos pelo bispo diocesano, através da provisão, que é um mandato apostólico. São os seguintes: Ministério da Palavra, Ministério Extraordinário da Comunhão, Ministério do Batismo e as Testemunhas Qualificadas do Matrimônio.

Na Diocese de Lages através da sua história de evangelização estes ministérios se revelaram essenciais para a caminhada de Igreja. Tanto nos tempos onde não havia quase padres quanto em tempos de Vaticano II, foram os leigos que sustentaram e ainda sustentam a vida das comunidades, seja celebrando a Palavra e distribuindo a Eucaristia nos chamados “Cultos dominicais”, seja animando os Grupos de Família nas casas.

Quanto ao ministério extraordinário do Batismo e as Testemunhas qualificadas do Matrimônio, foi uma experiência positiva nas realidades onde foram realmente incentivadas. No entanto se percebeu uma certa resistência por parte da hierarquia sob o argumento de que estes ministérios devem ser especialmente exercidos pelo sacerdote ou diácono como ministro ordinário.

No entanto, estes ministérios ajudaram a Igreja de Lages a abrir mais as portas para uma Igreja de base laical, haja visto que se impôs não só uma necessidade pastoral mas acima de tudo uma mentalidade de inclusão de incentivo aos leigos para que assumissem o protagonismo pastoral na Igreja.

### 3.3.3.2.2 Ministérios Leigos Confiados

No mesmo espírito dos ministérios anteriores, os ministérios confiados foram fundamentais para delinear o chão pastoral da Igreja de Lages. No conjunto das vocações leigas foi se descobrindo uma grande riqueza de outros ministérios, serviços, pastorais e movimentos, que emergiram das necessidades da Comunidade e que com protagonismo se colocaram igualmente a serviço do Reino de Deus. Podemos destacar na Diocese de Lages: Animadores e Animadoras de Grupos de Família, Catequistas, Serviço de Animação Vocacional (SAV), Animadores e Animadoras da Liturgia, Pastoral da Visitação e da Acolhida, Agentes da Pastoral da Saúde, Pastoral da Criança, Pastoral da Comunicação, Pastoral Afro, Pastoral Familiar, Agentes do Jornal Caminhada, Pastoral do Dízimo, Pastoral da Pessoa

Idosa, Pastoral da Juventude, Pastoral Missionária, Coroinhas, Infância Missionária, Comissão Pastoral da Terra, Pastoral Carcerária, Pastoral dos Sacramentos, Festeiros e Festeiras, Agentes Cáritas, Legião de Maria, Apostolado da Oração, Renovação Carismática Católica, Equipes de Nossa Senhora, Movimento de Casais, Lareira, Comunidades de Vida, Oficina de Oração, Secretaria Paroquial e Administração.

A prática pastoral na Diocese de Lages foi discernindo que, a partir do Vaticano II, que às pessoas leigas são confiados os ministérios que visam à construção de uma Sociedade e de uma Igreja sem exclusões, justas, fraternas e solidárias. Isto quer dizer que às pessoas leigas corresponde, com sua livre iniciativa e sem esperar passivamente ordens e diretrizes, penetrar com espírito cristão a mentalidade e os costumes, as leis e as estruturas da comunidade em que vivem.

Neste sentido, a Conferência de Aparecida, desafia ainda mais a Igreja a impulsionar e promover “o mais amplo protagonismo das mulheres”, garantindo “a efetiva presença da mulher nos ministérios que na Igreja são confiados aos leigos, como também nas instâncias de planejamento e decisão pastorais, valorizando sua contribuição” (CONSELHO..., 2007, p. 205). Tudo isto com certeza através de uma sólida formação como nos pede o documento de Aparecida.

Para cumprir sua missão com responsabilidade pessoal, os leigos necessitam de sólida formação doutrinal, pastoral, espiritual e adequado acompanhamento para darem testemunho do Cristo e dos valores do Reino no âmbito da vida social, econômica, política e cultural (CONSELHO..., 2007, p. 102).

Assim se compreende que o espaço próprio da atividade evangelizadora dos leigos e leigas é o mundo vasto e complexo da política, da realidade social e da economia, como também da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos meios de comunicação e outras realidades abertas à evangelização, como o amor, a família, a educação das crianças e adolescentes, o trabalho profissional e o sofrimento humano.

#### 3.3.3.2.3 A Vida Consagrada

Historicamente a vida consagrada sempre esteve presente na Diocese de Lages. Desde os tempos de sua criação, principalmente através da Ordem Franciscana, ela desempenhou um trabalho pastoral fundamental no processo de

evangelização da Diocese. Este trabalho prosseguiu firme através das varias congregações masculinas e femininas que marcaram e ainda marcam presença naquela Diocese. Destacamos aqui, além dos Franciscanos, os missionários Redentoristas, as irmãs catequistas franciscanas, as irmãs Salvatorianas, os frades Capuchinhos, os Missionarios Combonianos, os padres Carlistas, as irmãs Azuis, as irmãs Franciscanas de Dillingen, as irmãs da Divina Providencia, as irmãs Pastorinhas, as irmãs franciscanas de São José e por fim as Irmãs Franciscanas do Apostolado Paroquial que são de direito diocesano e nasceram na própria Diocese de Lages.

No espírito de colaboração e de vivência de uma espiritualidade de pobreza e serviço, os religiosos e religiosas exerceram diversos trabalhos a nível de coordenação pastoral. Não resta dúvidas de que a Igreja de Lages guarda em sua história uma identidade construída a partir do frutuoso trabalho dos religiosos e religiosas. Assim, a Vida Consagrada é reconhecida como um Dom para aquela Igreja da mesma forma que o é para toda a Igreja.

A vida consagrada é um dom do Pai, por meio do Espírito, à sua Igreja, e constitui elemento decisivo para sua missão. Expressa-se na vida monástica, contemplativa e ativa, nos institutos seculares, naqueles que se inserem nas sociedades de vida apostólica e outras novas formas (CONSELHO..., 2007, p. 104).

Na Diocese de Lages, a participação das pessoas consagradas no processo de Evangelização se insere no espírito de colocar-se a serviço do Reino, a partir de uma profunda experiência de Deus, com o Espírito dos Fundadores e Fundadoras, em estreita colaboração com o bispo, os presbíteros, leigos e leigas, participando de toda vida pastoral, de forma especial com os excluídos.

#### 3.3.3.2.4 Ministérios Ordenados

Como não poderia ser diferente, estão presentes e são fundamentais na vida da Igreja de Lages. No entanto, também o ministério ordenado deve exercer seu múnus em comunhão com toda a Igreja e no espírito no Vaticano II, como primeiros responsáveis por construir uma Igreja Povo de Deus. São Ministros ordenados os diáconos permanentes, os presbíteros e os bispos.

O Diaconato Permanente iniciou-se nesta Diocese desde 1971, com a primeira escola diocesana de diáconos. Seguindo o que nos fala o Documento de Aparecida podemos dizer que a missão do diácono exige uma inserção cada vez maior na realidade humana e eclesial. Ele pelo específico de seu ministério precisa dar verdadeiro testemunho do Cristo servidor nos mais diversos setores da vida pastoral.

Alguns discípulos e missionários do Senhor são chamados a servir à Igreja como diáconos permanentes, fortalecidos, em sua maioria, pela dupla sacramentalidade do Matrimônio e da Ordem. São ordenados para o serviço da Palavra, da Caridade e da Liturgia, especialmente para os sacramentos do Batismo e do Matrimônio; também para acompanhar a formação de novas comunidades eclesiais, especialmente nas fronteiras geográficas, onde ordinariamente não chega a ação evangelizadora da Igreja (CONSELHO..., 2007, p. 100-101).

De forma geral, o diácono é chamado a inserir-se plenamente na Comunidade a que serve, de modo que possa promover continuamente a comunhão da mesma com o presbítero e o bispo. Além disso, deve respeitar e fomentar os ministérios exercidos por pessoas leigas.

O Presbiterado pela sua consagração exerce o múnus fundamental de governar, santificar e ensinar o povo de Deus. Esse múnus perde seu sentido quando não é exercido como serviço, como forma de visibilizar o amor e a misericórdia de Deus para com toda a humanidade. Por isso, se compreende que na medida em que tenha feito à experiência de Deus na vida pessoal e comunitária, o presbítero se torna cada vez mais alguém comprometido com o anúncio e o testemunho do Reino de Deus, principalmente onde a Vida humana se encontra mais ameaçada. Assim, Aparecida nos fala que,

[...] o Povo de Deus sente a necessidade de presbíteros-discípulos: que tenham profunda experiência de Deus, configurados com o coração do bom Pastor, dóceis às orientações do Espírito, que se nutram da Palavra de Deus, da Eucaristia e da oração; de presbíteros-missionários: movidos pela caridade pastoral que os leve a cuidar do rebanho a eles confiado e a procurar os mais distantes, pregando a Palavra de Deus, sempre em profunda comunhão com seu Bispo, com os outros presbíteros, diáconos permanentes, pessoas consagradas e pessoas leigas; de presbíteros-servidores da vida: que estejam atentos às necessidades dos mais pobres, comprometidos na defesa dos direitos dos mais fracos, e promotores da cultura da solidariedade. Também de presbíteros cheios de misericórdia, disponíveis para administrar o sacramento da reconciliação (CONSELHO..., 2007, p. 98).



Para a Diocese de Lages, a renovação da paróquia exige atitudes novas de todos os padres, particularmente dos párocos que estão a serviço dela. A grande exigência é o que o pároco seja autêntico discípulo de Jesus Cristo, porque somente a partir do seguimento de Jesus pode renovar e a animar uma paróquia com suas comunidades. Ao mesmo tempo, o padre deve comungar com o jeito de ser Igreja-CEBs, como ardoroso missionário que vive o constante desejo de buscar os afastados e não se contenta com a simples administração.

O Concílio Vaticano II estabelece o sacerdócio ministerial a serviço do sacerdócio comum dos fiéis, e cada um, ainda que de maneira qualitativamente diferente, participa do único sacerdócio de Cristo. A ministerialidade é o caminho que a Igreja-CEBs percorre para superar suas próprias contradições e ambiguidades. É uma vocação profética para que as pessoas discípulas-missionárias de Jesus recriem relações de igualdade na Comunidade. Ora acreditamos defender uma Igreja do “poder sobre”, autoritária e legalista, ora acreditamos na Igreja do serviço, “do poder com”, do Povo de Deus. Esta tensão existe desde sempre, mas pode ser, aos poucos, convertida com práticas mais includentes. Os ministérios ordenados e leigos, a vida consagrada, os serviços e pastorais devem estar a serviço da vida plena, com práticas de acolhida, diálogo e ternura, a começar entre si mesmos, abrindo-se amplamente para relações sociais e ecológicas do cuidado com a Vida. Toda vez que a vida das pessoas é “penalizada” em nossa Igreja, a fidelidade ao seguimento de Jesus corre o risco de se enfraquecer, já que nem sempre conseguimos testemunhar concretamente a comunhão trinitária (DIOCESE..., 2010, p. 36-37).

O Episcopado também deve ser exercido dentro do espírito de comunhão. O Bispo, como sucessor dos apóstolos, junto com todos os fiéis e em virtude do batismo é, antes de mais nada, discípulo e membro do Povo de Deus. Conforme afirmaram os próprios bispos reunidos na Conferência de Aparecida: Como pastores e guias espirituais das comunidades a eles confiadas, os bispos são chamados a fazer da Igreja uma casa e escola de comunhão”. Como animador da comunhão, o bispo tem a missão de acolher, discernir e animar carismas, ministérios e serviços na Igreja. Como pai e centro de unidade, esforça-se por apresentar ao mundo o rosto de uma Igreja na qual todos se sintam acolhidos como em sua própria casa.

“Para todo o Povo de Deus, em especial para os presbíteros, procuramos ser pais, amigos e irmãos, sempre abertos ao diálogo (CONSELHO..., 2007, 94-95).

O papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, assim descreve o ministério do bispo:

O Bispo deve favorecer sempre a comunhão missionária na sua Igreja diocesana, seguindo o ideal das primeiras comunidades cristãs, em que os crentes tinham um só coração e uma só alma (cf. At 4, 32). Para isso, às vezes pôr-se-á à frente para indicar a estrada e sustentar a esperança do povo, outras vezes manter-se-á simplesmente no meio de todos com a sua proximidade simples e misericordiosa e, em certas circunstâncias, deverá caminhar atrás do povo, para ajudar aqueles que se atrasaram e sobretudo porque o próprio rebanho possui o olfato para encontrar novas estradas. Na sua missão de promover uma comunhão dinâmica, aberta e missionária, deverá estimular e procurar o amadurecimento dos organismos de participação propostos pelo Código de Direito Canônico e de outras formas de diálogo pastoral, com o desejo de ouvir a todos, e não apenas alguns sempre prontos a lisonjeá-lo. Mas o objetivo destes processos participativos não há-de ser principalmente a organização eclesial, mas o sonho missionário de chegar a todos (FRANCISCO, 2013, p. 28).

Nesta perspectiva, a Diocese de Lages, em comunhão e sob o governo do Bispo diocesano tem como principio norteador da Ação evangelizadora a comunhão nos espaços de decisão e de poder como forma de deliberar e assumir em conjunto os planos de pastoral e a caminhada da Igreja como um todo. A compreensão é de que Todos os Ministérios comungam do mesmo projeto no seguimento de Jesus e na construção do Reino. Todos os Ministérios partilham da mesma identidade real, profética e sacerdotal do Cristo Ressuscitado. Na Igreja-CEBs que esta Igreja diocesana quer ser, ninguém é maior que o outro (cf. Jo 13,1s). Todas as pessoas são chamadas a viver o serviço no amor e na igualdade (cf. Gl 3,28) a serviço dos mais excluídos da sociedade.

Assim afirma que:

Partilhamos nossa vocação através dos ministérios que estão a serviço da Comunidade, desde a confirmação da fé recebida no batismo. Professamos que, como batizados e batizadas, através do sacerdócio comum do Povo de Deus, somos chamados a viver e a transmitir a comunhão com a Trindade, pois a evangelização é um chamado à participação da comunhão trinitária. Esta comunhão, para a qual somos chamados, torna-se possível nas Comunidades Eclesiais de Base. Lá estão as pessoas que formam comunidade desde o seu chão mais específico, de acordo com suas necessidades mais concretas. Nas bases estão os “sem-poder”, lugar onde Jesus se encarnou: junto aos excluídos e “sobrantes”, sem-casa, sem-terra, sem-família, recasados, doentes, sem-emprego. Com estas pessoas, a Igreja vive a ministerialidade: anuncia a pessoa de Jesus Cristo e seu

evangelho, pratica a justiça, o diálogo e a ternura; celebra, constrói e espera o Reino Definitivo (DIOCESE..., 2010, p. 37).

Neste contexto, os agentes de pastoral são os bispos, os padres, os diáconos, as pessoas consagradas e as pessoas leigas que se dedicam em tempo integral à Ação Evangelizadora nos níveis de Paróquia, de Região Pastoral e de Diocese.

Esta experiência na busca pelas relações de igualdade e partilha dentro da comunidade eclesial deve, da mesma forma, refletir-se na sociedade civil. É indispensável a presença e atuação dos discípulos missionários de Jesus nas diversas organizações sociais e políticas, espaços do exercício da cidadania e garantia dos direitos: Centro dos Direitos Humanos e Cidadania da Região Serrana, Associações, Sindicatos, Conselhos de Políticas Públicas, Cooperativas, Partidos Políticos, Fóruns Locais e Regionais, Comitês pela Vida e Reforma Agrária, enfim, em todos os Movimentos e Organizações Populares que estão a serviço da Vida.

### 3.3.3.3 Uma Igreja Celebrativa

Graças ao Concílio Vaticano II, aconteceu um “retorno” ao sentido genuíno da Liturgia como ação do Povo de Deus, pelo batismo participante do sacerdócio de Cristo e todo Ele celebrante. O Concílio Vaticano II afirma que “a Liturgia é o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte donde emana toda a sua força” (CONCÍLIO..., 1998a, p. 265). Na celebração o povo de Deus participa na grande liturgia que Deus realiza na história da humanidade. É sempre ação criadora, libertadora, transformadora e santificadora que não só nos atinge a pessoa mas a envolve e a torna protagonista, participante desta sua ação, numa aliança de amor e compromisso.

Celebrar é sempre ação comunitária e ato segundo de nossa fé. O Papa Francisco fala que a Igreja “em saída” é a comunidade de discípulas e discípulos missionários, que fazendo a experiência de Jesus Cristo Ressuscitado é impulsionada a “sair em missão” procurando os afastados, convidando os excluídos e oferecendo a todos a misericórdia. A comunidade cristã sentindo-se envolvida abaixa-se, põe-se de joelhos e assume a vida humana, tocando assim a carne sofredora de Cristo no povo. Acompanhando com perseverança a humanidade ela

se torna fecunda pelos frutos, mesmo em meio ao joio semeado junto com o trigo. E a cada pequena vitória é motivo de celebrar e festejar (FRANCISCO, 2013, p. 23).

Na compreensão da Igreja Celebrativa na Diocese de Lages, o jeito que o povo celebra revela de forma especial o jeito de ser Igreja na realidade. Por isso afirma que: A Comunidade reunida na fé, perseverante na escuta e na prática da Palavra, na comunhão fraterna, no partir do pão nas casas e no templo (cf. At 2,42ss), atualiza a presença de Jesus, o Senhor Ressuscitado, experimentando verdadeiramente: “Ele está no meio de nós!”. Por isso, na Igreja que queremos, a Comunidade celebra sua vida litúrgica, os sacramentos, as festas, datas e fatos significativos. A Celebração Eucarística, as Celebrações dominicais da Palavra e o encontro semanal dos Grupos de Família, são espaços privilegiados da Igreja Celebrativa. O modo como a celebração é preparada e realizada, revela o modo de ser Igreja (DIOCESE..., 2005, p. 22).

Na caminhada pastoral diocesana, entende-se que um novo jeito de ser Igreja, a partir dos Grupos de Família (CEBs), implica um novo jeito de celebrar. Isto porque na celebração, se faz a experiência do Mistério Pascal de Cristo, em relação à vida humana, que é também importante e sagrada Palavra de Deus. Neste sentido, na escuta e partilha da Palavra de Deus, na participação da Ceia do Senhor, na celebração dos Sacramentos, nos Grupos de Família e em toda oração pessoal e comunitária, mergulhamos na comunhão da Trindade Santa e antecipa a alegria do Reino, ao mesmo tempo dom e conquista.

Da mesma forma se antecipa a alegria do Reino de Deus, visibilizando uma Igreja do “avental”, servidora e pobre, comprometida na construção de uma Igreja e de uma Sociedade sem exclusões, tornando visível o sacerdócio comum dos fiéis.

Esta Dimensão se realiza no contexto dessa Igreja, através da celebração da Eucaristia, da Palavra, dos Sacramentos, nas manifestações da Piedade Popular, nas experiências celebrativas das Comunidades, nos Movimentos Eclesiais e nas Organizações, Movimentos Populares, Setores Sociais da Pastoral que fazem, no dia a dia, a liturgia, que é ação do povo em defesa da vida.

### 3.3.3.4 Uma Igreja Missionária

A Igreja CEBs, que a Diocese de Lages quer ser e viver, é entendida como lugar privilegiado da vivência da fé em Deus e da realização de seu plano de salvação, do qual nos quer participantes de sua natureza missionária. A Comunidade Eclesial de Base, ou seja, toda a Igreja-Povo de Deus, deve estar atenta em fazer sua a mesma prática missionária de Jesus: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Essa foi a missão assumida pela Igreja Latino-Americana e Caribenha, na Conferência de Aparecida, em maio de 2007, expressa no seu lema: “Discípulos missionários de Jesus Cristo, para que n’ Ele nossos povos tenham vida”.

O Decreto *Ad Gentes*, do Vaticano II, afirma que “a Igreja peregrina é missionária por natureza, porque tem sua origem na missão do Filho e do Espírito Santo, segundo o desígnio do Pai” (CONCÍLIO..., 1998c, p. 352).

Sendo assim, a Missão do Povo de Deus emerge da comunidade de Deus, Uno e Trino, cujo amor transborda e aponta para a convocação e o envio de comunidades missionárias que dão testemunho de Deus-Comunidade de Amor.

Neste sentido, a prática pastoral missionária deve ser pautada em alguns elementos que revelam essa comunhão da missão trinitária e a missão da Igreja diocesana na realidade em que está inserida.

Uma Igreja sinal e instrumento do Reino está no mundo em defesa da Vida, onde esta estiver mais ameaçada. Vai ao encontro e dialoga com o “outro”, com aquela pessoa que se diz católica, mas que não participa da comunidade eclesial, que está afastada, excluída do convívio da comunidade. Atenção especial merecem as famílias e casais nas mais diversas situações: separadas, divorciadas, segunda união, mães e pais solteiros e pessoas em situação de pobreza. Os ministérios da acolhida e da visita tornam-se serviços indispensáveis e de dimensão verdadeiramente missionária (DIOCESE..., 2005, p. 22).

Nesta perspectiva a Igreja deve cumprir sua missão seguindo os passos de Jesus e adotando suas atitudes (cf. Mt 9,35).

Ele, sendo o Senhor, se fez servidor e obediente até a morte de cruz (Fl 2,8); sendo rico, escolheu ser pobre por nós (2Cor 8,9), ensinando-nos o caminho de nossa vocação de discípulos-missionários. Nos Evangelhos, aprendemos a sublime lição de ser pobres seguindo Jesus pobre (Lc 6,20;

9,58) e anunciar a Boa Notícia da paz sem bolsa ou alforje, sem colocar nossa confiança no dinheiro ou no poder deste mundo (Lc 10,4s). Na generosidade das pessoas missionários se manifesta a generosidade de Deus, na gratuidade dos apóstolos aparece a gratuidade do Evangelho (DIOCESE..., 2010, p. 40).

A Igreja diocesana de Lages entende que a partir desses pressupostos, a primeira terra de missão é a família reunida em Grupo de Família. Ali se encontra a criança, o adolescente, o jovem, a mulher e o homem, o idoso, a pessoa empobrecida. A missão continua entre os grupos, entre comunidades e paróquias. Por isso, seguindo as intuições da Conferencia de Aparecida “a conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” (CONSELHO..., 2007, p. 169).

Também se valoriza de forma especial na ação evangelizadora missionária da Diocese a missão além fronteiras, onde os cristãos e cristãs atuam indo a outras regiões, ou até outros povos. A Diocese de Lages, nos anos 70, teve uma experiência muito frutuosa no projeto de Dioceses irmãs, fato que foi mencionado nesta pesquisa. Nessa perspectiva, foi assumida pela Diocese com muita alegria a proposta do Papa Bento XVI da Missão Continental que foi confirmada em Aparecida com a certeza de que “a Igreja necessita de forte comoção que a impeça de se instalar na comodidade, no estancamento e na indiferença, à margem do sofrimento dos pobres do Continente” (CONSELHO..., 2007, p. 166).

Neste sentido, a missão não se limita a um programa ou a um projeto, mas é compartilhar a experiência do acontecimento do encontro com Cristo, testemunhá-lo e anunciá-lo de pessoa a pessoa, de comunidade a comunidade e da Igreja a todos os confins do mundo (At 1,8).

Algumas iniciativas pode ser destacadas aqui: Criação e incentivo a Infância Missionária em muitas comunidades, como espaço de participação missionária, de crianças e adolescentes no anúncio do Evangelho; o incentivo e realização de Missões Populares nas comunidades, com a participação efetiva dos leigos; a contribuição anual, no mês de outubro, a Semana Missionária para a Igreja Católica na Amazônia; o trabalho para despertar nos Grupos de Família o interesse pela missão-evangelização, visando construir comunidades missionárias a serviço da vida, etc.

### 3.3.3.5 Uma Igreja Ecumênica e do diálogo Inter-religioso

Um pressuposto importante para esta dimensão na Evangelização na igreja de Lages é a constatação de que vivemos numa sociedade marcada pelo pluralismo de Igrejas. Esse fenômeno já estava presente nesta realidade diocesana, contudo se acentuou cada vez mais com o passar do tempo. Nesse contexto, são visíveis os sinais de tensões, conflitos e divisão entre cristãos e Igrejas. Nem sempre se testemunha o Evangelho do Reino da comunhão e da paz. O Concílio Vaticano II assumiu o Diálogo como dimensão essencial para a vida da Igreja e para o testemunho de vida cristã.

Neste sentido, Wolff (2014, p. 154) afirma que

O diálogo na Igreja deve mostrar a unidade como elemento constitutivo da natureza do povo de Deus: 'Todos os povos, com efeito, constituem uma só comunidade. Tem uma origem comum, uma vez que Deus fez todo o gênero humano habitar a face da terra. Tem igualmente um único fim comum, Deus'. Por isso, o diálogo e suas varias formas e dimensões, visa formar a fraternidade universal que supera qualquer discriminação.

Segundo a afirmação do Vaticano II, a divisão dos cristãos é uma “contradição” à vontade de Cristo que quer a unidade dos seus discípulos, é um “escândalo” para a sociedade, e um “obstáculo” à pregação do Evangelho. (CONCÍLIO..., 1998d, p. 309).

Na concepção diocesana dessa dimensão, se afirma que, no caminho da vivência ecumênica, importa ouvir sempre o apelo de Jesus: “Pai Santo, guarda-os em teu nome... para que eles sejam um, assim como nós somos um... para que o mundo acredite que tu me enviaste” (Jo 17,20-21). A luta pela vida, pelos direitos da cidadania, definitivamente não tem fronteiras (DIOCESE..., 2010, p. 41).

A nível diocesano, o ecumenismo se constitui, para além das parcerias que a Igreja deve buscar junto às outras organizações da Sociedade seguindo Jesus, como o esforço conjunto das Igrejas Cristãs, na evangelização libertadora, como discípula missionária. Se a palavra “ecumenismo” vem de dois termos da língua grega: *oikós*, que significa “casa”; e *meines*, que significa “todos”. Pode-se dizer que ecumenismo quer dizer “a casa de todos”. É nesta idéia que se baseia o ecumenismo: a de que todas as diferenças religiosas podem conviver em paz, dentro do mesmo ideal de amor, justiça e fraternidade.



Da mesma forma, o diálogo inter-religioso se fundamenta na compreensão de que somos filhos e filhas de Deus, porque somos seres humanos feitos à imagem e semelhança do mesmo Criador, morando na casa comum dos irmãos e irmãs, na construção da paz, sem distinção de credos e religiões.

A partir desses referenciais, a Diocese entendeu que os Conselhos Pastorais precisam, sob a orientação da Igreja, trabalhar a formação de uma mentalidade ecumênica mais aberta, pois isso é fundamental para um diálogo sério e frutuoso (DIOCESE..., 2010, p. 42).

Dessa forma, o ecumenismo é, assim, uma “necessidade” da Igreja, pois a ajuda a viver a sua natureza e vocação à unidade e à comunhão. E não busca-se apenas o respeito ou a convivência pacífica entre os cristãos. Isso é importante, mas quer mais: busca-se “a unidade” e a “comunhão” na fé em Jesus Cristo, a participação comum na sua Igreja, o testemunho comum do Evangelho do Reino da “vida em abundância” (Jo 10,10) para todas as pessoas.

É de extrema importância entender que o ecumenismo não é uma “pastoral a mais”, junto às outras pastorais que já realizamos. O ecumenismo é “uma dimensão” de todas as pastorais. Não existe uma “pastoral ecumênica”, mas sim “o ecumenismo na pastoral. Assim, todas as pastorais precisam desenvolver sua dimensão ecumênica, entendendo o ecumenismo como parte integrante da ação evangelizadora da Igreja.

Da mesma forma, o diálogo inter-religioso se estabelece numa relação de respeito aos modos de agir e viver, os preceitos e doutrinas das diferentes religiões. A Igreja entende que é seu dever promover a unidade e a caridade entre os seguidores das diferentes religiões. Por meio do diálogo e da colaboração com as outras religiões, se favorece a construção de um mundo melhor, de igualdade, fraternidade, justiça e paz. Isso é a base para o diálogo inter-religioso.

A Diocese de Lages procura fazer sua caminhada Ecumênica e do diálogo inter-religioso como caminho da vivência evangélica do diálogo e da comunhão com as Igrejas e religiões. No entanto são poucas as iniciativas que revelam de fato uma prática ecumênica e inter-religiosa efetiva. No relatório da 25ª Assembleia Diocesana de Pastoral, no ano 2000, foram colocadas como algumas práticas ecumênicas realizadas na Diocese o “trabalho nas campanhas da fraternidade ecumênicas, as semanas de oração pela unidade dos cristãos, cultos ecumênicos, a divulgação e esclarecimento sobre o ecumenismo” (DIOCESE..., 2000, p. 16).

As práticas colocadas pelo relatório da assembleia de 2000 ainda são as práticas que se procura implementar nesta realidade diocesana. É muito pouco. Percebe-se que ainda há um longo caminho a percorrer para se ter uma prática ecumênica e do diálogo inter-religioso condizente com aquilo que se quer nesta Igreja a partir daquilo que essa dimensão se propõe.

### 3.3.3.6 Uma Igreja Sócio-transformadora

Na Igreja de Lages, a dimensão sócio-transformadora parte da constatação de que a sociedade atual está perdendo os valores da solidariedade, da partilha e da comunhão, da amizade e do respeito para com a pessoa humana e toda a obra da criação. A dignidade da Vida, em todas as suas manifestações, está sucumbindo ao desejo do lucro, aos apelos do consumismo e à ganância desenfreada. A globalização, sustentada pelo sistema neoliberal, por um lado, concentra riquezas e bens nas mãos de poucas pessoas e empresas; por outro lado, traz a fome e a miséria, o desemprego e o subemprego, o êxodo rural, a violência, as drogas e a alienação. O Documento de Aparecida afirma ainda que,

[...] uma globalização sem solidariedade afeta negativamente os setores mais pobres. Já não se trata simplesmente do fenômeno da exploração e opressão, mas de algo novo: a exclusão social. Com ele a pertença à sociedade na qual se vive fica afetada na raiz, pois já não está abaixo, na periferia ou sem poder, mas está fora. Os excluídos não são somente 'explorados', mas 'supérfluos' e 'descartáveis' (CONSELHO..., 2007, p. 39-40).

Enquanto Igreja a serviço da vida, se reafirma o mandamento “não matar” que põe um limite claro para assegurar o valor da vida humana, assim também hoje devemos dizer não a uma economia da exclusão e da desigualdade social.

Seguindo as intuições do papa Francisco, se entende que o serviço da caridade é uma dimensão constitutiva da missão da Igreja e expressão irrenunciável da sua própria essência. Assim como a Igreja é missionária por natureza, também brota inevitavelmente dessa natureza a caridade efetiva para com o próximo, a compaixão que compreende, assiste e promove. A proposta é o Reino de Deus (Lc 4,43). Trata-se de amar a Deus, que reina no mundo, e, na medida em que Ele

conseguir reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos (FRANCISCO, 2013, p.148-149).

A partir desses pressupostos,

[...] evangelizar na Região Serrana significa anunciar a Boa Notícia do Evangelho de Jesus. O Evangelho é Boa Notícia se fizer acontecer, na prática, a Boa Realidade. Assumimos na Diocese de Lages a dimensão Sócio Transformadora da Igreja como prática do Evangelho de Jesus que transforma as relações e o mundo: 'O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos, e para proclamar um ano da graça do Senhor. Então Jesus começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta passagem da Escritura que vocês acabam de ouvir' (cf. Lc 4,18-19. 21) (DIOCESE..., 2010, p. 98).

Esta opção pelo seguimento de Jesus, implica principalmente em uma opção pelos pobres e pelos excluídos, fixando o olhar nos rostos de novos excluídos que emergiram com o avanço da globalização na América Latina e Caribe:

[...] os migrantes, as vítimas de violência, os deslocados e refugiados, as vítimas do tráfico de pessoas e sequestros, os desaparecidos, os enfermos de HIV, os toxicodependentes, idosos, meninos e meninas de rua que são vítimas da prostituição, pornografia e violência ou do trabalho infantil, mulheres maltratadas, vítimas da exclusão e do tráfico para a exploração sexual, pessoas com capacidades diferentes, grandes grupos de desempregados/as, excluídos pelo analfabetismo tecnológico, as pessoas que vivem nas ruas das grandes cidades, os indígenas e afro-americanos, agricultores sem-terra e os mineiros. A Igreja, com sua Pastoral Social, deve dar acolhida e acompanhar essas pessoas excluídas nas respectivas esferas (CONSELHO..., 2007, p. 181).

Da mesma forma, o papa Francisco, grande "porta-voz" do Vaticano II, desde o início de seu ministério, insiste que os pobres estão no coração de Deus e, portanto, devem também estar no coração da Igreja. Então afirma que: Por isso, desejo um a Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica de suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles (DIOCESE..., 2010, p. 98).

Essa opção pelos pobres, a nível diocesano, também se explicita através do cuidado com a natureza, lugar de cuidado com a vida por excelência.

Assim as diretrizes pastorais afirmam:

[...] consideramos como parte de nossa opção também o cuidado com a Vida. Fenômenos como o aquecimento global, poluição da terra, das águas e do ar, são sinais de uma cultura de consumo, de exploração e desrespeito com a casa comum em que vivemos. Por isso, em nossa região, como Igreja, devemos estar atentos às mudanças que vem acontecendo, devido aos projetos de construção de barragens, ao monocultivo do pinus, do eucalipto e da soja, criação massiva de gado, desmatamentos, queimadas e uso de agrotóxicos. É preciso substituir relações predatórias de domínio por relações repletas de cuidado (DIOCESE..., 2010, p. 99).

A idéia básica dessa afirmação, é salientar que mesmo sendo dever central do Estado, se queremos que esta situação mude é preciso que a Igreja não fique à margem na luta pela justiça. Todos os cristãos, incluindo de outras comunidades eclesiais, são chamados a preocupar-se com a construção de um mundo melhor. Neste sentido, as pastorais sociais precisam dar um passo, saindo do assistencialismo para uma ação mais transformadora. A partir do coração do Evangelho, são chamadas a reconhecer a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora.

Na Diocese de Lages, um espaço privilegiado de concretização da dimensão sócio-transformadora é o Fórum das Pastorais Sociais, onde se reflete, planeja e busca ações concretas no âmbito da sociedade. Constituem o Fórum: Setores da Pastoral, Serviços, Ministérios, Movimentos, Associações, Instituições e Organizações ligadas à Igreja Católica. Outras entidades afins podem participar.

Outras ações também se destacam: O exercício de parcerias que promovem a justiça e o direito entre a Sociedade Civil, o Poder Público e as Comunidades Eclesiais; o apoio logístico, econômico e formativo para o fortalecimento das Pastorais Sociais, na sua articulação com os Movimentos e Organizações Sociais e a Rede Cáritas nos diferentes níveis de nossa Diocese; O acompanhamento pastoral para as pessoas em situação de empobrecimento, presentes em nossa Região Serrana morando nos inúmeros acampamentos, assentamentos e reassentamentos; o fortalecimento e a articulação das Pastorais Sociais como ação organizada, planejada e sistemática, de modo a incidir no meio social; a formação

das comunidades para uma consciência ecológica, apoiando as iniciativas agro-ecológicas, empreendimentos de economia solidária e de materiais recicláveis; o trabalho no sentido de exercer o controle social das Políticas Públicas, participando dos diversos Conselhos Municipais como: Saúde, Criança e Adolescente, Assistência Social, Meio Ambiente, Idoso, etc.

Além disso, a Diocese amadurece a idéia de criar uma formação sistemática das lideranças das diversas pastorais e organismos através da Escola Diocesana de Fé e Política.

#### 4 ELEMENTOS ESPECÍFICOS DA RECEPÇÃO DO CONCÍLIO VATICANO II NA DIOCESE DE LAGES

O Concílio Vaticano II redescobriu a Igreja como Povo de Deus. Nela é comum a dignidade de todos os seus membros, que tem a mesma fé, o mesmo batismo e participam da mesma Eucaristia. Para o Papa João XXIII, que convocou o Concílio, a Igreja precisava de um “*aggiornamento*”, renovação, diálogo com o mundo, com as pessoas leigas, com os cristãos não católicos, com as outras religiões. Nesta perspectiva, a Igreja deverá estar a serviço do Reino de Deus, que é totalmente maior do que ela. A Igreja é sacramento, semente do Reino, que acontece também nas outras formas de promoção e defesa da vida. Por isso, a Igreja se coloca em diálogo e serviço frente ao mundo, sendo companheira da humanidade em suas alegrias e angústias. Quando tratamos do Concílio Vaticano II queremos incluir na reflexão também as conferências episcopais latino americanas que foram essenciais para uma melhor compreensão do Concílio. Neste capítulo, a partir do Concílio e das Conferências, apresentaremos as atividades e as linhas pastorais que visibilizaram a presença destes na ação pastoral da Diocese de Lages.

Sobrino (2000, p. 168-169) afirma que

A importância do Concílio é óbvia, sobretudo na atual situação e gestão eclesiais. Mas, voltando-se apenas ao Vaticano II não surgirá a Igreja dos pobres [...] no Vaticano II essa Igreja ficou ignorada. Vejo, pois, um perigo grave para a teologia em querer voltar ao concílio se a teologia não se esforça ao mesmo tempo para voltar a Medellín. Aqui nasceu a intuição, que Puebla explicitou depois, do que chamamos o princípio jesuânico: ‘Deus ama o pobre pelo simples fato de sê-lo’. Se a teologia não torna esse princípio central no mundo de hoje, mundo de pobres, não terá identidade cristã nem relevância histórica. Poder-se-ia, portanto, formular a tarefa, sem cair em nominalismo, afirmando que é preciso voltar ao Vaticano II – Medellín, é preciso atualizá-los e abri-los às novidades de nosso tempo, sem perder o princípio jesuânico.

A Igreja proposta pelo Vaticano II foi acolhida nos planos pastorais, da Igreja de Lages, dois anos após a sua conclusão. Os planos de pastoral foram elaborados tendo em vista as intuições conciliares e trouxeram para a Igreja um “novo” jeito de refletir e viver a prática pastoral.

#### 4.1 O PROCESSO DE EVANGELIZAÇÃO EM LAGES NOS ANOS 60

O primeiro Plano de Pastoral da Diocese de Lages foi elaborado no ano de 1967 e estava previsto para nortear a vida pastoral da mesma no biênio 1967-1968. Nesta época, Santa Catarina fazia parte do Regional Sul III da CNBB, junto com o Rio Grande do Sul, juntos somavam um número de 16 Dioceses.

A frase que introduz o Plano pastoral foi retirada da Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios, capítulo 9 e versículo 26: “O Apóstolo não corre no encaço do incerto e bate no ar”. Este plano de pastoral, como sugere a frase acima, nasceu com a missão de dar um rumo para a Diocese de Lages. Para a Igreja do Concílio, era fundamental saber para onde se caminhar, por isso, era preciso definir projetos, traçar metas a serem colocadas em prática para uma pastoral que pudesse nortear a caminhada de Igreja.

Este Plano de Pastoral foi o primeiro a tentar introduzir de fato os ideais do Concílio Vaticano II (1962-1965) na Diocese e por isso, as reflexões nele propostas delinearam um pouco mais sobre o perfil pastoral assumido na Diocese. Já na apresentação do Plano, assinada pelo então bispo diocesano Dom Daniel, fica explícito o momento que a Igreja e a sociedade estavam vivenciando e quais as expectativas que se criava em relação a Igreja: Vivemos numa época em que as transformações sociais se processam num ritmo acelerado. Ora, a Igreja é destinada, por ordem divina, a atuar no meio do mundo. Ela está a serviço da humanidade. Deverá forçosamente, estudar a maneira mais adequada e eficiente para levar a mensagem cristã, ao homem do nosso tempo, à geração atual (DIOCESE..., 1967, p. 3).

Percebe-se neste Plano um esforço para que sejam aplicadas as intuições do Concílio como forma de se constituir essa nova compreensão de Igreja: Povo de Deus. A caminhada de Igreja diocesana de Lages foi se delineando a partir da presença de uma nova mentalidade que veio de certa forma, romper com os antigos modelos de evangelização. A Diocese de Lages (1967, p. 3) afirma:

[...] depois de conhecermos a realidade de nossa Diocese, temos que aplicar à nossa situação concreta, aqueles meios que diante de Deus, consideramos mais aptos e indicados. Necessitamos da compreensão e da ajuda de todos os membros do Povo de Deus. A hora é decisiva. O Concílio Vaticano II traçou as normas para o momento histórico que ora atravessamos. [...] Não há mais lugar, nem tempo para dúvidas.



Em 1966, a CNBB havia publicado um Plano de Pastoral de Conjunto a ser executado até 1970. Dentro desse plano nacional deveriam se adequar os planos Regionais e dentro dos planos regionais os planos Diocesanos. Para execução desses planos diocesanos ficou previsto o período entre julho de 1967 e dezembro de 1968. O objetivo geral dos planos Regional e Nacional era basicamente, segundo Plano diocesano de pastoral (1967, p. 14) “criar meios e condições para que a Igreja do Brasil se ajuste o mais rápida e plenamente possível a imagem da Igreja do Vaticano II”

A partir disso, se delinearam para Igreja em todo Brasil seis linhas de trabalho:

- a) Promover uma sempre mais plena unidade visível no seio da Igreja católica;
- b) Promover a ação missionária;
- c) Promover a ação catequética, o aprofundamento doutrinal e a reflexão teológica;
- d) Promover a ação litúrgica;
- e) Promover a ação ecumênica;
- f) Promover a melhor inserção do Povo de Deus como fermento na construção de um mundo segundo os desígnios de Deus.

Seguindo os passos do Plano Nacional e Regional, na Diocese Diocese de Lages se assumiu essas prioridades reconhecendo as dificuldades da realidade e a necessidade de adequar a ação pastoral ao contexto de cada paróquia. Diz o texto da Diocese de Lages (1967, p. 15) que “[...] em nossa Diocese, haverá paróquias onde uma das linhas de trabalho exigirá mais urgência do que as outras; o elemento humano disponível não será o mesmo em toda a parte”.

Como exemplo dessa nova mentalidade, encontramos neste 1º Plano Diocesano de Pastoral as seguintes afirmações que nos ajudam a compreender uma nova concepção de Igreja:

A ideia central é a de Povo de Deus. A dignidade do Cristão está em pertencer ao Povo de Deus e não em ser papa, bispo ou padre. Ser papa, bispo ou padre é assumir um maior compromisso em servir o povo de Deus. Quanto mais alto posto ocupa alguém dentro do povo de Deus, tanto mais obrigação assume para servi-lo desinteressadamente. Ser leigo não é ser alguém a margem, como se fosse um mero súdito. Os leigos são gente que tem voz ativa dentro da Igreja e que devem colaborar com ela. São membros do povo de Deus (DIOCESE..., 1967, p. 23).

Não há dúvidas de que essa mentalidade abriu grandes perspectivas pastorais para a Igreja da Diocese de Lages. No entanto, ainda hoje se pode constatar que é um projeto ainda em processo de concretização. Por isso, a Diocese de Lages (2010, p. 27) recorda que

Chegando o tempo da renovação da Igreja através do Concílio Vaticano II (1962-1965), das Conferências dos Bispos Latino Americanos em Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992), Aparecida (2007) e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, apresentou-se o modelo de 'Igreja Povo de Deus', que se aproxima do povo. A Igreja Povo de Deus quer evangelizar esse mesmo povo e ser evangelizada por ele, levando em conta, sobretudo, a cultura e a realidade. É um imperativo evangelizar na América Latina e, especialmente no Brasil, a partir da 'evangélica opção preferencial pelos pobres e pelos jovens' – conforme a Conferência de Puebla.

Fica evidente a importância deste primeiro plano pastoral no processo de mudança de mentalidade e introdução de um novo paradigma na ação pastoral da diocese. O que se abre agora é a perspectiva de uma Igreja mais próxima das pessoas, não só sacramentalistas ou legalista, mas de forma especial inserida na vida do povo. No entanto, isso exigirá uma nova postura eclesial, principalmente da hierarquia, formada dentro de um contexto de "romanização", tradicionalista, e que agora precisa ser protagonista desta nova mentalidade pastoral.

#### 4.2 O PROCESSO DE EVANGELIZAÇÃO EM LAGES NOS ANOS 70

O segundo plano diocesano de pastoral foi pensado para os anos de 1969 e 1970. Já na apresentação do plano, o objetivo da ação pastoral é dar visibilidade e concretizar as resoluções do Vaticano II.

Toda essa organização representa o enorme esforço que domina a Igreja no Brasil, em querer aplicar, praticamente, em âmbito nacional, regional e diocesano, o que o Concílio Vaticano II decidiu para a Igreja nacional. Ela quer se renovar e atualizar, colocando-se a serviço dos homens de nosso tempo. Bispos, padres, religiosos e leigos, somos a Igreja. De nós, portanto, depende essa adaptação. Os dias passam e cada vez mais nos distanciamos do Concílio Vaticano II. Vamos por isso, dar mais um passo para frente, colocando a nossa Diocese, tanto quanto possível, na posição que lhe cabe no mundo atual e na sua situação concreta. Que ela represente, de fato, a imagem da Igreja do Concílio Ecumênico Vaticano II (DIOCESE..., 1969, p. 1).

Segundo a própria linguagem do documento, este plano diocesano também se alicerçou em seis grandes linhas de ação: Promover a unidade, promover a ação catequética (apresentada como 2ª e 3ª linhas), promover a ação litúrgica, promover a ação ecumênica e, por fim, promover a inserção do Povo de Deus como fermento na construção do mundo.

Como de praxe nos planos de pastoral, para cada linha apresentada foram apresentadas atividades para sua concretude na realidade da Diocese. Também foi enriquecido com organogramas apresentando a estrutura pastoral da Diocese com as pastorais existentes e seus responsáveis a nível diocesano.

Este plano deu prosseguimento a linha pastoral proposta pelo primeiro plano pastoral. Percebe-se claramente uma mudança de mentalidade na reflexão e no agir pastoral proposta para a Diocese. A idéia central de uma Igreja Povo de Deus, conceito essencial do Vaticano II, traz uma nova perspectiva principalmente para o laicato que passa agora a ser protagonista e não apenas sujeito da ação evangelizadora.

Inserir-se no mundo significa não apenas estar nele presente de modo estático, mas de modo dinâmico e transformador, assumindo todas as realidades terrenas, tornando-as mais próximas de Deus. Significa isto, estarem os cristãos presentes ativamente em todas as realidades que constituem a ordem temporal (DIOCESE..., 1969, p. 7).

Os anos de 1970 a 1973 a Diocese de Lages segue orientando sua vida pastoral através das indicações recebidas pela CNBB no intuito de uma maior comunhão com a Igreja no Brasil. Os planos de pastoral para o período (70/71 e 72/73) buscaram contemplar principalmente a figura do laicato na Diocese.

O ano de 1970 foi vivido como o “ano dos Leigos” em toda Diocese as atividades estiveram voltadas para a formação e redescoberta da missão do leigo na Igreja. Nesta perspectiva o intuito era formar leigos e leigas esclarecidos, ativos e responsáveis que pudessem fazer acontecer na Diocese a proposta de Igreja postulada pelo Vaticano II. Num encontro de coordenadores de Grupo, assim se expressa uma pessoa identificada como “um integrante do Grupo”, no informativo Pastoral Diocesana:

Agora sim, percebe-se que ser Cristão é algo mais sério do que pensávamos. Ser filho de Deus, ser membro do Povo de Deus, ser irmão de

muitos, ser testemunha de Cristo, começa a ter sentido e significado para cada um de nós, participantes dos grupos (DIOCESE..., 1970, p. 5).

Também neste período estava a todo vapor a Escola Diocesana de Catequese que, no espírito do Vaticano II, tinha como objetivo: “Sentir-nos Igreja em vista de uma missão no mundo” (DIOCESE..., 1970, p. 5).

As grandes linhas de Ação adotadas em âmbito nacional e diocesanas, no período 1970-1973, giravam em torno de alguns objetivos: 1º introduzir o dízimo (centésimo) em todo o território nacional e por consequência em todo território diocesano; 2º Um plano de manutenção do clero para que estes tivessem um padrão de vida melhor e não precisassem exercer outra profissão para se manter; 3º A formação de professores de Educação moral e cívica, disciplina tornada obrigatória pelo Estado, e que formaria a consciência cidadã nas pessoas; 4º Questões relacionadas à liturgia como por exemplo a forma e as cores das vestes litúrgicas, temporas e rogações, breviário provisório e o novo ritual de exéquias; 5º O Sínodo Episcopal de 1971 que trataria de 2 temas centrais: o sacerdócio ministerial e a justiça no mundo; 6º A pastoral vocacional considerada uma questão vital para a Igreja da época e que estava vivendo uma “crise” de perseverança (DIOCESE..., 1971, p. 5-6).

A pedido de Dom Honorato Piazero, no dia 16 de fevereiro de 1971 iniciou na Diocese a primeira escola de diáconos que por escolha do clero teve Dom Daniel Hostin como patrono. Os primeiros candidatos foram: Braz Manoel Floriano, de Correia Pinto, João José Jeremias, Abilio Nunes, Antonio Inacio Correa e Dionisio Hoepers, de Lages, Niceto Rodrigues, de Otacilio Costa e Vicente Regalin de Urubici.

Dom Carlos Schimidt, então bispo auxiliar, foi o responsável por dar as boas vindas e de mostrar aos candidatos e a todos os presentes a decisão do Concílio Vaticano II de reintroduzir o diaconato permanente.

Nos anos que se seguiram, a nível diocesano se buscou uma melhor preparação dos agentes de pastoral com a abertura de uma “Escola de auxiliares pastorais” abrangendo as dimensões teológicas, históricas e pastorais da realidade para a ação em conjunto com os párocos e vigários. Além disso, se fomentou um trabalho visitas e encontros em cada paróquia da Diocese no sentido de um caminhar conjunto (DIOCESE..., 1972, p. 17-18).

Os anos de 1974 e 1975 destacam a idéia da busca pela paz, insistentemente pedida pelo papa Paulo VI e que tinha como lema: “A paz também depende de ti”. O Plano diocesano apresenta como objetivo geral “Formar Comunidades vivas de Igreja” e objetivo específico a “Formação de lideranças”. A Assembleia Diocesana dos Agentes de Pastoral realizada nos dias 21 e 22 de fevereiro de 1974 tinha como objetivo de trabalho maior unidade diocesana: buscar uma linha mestra para o trabalho pastoral em 1974.

Este período é marcado por uma organização eclesial que vai se constituindo a partir de planejamentos e organizados a partir de varias equipes de padres e leigos que buscam uma maior eficácia na acao pastoral. Assim manifesta padre Andreas Wiggers sobre esta “nova” opção de trabalho pastoral:

Os planejamentos são incômodos. Levam tempo para serem feitos, doídos mesmo, porque a gente escuta o que não quer, diante das dificuldades encontradas por falta de tempo, de pessoal, de auxiliares. Aos poucos, todos convergimos que a organização, atividades e projetos escritos, revistos e inter-comunicados rendem mais (DIOCESE...,1974, p. 17).

Percebe-se aqui uma mudança de mentalidade que vai se inserindo no coração e na ação pastoral. Certamente reflexo de um novo jeito de propor e fazer pastoral a partir do Vaticano II. Assim, padre Andreas continua:

E nós que somos Igreja, estamos, cada um, de perto, neste trabalho de mudança e renovação da pastoral, não para mostrar as nossas qualidades, capacidades, valores, mas, por meio delas, qual, São Paulo, multiplicados, mostrar o Cristo. Torná-lo conhecido, por cujo reino cada um de nós trabalha, em âmbito diocesano, paroquial, local (DIOCESE..., 1974, p. 17).

Também se percebe nesse biênio um fortalecimento no trabalho com as CEBs. A grande preocupação estava no crescimento cada mais acelerado do mundo urbano em detrimento do mundo rural até então presente na realidade pastoral. Seguindo as intuições da Conferencia de Medellin, postula-se que “o mundo urbano torna-se sempre mais um complexo tecido social. [...] A paróquia já não atinge o homem todo e todos os homens” (DIOCESE..., 1974, p. 18).

Neste ano de 1974, a campanha da fraternidade tinha como tema central “Reconstruir a vida”, com o lema “Onde está o teu irmão” (Gn 4,8). Além de outras iniciativas de cuidado com a vida, o secretariado diocesano buscou fazer um

trabalho de inclusão social com os surdos-mudos na Diocese. Este ano também ficou marcado na Diocese pela grande tragédia da enchente na Diocese de Tubarão, onde pessoas morreram e muitas ficaram sem moradia.

Outras dimensões pastorais são amplamente trabalhadas neste período como por exemplo a pastoral vocacional, o projeto igrejas irmãs, a vida religiosa, a educação religiosa nas escolas, a catequese e a ação social realizada via Cáritas Diocesana. Com relação ao projeto igrejas irmãs, a Diocese de Lages esteve presente no ano de 1975 com a presença das irmãs Salvatorianas que residiam em Lages.

Para o ano de 1975 foram eleitos em assembleia algumas pastorais a serem prioridade na Igreja diocesana: Pastoral vocacional, da juventude, dos enfermos, familiar, educacional, ambiental e “Igrejas Irmãs”. Registrou-se também neste ano, dias 12 e 13 de novembro, o primeiro encontro Estadual da Legião de Maria, no Centro de Formação Católica em Lages. Estiveram presentes membros da Legião dos municípios de Florianópolis, Campos Novos, Herval D’Oeste, Curitiba e Caçador.

A caminhada pastoral diocesana prosseguiu buscando alternativas para se firmar como Igreja inserida na realidade, como era o apelo do Concílio e das Conferências episcopais da América Latina. As prioridades acima elencadas foram incentivadas através de encontros comarcais, formação de agentes, subsídios oferecidos, etc no intuito de se alcançar o máximo de concretude nas metas buscadas.

No ano de 1976 a Diocese viveu um ano Vocacional. As ações pastorais tiveram um cunho vocacional. Neste sentido, continuou, na Diocese de Lages e no Regional Sul IV, o projeto de Igrejas irmãs. Desta vez partiram para a missão as irmãs Zelita Maria de Melo (Salvatoriana) e Jandira Portelo (Jesus Crucificado). A primeira atuaria nas comunidades de Varzea do Poço - BA e a segunda atuaria na coordenação diocesana de catequese em Juazeiro-BA. O envio aconteceu no dia sete de fevereiro de 1976 as 19 horas na catedral diocesana.

Neste ano se impulsionou na Diocese de Lages a Pastoral da Saúde, entendida como de fundamental importância na vida das pessoas e na ação pastoral da Igreja: A Pastoral da Saúde tem lugar assegurado entre as preocupações da Igreja por várias e importantes razões. Em primeiro lugar, o enfermo sofre verdadeira necessidade, precisa de apoio e de conforto de outros. Em segundo lugar, a

condição peculiar do doente, distante de qualquer outra situação, reclama um atendimento específico, adaptado a seu estado de enfermo. A Pastoral da Saúde constitui uma especialidade dentro do amplo campo da pastoral global. A grande preocupação neste período era visitar as comunidades, aumentar a equipe de coordenação das pastorais e através dos meios de comunicação formar e despertar o protagonismo dos leigos a serviço da Igreja (DIOCESE..., 1976a, p. 22).

No entanto, apesar dos esforços, se percebeu ainda algumas dificuldades na ação pastoral como por exemplo uma certa dependência em relação a pessoa do padre e a dificuldade em se estruturar um plano de ação nas comunidades que pudessem dar uma direção as lideranças leigas, (DIOCESE..., 1976a, p. 15). Neste ano começaram os preparativos para a celebração dos 50 anos da Diocese a ser celebrado no ano seguinte.

Aconteceu também a 8ª Assembleia Diocesana de Pastoral que aprofundou alguns temas importantes como os Ministerios, a Pastoral Familiar, a Campanha da Fraternidade e o Jubileu da Diocese. Nesta Assembleia ficou decidido que no ano de 1977 “a Diocese, através do Secretariado e das Paróquias, assume a família como centro unificador, da pastoral” (DIOCESE..., 1976b, p. 275). Este ano também ficou marcado pela nomeação do padre Oneres Marchiori, então coordenador diocesano de pastoral, como bispo da Diocese de Caçador.

No ano de 1977, como já expomos, foi celebrado o cinquentenário da Diocese de Lages, juntamente com o Ano da Família, por isso o slogan escolhido foi: “Somos Família Diocesana”.

Todos nós formamos a família diocesana. Cada um realiza a missão de Igreja, assumindo, como cristão, tarefas dentro da comunidade, tornando a igreja de Jesus Cristo presente, pelo evangelho, nas variadas situações, através da vida: trabalhando honestamente, justo com todos, respeitando os outros, ajudando a todos, estudando, cuidando da saúde, vivendo bem em casa. Enfim, vivendo como Jesus viveu, participando, concretamente da vida da comunidade (DIOCESE..., 1977, p. 143).

Como já era previsto, todas as ações pastorais tiveram como pano de fundo a Família. O encontro de agentes da pastoral social, neste ano, colocou a necessidade de se fazer uma conscientização da realidade social com as famílias para que realmente a partir das famílias se comece a formar Comunidades Vivas (DIOCESE..., 1977, p. 63).



Nos dias 17 e 18 de novembro de 1977 aconteceu a 9ª Assembleia Diocesana de Pastoral que teve como conclusões (DIOCESE..., 1977, p. 211):

- a) Comunidades Eclesiais de Base como opção fundamental;
- b) Formação ou continuidade de grupos de Reflexão;
- c) Descentralização dos ministérios – função do leigo;
- d) Organização de equipes centrais nas paróquias;
- e) Entre-ajuda, troca de experiências, estudo, revisão.

As CEBs foram muito trabalhadas neste período. Elas ajudaram a Igreja diocesana a, a partir da base, do povo, a ir descobrindo sua missão e seu compromisso de mostrar o “novo” rosto da Igreja a partir do Vaticano II. Sendo assim,

[...] mediante o aprofundamento de comunidades eclesiais de base, a partir da experiência analisada, Dom Honorato Piazero, como autoridade máxima da Diocese, confirmou a opção da Pastoral Diocesana para 1978, centrada nas comunidades eclesiais de base” (DIOCESE...,1977, p. 212).

Pode-se dizer com certeza que aqui se reafirmou a opção diocesana pelos Grupos de Família que perdura até os dias atuais.

Como já discorremos anteriormente, no ano de 1978 foram assumidos como prioridade os Grupos de Reflexão, tendo como objetivo as comunidades eclesiais de base. Este ano também ficou marcado pelo falecimento inesperado do papa João Paulo I. Dom Honorato recomendou que se celebrassem missas em todas as paróquias da Diocese em memória do papa falecido.

No mês de novembro aconteceu a 10ª assembleia Diocesana de Pastoral que avaliou a caminhada do ano que estava se findando e já preparou a caminhada do próximo ano. Nesta assembleia foi votado que o ministério do batismo e as testemunhas qualificadas do Matrimônio fossem despertadas, incentivadas e formadas nas CEBs. Isso representou um grande avanço pastoral na Diocese porque de fato representou uma tentativa de descentralização e de valorização dos ministérios leigos. Na assembleia de 1978, foi apresentado um ante-projeto de Plano para a Diocese de Lages, que na própria assembleia foi aprovado por todos.

O Plano foi posto em prática no ano de 1979 e tinha como objetivo: “Despertar o homem catarinense para uma vida de Igreja, onde cada um sinta sua missão de anunciar o Reino, Celebrar a vida e Servir aos irmãos, levando-o à plena

libertação em Cristo” (DIOCESE..., 1979a, p. 8). A partir desse objetivo, foi assumido como prioridade “A Criação de autênticas comunidades de base”.

Para atingir essa prioridade, foi proposto o seguinte programa: Fortalecer os Grupos de Reflexão, formação de agentes de pastoral em todos os níveis e trabalhar a catequese na perspectiva do catecumenato. Outras pastorais também foram trabalhadas neste período através de encontros a nível diocesano e regional como por exemplo a pastoral da comunicação, a pastoral da terra e a pastoral operária. No entanto a grande preocupação estava em implementar um agir pastoral que pudesse conscientizar as pessoas acerca do fenômeno da urbanização. No curso de agentes de pastoral, assessorado por Dom José Gomes, então bispo de Chapecó e grande expoente das CEBs, se refletiu sobre a necessidade de buscar conhecer e denunciar as causas do grande êxodo rural e o grande fluxo de pessoas indo parar nas grandes cidades.

A partir das reflexões feitas na época, um dos fatores que levou as pessoas a saírem da área rural para a área urbana, foi o avanço indiscriminado dos reflorestamentos. O então coordenador diocesano de pastoral padre Andreas Wiggers argumenta que: No planalto catarinense, nós estamos envolvidos nesta realidade. Será que estamos fazendo o povo pensar, refletir, buscar soluções para esta realidade que vai acabar com a vida do povo! Dizem que uma das causas das secas nos últimos dois anos são os reflorestamentos indiscriminados. Usam-se as melhores terras. Ficam os morros. Foram-se as famílias, foram-se as plantações, destrói-se a natureza (DIOCESE..., 1979b, p. 68).

As CEBs foram aos poucos se tornando, de forma mais contundente, um espaço privilegiado de reflexão acerca da realidade diocesana. À luz da Conferência de Puebla, que estava chegando às comunidades, a Diocese de Lages foi adotando as CEBs como chão pastoral que permeou toda a caminhada de Igreja.

Em novembro de 1979, no centro de formação católica de Lages, aconteceu a 11ª assembleia diocesana de pastoral. A assembleia tinha como objetivos estudar a realidade diocesana e latino americana, iluminar a opção pastoral diocesana com e a partir de Puebla, definir programas e projetos para 1980 e, por fim, estudar o Documento de Puebla e confrontá-lo com a caminhada diocesana.

A partir das reflexões feitas ficou definido que, a nível diocesano e regional, se assumiria a pastoral operária, juventude, família, agricultores, educação e meios

de comunicação social (DIOCESE..., 1979a, p. 223). A partir disso se constituiu comissões responsáveis por cada pastoral.

#### 4.3 PROCESSO DE EVANGELIZAÇÃO EM LAGES NOS ANOS 80 E 90

Tendo como grande incentivador, a frente do Secretariado Diocesano de Pastoral, o então padre Andréas Wiggers<sup>15</sup>, a caminhada da Igreja de Lages, no sentido de uma Igreja mais consoante com o Vaticano II, cresceu muito nas décadas de 80 e 90.

Foi notório que a Igreja na América Latina e no Brasil, principalmente nos anos 80, teve sua visibilidade evangélica na forma das Comunidades Eclesiais de Base, as CEBs. Organizaram-se os Regionais da CNBB, para Santa Catarina o Regional Sul IV. Criaram-se os Secretariados de Pastoral e, na Diocese de Lages, instituíram-se as Regiões Pastorais, já que antes as paróquias eram divididas em Regiões denominadas Comarcas.

A Diocese de Lages, optando pelo caminho das CEBs, principalmente a partir de 1980, viu florescer diversos setores da Pastoral, como Pastoral da Saúde, da Terra, da Criança, Operária, da Juventude, do Idoso, Familiar, Pastoral Afro, etc. Além disso, ampliou-se o trabalho da Cáritas Diocesana, dos Centros Sociais, que no seu conjunto constituem a Pastoral Social.

Essas pastorais e entidades buscaram, com o passar do tempo, articular-se no Fórum das Pastorais Sociais, instancia de reflexões e deliberações das pastorais sociais da Diocese. Estimulou-se a Pastoral Vocacional a partir de casais vocacionais. Surgiram os primeiros Diáconos, o Ministério Extraordinário da Eucaristia e da Comunhão, da Palavra, do Batismo e Testemunhas Qualificadas do Matrimônio com ministros e ministras leigos. Implantou-se a Pastoral do Dízimo e o

---

<sup>15</sup> Vigário Geral da Diocese de Lages, mais tarde recebeu o título de Monsenhor, concedido pelo Papa João Paulo II, no ano de 2003. Ordenado Padre aos 28 anos, desempenhou com fidelidade os cargos a ele confiados. Sempre presente na Comissão Pastoral da Terra, destacando-se na luta em favor dos agricultores, na defesa dos trabalhadores sem-terra e na conscientização em torno dos problemas das Barragens, além do trabalho ecumênico e do ensino religioso. Coordenador Diocesano de Pastoral, responsável pelos arquivos do Centro Diocesano de Pastoral. Recebeu na assembléia Legislativa de SC a medalha Dom José Gomes em 20 de Novembro de 2006 (Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina – sessão solene de Outorga). Faleceu em 26/04/2012.

Fundo Comum nas comunidades paroquiais. Desenvolveram-se os planos e planejamentos pastorais.

Através da mentalidade inspirada no Vaticano II, os encontros diocesanos e regionais concretizaram uma renovação na catequese e na liturgia, aproximando de fato fé e vida. Como já falamos anteriormente, intensificou-se a diversificação dos ministérios leigos não ordenados como do batismo, do casamento, comunhão, da celebração da Palavra, da bênção, da visitação e dos enfermos. Novos processos de formação foram estimulados através do Instituto de Teologia Pastoral da Diocese de Lages, que iniciou suas atividades em 1981, com ênfase para o protagonismo dos leigos e leigas, buscando uma Igreja toda participativa, ministerial, celebrativa, missionária, ecumênica e sócio-transformadora.

Como já foi explicitado anteriormente, em 1985, nasce o “Jornal Caminhada” e a produção de subsídios para catequese e Grupos de Família, elaborados a partir da realidade social, política, econômica, cultural e religiosa da Diocese.

Ao lado das CEBs, firmaram-se os movimentos eclesiais, buscando espiritualidades sustentadoras da missão dos leigos e leigas e das famílias, como: Legião de Maria, Apostolado da Oração, Encontro de Casais, Movimentos de Jovens, Lareira, Renovação Carismática Católica-RCC, Equipes de Nossa Senhora, Cursilho, Oficinas de Oração. As antigas “diretorias de igreja” são agora substituídas pelos Conselhos Pastorais Comunitários e Paroquiais, os CPCs e CPPs. Emergem também os Conselhos Pastorais Diocesano, Econômico, dos Presbíteros e dos Religiosos e Religiosas.

Também na década de 80, com o apoio das pastorais sociais e no processo de democratização da sociedade brasileira, na Região Serrana emergem as organizações e movimentos populares, como: Movimento dos Atingidos por Barragens (1984), novo sindicalismo e implantação de novos sindicatos de trabalhadores rurais e urbanos (1984), Movimento das Mulheres Agricultoras (1985, hoje Movimento das Mulheres Camponesas - MMC), o associativismo rural e urbano, grupos coletivos de produção e geração de renda, grupos de produção e comercialização de produtos agro-ecológicos, cooperativas de crédito (1994), processos de educação popular, gerando lideranças para partidos políticos de cunho popular, e outras organizações da sociedade civil.

A Constituição Brasileira de 1988 fortalece a organização da sociedade através dos conselhos paritários, reunindo representantes da sociedade e do

Estado. Em 1989 as comunidades diocesanas celebraram os 60 anos de instalação da Diocese de Lages. Este acontecimento foi perpassado pelo Ano Mariano, com o lema: “Maria, Companheira de Caminhada”. Foi um tempo de levantamento de dados e análise da realidade, de encaminhamento do novo Plano Diocesano de Pastoral e de peregrinação da Padroeira Nossa Senhora dos Prazeres por todas as comunidades paroquiais. Os padres missionários redentoristas dinamizaram a peregrinação em toda a Diocese.

Na década de 90 o Fórum das Pastorais Sociais estimula a constituição destes conselhos nos 23 municípios da Região Serrana. Finalmente, no fim dos anos 80, surge o Centro de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Região Serrana, com o desafio de vigiar o exercício da cidadania e contribuir na criação de uma cultura dos direitos na Região Serrana Catarinense.

Em 1994 as comunidades cristãs da Igreja Católica Diocesana foram convocadas para a celebração dos 65 anos de instalação da Diocese, através do Ano Eucarístico Diocesano, cujo lema foi “Eucaristia: com a partilha ninguém mais precisa ir embora” (Mt 14,16). Neste tempo houve avaliação do Plano Diocesano de Pastoral. Realizaram-se jornadas eucarísticas e missões populares nas comunidades paroquiais.

Em 1999 a Igreja Diocesana celebrou seus 70 anos de instalação. Após três anos de preparação para o Grande Jubileu do ano 2000, através do Projeto Rumo ao Novo Milênio, as comunidades em Grupos de Família e seus Conselhos Pastorais realizaram a Avaliação e o Replanejamento da Ação Evangelizadora para o período 2000 a 2003. Desde 1997, as comunidades, realizam anualmente a Festa das Tendas<sup>16</sup>. Trata-se do resgate da caminhada de libertação do Povo de Deus, do Egito à Terra Prometida, onde o Deus da Vida morou em Tendas com o seu Povo.

A Festa das Tendas de 1999 foi o ato de abertura do Ano Jubilar, 70 anos de instalação da Diocese de Lages. Foi um tempo de graça, de júbilo e de resgate de uma prática evangélica do antigo testamento, o perdão de todas as dívidas na prática pastoral da Diocese. Nestes anos aconteceram também os Congressos de Crianças e Adolescentes da Região Serrana.

---

<sup>16</sup> Sobre a Festa das Tendas e seu significado bíblico e pastoral na Diocese de Lages falaremos posteriormente nesta pesquisa.

Cresceu também o trabalho da Cáritas Diocesana, dos Centros Sociais, que conjuntamente formam a Pastoral Social. Como já acenamos anteriormente, renovam-se as Liturgias e diversificam-se os ministérios leigos, sendo que novos processos são estimulados pelo Instituto de Teologia Pastoral da Diocese de Lages, incentivando o leigo como protagonista, no sentido de se criar uma igreja participativa, ministerial, celebrativa, missionária, ecumênica e transformadora. Essas ações foram favorecidas com o nascimento do Jornal 'A Caminhada' que, tendo como conteúdos a realidade social, política, econômica, cultural e religiosa da Diocese de Lages, produz subsídios para realização de catequese e Grupos de Famílias.

#### 4.4 O PROCESSO DE EVANGELIZAÇÃO EM LAGES NOS ANOS 2000-2010

Nos anos 2000-2010, a Diocese de Lages viveu um novo tempo em sua ação evangelizadora. Uma das principais características foi o fortalecimento movimentos eclesiais, que surgem na busca da espiritualidade sustentadora da missão das famílias: a Legião de Maria, o Apostolado da Oração, Encontro de Casais, Lareira, Grupos de Jovens, Equipes de Nossa Senhora. Se na década de 80 eles haviam caído no ostracismo e dado lugar a uma eclesiologia pautada nos Grupos de Família, agora eles de certa forma retomam seus trabalhos com todo vigor. Isso representou uma certa perda daquele objetivo de fortalecer os Grupos de Família fugindo de movimentos de cunho mais tradicional.

No entanto, na primeira década de 2000, abre-se espaço para a participação de líderes de diversos segmentos, não sendo mais o espaço geográfico, ou o grupo que frequenta, um determinante no relacionamento pessoal. A igreja de Lages assume e apóia diversas reivindicações, vivendo uma experiência mais ampla e globalizada na evangelização.

O novo milênio, através do Jubileu do Senhor Jesus, trouxe para a Igreja de Lages um novo fervor missionário e uma maior preocupação em fortalecer os Grupos de Família – Comunidades Eclesiais de Base. Talvez o avanço dos outros movimentos tenha gerado esta iniciativa. Vivenciou-se o grande mutirão das Santas Missões Populares, com o lema de esperança e compromisso: "Aqui você tem lugar". As missões populares abriram as portas das comunidades para a celebração

dos 75 anos de instalação da Diocese em 2004. Neste ano jubilar diocesano, se reforçou o compromisso profético de construção do Reino de Deus no seguimento de Jesus, com o lema: “O Espírito do Senhor está sobre nós”.

No ano de 2008, a Diocese de Lages acolheu o 10º Encontro Estadual das CEBs, confirmando sua opção por uma Igreja que nasce das bases para ser sinal da inclusão de todos.

Em 2009-2010, a Igreja Diocesana celebrou seus 80 anos de instalação com o lema bíblico “Alarga o espaço de tua tenda!” (Is 54,2). Esse tempo jubilar foi marcado pelo Ano Catequético Nacional que teve como tema: “Catequese, Caminho para o Discipulado e a Missão”, retomando as motivações da Conferência de Aparecida, realizada em 2007. Na Igreja Diocesana, o grande marco do Ano Catequético foi a realização das Escolas Paroquiais de Catequese Permanente em todas as Comunidades Paroquiais e o processo de revisão das Diretrizes e Orientações da Ação Evangelizadora, a partir dos Grupos de Família e dos Conselhos pastorais em todos os níveis.

#### 4.5 OS GRUPOS DE FAMILIA-CEBS: O “CHÃO” PASTORAL DA DIOCESE DE LAGES

Como já refletimos no capítulo que tratou sobre os perfis eclesiológicos, a expressão maior da Igreja CEBs na Diocese de Lages são os Grupos de Família. O Objetivo da Ação Evangelizadora da Diocese explicita que: “Nós somos o Povo Serrano. Queremos nos evangelizar, animados pela Palavra e pela Eucaristia, em Grupos de Família-CEBs, participando na construção de uma Igreja e de uma Sociedade sem exclusões, justas, fraternas e solidárias, sinais do Reino Definitivo” (DIOCESE..., 2005, p. 2).

Apresentamos aqui alguns elementos importantes que nos ajudarão a entender como este jeito de ser Igreja foi inserido na prática pastoral da Diocese de Lages procurando compreender que ele foi uma forma privilegiada de acolhida do Vaticano II na prática eclesial da Diocese de Lages.

A década de 1970 foi um período de disseminação da idéia, do desenvolvimento de múltiplas estratégias e estruturação dos primeiros “Grupos de Reflexão”, ou “Grupos de Novenas” na Diocese de Lages. O plano pastoral



diocesano desde 1977 privilegiou a incorporação dos “Grupos de Reflexão”. Nos primeiros tempos, de fato, eles corriam soltos literalmente. Poucos sujeitos religiosos manifestavam a opinião de que esta prática pastoral não condizia com as grandes diretrizes da Igreja latinoamericana, nem com os Planos de Pastoral da CNBB, tampouco com a “caminhada da Diocese”. Em suma, este jeito de ser Igreja não foi uma unanimidade e teve que abrir caminhos no processo de Evangelização da Diocese. Sobre este processo, Locks (2008, p. 101) argumenta que,

No contexto de uma Igreja mediadora de um processo histórico lento, na década de 70, é implementado um conjunto de estratégias permitindo a emergência dos ‘Círculos Bíblicos’ na cidade de Lages. Ora partiu de participantes egressos dos ‘movimentos leigos’, ora do incentivo por parte do trabalho missionário dos padres redentoristas; ainda pelo incentivo de sujeitos religiosos da Diocese na valorização do fluxo das ‘capelinhas’ promovido pelas associações tradicionais do catolicismo romano. Essas estratégias, aliadas ao fato dos ‘movimentos leigos’ por muitos anos sombrearem o processo de organização dos ‘Círculos Bíblicos’, determinaram um desenvolvimento tardio e conservador dos Grupos de Lages.

Convém lembrar que alguns religiosos adeptos aos ideais das CEBs priorizavam estes Grupos na passagem dos anos 70 para 80 por meio da utilização da Bíblia através do Centro Ecumênico Bíblico (CEBI), da formação de lideranças no Instituto de Teologia Pastoral de Lages (ITEPAL) e por encontros de animadores de Grupos que aglutinando famílias por vizinhança ou por ruas, vão ampliar a presença dessas organizações. Entretanto, o conjunto de fatos abordados acima revela que neste período os “Círculos Bíblicos” de Lages não tiveram a mesma expressão, por exemplo, que conquistaram na Diocese de Chapecó.

Ali já se constituíam em “sementeiras” de diversos movimentos sociais populares e conquistavam visibilidade social e política nos últimos anos de 1970. No país, sabe-se que essas Comunidades tiveram uma forte atuação no período do regime militar (1964-1985). Foi quando as CEBs viveram seu período auge, sob os olhos e apoios de segmentos progressistas da Igreja, da mídia, de seus intelectuais e políticos. Isso não ocorreu em Lages. Parece que o “poder do atraso” naquela cidade e região, historicamente, não se deu somente nos empreendimentos econômicos como da pecuária extensiva, do curto ciclo da exploração predatória da madeira e nas relações de poder político expressos nas formas do mandonismo e do coronelismo, mas englobou também o poder religioso (LOCKS, 2008, p. 102).

O auge das CEBs em Santa Catarina foi na década de 80, quando alcançaram ascendência social e política. Além da grande visibilidade que já possuía na região do Oeste Catarinense, agora em grande parte por consequência da atuação dessas Comunidades, emergiam e se multiplicavam os movimentos sociais populares pelo Estado, principalmente ligados a questão da terra. Centenas de sujeitos formados pelas CEBs agora migravam para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), a construção de sindicatos combativos. Neste período se organizavam em âmbito de Regional Sul IV as Pastorais Sociais, como Pastoral da Saúde, Pastoral da Terra, Pastoral Operária. Observou-se uma presença significativa dos então Grupos de Reflexão na defesa dos direitos dos trabalhadores e contra a exploração dos patrões.

Na Diocese de Lages, o pontapé inicial para se inserir neste processo mais concreto de Igreja CEBs, aconteceu no início da década de 80, através daquele grupo que se reunia na Catedral cujos referenciais teológicos, sociais e metodológicos inspiravam-se nos princípios da Teologia da Libertação. Através da reflexão e da necessidade de se testemunhar uma Igreja mais profética e inserida na realidade, como pedia o Vaticano II e como já estava acontecendo no Oeste catarinense, foi pensado não só em se tomar um rumo mais profético na ação evangelizadora da Diocese com também dar passos mais significativos para aperfeiçoar os chamados “Círculos bíblicos” ou “Grupos de Novena”. Assim começaria a surgir a idéia dos Grupos de Família na Diocese de Lages e as estratégias para que os Grupos pudessem ser acolhidos pela Diocese. Essas estratégias tomaram, basicamente dois rumos importantes: Tornar os Grupos de Família-CEBs uma prioridade pastoral a nível diocesano e formar os animadores e animadoras que estariam a frente dos Grupos. O primeiro fato a ser destacado são algumas mudanças na forma de abordar as primeiras e novas organizações de CEBs. Primeiro, a designação de “Grupos de Famílias”.

A segunda, a implementação de uma metodologia na qual a cada mês o sujeito religioso se encontraria com os animadores de Grupos e entregaria a “Folha do mês”. Esse novo tratamento dado aos Grupos persistiu por cerca de três anos na catedral, mas depois parte desse grupo de sujeitos religiosos assumiu a direção do Secretariado Pastoral Diocesano. Tratava-se de um espaço importante dado que lá seus membros formulavam propostas, elaboravam subsídios, enfim, articulavam a

ação pastoral diocesana. Gradativamente foi-se construindo alguns consensos em torno do “projeto dos Grupos de Famílias”, como passou a ser denominado. Esses Grupos passariam, então, a ser compreendidos como uma “prioridade” em toda a Diocese. Evidentemente que essa nova realidade institucionalizada no “plano pastoral” não eliminava as diferenças de escolhas e opções por parte do conjunto do clero, sempre marcado por posições contraditórias ou até antagônicas quando se discutia as Comunidades Eclesiais de Base. Tampouco dissolvia as forças conservadoras tradicionais que se mantinham frente às novas idéias e propostas dos setores progressistas. Ficavam nítido pelo menos dois projetos eclesiológicos em disputa permanente no discurso e na prática dos sujeitos religiosos.

A estratégia desenvolvida pelo grupo progressista foi o que se designou nos sucessivos “planos pastorais diocesanos” ao longo da década de 80, de “formação para lideranças” e para “animadores de Grupos de Famílias”. Ou seja, o grupo diagnosticava a necessidade de “animadores” capazes de manter ou criar Grupos atuantes e engajados socialmente. Hoje, os testemunhos ratificam a constatação de que ao longo daquela década, os Grupos passaram a ter mais visibilidade e vitalidade na Igreja (LOCKS, 2008, p. 104).

No entanto, se a nível de Brasil as CEBs surgiram com uma motivação mais religiosa e social, na Diocese de Lages predominou a motivação religiosa/institucional, que se tornou evidente quando as pessoas passaram a se reunir em Grupo de Família para “ler a Bíblia”, “fazer a novena” e se “prepara para a viver a páscoa e o natal”. Não se verificou um engajamento social como era esperado. Os Grupos de Família, a princípio, foram vividos mais na esfera individual, familiar e existencial como forma de estabelecer relações de amizade entre as famílias.

A partir disso, dois aspectos podem ser identificados. A maioria dos Grupos ainda não exercitava o costume da reunião periódica ao longo de todo o ano, pois o tempo privilegiado de seus encontros era no tempo da quaresma e do advento podendo desarticular-se ao longo do ano. E, do ponto de vista de seu engajamento, estava voltado para práticas *ad intra ecclesiae*, como liturgia, catequese, sacramentos.

Outros fatores podem ter gerado este fenômeno no contexto da Diocese de Lages: Um conjunto de fatores articulados demonstra, hoje, as razões pelas quais os Grupos de Famílias de Lages dos começos dos anos 80 organizaram-se e atuaram

em torno de sua vida grupal sem maior ascensão social e política, como ocorreu com os Grupos de Reflexão em outras Dioceses, particularmente, de Chapecó. Entre aqueles fatores pode-se enumerar o conservadorismo histórico na prática eclesial da Igreja Católica de Lages, o fosso entre o discurso e as práticas do grupo de sujeitos religiosos progressistas e o conjunto dos outros atores na Diocese, sobretudo, a escolha metodológica realizada pelo grupo protagonista do projeto do GF-CEBs concretizada na “estrutura das capelinhas”. Essa estrutura está assentada sobre a espiritualidade de associações tradicionais romanas, como por exemplo, a Legião de Maria. Regra geral reúne grupos de mulheres semanalmente, cujo objetivo é alimentar a devoção mariana, realizar visitas domiciliares e atender necessidades prementes (LOCKS, 2008, p. 108).

No entanto essa perspectiva começou a mudar a partir de duas ações historicamente importantes: o trabalho realizado pelo Instituto de Teologia Pastoral da Diocese de Lages (ITEPAL), a partir de 1983, pelos seus efeitos concretos na “formação de leigos”, com ênfase na “formação de animadores de Grupos”. Este instituto resgatou historicamente aqueles segmentos à margem de diferentes expressões e relações de poder.

O papel do Instituto de Teologia Pastoral foi significativo no olhar e nas práticas dos participantes de Grupos na direção das preocupações e compromissos sociais por diversas razões: constituiu-se num espaço aglutinador de lideranças numa periodicidade semanal onde ocorriam trocas de experiências e fortalecimento do projeto dos Grupos de Famílias; os participantes se familiarizavam com instrumentos e métodos de análise crítica da realidade; encontravam a oportunidade para ampliar sua visão de sociedade civil organizada e o Estado em suas diferentes concepções e práticas. Identificavam e descobriam a importância de participar em outras organizações como associação de moradores ou pastorais sociais. No mesmo sentido, outro informante enfatiza o papel desse Instituto na consolidação e atuação dos Grupos de Famílias (LOCKS, 2008, p. 111).

Como podemos perceber, as lideranças que estiveram neste processo de formação proposto pelo ITEPAL tiveram a oportunidade para conquistar o direito de fala, desenvolver dinâmicas de grupo, habilitar-se no seguimento da metodologia dos Grupos e no conhecimento e análise da realidade.

A segunda iniciativa, associada à primeira, reside na articulação dos Grupos de Famílias com a organização da pastoral social, particularmente, a pastoral

operária que iniciava na década de 80. Os trabalhadores articulados nos Grupos de Famílias, na Pastoral Operária, formados pelos referenciais teóricos e metodológicos oferecidos pelo Instituto Teológico Pastoral de Lages reuniram condições e instrumentos para fazer a crítica à realidade social, ao seu sindicato, organizar oposição sindical e avançar na luta política-partidária.

Outro fator importante para a “ascensão” da Igreja CEBS e dos Grupos de Família foi o fato de que em 1984 dom Oneres Marchiori assumiu o governo da Diocese de Lages passando a fortalecer os ideais da Igreja CEBS na Diocese. Talvez seja este o momento em que de fato as CEBS, principalmente através dos Grupos de Família se tornaram uma prioridade diocesana. O bispo lembra que “as CEBS não são um movimento a mais na Igreja. Conforme está no plano de nossa Diocese as CEBS são o lugar principal onde vivemos o nosso ser cristão” (CAMINHADA, 1986c, p. 7).

Dom Oneres apoiou às organizações e movimentos sociais em curso, valorizou as parcerias que vinham se desenvolvendo entre Igreja, Centro Vianei de Educação Popular e Comissão Pastoral da Terra (CPT). Apesar da resistência de setores mais conservadores, privilegiou também outras iniciativas de pastoral social, entre elas, a Pastoral Operária. O fortalecimento dos Grupos de Família deu vitalidade e visibilidade social à Igreja de Lages e por outro lado, enfraqueceu os movimentos leigos como o “Cursilho”, “Movimento de Jovens” e “Lareira” que de certa forma saíram do cenário religioso da Diocese.

Ao longo do tempo, além de fazer frente ao pensamento conservador na Igreja e na sociedade houve de fato, como pediu o Vaticano II e as Conferências latino-americanas, uma opção concreta pelo por uma pastoral que vai ao encontro dos mais empobrecidos, concretizado nos Grupos de Famílias.

Dom Oneres Marchiori, então bispo diocesano de Lages, quando fez a apresentação de um pequeno subsídio chamado “Grupos de Família, nosso chão”, confeccionado para formar os Grupos de Família da Diocese, reafirmou que desde os anos 80, como prioridade pastoral, os Grupos de Família de fato deverão ser o chão da Ação Evangelizadora.

O Objetivo da Ação Evangelizadora de nossa Igreja Diocesana tem como chão da ação pastoral os Grupos de Família. Eles são instrumentos que nossa Igreja escolheu para a construção de uma Igreja CEBS que possa ajudar a construir um mundo sem exclusões, justo, fraterno e solidário, sinal do Reino de Deus.

Felizmente, já contamos com milhares de Grupos espalhados por toda a nossa região serrana, produzindo ótimos frutos de crescimento na fé em Jesus Cristo, confirmando nosso compromisso com seu projeto de Vida plena para todas as pessoas (DIOCESE..., 2007, p. 1).

De uma forma simples, a Diocese de Lages entende o Grupo de Família como lugar privilegiado onde se constroem relações de cuidado, de entre-ajuda, de conhecimento e inserção na realidade e principalmente de busca e conscientização dos direitos, principalmente dos mais empobrecidos da comunidade. A Diocese de Lages (2010, p. 50) argumenta que o

Grupo de Família é o espaço das nossas relações de vizinhança, proximidade e solidariedade. No Grupo de Família reunimo-nos na partilha da Vida e da Bíblia, na partilha do Pão e da Solidariedade, na partilha do que somos, temos, podemos e sabemos, na fé em Jesus Ressuscitado. Grupo de Família é o 'chão' fértil que constrói uma Igreja e uma Sociedade sem exclusões que chamamos CEBs. No Evangelho do Bom Samaritano (Lc 10,25-37), Jesus nos ajuda a entender que proximidade é "fazer-se próximo". Para Jesus, 'fazer-se próximo' é um movimento de conversão do corpo pessoal e comunitário; corpo que é transparência de nossa alma. Proximidade não diz respeito, antes de tudo, à partilha de ideias e discursos, mas ao respirar do mesmo respiro, o respiro do Espírito do Cristo Ressuscitado. Isso exige vizinhança entre as pessoas, a partir das mais empobrecidas e necessitadas. O homem que o Bom Samaritano encontrou pelo caminho, entre Jerusalém e Jericó, tinha sido assaltado, empobrecido de seus pertences; machucado, empobrecido de sua saúde e dignidade; surrado, empobrecido de sua segurança. A relação se dá na vizinhança e no cuidado. Este é o chão evangélico do seguimento de Jesus que alicerça a nossa opção pelos Grupos de Família. Vivemos o Grupo de Família quando fazemos experiência dessa vizinhança, deste fazer-se próximo, no cuidado e na partilha da palavra e do poder. Portanto, Grupo de Família não é somente o agrupamento de famílias, mas o lugar onde, através de relações recriadas pela acolhida, pela inclusão e pelo bem-querer, vivemos a experiência crística do ser Família.

Existe uma compreensão de que, para a ação pastoral que a Diocese de Lages propõe, é fundamental a caminhada dos Grupos de Família-Comunidades Eclesiais de Base. Para que isto aconteça na concretude, os Grupos de Família-CEBs, precisam ir se tornando a partir da caminhada nas comunidades em lugares de encontro e partilha material e vivencial, que a Igreja de Lages chama de "Partilha do Pão e da Vida".

O espaço de encontro, acolhimento e sociabilidade definem-se como primeira razão de existir do Grupo, mediado pela experiência religiosa, a alimentação compartilhada e consumida entre seus membros no espaço das casas. Celebrações

como aniversário, natal, traduzem motivos e são vividas intensamente. Valores culturais como a “boa prosa”, a “roda de chimarrão”, a “visitação entre vizinhos”, antigos hábitos da vida rural se fazem presentes no universo cultural urbano. Na realidade, os motivos e ações realizados pelos Grupos de Família parecem se contrapor ao modelo de sociedade massificada, onde tudo se transforma em mercadoria e as relações humanas se banalizam.

Os Grupos de Família são muito importantes. Congregam famílias vizinhas para que se conheçam e se amem como irmãos; para que se aprofundem na fé, conhecendo melhor a Bíblia; para que cultivem seus carismas, adquiram consciência política e se engajem na busca de uma vida mais fraterna (CAMINHADA, 1988a, p. 5).

A Bíblia, Palavra de Deus, é a fonte principal da espiritualidade dos Grupos que a partir da leitura e reflexão, precisam viver o compromisso evangelizador e missionário entre os mais simples e afastados da comunidade, sendo testemunho visível da acolhida e da opção preferencial pelos pobres e excluídos.

Os Grupos de Família, com o passar do tempo, foram se tornando para a Diocese de Lages, lugares privilegiados para o surgimento e cultivo de variados serviços e ministérios a serviço da Igreja. É importante salientar que, através Grupos de Família, se quer principalmente superar o individualismo e a fragmentação das relações. Enfim, o Grupo de Família-CEBs, é um jeito de ser Igreja Povo de Deus, que se caracteriza principalmente como espaço de aconchego, responsabilidade e cuidado entre seus membros, como afirmamos anteriormente.

A Diocese de Lages (2007, p. 4), afirma que para esse jeito de ser Igreja possa de verdade se tornar realidade se propõe dois objetivos fundamentais, e seus desdobramentos, para os Grupos de Família.

- a) Evangelizar o Povo de Deus anunciando a libertação a partir das pessoas empobrecidas. Esta libertação vem com Jesus e o Reino:
  - Fazendo com que os Grupos sejam centros de evangelização, comunhão e participação, testemunhas da Trindade, a melhor comunidade;
  - Fazendo com que os Grupos sejam o espaço privilegiado de transformação pessoal, comunitária e eclesial;
  - Fazendo com que os Grupos sejam o lugar privilegiado da catequese, onde se semeie, desperte, cultive e aprofunde a fé;



- Fazendo com que os Grupos sejam lugar privilegiado da oração, celebração e ação em favor da Vida, sobretudo onde esta se encontra ameaçada;
  - Fazendo com que os Grupos sejam o lugar privilegiado da irmandade, da convivência de irmãos e irmãs, da festa, dos encontros, da gratuidade.
- b) Construir Comunidades autênticas e comprometidas com o Projeto de Jesus Cristo, onde:
- Os serviços sejam repartidos entre todas as pessoas;
  - As lideranças assumam essa tarefa como serviço e não como dominação;
  - Fé e vida sejam celebradas no compromisso e na luta por justiça, dignidade e direito para todas as pessoas;
  - Aconteça a partilha fraterna de bens, a entre ajuda e a solidariedade; o que, naquela Diocese, se expressa através da partilha do Dízimo;
  - A participação de todas as pessoas seja garantida: com comunhão, democracia, igualdade, principalmente nas decisões”.

É importante que se compreenda o sentido de ser uma Igreja CEBs. Quando se fala neste conceito, no contexto da Diocese de Lages, se está falando de um jeito de Evangelizar tendo como paradigma a pessoa de Jesus Cristo e a própria caminhada da Igreja que, no seguimento de Jesus, vai ao encontro das pessoas inserindo-se em sua realidade. Portanto, fazer pastoral, na Diocese de Lages, é ser alguém inserido na história, cultura e realidade do povo serrano catarinense.

A partir desses pressupostos, a Igreja “Comunidade Eclesial de Base” (CEB) é entendida como:

**Comunidade:** é uma rede de Grupos de Família e de pessoas que se conhecem bem, partilham entre si e se ajudam em tudo; vivem em comum seus problemas, alegrias, fé e esperanças. A vida em comunidade é essencial à vocação cristã. Ser Igreja e sentir-se Igreja sempre supõe a pertença a uma comunidade. Viver em comunidade implica em assumirmos o compromisso de cuidar uns dos outros, conviver e promover a Vida em todas as suas manifestações. **Eclesial:** é um grupo de cristãos e cristãs que vivem no seguimento de Jesus, na comunhão com seus pastores, e na fé em Jesus Ressuscitado que faz acontecer a Igreja. As CEBs procuram atualizar em sua caminhada a prática das primeiras comunidades cristãs (At 2, 42-47). A Igreja Povo de Deus é convocada a viver a fidelidade ao Evangelho, testemunhando o Reino através da igualdade de relações entre seus membros, do serviço aos mais empobrecidos, da acolhida e do

cuidado com a Vida. **De Base:** é vivida, sobretudo, por quem forma a base humana e cristã da nova Sociedade, justa e fraterna; são Grupos de Família e de pessoas que se reúnem por afinidade ou vizinhança, no meio urbano e no meio rural: crianças, jovens, idosos, homens e mulheres de diferentes etnias; enfim, todos e todas que se comprometem com a vivência de uma Igreja sem exclusão e com a mudança da Sociedade, a partir da prática libertadora de Jesus” (DIOCESE..., 2010, p. 50-51, grifo do autor).

Configurada na prática libertadora de Jesus, as primeiras comunidades deram testemunho, e por isso “...eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, no partir do pão e nas orações...” (At. 1,11-14; 9,1-5). “Diariamente, todos frequentavam o templo e nas casas partiam o pão, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração” (At 2, 42-46). Desta experiência emerge a estratégia pastoral configurada nos Grupos de Família. Eles revelam a identidade e o rosto da Igreja das Comunidades Eclesiais de Base.

#### 4.6 GRUPOS DE FAMÍLIA-CEBS: UMA REALIDADE CONFLITIVA

Temos consciência que a caminhada de Igreja nunca é linear. Os avanços e retrocessos fazem parte dessa caminhada e são salutares para o seu desenvolvimento na história. Ao se perscrutar o caminho dos Grupos de Família como modo de ser CEBs e a prática institucional identifica-se alguns conflitos importantes. Isso vem de longe. Segundo Teixeira (1988, p. 30), o conflito entre o processo de romanização e a corrente devocional “vai explicar, em parte, como de repente explode uma iniciativa popular incubada: as CEBs”.

O primeiro é explicitado no discurso de alguns sujeitos religiosos profissionais e de alguns participantes de Grupo, designando-o de “conflito eclesiológico: Grupo de Família-CEBs e a instituição Igreja”. É traduzido pela tensão existente entre dois modos de viver o catolicismo.

No Grupo de Família-CEBs, o espaço é de acolhimento, de participação sem restrições, onde não há motivos para discriminação ou de qualquer modalidade de exclusão. Lembramos aqui do ano jubilar de 2000 quando a Diocese de Lages escolheu como lema para celebrar a frase: “aqui você tem lugar”. No contexto do Grupo de Família-CEBs, a autoridade vem do chão, vem do próprio grupo, por isso as relações de poder podem ganhar dimensão de circularidade. O Grupo de Família-

CEBs, como se costuma dizer popularmente, seria “o chão real da vida”, pois ali estão os problemas concretos de seus participantes.

Enquanto que no projeto institucional a participação dos leigos é restrita para algumas funções, principalmente as mulheres, nos Grupos de Família-CEBs, não há restrições. Como exemplo podemos usar a dimensão Celebrativa, onde no Grupo todos celebram e participam do ritual, enquanto que na instituição predomina a hierarquia masculina.

As diretrizes e orientações da ação evangelizadora determinam “o que se pode fazer e o que não se pode fazer”, como vulgarmente se postula. A “autoridade vem de cima, vem da hierarquia”, que em última instância é quem decide. Para a resolução do referido conflito a Igreja no Brasil propõem uma ação pastoral constituída como uma “rede de comunidades” sem ruptura com a instituição.

O segundo conflito, relacionado ao primeiro, pode ser denominado de “conflito de gênero”. Quando se verifica o objetivo geral da ação evangelizadora da Diocese de Lages, verifica-se que o objetivo é implementar “uma Igreja e uma Sociedade sem exclusões, justas, fraternas e solidárias”, considerando também as relações assimétricas de gênero existentes na instituição.

Dizem que se trata de uma verdadeira esquizofrenia entre o pensar e o fazer, pois muitas vezes nos deparamos com uma Igreja machista, mesmo sabendo que a mulher é essencial para a vida da Igreja. Mas, do ponto de vista dos Grupos de Família-CEBs, a presença e atuação da mulher é predominante. Muitos Grupos, de fato, deixariam de existir se permanecessem na dependência da presença e atuação de homens. Contudo, como foi analisado, gênero é um tema muito pouco discutido nos Grupos de Família, mas para muitos participantes é objeto de atenção. Segundo Ribeiro (1999, p. 165),

[...] quem toca as comunidades são as mulheres. São elas que animam, que cantam, que organizam as Celebrações, que trabalham na catequese. Na realidade, as mulheres são a grande maioria nas bases: estima-se que representem dois terços dos membros das CEBs.

Como entende Benedetti (1983, p. 14), a institucionalização de um movimento profético, embora possa ser a única maneira de garantir sua não extinção, significa domesticá-lo, e até mesmo destruí-lo. O conflito radica-se também na própria subjetividade do crente, dividido entre a fidelidade à instituição e a resposta ao

impulso profético de retorno à pureza do movimento religioso primitivo, que a instituição acaba destruindo ao tentar fazer permanecer. Há uma permanente oscilação conflitiva entre uma adesão incondicional e obediência irrestrita ao “deus estabelecido” aquele dos segmentos dominantes, e uma reinterpretação pessoal e iletrada deste mesmo deus.

É sabido que a Igreja, traduzida pelos seus representantes que compõem a hierarquia, não se apresenta como um bloco monolítico. Grupos, frações de grupos, movimentos no interior da Igreja coexistem entre contradições e disputas de idéias, projetos e visões de Igreja e de sociedade. As ambigüidades da prática eclesial são conhecidas mesmo quando abriga o projeto das CEBs.

O fato é que uma Igreja que elegeu os Grupos de Família-CEBs como “novo modo de ser Igreja”, como é o caso da Diocese de Lages, e muitas vezes “não acompanhar estes Grupos”, “ter medo de assumir a vida do pobre”, “ser muito burocrática” e “muito lenta em suas decisões”, acaba revelando suas contradições, gerando impacto na organização e na vida dos Grupos de Família-CEBs.

No entanto, não somente a nível de Grupos de Família e hierarquia, mas também a nível de concretização prática na atuação e vivência dos Grupos de Família-CEBs, se percebia algumas dificuldades para que os mesmos pudessem ser manifestação efetiva de uma Igreja no espírito do Vaticano II.

No encontro diocesano de Grupos de Família realizado em Lages no ano de 1984, relatou-se algumas constatações e propostas acerca da realidade do Grupos na Diocese de Lages, realidade esta que mostra o eterno conflito entre aquilo que se queria e a realidade que se tinha na prática dos Grupos. Constatou-se a falta de preparo dos dirigentes; falta de preparo das lideranças; falta de maior participação dos homens e necessidade de revisar os horários. Da mesma falta se constatou que alguns grupos eram só de oração (espiritualismo); outros grupos só conversavam; grande incidência de fofocas; leitura da folha (roteiro) sem uma reflexão mais profunda; distorção do tema do encontro; muitas pessoas ainda com medo de falar de política; falta do compromisso social da fé e analfabetismo (DIOCESE..., 1984, p. 51).

Foi a partir dessas constatações que se buscou a partir de encontros Diocesanos e comarcais, do incentivo às formações a nível paroquial, acompanhamento dos Grupos, etc., avaliar e implementar novas estratégias para que se pudesse aproximar mais a práxis dos Grupos de Família com a realidade de uma

Igreja não só inserida mas também comprometida com a realidade diocesana, brasileira e mundial. No entanto, como já foi refletido anteriormente, ainda perduraram e perduram esses desafios haja visto que na prática, os Grupos de Família nem sempre são prioridades pastorais nos contextos paroquiais da Diocese.

#### 4.7 O VATICANO II E AS PASTORAIS NA DIOCESE DE LAGES

A chegada dos ideais do Concílio Vaticano II na Igreja causou um grande impacto em um projeto de evangelização herdeiro de uma teologia e pastoral muito mais preocupados com a própria estrutura do que com a realidade a sua volta. As reformas realizadas pela Igreja “romana” estavam mais preocupadas em manter o poder e o prestígio temporal do que realmente propor ou praticar uma evangelização capaz de levar as pessoas a uma verdadeira experiência do Evangelho. Creio que aqui reside uma das grandes novidades do Concílio Vaticano II: Aproximar mais a Igreja, como sacramento do Reino, da vida das pessoas, principalmente os mais pobres.

A Igreja na Diocese de Lages também experienciou vários elementos de uma Igreja muito mais voltada para si mesma e para sua própria estrutura do que uma Igreja mais voltada para o anúncio e vivência da Boa Nova. Talvez os atores das chamadas “resistências” à acolhida do Concílio Vaticano II, nesta realidade, não sejam homens “contra” a Igreja ou contra o Evangelho, mas sujeitos formados em uma mentalidade onde a realidade “intra” Igreja e seus dogmas e doutrinas fossem mais importantes que uma abertura à realidade ainda desconhecida e que necessariamente implicaria em uma conversão de vida e de projetos pastorais.

O informativo Pastoral Diocesana mostrava que essa nova concepção de teologia, de pastoral, de vida de Igreja, exigia uma nova consciência, novas atitudes que pudessem transformar uma Igreja estagnada em uma Igreja a caminho, a serviço.

Talvez chegou a hora da nossa conscientização: a Igreja, que é todo o povo de Deus, não pode ficar parada, acomodada, medrosa, instalada, mas deve construir caminhos de vida, para a vida de um mundo que está em transformação profunda. Chegou a hora em que não podemos ignorar, sem culpa, que a nossa sociedade e a organização da própria Igreja, precisa de uma libertação. Quem de nós não entende isso? Por isso é que a primeira proposição de nossa assembleia foi a de ‘uma vivência da unidade do

Presbitério de uma Igreja que evangeliza numa linha de libertação integral, preferencialmente para os pobres e jovens' (DIOCESE..., 1981, p. 10).

Estas considerações feitas a partir das conclusões da 12ª Assembleia de Pastoral, apresenta uma busca maior de sintonia com o Vaticano II, principalmente com a Conferencia de Medellín e sua opção pelos pobres e pelos jovens. Isso também representou uma ruptura com uma mentalidade que de certa forma estava ainda presente naquela realidade.

Assim argumentam os padres daquela assembleia: Sentimos e aprovamos o desejo de nos tornar “evangelizadores” num sentido bem sério e concreto, não mais numa linha cultural, petista e intimista, mas de libertação.

Por isso, a Igreja de Lages, em particular nos seus animadores e secretariados, tem que colocar gestos concretos, após uma leitura da realidade: a escola, os jovens, a Comunidades de Base, os marginalizados que vivem nos barracos na maioria dos nossos bairros. O problema da água, do ensino, dos migrantes, do trabalho... tudo isso não pode ser demandado só aos poderes públicos, mas deve ser olhado pela própria comunidade, porque é aí que se constói a vida (DIOCESE..., 1981, p. 10).

Como já foi acenado acima, não aconteceu esse processo de uma forma passiva e tranquila, apesar de toda argumentação acerca da realidade da proposta do Vaticano II e da necessidade de se estruturar uma pastoral que pudesse contemplar essas propostas, não havia no clero uma unanimidade de que este seria o melhor caminho a seguir.

A Diocese de Lages (1981, p. 10) afirma que a proposta de uma Igreja comprometida e engajada na sociedade lageana, nos moldes do Vaticano II,

[...] foi apresentada votada por 35 dos 39 padres presentes [...]. Isso é claro que nos coloca, se bem levamos a sério o que votamos, numa atitude necessária e corajosa, de olharmos as situações conflitantes de nossa Igreja e sociedade lageana e fazer uma proposta engajada.

Fica demonstrado aqui que não havia um consenso dentro das proposições feitas afim de se colocar em prática uma Igreja mais engajada e comprometida na realidade das pessoas.

Talvez a explicação mais plausível seja pelo fato de que o rompimento com uma Igreja mais de cunho devocional, implicava em optar por uma igreja de Base e

por fazer desse jeito de ser Igreja uma prioridade pastoral em detrimento da grande variedade de movimentos de espiritualidades ainda resultantes do processo de romanização vivido pela Igreja de Lages. Por isso, ainda nas considerações finais da 12ª assembleia de pastoral se postula que

Parece também que nesta assembleia foi aceito, embora com menos aprovação das outras proposições, as ideias que a nossa Pastoral seja dirigida para um trabalho de base dando menos ênfase aos Movimentos. O que precisa é fazer 'Igreja' e não 'panelas'. [...] é necessária uma reformulação das diretrizes pastorais para criar uma Igreja Evangélica e que a catequese e a liturgia sejam acompanhadas pelo Secretariado na formação da consciência crítica (DIOCESE..., 1981, p.11).

Neste contexto de resistências e esperanças, algumas pastorais foram importantes dentro do contexto de acolhida do Vaticano II. Apresentarei aqui algumas que se destacaram por melhor exprimirem esse novo jeito de ser Igreja mais presente na vida das pessoas e cada vez mais em sintonia com os clamores que brotavam da realidade do planalto serrano.

#### **4.7.1 A Renovação Litúrgica e a Pastoral da Comunicação**

A pastoral litúrgica juntamente com a pastoral da comunicação também foram passos importantes dados na Diocese de Lages, a partir do Concílio Vaticano II, no sentido de uma renovação da vida pastoral da Igreja. Vários encontros focados no tema da liturgia e da comunicação foram realizados no intento de buscar uma melhor adequação daquilo que se celebrava com aquilo que se vivia no cotidiano da vida.

O objetivo central das formações era o de

[...] integrar dentro da Pastoral de Conjunto o esforço enorme de uma Pastoral Litúrgica. [...] Tudo dentro do espírito de Puebla, que retomou o Vaticano II, que vê a liturgia como fonte, origem, expressão e plenitude da vida e da ação da Igreja. Embora a liturgia não esgote toda a ação da Igreja, ela é o cume e o fim para o qual deve tender toda a ação da Igreja" (DIOCESE..., 1980, p. 58).

O motivo central, para que pudesse se incentivar e praticar uma liturgia dentro dos moldes da renovação proposta pelo Vaticano II, residia principalmente no fato



de se superar três dificuldades importantes, presentes na realidade da Igreja da Diocese Lages (DIOCESE..., 1980, p. 59):

- a) Em primeiro lugar, superar uma fé individualista, muitas vezes sem querer ou sem entender que é preciso celebrar, manifestar juntos a fé;
- b) Em segundo lugar, superar a dificuldade de formação dos padres, que são formados para muitas coisas, menos para serem liturgos. Se percebeu que mesmo tendo formação filosófica, teológica e humana, falta ao padre ser um “comunicador” ou um “Celebrador” no sentido de comunicar o que celebra, transmitindo a fé que ele vive;
- c) Em terceiro lugar, superar a falta de consciência litúrgica, colocada como presente na própria pessoa dos bispos, repercutindo então na formação do clero e dos seminários. De forma geral essas foram as três dificuldades encontradas no contexto de Igreja: Apatia e passividade do povo, falta de comunicação e consciência litúrgica nos padres e bispos.

Percebe-se aqui além, da intrínseca ligação entre liturgia e comunicação, a necessidade de se adequar a uma nova realidade de Igreja um novo jeito de comunicar, celebrar essa novidade unindo fé, vida e comunidade como elementos centrais do processo de Evangelização.

Dentro dessa perspectiva da liturgia e da comunicação apresentou-se outros elementos identificados como importantes a serem trabalhados para uma melhor vivência e proveito da vida litúrgica pós Vaticano II. A Diocese de Lages (1980, p. 60) afirma que

Com relação ao canto litúrgico ainda se está numa fase de cantar na missa. [...] nossa liturgia ainda é muito mais dominada por cantos da missa, do que cantar a missa. Neste sentido estamos muito longe do ideal que é cantar a liturgia. É a festa cantada e não simplesmente cantar durante a festa.

Nesta mesma perspectiva aparece também o trabalho feito no sentido de tornar a liturgia algo mais próxima das pessoas, principalmente através de uma linguagem mais acessível. Assim se afirma que

[...] apesar do grande passo do latim ao vernáculo, nossa linguagem é uma linguagem que ainda está muito longe de nossa gente, com quem celebramos, apesar de todos os esforços neste sentido. Em comunhão com os bispos, façamos algumas adaptações necessárias para aproximar, para baixar nossa linguagem (DIOCESE..., 1980, p. 60).

Dentro dessa renovação litúrgica e do crescimento da pastoral da comunicação na Diocese de Lages, no dia três de agosto de 1980 se celebrou a primeira missa televisionada na Diocese, as 10 horas da manhã na já extinta TV Planalto.

O grande intuito era colocar a comunicação a serviço da unidade diocesana, da evangelização e da acolhida dos ideais do Vaticano II. Por isso se argumentou que era

[...] a febre da abertura, tão propalada em todos os níveis e áreas da sociedade brasileira, que também está chegando em Lages. Que seja bem vinda! Os amantes do poder têm se servido da força da comunicação para oprimir, marginalizar e isolar todos os que não acompanham a dança de seus cantos. [...] Que todos tenham igualmente, voz e vez, nesta cidade de Deus. E que a Igreja seja em primeiro lugar, um testemunho vivo dessa coragem, senão ela não terá força moral, para reivindicar o mesmo do poder civil. (DIOCESE..., 1980, p.57).

#### **4.7.2 A Pastoral da Juventude (PJ)**

A pastoral da juventude da Diocese de Lages, em sua história, representou sempre uma força viva da Igreja e dos ideais de uma sociedade mais justa. A juventude, principalmente através da pastoral da juventude, esteve sempre presente em setores como catequese, liturgia, pastoral da terra, pastoral operária, pastoral universitária, etc.

A sua rearticulação em 1982, foi fundamental, pois com alegrias, sacrifícios e desafios, tentava-se definir o verdadeiro papel da Pastoral da Juventude na Diocese, como colaboradores da construção do Reino de Deus, no aqui e agora. Nos anos 80 a Diocese de Lages contava com aproximadamente 150 mil jovens, sendo que a maioria deles residia na área urbana (CAMINHADA, 1987d, p. 6). Desses 150 mil, apenas 5 mil eram organizados e atingidos pelos trabalhos da PJ, nos grupos espalhados no contexto da Diocese.

A juventude teve dificuldades de mostrar sua força, não conseguindo reunir todos os grupos da Diocese. Foi a partir daí que surgiu a necessidade de se realizar “Assembleias da Juventude” uma vez por ano, com o objetivo de traçar caminhos para a juventude católica, assembleias essas que perduraram também nos anos 90 e acabaram por praticamente deixarem de existir nos anos 2000.

Em 1985, por ocasião do Ano Internacional da Juventude, se promoveu em todas as paróquias da Diocese de Lages, encontros, romarias, caminhadas, festivais, celebrações, etc., motivando a juventude a se ajudarem a construir “uma Nova Sociedade”. A partir desse horizonte de ação, os jovens sentiram a necessidade de se organizar, pois observava-se

[...] a garra da juventude em construir uma nova sociedade. Os mais comprometidos com a fé e com a sua comunidade, já estão procurando se organizar, tais como: jovens da escola – PJE (pastoral da juventude estudantil), Pastoral Universitária, jovens da roça, jovens do Meio Popular (associação de moradores, boias-frias, partidos políticos, sindicatos, mulheres, etc...). São jovens agindo concretamente nos problemas da comunidade (CAMINHADA, 1985, p. 3).

A pastoral da juventude e sua organização, para atuar na realidade da Igreja de Lages, percebeu historicamente que algumas dificuldades precisavam ser superadas. Olhando a realidade das 6 Comarcas de Lages (Urubici, Paineira, Curitiba, Lages, Campo Belo) se constatou que apesar de uma tentativa de organização nas paróquias, havia também, falta de assessoria, falta de apoio dos padres e falta de capacitação de lideranças (DIOCESE..., 1985, p. 3). Neste ano ficou estabelecido para a juventude como prioridade o trabalho com os movimentos populares (mundo do trabalho) e formação de lideranças.

Em uma carta aberta a todos os participantes do 1º Congresso da Pastoral da Juventude com aproximadamente 2000 pessoas, vindas de todos os lugares da Diocese, os jovens denunciaram a realidade vigente e se comprometeram a lutar por uma nova ordem social. Assim exprimiram:

Neste Congresso reafirmamos a vontade de participar nas decisões da vida política da Igreja e da sociedade em favor dos mais fracos: os preferidos de Deus. Denunciamos as formas de opressão que acontecem com os jovens trabalhadores, no campo e na cidade; a escola, que promove o individualismo, não ajudando a nos desenvolver integralmente, castrando nossas potencialidades e valores. Denunciamos uma sociedade capitalista (só pensa no lucro), que não ajuda a família a desenvolver-se nos valores cristãos. Também nos Meios de Comunicação, que influem na família destruindo o espírito comunitário de família, a politicagem que às vezes nos assusta a uma participação política. Diante da realidade vivida por nós jovens, só nos resta anunciar e cantar uma Nova Sociedade, onde os nossos direitos sejam respeitados (DIOCESE..., 1985, p. 3).

A medida que o tempo passava, o compromisso também aumentava. Alguns jovens que não tinham entendido a proposta evangélica, ou até mesmo não aceitaram, foram se afastando dos grupos. Aqueles que desafiaram a realidade, cada vez mais motivados por uma espiritualidade não mais formal, mas sim libertadora, continuavam firmes. Estes jovens perceberam que os grandes Grupos não transformavam nada, mas sim os pequenos Grupos. Começou-se a formar pequenos núcleos de Juventude estudantil e Universitária. Era uma razão concreta de levar o Evangelho até esses lugares. Muitos jovens assumiram nesses lugares lideranças estudantis, associação de moradores, partidos políticos, sindicalismo, etc.

Muitos deles foram perseguidos, aprisionados (inclusive a família), foi um conflito bastante difícil vivido pelos jovens. Eram as exigências evangélicas fazendo com que a juventude fosse sal e fermento na massa. A juventude aos poucos ia percebendo que seus reis eram aquelas pessoas que queriam fazer acontecer uma 'Nova Sociedade'. O sinal concreto de alguns militantes foi a formação de um Grupo Teatral 'Jeito Novo', com o objetivo de ajudar na animação geral da juventude (CAMINHADA, 1987d, p. 6).

Os trabalhos com a juventude ficaram cada vez mais exigentes. As necessidades novas eram criadas pela juventude. Tanto em conteúdo (fé e política; sexualidade e espiritualidade libertadora, opção pelos pobres, etc) como na organização (metodologia e cursos) fizeram surgir pessoas que precisariam estar melhor preparadas para ajudar a solucionar estes problemas. Foram reunidas então, aquelas que estavam mais preocupadas com a juventude (seminaristas, religiosas, padres, casais e juvenistas), que fizeram acontecer importantes encontros para discutir esses assuntos.

A partir do 1º Congresso e das Assembleias diocesanas e paroquiais da pastoral da Juventude, na Diocese de Lages, essa pastoral exerceu uma grande função de ser "berço" de lideranças que a partir da participação na mesma, acabavam por participarem em outras pastorais e movimentos presentes no contexto da Diocese.

Contudo, apresentava-se sempre a dificuldade em se manter o mesmo vigor dessa pastoral devido a rotatividade das lideranças que muitas vezes, por motivo de emprego ou outros projetos pessoais, acabavam por saírem de sua realidade em direção aos grandes centros de Santa Catarina. Também se verificou, com o passar do tempo, um certo esmorecimento da PJ devido também a falta de apoio e

incentivo por parte das autoridades eclesiais e o desinteresse pelas causas antes inspiradoras para a organização e lutas dessa pastoral.

#### **4.7.3 A Comissão Pastoral Operária (CPO)**

A CPO é um movimento da classe operaria onde se cria a consciência de que é o operário que faz a história. O operário hoje está abandonado, extremamente explorado sem nenhum valor a não ser o de produzir com sua força de trabalho, para o enriquecimento exagerado de uma minoria privilegiada. A CPO é um movimento formado de operários, ligados à Igreja, embora seja independente ao mesmo tempo. Por isso é diferente de um Sindicato. Entra o aspecto da Fé Cristã. A CPO tinha como objetivo despertar a consciência de união desta classe, para a conquista de seus legítimos direitos previstos na Declaração dos Direitos Humanos (CAMINHADA, 1985, p. 7).

Na Diocese de Lages, a CPO teve início em meados de 1983. Com um número bem reduzido de operários sob a orientação do padre Ildo Ghizoni. Desde o seu início procuraram se organizar, fazer cursos, participar de encontros, etc., mas como era um movimento que dava os primeiros passos no contexto da Diocese de Lages, esses passos foram lentos e difíceis.

A partir da abertura feita pelo Vaticano II, principalmente através da *Gaudium et Spes* e da Doutrina Social da Igreja, os operários sentiram a necessidade de se organizarem para reivindicar seus direitos. Esta pastoral começou a ser organizada a partir de 5 paróquias na cidade de Lages que organizaram uma equipe para aprender o que era a CPO e aprofundar seus objetivos. A partir de encontros a níveis estaduais a CPO de Lages alcançou uma melhor estruturação e passou a integrar a equipe estadual.

A partir de 1984, algumas iniciativas foram implementadas no sentido de criar melhores condições para os operários e agricultores da Diocese de Lages. Destacou-se a Associação de Donas de Casa formada por mulheres da CPO que se organizaram para atuar juntamente com os operários na luta por uma sociedade igualitária; Lançamento do Jornal da CPO com o objetivo de acompanhar e explicitar a caminhada das CPOs; A comercialização direta de alimentos, criando meios

alternativos, visando a união de operários e agricultores, eliminando os intermediários que acabavam por explorar os pequenos produtores.

No mês de abril de 1985 aconteceu dois encontros entre operários e agricultores para fortalecer a comercialização de alimentos. Na união de operários e agricultores aconteceu a Caminhada do trabalhador e a primeira Romaria do Trabalhador.

A partir da realidade da Pastoral Operária e de outros movimentos do mundo do trabalho, na Diocese de Lages surgiu como prioridade diocesana o Sindicalismo.

Seguindo o objetivo de evangelizar a partir da classe trabalhadora, a Igreja está se propondo a lutar e apoiar totalmente o movimento dos trabalhadores, tanto no campo como na cidade. [...] Na região do planalto serrano a organização sindical ainda é muito precária, os sindicatos são acomodados – ‘decadentes’ –. Os sindicatos não estão na luta pelos direitos dos trabalhadores, e na maioria das vezes traem os trabalhadores, fazendo conciliações com os patrões, a classe dominante (CAMINHADA, 1986a, p. 2).

A Pastoral Operária esteve presente em 12 paróquias da Diocese de Lages e, a partir de seu trabalho, ajudou os operários a organizarem-se constatando problemas de moradia, desemprego, falta de consciência de classe, exploração de operários, reivindicações nos bairros em transportes, escolas, atendimento na melhoria das ruas, iluminação pública, hortas comunitárias, etc.

Várias assembleias diocesanas da CPO foram realizadas no intuito de organizar, apoiar e reivindicar os direitos dos trabalhadores. É a partir de 1984 que também o movimento de atingidos por barragens surge como movimento social popular na Diocese de Lages. Percebe-se que as lutas de classe, historicamente manipulada pelas classes dominantes, agora vem a tona com suas contradições e antagonismos de classe, explicitando-se inclusive na organização político partidária. Neste contexto se destacou o Centro Vianei de Educação Popular que, em parceria com as Pastorais Sociais, teve um importante papel na formação e conscientização dos trabalhadores.

Por fim, com o passar dos anos a pastoral operaria na Diocese de Lages foi perdendo força, e seus membros, aqueles que ainda continuaram colaborando, passaram a militar em outros movimentos sociais principalmente na Comissão Pastoral da Terra e nos Conselhos municipais de políticas públicas.

#### 4.7.4 A Pastoral do Negro

A “Pastoral do negro” atual “Pastoral Afro”, também foi importante na história da Diocese de Lages. A presença da Cultura Afro sempre marcou a identidade do povo da Diocese de Lages haja visto que o “caboclo” é descendente e herdeiro dessa cultura.

Em 1875 o número de escravos em Lages superava o da Capital Desterro. Era o segundo lugar na província, totalizando 1658 escravos, atrás somente de Laguna. Segundo Borges (2005, p. 165),

[...] em um contexto mais amplo, em conformidade com estudos recentes sobre a importância da escravidão no mercado interno e na dinâmica da economia de abastecimento [...] Lages estava ligada às demais localidades e províncias [...], não apenas pelos caminhos das tropas e comercialização de animais, mas também pelo grau de importância da mão-de-obra cativa na estratificação socioeconômica.

Por ser um importante polo de mão-de-obra escrava, as religiões advindas da cultura religiosa da África, também se fizeram presentes em Lages desde o fundamento desta. Foram elas as responsáveis por manter a esperança, a resistência dos escravos e a riqueza cultural trazida da África.

Com o passar do tempo, mesmo com o “fim” da escravidão, a luta pelos direitos e valorização da cultura e da pessoa afrodescendente, bem como contra o preconceito e exploração, continuaram presentes no contexto de Lages.

A “Pastoral do Negro” foi instituída em Lages em 1985, por negros que se sentiam isolados da sociedade, trabalhando no sentido de compreender as relações da sociedade afro-brasileira e as religiões. O jornal Caminhada, ainda em fase de organização, explicitava:

Há 97 anos, o negro foi transformado de Escravo Físico, explorado e expoliado como mão-de-obra, braçal, violentada e oprimida pelos seus senhores e donos, em ‘Escravo Social’, marginalizado e explorado como mão-de-obra barata, expoliada e oprimida por seus patrões e seus ‘doutores’. De lá para cá: pouco ou nada se fez em favor do Negro no Brasil, apenas escassas e frágeis leis, que nunca foram aplicadas. A Pastoral do Negro na Diocese de Lages se organiza e conta com você (CAMINHADA, 1985, p. 8).



Com o intuito de pôr em prática os ideais de inclusão e de inserção, de uma Igreja comprometida com a vida dos mais pobres e oprimidos, postulada pelo Vaticano II, a “Pastoral do Negro” tinha como objetivos centrais (CAMINHADA, 1986b, p. 7):

- a) Eliminar certos preconceitos que existem em relação aos negros, a discriminação racial;
- b) Fazer com que o Negro conheça seus valores, capacidades, encontre a sua identidade na sua própria pessoa;
- c) Conscientizar o negro de que muito já construiu e vem contribuindo, ao longo da história, para o desenvolvimento do país;
- d) Construir uma sociedade justa para a geração futura, através da educação comunitária de base.

O trabalho da “Pastoral do Negro” foi importante no sentido de despertar para o trabalho pastoral e também para a vida social muitos afrodescendentes que ainda viviam uma situação de exploração e discriminação. Este trabalho deu frutos positivos. Com o passar do tempo, os afrodescendentes engajados na pastoral e nos movimentos sociais, trabalharam em ações culturais e pedagógicas voltadas para crianças e adolescentes, criando um grupo de atividade artística chamado “Obatála – Movimento Negro de Lages”, que tomou proporção e grandiosidade na região.

O objetivo do grupo era lutar pela igualdade racial através da educação e cultura, realizando ações em escolas no intuito de apresentar o grande valor e participação que os africanos tiveram na formação do Brasil. As atividades são realizadas através de dança, teatro e oficinas de arte, promovendo assim a cultura afro brasileira no contexto da Diocese.

#### **4.7.5 A Pastoral Catequética**

A catequese sempre se constituiu como importante veículo de evangelização em toda a Igreja. Não foi diferente na Diocese de Lages. Na catequese se formou a consciência cristã e cidadã em toda a história da Igreja na Diocese variando seus conteúdos e métodos conforme o “jeito” de ser Igreja em cada tempo dessa Igreja.

Nos primeiros tempos, quando se expressou uma Igreja de devoção popular, desde as orações mais simples até os conteúdos um pouco mais elaborados, eram aprendidas na própria família e por pessoas designadas pelos representantes da Igreja para prepararem as pessoas para minimamente receberem os sacramentos. Eram tempos de poucos padres e poucas lideranças preparadas nas comunidades.

A partir do processo de romanização, esse processo catequético passou a ser melhor acompanhado e elaborado, principalmente pelos padres. Destaca-se aqui os pequenos catecismos em perguntas e respostas ensinando as principais doutrinas da Igreja e tentando enfatizar a necessidade de se aprender as verdades da fé superando o elemento mais ligados a devoção popular.

Com a chegada do Concílio Vaticano II também lentamente se buscou uma nova compreensão de catequese, repensando seus métodos, conteúdos e prática nas comunidades paróquias. Neste sentido teve uma grande importância o documento “Catequese Renovada” aprovado pelos bispos da CNBB ao longo de 3 anos de trabalho e reflexão que trouxe, para a realidade da catequese da época, uma importante renovação e necessário entusiasmo e revisão. A partir desse documento, realizou-se no Brasil a 1ª Semana Brasileira de Catequese em Itaiaci de 13 a 18 de outubro de 1986.

A partir do estudo e reflexão desse Documento à luz do Vaticano II, a Igreja da Diocese de Lages passa a compreender que

[...] a catequese é um processo comunitário e permanente de educação de fé, num compromisso de libertação integral. A compreensão desse conceito mexe com toda a estrutura e visão que temos a respeito da catequese. Não mais podemos permitir que se entenda por catequese a preparação das crianças para receber os sacramentos da Eucaristia e da Crisma. Sua abrangência é bem maior, é educação da fé, que envolve a vida toda; é permanente educação para a vida comunitária. Jamais se vive a fé de forma isolada. A fé se vive principalmente em comunidade. Quando a catequese assume os problemas reais da vida comunitária e a ajuda a resolvê-los, torna-se então Catequese Libertadora (CAMINHADA, 1986c, p. 7).

A partir dessa compreensão, na Diocese de Lages, a catequese começou a ser trabalhada numa perspectiva mais abrangente tentando não só preparar para os sacramentos mas também formar cristãos e cristãs comprometidos com sua Comunidade. Para isso, realizaram-se cursos a nível paroquial e comarcal com todos os catequistas, estudando propostas do Documento e confrontando-as com a realidade sócio-político-econômica do Brasil e da Diocese. Com a formação nos

mais variados níveis diocesanos e paroquiais, a catequese cresceu e se qualificou significativamente e sua prática respondeu de forma mais satisfatória as necessidades da realidade de Igreja e de sociedade. Os cursos compreendiam um programa comum com as seguintes propostas de temas: Análise de conjuntura, história da catequese na Igreja, método de interação (casamento entre fé e vida) e catequese comunitária.

Essa renovação na pastoral catequética veio ao encontro do clamor das paróquias da Diocese que tinham, quase que unanimemente, como prioridade, o trabalho com a catequese. No entanto, nada ou pouco se fazia para mudar a realidade da pastoral catequética, isso principalmente, devido à falta de interesse dos padres, a falta de formação, escassez de lideranças e a resistência a uma mentalidade de catequese que prioriza o ser humano e a realidade como um todo no processo de evangelização e não somente em vista da recepção dos sacramentos.

Dentro do contexto da Diocese de Lages, se buscou compreender a Catequese como instrumento de libertação de todos os males que afetam a vida humana. Por isso, ela deveria agir de forma eficiente nestes males a partir de cada realidade paroquial. O *Jornal Caminhada* (1987c, p. 6), afirmava que

[...] não adianta fazer uma catequese a partir das nuvens, devemos partir da realidade em que vivemos, da própria vida que a comunidade vive. Em São Joaquim a catequese tem por obrigação transformar a realidade dos Boias-frias – uma nova classe que está emergindo; igualmente em Curitiba e outros locais. Em Otacílio Costa a questão de justiça no trabalho... Em Lages a catequese deve refletir os problemas dos menores abandonados, desemprego, sindicatos, prostituição, marginalidade, êxodo rural, etc. Tudo isso a partir da proposta de Jesus.

A partir do Concílio Vaticano II, a pastoral catequética na Diocese de Lages trabalhou no sentido de tornar mais concreta essa ligação entre fé e vida, Palavra de Deus escrita na Bíblia e escrita na vida de cada ser humano, para que não seja apenas uma compreensão de doutrinas sem respaldo na realidade da vida; Da mesma forma, se buscou através da formação e valorização dos ministérios leigos um “novo tipo de catequista”, integrado na comunidade, que caminha com o povo e não somente ensina algo. Catequista como comunicador, profeta e pessoa inserida na vida da Comunidade; Por fim, uma catequese comunitária e permanente, no sentido de que toda a Comunidade deve ser catequética através de sua própria vida e testemunho (DIOCESE..., 1992, p.02).

#### 4.8 A RELAÇÃO IGREJA - SOCIEDADE: A INSERÇÃO SOCIAL DA PASTORAL EM LAGES

Uma tentativa de definirmos, em linhas gerais, em que consistiria a inserção social da pastoral seria afirmar que consiste em toda atividade de cristãos individuais ou da igreja coletivamente no sentido de suprir necessidades materiais das pessoas, aliviar o sofrimento humano, atenuar ou eliminar males sociais que afligem indivíduos, famílias, comunidades e até mesmo a sociedade como um todo. Essa ação social é especificamente cristã, pois responde a motivações e princípios diretamente relacionados com as Escrituras e com o evangelho de Cristo. Podem-se situar os primeiros elementos renovadores da Pastoral Social no Vaticano II, principalmente no documento *Gaudium et Spes*, que começa a discutir o relacionamento da Igreja com o mundo (CAMINHADA, 1987b, p. 6).

O objetivo da ação social pastoral é proporcionar às pessoas e comunidades condições de vida mais condignas, o suprimento básico das carências humanas fundamentais no plano material (moradia, alimentação, saúde, educação, trabalho). Quanto à sua amplitude de atuação, a ação social pode ir desde o atendimento de necessidades emergenciais, muitas vezes chamado de assistencialismo, até aquela atuação mais ampla que visa resolver os problemas de modo mais permanente e profundo. Um exemplo disso seria não somente fornecer alimento para uma pessoa ou família, mas proporcionar-lhe meios de educação, capacitação profissional e oportunidade de trabalho para que ela mesma possa ganhar o seu sustento, libertando-se da dependência externa. O objetivo mais elevado e complexo da ação social cristã seria a transformação das estruturas sociais e econômicas do país, visando a eliminação das causas da pobreza, a correção das injustiças sociais, a melhor distribuição de renda e assim por diante. Nesse último caso, os cristãos e as igrejas precisam atuar junto ao poder público, a classe política e as diferentes instituições da sociedade.

Essas colocações mostram que, do ponto de vista cristão, a ação social é incompleta em si mesma para promover a plena dignidade humana, porque as necessidades humanas transcendem o plano meramente material. As pessoas e famílias têm também carências emocionais e espirituais. Daí falar-se no binômio evangelização-ação social como duas atividades complementares da igreja. Infelizmente muitas vezes fazemos uma dicotomia entre esses dois elementos,

considerando-os como mutuamente excludentes. Achemos que a igreja deve preocupar-se apenas com atividades “espirituais” ou religiosas, como a evangelização, deixando a esfera social para outras instituições, principalmente o Estado.

Entendemos que a evangelização e a ação social são partes essenciais e complementares da missão da igreja no mundo. Cremos existirem abundantes argumentos bíblicos que apontam para o fato de que Deus quer dar plenitude de vida às suas criaturas, e essa plenitude inclui tanto o conhecimento de Deus e um relacionamento vital com ele, quanto o suprimento das necessidades humanas mais fundamentais no plano material. Não só o desconhecimento de Deus, mas também a fome, a doença, a ignorância e a violência são fatores que atentam contra a dignidade humana. Portanto, a evangelização e a ação social devem caminhar lado a lado, como dois aspectos integrais da missão e do testemunho da igreja junto à sociedade.

#### **4.8.1 A Cáritas Diocesana de Lages**

Dentro da organização da ação social da Diocese de Lages destacamos o trabalho da Cáritas Diocesana. A Cáritas Diocesana de Lages, enquanto entidade de promoção social, de educação Popular e de Assistência Social, surgiu como desdobramento de outras Ações Sociais da Diocese de Lages, tais como, Ação Social Beneficente da Diocese de Lages (1945), que atendia o Orfanato Nossa Senhora das Graças, hoje, Irmandade Nossa Senhora das Graças, o Instituto São João Batista Vianei, os Hospitais: Frei Rogério em Anita Garibaldi (até 1948), São José em Urubici, São José em Bocaina do Sul, Nossa Senhora do Patrocínio em Campo Belo do Sul, e ainda outras obras sociais das Paróquias, que mais tarde se organizaram em obras sociais autônomas e registradas.

De início a Cáritas Diocesana de Lages, a pedido da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, com sede no Rio de Janeiro, com aprovação do Bispo de Lages Dom Daniel Hostin, distribuía alimentos, roupas e remédios provenientes da Europa e dos Estados Unidos. Mais tarde, em 1959, foi organizada a Cáritas Brasileira, como um organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, com a

finalidade de divulgar e implementar a Doutrina Social da Igreja Católica, no campo social, político, econômico e emergencial.

A Cáritas Diocesana de Lages foi fundada juridicamente em 11 de outubro de 1969, é pessoa jurídica de direito privado, criada sob a forma de associação, sem fins econômicos e de caráter beneficente de assistência social ou filantrópico e tem por finalidade a assistência social, a educação, pesquisa e estudos, divulgação cultural, promoção humana e defesa dos direitos sociais de pessoas, grupos e comunidades econômica e culturalmente mais empobrecidas. Segundo o jornal Caminhada (1987b, p. 6) a Cáritas, como pastoral social, “realiza o que se chama de caridade libertadora. É a que leva à mudança de estruturas, através da organização dos oprimidos e injustiçados e dos que lhes são solidários”. Ainda hoje, exerce suas atividades no espaço da Diocese de Lages, Estado de Santa Catarina, politicamente chamado de Região Serrana, contendo 23 municípios.

Nessa direção a Cáritas Diocesana de Lages, frente a novos desafios e a novos problemas apresentados pela realidade socioeconômica, política e cultural do Brasil e da realidade local, trabalha na Construção Comunitária da Vida e tem seu foco nos direitos das crianças e dos adolescentes da Região Serrana, com as seguintes estratégias:

- a) Articular entidades civis, religiosas e governamentais para que juntas descobrissem, estudassem e implementassem perspectivas de maior qualidade de vida, visando um desenvolvimento solidário e sustentável;
- b) Em vez de continuar com a cultura de pequenos projetos para pobres e necessitados, trabalhar as políticas públicas de Estado que garantam permanentemente os direitos sociais humanos, culturais, políticos, econômicos e ambientais de todas as pessoas, com enfoque prioritário nos seguimentos: crianças, adolescentes e idosos;
- c) Para isso tudo, criar e fortalecer os espaços públicos, tais como, o Congresso de Crianças e adolescentes, Fóruns Sociais, Conferências e Conselhos, com vista a nova cultura de cidadania;
- d) Formação de Agentes Cáritas e criação de Cáritas Comunitárias.

Na Diocese de Lages a Caritas tem um trabalho importante com as feiras de economia solidária. As feiras de economia solidária têm uma dinâmica que vai de encontro com uma nova forma de comercialização, onde a troca de saberes, a

formação e o aprendizado são mais importantes que o lucro, sendo que este se torna consequência de toda lógica do comércio justo e solidário.

Na economia solidária, as feiras constituem importante estratégia de comercialização, combinando espaços de venda direta, trocas solidárias e rodadas de negócios. Além de viabilizar a produção dos bens e serviços comercializados, estes espaços também resgatam relações personalizadas entre produtores e consumidores, favorecendo a fidelidade do consumo de produtos e serviços de origem solidária, e também da produção familiar e agroecológica. As feiras proporcionam também o encontro e o intercâmbio de conhecimentos conceituais e práticos e o fortalecimento da articulação da economia solidária em fóruns e/ou redes.

#### **4.8.2 O Centro Vianei de Educação Popular**

O Centro Vianei de Educação Popular teve início no ano de 1983, na condição de um “Projeto Vianei”, vinculado ao Instituto São João Batista Vianei; este instituto, por sua vez, um estabelecimento educacional de ensino médio, vinculado à Diocese de Lages, que contava com ampla e subutilizada estrutura institucional e física, principalmente, em forma de edificações e área de terra agricultável, nas cercanias da cidade de Lages.

Segundo Silva (1999, p.1) o Vianei é uma organização não-governamental (OnG) constituída por um grupo de profissionais de diversas áreas (Agronomia, Sociologia, História, Teologia, Informática, Comunicação, Pedagogia, administração) que atua junto aos pequenos agricultores do Planalto Serrano Catarinense: os caboclos. A expressão “caboclos” é usada para designar agricultores familiares que possuem a pele morena, olhos escuros e estatura mediana, predominantemente adeptos do catolicismo popular e moram em casas de madeira na área rural do planalto catarinense. Da parte desses agricultores, não é uma prática usar esta expressão.

A idéia mobilizadora inicial foi a proposição de um projeto de formação voltado a jovens filhos de agricultores. Em seu início efetivo, contou-se com a parceria institucional da recém criada Prefeitura Municipal de Correia Pinto, através de sua Secretaria Municipal de Educação; bem como com o apoio financeiro da



então Secretaria de Cultura, do MEC. No início de 1985, os trabalhos foram ampliados, agora com apoio financeiro da entidade católica alemã de solidariedade internacional Misereor.

Enquanto representante da Diocese de Lages, foi importante a postura de apoio do então Bispo Diocesano D. Honorato Piazzera, que, ao mesmo tempo que pôs a estrutura existente à disposição do Projeto, prestou o apoio institucional da Igreja com vistas às aproximações sociais iniciais nas comunidades e mesmo com vistas à aproximação com a instituição alemã Misereor.

O Centro Vianei de Educação Popular é uma entidade da sociedade civil, Organização Não Governamental, sem fins lucrativos, com atuação nos Movimentos e Organizações Populares e na assessoria aos trabalhadores rurais organizados ou em processo de organização.

O Centro Vianei tem se firmado em sua área de ação como sujeito histórico mediador de um projeto de fortalecimento da sociedade civil, em relações que buscam democratizar o Estado. No momento presente, a conjuntura nacional é favorável tendo em vista que os programas de governo e iniciativas do setor privado convergem para um olhar de valorização da agricultura familiar. Estas mediações materializam-se na forma de projetos que possam dar sustentação à proposta de desenvolvimento sustentável e solidário da Região como um todo.

O lugar de ação do Centro Vianei é o território do Planalto Catarinense, particularmente os municípios de São José do Cerrito, Lages, Otacílio Costa, Urubici, Anita Garibaldi, São Joaquim, Alfredo Wagner, Campo Belo do Sul e Cerro Negro. Existem ações pontuais nos municípios de Painel e Bocaina do Sul, bem como alguns trabalhos conjuntos com programas e juntamente com outras organizações atuando-se nos municípios do Consórcio de Segurança Alimentar e Desenvolvimento Territorial (CONSAD) e da Comissão de Instalação de Ações Territoriais (CIAT), abrangendo ações em 31 municípios da região.

#### **4.8.3 A Pastoral da Terra e os movimentos sociais na Igreja de Lages**

Os movimentos sociais foram a mola propulsora do advento do Vaticano II na Igreja de Lages. Não é novidade dizermos que o Vaticano II encerrou-se em um período de grandes turbulências na sociedade brasileira. Vivíamos em regime militar

depois do golpe militar de 1964. Esse fato teve grandes consequências na vida das pessoas e principalmente na vida da Igreja no Brasil, levando a várias iniciativas por parte da mesma no sentido de resistir e buscar os direitos das pessoas. Por isso, mesmo com excessões, nas décadas de 70 e 80 foram os movimentos sociais, principalmente apoiados pela Igreja, que reivindicaram os direitos cerceados ou negados pelo Estado. De certa forma podemos afirmar que o Concílio Vaticano II foi de essencial importância para que, principalmente através das pastorais sociais, a Igreja marcasse presença e lutasse junto aos que defendiam uma mudança na realidade vigente.

Na Diocese de Lages não foi diferente. Os movimentos sociais e as pastorais sociais foram a concretização daquela proposta do Vaticano II de “encarnação na realidade”, levando a Igreja a sair para as ruas e através de projetos e ações experimentar uma pastoral mais orgânica e atuante na sociedade.

A dimensão educativa presente nos Movimentos Sociais, aqui especialmente as CEBs no contexto da Diocese de Lages, foi tecendo a memória das diversas experiências do compromisso evangélico, atingindo corpo, mente, sentimento e emoções, além de contribuir para formar consciência crítica. O engajamento nas lutas sociais motivou os grupos a compreender a realidade num todo, sustentados pela fé, comprometendo-se com a participação aliada à espiritualidade.

Formando uma consciência voltada para a construção da cidadania e do respeito para todos, o grupo adquire força para continuar atuando nos diversos segmentos da comunidade, sem medo de enfrentar os obstáculos que possam surgir, pois sabe que, unidos, é mais fácil encontrar as respostas necessárias para solucionar os problemas do dia-a-dia.

As características culturais que possibilitam a luta pelas questões sociais desses movimentos refletem-se na forma como este se articularam. Elas são identificadas por meio das suas manifestações, produzindo uma aprendizagem coletiva, articulada desde a formação bíblica, unindo espiritualidade e celebração às ações das diversas Pastorais, buscando a construção de um projeto político solidário e de um ‘novo jeito de ser igreja’, de forma alegre e comprometida. Destacamos aqui o trabalho da CPT que alcançou grande destaque neste contexto.

Um dos principais objetivos da Comissão Pastoral da Terra na Diocese de Lages foi contribuir na organização e na defesa dos direitos dos agricultores e agricultoras. Ela se constituiu como um instrumento importante para a evangelização

principalmente no contexto dos anos 80 onde a luta pela terra alcançou uma grande visibilidade com as CEBs. Temas como saúde, comercialização de sementes, falta de política agrária, etc, eram recorrentes nestes espaços. Tudo isso foi se inserindo no processo e na vida dos agricultores, como uma presença solidária da Igreja. A Comissão Pastoral da Terra incentivava na formação da consciência crítica dos pequenos agricultores, nos aspectos de organização e mobilização buscando conquistas que iriam garantir melhorias na qualidade de vida (CAMINHADA, 1989, p. 2).

Segundo Costa (2008, p. 89), em entrevista ao padre Geraldo Locks, presente neste contexto histórico,

Em 1984, um grupo de agricultores das proximidades dos rios Pelotas e Canoas chamou a equipe para uma reunião. Eles estavam com medo de uma notícia que estava se espalhando pela região: Iriam se construir grandes barragens aqui na região e estes agricultores, então ameaçados, chamaram a gente lá para conversar e encontrar alternativas sobre suas propriedades. Lá estava o Bispo Dom Honorato Piazero, o Padre Andréas, nós do Vianeí e os agricultores. E naquele dia nasceu a CPT – Comissão Pastoral da Terra.

Mas não eram apenas os pequenos agricultores e agricultoras que, reunidos, tornavam-se mais fortes na perspectiva da construção de uma nova sociedade. Os representantes de vários outros segmentos da classe trabalhadora também se organizavam para alcançar seus direitos, juntando-se a movimentos já existentes. Dentre estes movimentos estavam a Pastoral da Saúde, da Terra e da Juventude, acreditando que através da união seria mais fácil a formação política, o desenvolvimento da criticidade diante das diferentes situações que poderiam surgir.

Como podemos perceber, também neste período surgiu o movimento dos atingidos por barragens, importantes na defesa dos direitos dos trabalhadores e empobrecidos. Em suma foi um tempo de alvorecer das pastorais sociais, ligadas basicamente na luta por vida digna e mostram uma verdadeira inserção social da Diocese. Sobre o surgimento desses movimentos de luta o Caminhada (1989, p. 3) explicita que o

[...] Vianeí é o primeiro grupo de Educação popular que surgiu na região. Não se tem conhecimentos de movimentos de resistência ou cidadania existidos antes dos anos 80. É a partir de 1984 que o movimento de Atingidos por Barragens surge como um movimento social popular. É o primeiro ator do ponto de vista da organização das classes populares como

um todo. No bojo deste movimento despontam a organização sindical combativa, oposições sindicais, movimento de mulheres agricultoras e o associativismo.

Não há dúvidas de que a CPT, o Centro Vianeí e outros movimentos sociais, juntamente com as pastorais sociais, representaram uma importante presença da Igreja diocesana de Lages na vida do povo serrano. Essa inserção na realidade social que a partir das diretrizes do ano 2000 passou a se chamar “sócio-transformadora”, se tornou gradualmente uma das grandes missões para a ação evangelizadora da Diocese de Lages.

A CPT organiza a nível estadual a Romaria da terra e das águas. A vigésima edição da Romaria da Terra e das Águas de Santa Catarina, promovida no ano de 2007 pela Comissão Pastoral da Terra de SC em conjunto com a CNBB Regional Sul IV, Pastorais Sociais e Movimento Sociais e Populares, aconteceu no dia 9 de setembro tendo como local o Assentamento Pátria Livre, em Correia Pinto, região do Planalto Serrano, Diocese de Lages. Cerca de seis mil pessoas participaram da romaria que teve o tema: “Resistência ao Agro-hidronegócio” e o lema: “Esta terra é boa e é nossa”. O evento quis celebrar a resistência e a mobilização social do campo em defesa da terra e da água contra o latifúndio e o agro-hidronegócio, realidades que estão presentes nas terras catarinense, principalmente na região Serrana.

Entre os grupos engajados almejando construir cidadania, pode-se salientar além da Comissão Pastoral da Terra (CPT), também o Movimento das Mulheres Agricultoras (MMA), Associações de Moradores (AM), Pastoral Operária (PO), Núcleo alternativo de Educação Popular (NAEP), Sindicatos, Associações de Pais e Professores (APP's), Pastoral Social (PS) e Pastoral da Criança (PC), além de Grupos de Famílias (GF), todos, atuando através de processos formais e não formais de educação em forma de assembleias e reuniões.

As mulheres agricultoras eram assistidas pela equipe do Vianeí, por meio de trabalhos de conscientização sobre seu papel no processo de construção de novas perspectivas e conquistas. Assuntos como sexualidade humana, metodologia e classes sociais eram ferramentas de luta além de reflexão teórica e política nas diferentes pastorais. As mulheres avançavam assumindo o compromisso de organização e formação de lideranças. Falando de mulheres, conforme a coletânea do boletim “Pixurum”, editada pela equipe do Centro Vianeí, na Diocese de Lages,

50% da força de trabalho era representada pela mulher urbana e rural. No entanto, ela não é reconhecida como trabalhadora, sofrendo discriminação no mercado de trabalho e sem direitos sociais. O boletim ressalta a cidade de Lages como uma cidade historicamente marcada pela prostituição. Mulheres vítimas do machismo e com pouco acesso à escolarização. A coletânea expressa dados levantados pela Diocese de Lages no ano de 1989, em que se percebe a situação de empobrecimento da população, vinculada ao processo de dominação e submissão resultado de uma inversão de valores que tornam as famílias vítimas do alcoolismo, drogas, injustiças, machismo, corrupção (CENTRO VIANEI DE EDUCAÇÃO POPULAR, 2004, p. 36).

Mas a mulher, em Lages, também se organiza nos grupos populares, buscando consciência que a leve à mudança desta realidade sofrida. É pelas Comunidades Eclesiais de Base que a mulher se faz presente no mundo social, envolvida em inúmeras pastorais sociais, o que a torna presença de esperança. É o despertar da consciência crítica de muitas mulheres serranas para o valor de ser mulher e trabalhadora, com confiança na força que obtêm nas lutas populares, sabendo que são reconhecidas em seus valores, recuperando seu direito de expressar-se, de reconquistar sua dignidade e auto-estima.

Dessa forma, principalmente nas décadas de 70 e 80, se percebe como os Movimentos Sociais, em sua prática, projetam uma identidade como expressão da comunidade em que está inserida, entrando em conflito com estruturas vigentes na sociedade. Segundo Melucci (1989, p. 57), Movimento Social é “uma forma de ação coletiva, baseada na solidariedade, desenvolvendo um conflito e rompendo com os limites em que ocorre a ação”.

Movimento Social é

[...] um conjunto mais abrangente de práticas sócio-político-culturais que visam à realização de um projeto de mudança (social, sistêmica ou civilizatória), resultante de múltiplas redes de relações sociais entre sujeitos e associações civis. É o entrelaçamento da utopia com o acontecimento, dos valores e representações simbólicas com o fazer político, ou com múltiplas práticas efetivas. [...] é a síntese de múltiplas práticas, produto das articulações de sujeitos e associações civis (SCHERER-WARREN, 1999, p. 15-16).

#### 4.8.4 O Fundo Diocesano de Solidariedade (FDS)

O fundo diocesano de solidariedade é uma organização permanente, que coloca em prática a decisão da Assembleia Geral da CNBB de 1998 alterando a finalidade da tradicional coleta da Campanha da Fraternidade (CF), para constituir-se num fundo permanente de auxílio às iniciativas solidárias na Diocese de Lages. Seus objetivos são:

- a) Estimular e favorecer a construção de relações sociais, econômicas e culturais justas, fraternas e solidárias;
- b) Apoiar projetos alternativos geradores de trabalho e renda;
- c) Fortalecer projetos sociais voltados preferencialmente ao tema da CF e incentivar a formação de grupos para o exercício da cidadania solidária.

O Fundo de Solidariedade (FDS) é constituído pelo total dos valores arrecadados, sobretudo, na coleta da Solidariedade em cada paróquia. Cada paróquia deve entregar 100% do resultado obtido no prazo de até 30 dias após a coleta. 40% são destinados ao Fundo Nacional de Solidariedade (FNS) e 60% para o Fundo Diocesano de Solidariedade (FDS). O FDS também poderá receber outras receitas, como: doações, convênios e repasses de outros fundos e organizações.

A nível diocesano o FDS é organizado por dois animadores paroquiais e pelo Conselho Gestor. O Conselho Gestor, seguindo as orientações da CNBB, é presidido pelo Bispo diocesano e é composto por representantes das seguintes organizações: · Cáritas Diocesana, Fórum das Pastorais Sociais, Conselho Pastoral Diocesano, Conselho Econômico Diocesano e equipe da Campanha da Fraternidade Diocesana (DIOCESE..., 2010, p. 101).

Este fundo diocesano possui um conselho gestor tem como principal finalidade garantir os objetivos do FDS, promovendo e animando o serviço da solidariedade libertadora entre os excluídos e excluídas de nossa sociedade. O Conselho Gestor é responsável pela animação, coordenação, gestão dos recursos, análise, seleção e prestação de contas dos projetos aprovados. A prestação de contas da arrecadação e distribuição dos recursos é divulgada no Jornal Caminhada.

#### 4.9 A FESTA DAS TENDAS: SÍMBOLO DE UMA IGREJA NO ESPÍRITO DO CONCILIO VATICANO II

A Festa das Tendas na caminhada pastoral da Diocese de Lages é de extrema importância. Ela nasce de uma inspiração bíblica, mas trazida para o contexto da Diocese, simboliza a confirmação do jeito de ser Igreja que a Diocese se propõe a assumir.

O povo que escreveu o livro da Bíblia era de uma realidade nômade. Devido a consequências climáticas e guerras com povos vizinhos, o povo de Deus foi se espalhando pelas regiões marcadas por culturas diversificadas. Para não perder a identidade do povo de Deus, reunia-se, a cada ano, na primavera, em Tendas, para recordar a língua, os costumes e celebrar a ação libertadora de Deus que os salvou da opressão do faraó egípcio, fazendo-o chegar à Terra Prometida na região de Canaã.

Assim, com a chegada da primavera, a Festa das Tendas era um momento forte para o povo de Deus manter viva a memória, o sonho e o compromisso da Aliança de Deus com o seu povo: “eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo” (Lv 26, 2).

O povo que escreveu o livro da Bíblia era de uma realidade nômade. Devido às consequências climáticas e guerras com povos vizinhos, o povo de Deus foi se espalhando pelas regiões marcadas por culturas diversificadas. Para não perder a identidade de povo de Deus, reunia-se, a cada ano, na primavera, em Tendas, para recordar a língua, os costumes e celebrar a ação libertadora de Deus, que o salvou da opressão do Faraó egípcio, fazendo-o chegar à Terra Prometida na região de Canaã. Assim, com a chegada da primavera, a Festa das Tendas era um momento forte para o povo de Deus manter viva a memória, o sonho e o compromisso da Aliança de Deus com o seu povo: ‘Eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo’ (Lev 26,12). A partir deste fato bíblico, a Diocese de Lages se inspirou e assumiu realizar a Festa das Tendas para tornar presente sua identidade de povo serrano, a memória e a tradição de sua fé cristã, conservar o sonho de uma sociedade sem exclusões, justa, fraterna e solidária, bem como visibilizar alguns gestos que caracterizam a presença do Reino de Deus no meio das comunidades (DIOCESE..., 2001, p.01).

Nos tempos de Esdras (cf. Ne 8,13-18), a festa é celebrada durante sete dias. Tem um grande valor nesta festa a leitura da Lei. A leitura da Lei não só orienta como a festa deve ser celebrada, mas faz a memória da própria festa celebrada: “... desde os dias de Josué, filho de Nun, não se celebrava mais assim em Israel”. Esta



afirmação traz à memória os tempos de peregrinação pelo deserto: habitar em tendas significava celebrar a caminhada do povo pelo deserto.

O capítulo 23 do livro do Levítico apresenta um esquema geral do ano litúrgico. No que se refere à Festa das Tendas, mostra os dois lados da mesma moeda: a celebração clericalizada, que enfatiza o esquema dos sete dias e as ofertas queimadas (23,33-36); por outro lado, este mesmo capítulo (23,29-44), resgata as tradições mais autênticas da festa, celebrada por ocasião do fim das colheitas, associando a esta festa a memória do caminhar do povo pelo deserto rumo à terra prometida.

Habitar em tendas é a memória da precariedade do deserto. Mas a oferta dos frutos da terra representa celebrar a vida, na terra, cuja grandiosidade só pode ser compreendida e celebrada, por quem compreende o caminho do deserto e a fragilidade das tendas.

O nosso Deus acompanhou o povo na caminhada de libertação da escravidão do Egito morando com eles em tendas. O tempo de vida partilhada nas tendas, período do tribalismo, foi o tempo da prática do projeto de Deus. Em seguida os profetas lembrarão e anunciarão sempre a volta do tempo das tendas. O tribalismo foi tempo de partilha do econômico, tempo de partilha do poder e de defesa da vida. Também Jesus, o Filho de Deus, se fez carne e armou sua tenda no meio da humanidade para que tivéssemos vida e vida em abundância (DIOCESE..., 1999, p. 01).

No Novo Testamento, a comunidade que escreve a carta aos Hebreus, no capítulo 9 relê a Festa das Tendas a partir de Jesus Cristo, Cordeiro imolado, que inaugura uma nova tenda, muito maior e mais perfeita, onde serviremos ao Deus vivo. Onde reinará a justiça e a paz. Onde a Vida triunfará eternamente (Hb 9,11-14).

#### **4.9.1 A história da festa no contexto da Diocese de Lages**

Históricamente, na Diocese de Lages, a primeira Festa das Tendas foi realizada em novembro de 1997 no pátio do Instituto São João Batista Vianei, em Lages. A motivação desta primeira festa iniciava assim: “Anunciamos com grande alegria uma Boa Notícia: A Festa das Tendas!” Celebrava-se neste ano em toda a

Diocese o Ano Bíblico, tendo como enfoque: “Memória e Partilha das nossas Comunidades”, e como lema “A Palavra de Deus faz o Sonho do Povo Brilhar”.

Uma carta endereçada ao Conselho Pastoral Paroquial de todas as comunidades convocava para a primeira festa:

Anunciamos com alegria uma Boa Notícia: a Festa das Tendas! Convidamos a sua Comunidade Paroquial para participar desta que promete ser uma bela Concentração Diocesana. [...] cada Paróquia preparará esta Festa da maneira mais criativa. Construirá, com muito carinho, a —Tenda Paroquial. Nesta Tenda será resgatada a história da paróquia, desde a sua fundação, os acontecimentos significativos, as comunidades que a constituem, os objetivos e prioridades, os desafios... Enfim, com cartazes, fotos, faixas, símbolos, etc..., vamos partilhar com as demais comunidades paroquiais a História da Salvação de Deus em nosso meio. Esta Tenda será transportada, pelo menos um dia antes (29/11) para o local da Festa. Além da Tenda Central de cada Paróquia, podem acompanhar outras tendas de comunidades, Pastorais ou Grupos. Quem quiser e puder pode montar a sua tenda no local da concentração em qualquer dia daquela semana que precede a Festa (23 a 29 de novembro). Durante toda a semana haverá no local momentos de orações, celebrações, estudos bíblicos, conversas e partilha de nossas vidas... (DIOCESE..., 1997, p.1).

A segunda Festa das Tendas aconteceu em novembro de 1998, no mesmo local do ano anterior, quando celebrava-se o Ano Diocesano da Juventude, com o lema: “Juventude a serviço da Vida e da Esperança”.

A terceira Festa das Tendas foi realizada no pátio da Paróquia Sagrada Família, onde permaneceu até 2004. Nesta festa aconteceu a abertura do Ano Jubilar 2000 do nascimento de Jesus Cristo, com o lema: “Sonho e compromisso para um mundo sem exclusão”.

A quarta Festa das Tendas aconteceu no ano 2000, animada pelo lema “É jubileu, o Verbo se fez Carne, armou a sua tenda entre nós e estamos vendo a sua glória” (Jo 1,14).

A quinta Festa das Tendas aconteceu em 2001, no Ano Missionário Diocesano, com o lema “Aqui você tem lugar”.

A sexta Festa das Tendas aconteceu no ano de 2002, com o tema “Servir a Vida na solidariedade” e o lema “Casa do Pão: Aqui você tem lugar”.

A sétima Festa das Tendas aconteceu dentro do Ano Vocacional Diocesano, em 2003, com o tema “Vocação para um outro mundo possível” e o lema “Avancem para águas mais profundas” (Lc 5,4). Nesta festa foi declarado aberto o Ano Jubilar pelos 75 anos de instalação da Diocese de Lages.

A oitava Festa das Tendas aconteceu durante o Ano Jubilar Diocesano, em 2004, com o tema “Na caminhada da Diocese de Lages corram como água a justiça e o direito” e o lema “O Espírito do Senhor está sobre nós!”

A nona Festa das Tendas aconteceu em novembro de 2005, Ano Eucarístico, no pátio da Paróquia São Cristóvão – Cidade Alta, com o tema “Eucaristia, Diretrizes e Orientações Diocesanas” e o lema “Recriando Vida na partilha da Palavra e do Pão”.

A décima Festa das Tendas aconteceu em 2006, Ano Catequético Diocesano, novamente na Paróquia São Cristóvão – Cidade Alta, com o tema “No seguimento e na missão de Jesus: Deus conosco!” e o lema “Festa das Tendas: Esta é a nossa hora!”.

A décima primeira Festa das Tendas aconteceu em 25 de novembro de 2007, Otacílio Costa, com o lema “Partilhando Vida e Esperança!”. Assim, o Caminhada (2007, p. 7) explicitou que

Partilha [...] é a palavra que mais se ouve na Festa das Tendas. E não foi diferente em Otacílio Costa, no dia 25 de novembro. Era festa de Cristo Rei e, no colorido das colchas de retalho, acolhemos em nossas tendas a boa notícia do Reino de Deus que se faz boa realidade em cada gesto de partilha e irmandade, em cada compromisso com a construção de uma igreja e uma sociedade sem exclusões e, neste tempo de Advento, em cada sinal de Deus que vem armar sua tenda entre nós. Com Ele, seguiremos por outro caminho! O caminho dos Grupos de Família-CEBs, o caminho da justiça e da paz, o caminho da profecia, o caminho do serviço misericordioso aos irmãos e irmãs mais empobrecidos... [...] A forte pancada de chuva que caiu mais uma vez no fim da missa, lavou nossos corpos e nossas almas. Foi água boa para nos lembrar que somos gente boa e temos a nossa tenda armada numa terra que é boa e é nossa. Por isso, vestiremos a camisa do 10º Encontro Estadual das CEBs e seguiremos o caminho do Pixirum das CEBs, até o dia 20 de abril de 2008, quando celebraremos a Romaria Diocesana das Comunidades Eclesiais de Base.

A décima segunda Festa das Tendas aconteceu em 30 de novembro de 2008, Celso Ramos, com o lema “Com o Apóstolo Paulo, somos fabricantes de tendas!”

A décima terceira Festa das Tendas aconteceu em 29 de novembro de 2009, São José do Cerrito, com o lema “Alarga o espaço de tua tenda!” (cf. Is 54,2a). Esta festa marcou o encerramento das celebrações dos 80 anos de caminhada da Diocese de Lages. A presença da juventude foi marcante. Nesta festa, a juventude organizou o Acampamento da Juventude Serrana. O Caminhada (2009, p. 11) afirma que

[...] foi um momento muito especial de rever a juventude, conversar sobre nossos anseios e lutas e sonharmos com os olhos fitos no horizonte com um outro mundo possível, onde a juventude pode e deve ser protagonista. Esteve presente um número significativo de jovens, vindos de diversas Paróquias da Diocese. A juventude veio com a bagagem cheia de alegria e dinamismo e assim partilhamos a vida e a alegria de ser jovem! Na Festa das Tendas, no domingo, a juventude continuou presente. Em nossa Tenda rostos cheios de ternura e esperança na certeza de que a caminhada deve seguir firme. Carinhosamente agradecemos a toda a juventude que se fez presente no Acampamento e na Festa das Tendas. Com certeza alargamos nossos espaços e encontramos mais força para continuar buscando nosso lugar na Igreja e na Sociedade, tendo em Jesus Cristo nosso modelo de vida e seguimento. Queremos ser jovens anunciadores da Boa Nova de Jesus Cristo, acreditando no valor da comunidade e do protagonismo juvenil para a realização de nossos sonhos e de um outro mundo possível.

A décima quarta Festa das Tendas aconteceu em 28 de novembro de 2010, São Joaquim, com o lema “Pão em todas as mesas!”

#### **4.9.2 As características e os objetivos**

Na perspectiva que acabamos de refletir, a Diocese de Lages, inspirou-se e assumiu realizar a Festa das Tendas. Com esta Festa, a Diocese busca trazer presente sua identidade de povo serrano, a memória e a tradição de sua fé cristã, conservar o sonho de uma sociedade sem exclusões, justa, fraterna e solidária, bem como visibilizar alguns gestos que caracterizam a presença do Reino de Deus na vida das comunidades.

Para tanto, a Festa tem como pano de fundo a vivencia do objetivo geral da Ação Evangelizadora da Diocese: “Nós somos o povo serrano. Queremos nos evangelizar, animados pela Palavra e pela Eucaristia, em Grupos de Famílias – CEBS, participando na construção de uma sociedade sem exclusões, justa, fraterna e solidária, sinal do Reino definitivo” (DIOCESE..., 2010, p.03) A partir dessa máxima, surgem outros objetivos específicos a serem alcançados:

- a) Recordar a memória da Igreja Serrana a partir do chão das pessoas empobrecidas (resgate histórico);
- b) Reanimar e fortalecer a caminhada dos Grupos de Famílias, CEBS (resgate eclesiológico);
- c) Assumir o compromisso do seguimento de Jesus na profecia de um outro mundo possível sem exclusões (resgate profético);

d) Celebrar a vida litúrgica da Diocese de Lages (resgate celebrativo).

A Festa das Tendas é uma amostra de “um outro mundo possível”. É um dia em que se procura viver e testemunhar a fé cristã, celebrando a caminhada evangelizadora, tomando consciência da identidade “serrana” através de várias iniciativas como: o alimento típico que é preparado com carinho é partilhado gratuitamente entre todos para que ninguém passe fome; os encontros e conversas com as pessoas vinda de todos os recantos da Diocese gerando comunhão e troca de experiências; e, encerrando este dia festivo, a celebração da Eucaristia.

A Festa das Tendas também proporciona uma grande e bela oportunidade de renovar o compromisso batismal, a vocação para a vida, para o serviço, para a construção de mais vida e vida em abundância para todos; reafirmando o compromisso de todo o povo com o Projeto pastoral Diocesano, com seu rosto pluriforme explicitado nas seis dimensões da Ação Evangelizadora: Igreja Participativa, Ministerial, Celebrativa, Missionária, Ecumênica e do diálogo Inter-religioso e Sócio-transformadora.

A Diocese de Lages (2000, p. 16) argumenta que

A Festa das Tendas na Bíblia é a experiência que o povo de Deus fez de morar em tendas, buscando o exercício de relações igualitárias mesmo entre diferentes. O povo de Deus nas tendas organizava-se de forma colegiada, em conselhos. Fazia a partilha do pão e do serviço solidário aos mais necessitados, demonstrando, assim, que era possível se constituir uma sociedade outra que a dos poderosos. O movimento de Jesus continua o projeto das Tendas. Hoje, o povo serrano da Diocese de Lages, quer continuar este projeto, ligado às suas raízes em que ao redor do —fogo de chãoll sentia e via a —sua glóriall, pois: havia acolhimento da vizinhança e conversa na igualdade com contos, cantos e rezas; havia entre-ajuda nos trabalhos em mutirões e na partilha solidária da comida.

Dessa maneira, objetiva-se ver no rosto de cada um e de cada uma, o rosto do povo serrano, pluriforme mas com características bem próprias. Celebrar a Festa das Tendas é retomar a caminhada do povo no deserto, rumo a Terra Prometida. Assim sendo, na Diocese de Lages, para além do sentido de Festa e partilha do pão material, celebrar a Festa das Tendas é assumir a missão de construir um mundo sem exclusões. Celebrar a Festa das Tendas é habitar a grande tenda, inaugurada por Jesus Cristo, onde a humanidade com suas diferenças é acolhida e partilham a paz e a irmandade.

A Festa das Tendas tem uma significativa importância para a vida pastoral da Região serrana, pois explicita na prática da partilha, no relacionamento mais próximo entre as pessoas, no diálogo, na celebração da vida e da Palavra de Deus, no testemunho profético, etc, um modelo de pastoral comprometido com a vida digna para todos. Segundo Moreira (2010, p. 38), a Festa Diocesana das Tendas visibiliza relações recriadas de acolhida, cuidado e solidariedade numa prática simples porém de grande relevância eclesial e social. Trata-se da partilha dos alimentos, do comer e beber juntos, da comensalidade.

Além disso, suscita uma Igreja mais Participativa, que gera coresponsabilidade fazendo com que todos não só acompanhem, mas participem das decisões tomadas. Suscita uma Igreja toda Ministerial, onde todo têm seu espaço e o serviço é a realidade primordial; suscita uma Igreja mais Missionária, que sabe escutar o clamor do povo e vai ao seu encontro aonde quer que este povo esteja; suscita uma Igreja Ecumênica, que sabe acolher e dialogar com o diferente, vendo neste não obstáculos, mas oportunidades de crescimento pessoal e coletivo; e por fim, suscita uma Igreja Sócio-transformadora, comprometida com uma vida digna e consciente de que a partir da vivência radical do Evangelho um “Outro mundo é possível”.

O Jornal Caminhada (2002, p. 3) explicita que

Embalados, embaladas pela força que vem da Vida e da Bíblia decidimos organizar uma festa que fosse o sinal do brilho do sonho do povo. Uma festa prazerosa, de partilha, de carinho, de comida, de alegria e música, de acampamento, de celebração da fé e da Ressurreição, enfim... uma festa de Graça... a Festa das Tendas! [...] Tendas das muitas cores, histórias, cantos, contos e jeitos. Tendas das paróquias. Tendas para as crianças brincarem. Tendas para velhinhos descansarem. Tendas de benção. [...] A nossa festa das tendas, festa que celebra todos os anos a nossa caminhada em Comunidades Eclesiais de Base. A Festa das Tendas que inicia o tempo do Advento do Senhor, do Verbo que se fez carne e armou a sua tenda no meio do seu Povo amado. [...] Este ano, iremos fazer um grande mutirão de partilha! Pedimos que em cada tenda das paróquias tenha gente disposta a acolher, partilhar carinho, comida e... sabedoria... sabem, aquele sabor pela Vida e pelo Projeto de Deus que eu aprendi junto com vocês. Pedimos que em cada tenda tenha gente disposta a partilhar como anda a catequese e quem sabe partilhando trabalhos, jeitos, que catequistas, catequizandos e catequizandas estão caminhando em suas comunidades. Que os ministros e ministras da Palavra, do Matrimônio e do Batismo possam partilhar seus testemunhos, assim o pessoal da CPT, da Pastoral da Saúde... Os animadores e animadoras de Grupos de Famílias, das equipes de Liturgia, dos atingidos e atingidas por barragens, dos movimentos populares e pastorais sociais como todos os seguimentos da Igreja. Organizem-se no Conselho Paroquial para que tenha gente para partilhar a Caminhada da Comunidade e gente que possa ir, de tenda em tenda, aprendendo,

perguntando, ouvindo! É só partilhando do que temos, sabemos, fazemos e sonhamos que podemos construir o mundo que Deus sonha!

Muitos são os desafios pastorais que perpassam a realidade de Igreja na Diocese de Lages. No entanto, através da caminhada, percebe-se que estes desafios alimentaram a exigência de uma Igreja mais comprometida em suas práticas, em busca de uma melhor vivência dos objetivos traçados e do ideal eclesial que se propõe alcançar.

O desafio da Festa das Tendas diocesana, e da Ação Evangelizadora diocesana a qual ela simboliza, é despertar nas pessoas a necessidade de viver no cotidiano da vida a partilha, a solidariedade, a justiça, o amor fraterno, etc, visto que sem este enfoque prático, a Festa e o serviço de Evangelização como um todo, perdem o seu sentido pastoral. Ademais, o fato de fazer as pessoas se encontrarem e partilharem a vida e os alimentos mutuamente, durante um dia, só poderia ter um alcance pastoral se suscitar, a partir das próprias lideranças da Igreja, um novo modo de vida e de relacionamento social, político, econômico, cultural e eclesial como testemunho na Igreja e na sociedade.

#### **4.9.3 A eclesiologia da festa das tendas**

Como já tratamos anteriormente, a opção eclesiológica da Diocese de Lages pelas Comunidade Eclesiais de Base (CEBs), remonta os anos 70, quando existia uma grande efervescência pastoral, a partir principalmente das novidades trazidas pelo Vaticano II. Esse “jeito” de ser Igreja ainda perdura nos planos de pastoral mas sabe-se que em toda a Igreja as CEBs perderam força ao decorrer dos anos.

Neste contexto, a Festa Diocesana das Tendas, que teve sua primeira edição em 1997, foi também uma forma de reascender, resgatar a memória dessa opção eclesiológica com as suas implicações na vida pastoral da Igreja diocesana. Nesta perspectiva, Moreira (2010, p. 68) argumenta que,

[...] depois de uma grande caminhada de formação bíblica nas comunidades da Diocese de Lages e tinha por objetivo celebrar o Ano Bíblico com uma grande concentração diocesana. O que se viu, a partir de então, foi um revigoramento e uma visibilidade cada vez mais crescente das CEBs como rosto próprio da Igreja Diocesana. Se as Assembléias Pastorais da década de 1970 —batizaram as CEBs e as acolheram como novo jeito de ser Igreja na Diocese de Lages, a Festa das Tendas celebrou a sua confirmação e



fortaleceu sua aliança com todas as pessoas e grupos que lutam pela dignidade humana e pelo cuidado com a Vida.

A Festa das Tendas é um jeito simples de, como Igreja na Diocese de Lages, fazer festa, reunir-se para partilhar a comida e a bebida, acolher as pessoas que chegam, contar histórias, partilhar a vida, dar e receber bênçãos. Esses elementos são fundamentais para se conhecer a identidade do povo serrano, o cotidiano de sua vida e a sua disposição para superar as dificuldades da vida com alegria e gratuidade. Esta opção eclesiológica presente na festa das tendas também questiona as outras chamadas festas religiosas, muitas vezes influenciadas pela lógica do mercado e movidas pela necessidade de lucrar, ainda que seja para manter as estruturas eclesiais.

A Igreja que se quer “ser” vai acontecendo a partir de uma prática pastoral. A respeito disso, o viver e celebrar em tendas questiona todas as formas de segurança que julga-se como necessárias para manter os projetos de evangelização. No entanto, a festa das tendas questiona não somente a prática eclesial mas também toda a sociedade que na maioria de suas relações, guia-se pela busca de interesses. Assim, Moreira (2010, p.69) diz que

A celebração da Festa das Tendas, traz para dentro das comunidades a discussão sobre uma outra ética cristã, fiel ao movimento de Jesus e ao testemunho das primeiras comunidades cristãs. Trata-se de uma ética de sobriedade e simplicidade, de provisoriedade e precariedade, de vivência do necessário para que ninguém passe necessidade. Esse cuidado essencial com a vida das pessoas se amplia para práticas mais abrangentes de cuidado com a Vida em todas as suas manifestações. Neste sentido, a Festa alarga o espaço de sua tenda para outros engajamentos políticos, sociais e econômicos. Há que se cuidar para que o centro da festa nunca seja deslocado do cuidado com as pessoas mais empobrecidas. Da mesma forma, deve ser intensificada a profecia de uma outra relação com o planeta Terra”.

Durante o dia da festa acontecem reuniões de paróquias, lideranças, confraternização, partilha gratuita de alimentos, celebração da eucaristia, etc. No entanto, não podem ser barracas de produção e distribuição de comida, mas tendas de acolhida afetuosa, diálogo prazeroso e convivência fraterna. Da partilha do alimento, sem carência nem esbanjamento, abre-se um canal de discussão com uma outra economia possível, fundada na partilha, na justiça e na solidariedade.

Para Moreira (2010, p.69),

[...] a celebração da Festa das Tendas torna visível a utopia do Reino de Deus, no horizonte da construção de uma Igreja e uma Sociedade sem exclusões. E, neste sentido, este trabalho possibilitou uma descoberta fundamental para a nossa prática pastoral. Não basta incluir, mantendo a lógica de exclusão. É preciso construir caminhos efetivos de participação social e eclesial que garantam o exercício de uma cidadania ativa, plena e planetária. Este é o sonho de Deus Trindade, comunhão das três divinas pessoas, para a Igreja e a Sociedade: uma tenda que se alarga, simples, provisória e acolhedora, para quem caminha na esperança, confia na graça de Deus como única e necessária necessidade e acolhe a Palavra que diz: —saíamos do recinto sagrado para ir ao encontro de Jesus, carregando a humilhação dele. Pois nós não temos aqui a pátria definitiva, mas buscamos a pátria futurall (Heb 13, 13-14).

Enfim, na Festa das Tendas se torna realidade uma Igreja da Partilha, em dois aspectos: a partilha como compartilhar, isto é, como um dar e receber, uma relação de troca e permuta; a partilha como doação sem retorno, como um dar sem esperar retribuição imediata, uma relação de gratuidade.

## 5 CONCLUSÃO

Após o desdobramento do objeto de estudo dessa pesquisa, a Evangelização na Diocese de Lages à luz do Concílio Vaticano II, tendo como recorte histórico os anos de 1965 a 2010, convém retomar o problema central da mesma tendo em vista uma reflexão mais atenta aos resultados que foram possíveis perceber pelas análises, bem como sobre o sentido histórico que caracteriza as reflexões explicitadas. Desta forma retomamos nesta conclusão a pergunta: Como a Diocese de Lages acolheu em sua história e ação pastoral o Concílio Vaticano II?

A pesquisa não pode ser desarticulada do contexto histórico das pessoas que participaram do contexto pesquisado, no qual a ação evangelizadora, da Diocese de Lages, teve um papel fundamental. Não só no sentido religioso/espiritual, mas também no sentido religioso/social, a ação pastoral na Diocese, desencadeou um processo de incentivo e reflexão a partir da vida cotidiana, da cultura e da religiosidade das comunidades para estabelecer novos paradigmas a partir da vivência do Evangelho.

A partir do Concílio Vaticano II e das Conferências Episcopais Latino-Americanas, a Diocese de Lages abraçando os ideais das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), contribuiu para a construção de uma identidade coletiva que busca reivindicar, denunciar, promover ou proclamar o dia-a-dia de uma sociedade que se une pelos mesmos objetivos, em benefício de todos.

O território da Diocese de Lages, possui um contexto marcado pelas relações de poder que submetiam os grupos populares ao coronelismo patriarcal e clientelista em um período histórico em que a autoridade maior, nesse determinado espaço geográfico, estava com o dono das fazendas, o que fortalecia o papel dos coronéis como 'dominadores'. Assim, mesmo que muitas vezes essas relações ficassem escondidas, os menos favorecidos economicamente sempre viveram em um regime de opressão.

Não se pode negar também que por muito tempo, principalmente no período da romanização, a Educação e a imprensa estiveram nas mãos da Igreja, e esta também foi dominadora pois se mantinha ligada às oligarquias e às classes médias na cidade. A partir desse contexto de dominação, se percebeu uma cultura de submissão nas classes populares de Lages. Uma postura submissa, muitas vezes

passiva, dos trabalhadores que estiveram expostos por muito tempo às relações de poderes políticos e econômicos.

Na ação evangelizadora da Diocese de Lages, desde o Vaticano II até 2010, se percebeu uma caminhada de crescimento no sentido de formular estratégias que pudessem priorizar os mais excluídos. Da mesma forma, mesmo quando houve conflitos e antagonismo no trabalho pastoral, a simples proposição da realidade revelou a situação das pessoas, especialmente das classes menos favorecidas, mostrando-lhes a possibilidade de luta pacífica por seus direitos de cidadãos e incentivando-as a clamar por liberdade e justiça.

Percebeu-se, na trajetória desta pesquisa, que principalmente a presença da Igreja na Diocese de Lages exerceu uma função importante nos diferentes contextos da sociedade, principalmente dentro dos movimentos populares, sendo presença e incentivando à luta pela liberdade e vida dos mais empobrecidos. Vale aqui destaque para os Grupos de Família, que adotados como prioridade pastoral, assumiram um papel de construtores de uma identidade da comunidade que busca uma nova realidade em que todos sejam vistos como sujeitos que se organizaram e experienciaram coletivamente relações de solidariedade, aprendizagem e partilha.

Os encontros dos Grupos de Famílias, nas comunidades de Lages, realizados de forma circular, tendo como base, o Jornal 'A Caminhada' e os livros dos encontros, animados pelas canções de esperança e resistência, explicitavam uma teologia mais encarnada na realidade, principalmente relacionando Fé e Vida. Esse jeito de ser Igreja propiciou uma maior e melhor compreensão da nova mentalidade que precisava ser apreendida e vivida nas relações cotidianas não só de Igreja mas de comunidade.

A leitura da "Palavra de Deus" e as leituras das "Palavras da Vida", trouxeram a realidade da comunidade local, na grande maioria das vezes, ajudando as pessoas a passar da simples devoção ao compromisso cristão a partir da sua realidade local. O "Grupo de Família CEBs" se constitui como principal veículo de acolhida concreta do Vaticano II, sendo uma ação evangelizadora marcada pela realidade do "Encontro", do "Diálogo" e do "Compromisso" principalmente com os mais pobres. Na experiência da partilha, os Grupos de Famílias deram sustentação às Comunidades Eclesiais de Base e fortaleceram os ideais do Concílio na vida pastoral da Diocese de Lages.

Através da Evangelização, a Igreja de Lages marcou presença como mediação entre Deus e o ser humano, mas também entre o ser humano e a sua realidade vivencial. Sendo “a voz do sem voz” ela contribuiu para expressar idéias e sentimentos dos diversos participantes das comunidades, ‘falando’ por eles, dando visibilidade aos seus diferentes anseios. Por meio da ação pastoral, os diferentes Movimentos de Base puderam se definir, se organizar e se identificar.

Compartilhando a fé e as vivências do povo simples do planalto serrano, a Igreja comungou de uma história de lutas e, certamente, comungou do Cristo presente no rosto de cada pessoa. A partir da realidade posta e dos desafios propostos pela “primavera eclesial” do Vaticano II, com suas peculiaridades, a Igreja foi lançada na realidade e desafiada a interagir com ela, num diálogo que, sem esquecer o passado, procura reinventar o presente na expectativa de criar uma nova realidade mais justa, solidária e melhor de se viver.

A partir deste trabalho de pesquisa, constata-se que a opção eclesiológica da Diocese de Lages pelo jeito de ser Igreja Comunidade Eclesial de Base (CEBs), remonta ao fim dos anos de 1970. Eram tempos de grande vigor pastoral, de empenhada militância sócio-política e pastoral que são lembrados com saudades por uns e esquecidos por outros. Foi um tempo especial de recepção e acolhida do Concílio Vaticano II.

Já nos fins dos anos 90 até 2010, depois de uma grande caminhada de formação bíblica nas comunidades da Diocese de Lages, já se percebiam tempos de refluxo e esfriamento das proféticas opções vividas na década anterior. Coube à Festa das Tendas e aos Grupos de Família o papel de manter vivo o processo de revigoração e visibilidade cada vez mais crescente das CEBs como rosto próprio da Igreja Diocesana. Se as Assembleias Pastorais da década de 1970 —batizaram as CEBs e as acolheram como novo jeito de ser Igreja na Diocese de Lages, a Festa das Tendas celebrou a sua confirmação e fortaleceu sua aliança com todas as pessoas e grupos que lutaram pela dignidade humana e pelo cuidado com a Vida.

Não resta dúvida que o “jeito” de evangelizar, de fazer festa, de celebrar e testemunhar o Evangelho, na Diocese de Lages, visibiliza um jeito de ser Igreja que ao mesmo tempo motiva no caminho do Reino e questiona as práticas sacramentalistas e conservadoras que visam somente a manutenção do poder temporal. Neste caminho de Igreja, muitas vezes o projeto de “evangelização” foi influenciado pela lógica do poder e movido pela necessidade de manter as

estruturas eclesiais, gerando uma pastoral muito mais de conservação do que uma pastoral de fato missionária e comprometida com os mais pobres.

A respeito disso, o viver a eclesiologia das CEBs sempre será um questionamento para todas as formas de segurança que muitas vezes estabelecemos como necessárias para manter os projetos de evangelização. Muitas estruturas e projetos de pastoral estão aí, e precisam ser mantidas ou levadas a concretude. No entanto, há que se perguntar sempre a que projeto de Igreja elas estão servindo e, principalmente, se o testemunho das mesmas aponta para o Reino. Creio que a resposta deste questionamento também define se este jeito de ser Igreja corresponde à nova mentalidade eclesiológica do Vaticano II e das Conferências Episcopais: Uma Igreja de Comunhão e Participação a serviço da Vida, principalmente na opção preferencial pelos pobres.

O resgate da memória histórico do processo de evangelização na Diocese de Lages, em sua caminhada de Igreja, possibilitou o entendimento do processo de acolhida dos mais diversos perfis eclesiológicos que se manifestaram em sua história ajudando o leitor deste trabalho a perceber que apesar dos avanços, ainda se percebe retrocessos a serem melhor refletidos.

No decurso dessa reflexão, contatou-se que a Igreja da Diocese de Lages, apesar de optar por ser uma Igreja CEBs em seus planos de pastoral, ainda conservou em sua prática muitos elementos na liturgia, na catequese, nos movimentos eclesiais, de uma Igreja pré-conciliar, voltada para seus próprios projetos intra-ecclesiae. Por outro lado, se percebeu também que muitas iniciativas aproximaram os ideais dessa Igreja dos ideais do Vaticano II e de uma Igreja encarnada desde o Evangelho até a vida das pessoas.

Como exemplo citamos a Festa das Tendões diocesana, símbolo e proposta para novas relações na Igreja e na Sociedade. No contexto da proposta da Festa das Tendões, fazer festa, reunir-se para partilhar a comida e a bebida, acolher as pessoas que chegam, contar e cantar histórias, costurar colchas de retalhos, dar e receber bênçãos, são elementos fundamentais para entender a antropologia do povo serrano e a sua disposição para superar as dificuldades da vida com alegria e gratuidade. Essas relações de cuidado para com a vida das pessoas se amplia para práticas mais abrangentes de cuidado com a Vida em todas as suas manifestações.

Por fim, a pesquisa histórica da Diocese de Lages, visibiliza a utopia do Reino de Deus, no horizonte da construção de uma Igreja e uma Sociedade sem

exclusões, como se objetiva nas Diretrizes da Ação Evangelizadora da Diocese. E, neste sentido, este trabalho possibilitou uma descoberta fundamental para uma possível prática pastoral realmente evangelizadora e em comunhão com o Concílio Vaticano II: não basta somente uma evangelização de inclusão, é preciso superar os mecanismo e ideologias presentes na pastoral que ainda sustentam uma lógica de exclusão. É preciso construir caminhos efetivos de participação social e eclesial que garantam o exercício de uma cidadania ativa, plena e total.

Sob o ponto de vista da evangelização, na perspectiva do Vaticano II, questionamento desta pesquisa, novas exigências apresentam-se para o novo modo de ser Igreja, através das pastorais: a renovação e formação de agentes como catequistas, ministros, animadores de comunidades eclesiais de base, padres, diáconos, religiosos e religiosas, a constituição e funcionamento dos conselhos de pastoral nas comunidades, paróquias, regiões pastorais e Diocese; a produção de material adequado às diversas pastorais, especialmente catequese, liturgia e novos movimentos; a superação da dicotomia fé e política na ação transformadora; a necessidade de um maior conhecimento da lógica, ou seja, do modo de ser, pensar e agir da mulher e do homem serrano, em vista de um autêntico processo de inculturação na fé.

Percebe-se que nesta caminhada ainda se faz necessário aos agentes de pastoral, comprometidos nas pastorais e organizações populares, um aprofundamento em áreas como política, teologia, sociologia e principalmente uma eclesiologia que possa dar suporte a uma nova consciência cidadã e as exigências da militância cristã.

Mas os desafios ainda são enormes para esta Igreja diocesana. Percebe-se é que muitas vezes o que se quer não corresponde com aquilo que se tem na realidade. Esse é o dilema de todos nós. A construção do Reino de Deus exige uma Ação Evangelizadora cotidianamente presente na realidade e atenta aos sinais dos tempos. O Vaticano II começa a ser conhecido, mas existem muitos passos a serem dados para que essa Igreja possa de verdade seguir de forma autêntica os passos de Jesus Cristo. Resta a certeza de que o Reino acontece de forma dinâmica e num processo de “já” e “ainda não” que nos coloca sempre em caminho, a serviço da Vida.



Ciente de que os resultados aqui apresentados são apenas pontos de partida, tenho consciência de que pode ser ainda melhor trabalhado para descobrir as riquezas que o tema pode oferecer.

## 6 REFERÊNCIAS

### Documentos:

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

CÓDIGO de Direito Canônico. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*. In: **Compêndio do concílio vaticano II**. Constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 259-306.

\_\_\_\_\_. Constituição Dogmática *Lumen gentium*. In: **Compêndio do concílio vaticano II**. Constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 39-113.

\_\_\_\_\_. Decreto *Ad gentes*. In: **Compêndio do concílio vaticano II**. Constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 351-399.

\_\_\_\_\_. Decreto *Unitatis Redintegratio*. In: **Compêndio do concílio vaticano II**. Constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 309-332.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Comunidade de comunidades**: uma nova paróquia. Brasília: CNBB, 2014.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida**: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007.

DIOCESE DE LAGES. **Conselho diocesano de pastoral**: Carta Pastoral. Lages: [s.n.], 1992.

\_\_\_\_\_. **Conselho diocesano de pastoral**: Carta Pastoral. Lages: [s.n.], 1997.

\_\_\_\_\_. **Conselho diocesano de pastoral**: Carta Pastoral. Lages: [s.n.], 1999.

\_\_\_\_\_. **Conselho diocesano de pastoral**: Carta Pastoral. Lages: [s.n.], 2000.

\_\_\_\_\_. **Conselho diocesano de pastoral**: Carta Pastoral. Lages: [s.n.], 2001.

\_\_\_\_\_. **Plano Diocesano de Pastoral**: 1967-1968. Lages: [s.n.], 1967.

\_\_\_\_\_. **Plano Diocesano de Pastoral**: 1969. Lages: [s.n.], 1969.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes e Orientações da Ação Evangelizadora**: 1990-1994. Lages: [s.n.], 1990.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes e Orientações da Ação Evangelizadora:** 2005-2009. Lages: [s.n.], 2005a.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes e Orientações da Ação Evangelizadora:** 2010-2014. Lages: [s.n.], 2010.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes e Orientações da Ação Evangelizadora:** 2015-2021. Lages: Impresul Indústria Gráfica Ltda, 2015.

\_\_\_\_\_. **Secretariado Diocesano de Pastoral:** Ata da Região Pastoral de Campo Belo do Sul. Lages: [s.n.], ago. 2002.

\_\_\_\_\_. **Secretariado Diocesano de Pastoral:** Ata da Região Pastoral de Correia Pinto. Lages: [s.n.], mar. 2004.

\_\_\_\_\_. **Secretariado Diocesano de Pastoral:** Ata da Região Pastoral de Correia Pinto. Lages: [s.n.], abr. 2005b.

\_\_\_\_\_. **Secretariado Diocesano de Pastoral:** Ata da Região Pastoral de Lages. Lages: [s.n.], n. 2. ago. 2006.

\_\_\_\_\_. **Secretariado Diocesano de Pastoral:** Ata da Região Pastoral de Lages. Lages: [s.n.], n. 6, nov. 2007a.

\_\_\_\_\_. **Secretariado Diocesano de Pastoral:** Ata da Região Pastoral de Bom Retiro. Lages: [s.n.], n. 2, ago. 2008

\_\_\_\_\_. **Grupos de Família, nosso chão.** Lages: [s.n.], 2007b.

\_\_\_\_\_. **Histórico da Diocese de Lages:** 50 anos (1927-1977). Lages: [s.n.], 1977.

\_\_\_\_\_. **Análise da realidade das paróquias:** Paróquia São Cristóvão. Lages: [s.n.], jul.1985.

\_\_\_\_\_. **Secretariado Diocesano de Pastoral:** Relatório de atividades. Lages: [s.n.], jul. 1979a.

\_\_\_\_\_. **Secretariado Diocesano de Pastoral:** Livro de atas. Lages: [s.n.], 1976a.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium.** São Paulo:Paulinas, 2013.

JOÃO PAULO II. **Discurso inaugural do Papa João Paulo II da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano.** 12 out.1992. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1992/october/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19921012\\_iv-conferencia-latinoamerica.pdf](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1992/october/documents/hf_jp-ii_spe_19921012_iv-conferencia-latinoamerica.pdf)>. Acesso em: 10 jan. 2015.

**Periódicos:**

- CAMINHADA. O Jornal da Diocese de Lages. Lages, n. 1, dez. 1985.
- CAMINHADA. O Jornal da Diocese de Lages. Lages, n. 3, Abr. 1986a.
- CAMINHADA. O Jornal da Diocese de Lages. Lages, n. 6, jul. 1986b.
- CAMINHADA. O Jornal da Diocese de Lages. Lages, n. 8, set. 1986c.
- CAMINHADA. O Jornal da Diocese de Lages. Lages, n. 10, nov. 1986d.
- CAMINHADA. O Jornal da Diocese de Lages. Lages, n. 12, jan/fev. 1987a.
- CAMINHADA. O Jornal da Diocese de Lages. Lages, n. 17, jul. 1987b.
- CAMINHADA. O Jornal da Diocese de Lages. Lages, n. 20, out. 1987c.
- CAMINHADA. O Jornal da Diocese de Lages. Lages, n. 21 nov/dez. 1987d.
- CAMINHADA. O Jornal da Diocese de Lages. Lages, n. 26, jul. 1988a.
- CAMINHADA. O Jornal da Diocese de Lages. Lages, n. 29, out. 1988b.
- CAMINHADA. O Jornal da Diocese de Lages. Lages, n. 36, ago. 1989.
- CAMINHADA. O Jornal da Diocese de Lages. Lages, n. 181, nov. 2002.
- CAMINHADA. O Jornal da Diocese de Lages. Lages, n. 233, dez. 2007.
- CAMINHADA. O Jornal da Diocese de Lages. Lages, n. 255, dez. 2009.
- DIOCESE DE LAGES. Informativo Pastoral Diocesana. Lages, ago.1970.
- DIOCESE DE LAGES. Informativo Pastoral Diocesana. Lages, jul.1971.
- DIOCESE DE LAGES. Informativo Pastoral Diocesana. Lages, maio1972.
- DIOCESE DE LAGES. Informativo Pastoral Diocesana. Lages, set.1974.
- DIOCESE DE LAGES. Informativo Pastoral Diocesana. Lages, fev.1976b.
- DIOCESE DE LAGES. Informativo Pastoral Diocesana. Lages, nov. 1977.
- DIOCESE DE LAGES. Informativo Pastoral Diocesana. Lages, jul. 1979b.
- DIOCESE DE LAGES. Informativo Pastoral Diocesana. Lages, maio 1980.
- DIOCESE DE LAGES. Informativo Pastoral Diocesana. Lages, jan.1981.

DIOCESE DE LAGES. Informativo Pastoral Diocesana. Lages, maio-jul., 1984.

DIOCESE DE LAGES. Livro de Tombo – Catedral Diocesana de Lages (1939-1979).

### **Livros e artigos:**

ANTONIAZZI, Alberto. Conselhos presbiterais em face dos desafios atuais. **Vida Pastoral**, São Paulo, v. 41, mai./jun. 2001, p.23-29.

BATISTA, Andrey Garcia. **Frei Bernardino Bortolotti (1896-1966) e a cena musical em Lages**: uma contribuição para a historiografia da música na serra catarinense. 2009. 158 f. Dissertação (Mestrado) – UDESC-CEART, Florianópolis, 2009.

BENEDETTI, Luiz Roberto. **Os Santos Nômades e o Deus estabelecido**: um estudo sobre religião e sociedade. São Paulo: Paulinas, 1983.

BEOZZO, José Oscar. Irmandades, Santuários, Capelinhas de Beira de Estrada. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, Vozes, v. 37, p.745, dez. 1977.

BESEN, Jose Artulino. **Brasil: 500 anos de Evangelização**. Florianópolis: Mundo e Missão, 2000.

\_\_\_\_\_. **História da Igreja no Brasil: O Evangelho acolhido pelos pobres**. Florianópolis: Mundo e Missão, 2012.

BETTO, Frei. **O que é Comunidade Eclesial de base**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985, (Coleção primeiros passos 46).

BIDEGÁIN, Ana María. **História dos Cristãos na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1993. Tomo 1.

BORGES, Nilsen. **Terra, gado e trabalho**: sociedade e economia escravista Lages (1840-1865). 2005. 175 f. Dissertação (Mestrado) – UFSC, Florianópolis, 2005.

BRIGHENTI, Agenor. **A Igreja do futuro e o futuro da Igreja**: perspectivas para a evangelização na aurora do terceiro milênio. São Paulo: Paulus, 2001.

\_\_\_\_\_. **Reconstruindo a esperança**: como planejar a ação da Igreja em tempos de mudança. São Paulo: Paulus, 2000.

CABRAL, Oswaldo R. **João Maria – Interpretação da Campanha do Contestado**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

\_\_\_\_\_. **A Campanha do Contestado**. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**: Uma história da Igreja cristã. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CALIMAN, Cleto. A eclesiologia do Concílio Vaticano II e a Igreja no Brasil. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATTO, Vera Ivanise (Orgs.). **Concílio Vaticano II: análises e perspectivas**. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 229-248.

CAMACHO, I. **Doutrina social da Igreja: abordagem histórica**. São Paulo: Loyola, 1995.

CARDOSO, Karina Vianna. A Igreja católica no Estado de Santa Catarina e suas territorialidades. **Espaço e cultura**, Rio de Janeiro, n. 21. p.18-30, jan.2007.

CENTRO VIANEI DE EDUCAÇÃO POPULAR. **Informativo Pixurum**. Lages: Super Nova, 2004.

COMBLIN, Joseph. **Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois**. São Leopoldo: Insituto Humanitas Unisinos, 2008.

COSTA, Licurgo. **O Continente das Lagens: sua história e influência no sertão da terra firme**. Florianópolis: FCC, 1982. 4 v.

COSTA, Lucia Denise de Souza. **Canção popular nas Comunidades Eclesiais de Base: análise do papel educativo e social nas décadas de 70/80 em Lages/SC**. 2008. XX f.Dissertação (Mestrado) - UFSC, Florianópolis, 2008.

FELLER, Vitor Galdino. Lumen Gentium: retorno às fontes. **Encontros Teológicos**, Florianópolis, v. 17, n. 2, 2002.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Espaço sagrado: estudos em geografia da religião**. Curitiba: IBPEX, 2008.

GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação econômica de Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

GALLO, Ivone Cecília D'Avila. O Contestado e o seu lugar no tempo. **Tempo**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 143-155. jul./2001.

GONZÁLEZ, J. L., BRANDÃO, C.R., IRARRÁZAVAL, D. **Catolicismo popular: história, cultura, teologia**. Petrópolis: Vozes, 1992.

KARSBURG, Alexandre de Oliveira. O eremita do novo mundo: a odisseia de um monge peregrino na América católica do século XIX, In: ESPIG, Janete Márcia, MACHADO, Paulo Pinheiro, VALENTINI, Delmir José (Orgs.). **Nem fanáticos, nem jagunços: reflexões sobre o contestado (1912-2012)**. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2012.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2007.

LIBANIO, João Batista. Da apologética à teologia fundamental: a revelação cristã, In: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATTO, Vera Ivanise (Orgs.). **Concílio Vaticano II: análises e perspectivas**. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 165-185.

\_\_\_\_\_. **Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão.** São Paulo: Loyola, 2005.

LOCKS, Geraldo Augusto. **Grupos de Família: o modo de ser CEB em Lages.** 2008. 382 f. Tese (Doutorado) - UFSC, Florianópolis, 2008.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. **A presença da Igreja no Brasil: histórias e problemas.** São Paulo: Giro, 1977.

MACHADO, Paulo Pinheiro. O Contestado e o mundo caboclo: História, Memória e Historiografia, In: ESPIG, Janete Márcia, MACHADO, Paulo Pinheiro, VALENTINI, Delmir José (Orgs). **Nem fanáticos, nem jagunços: reflexões sobre o contestado (1912-2012).** Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2012.

MACHADO, Paulo Pinheiro. O conflito do Canudinho de Lages. **Estudos de Sociologia**, São Paulo, v.13, n. 24, 2008.

MANOEL, Ivan Aparecido. **Igreja e educação feminina (1859-1919): uma fase do conservadorismo.** São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1996.

MELUCCI A. Um Objeto para os Movimentos Sociais? **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 17, jun.1989.

MICELLI, Sérgio. **A Elite eclesiástica brasileira.** Rio de Janeiro: Bertrand, 1988.

MORAIS, Adecir. O legado deixado pelas hidrelétricas. **Jornal Correio Lageano**, Lages, 7 jun. 2013. Disponível em: <[www.clmais.com.br/informação](http://www.clmais.com.br/informação)>. Acesso em 17 maio 2015.

MOREIRA, José Roberto. **Uma Igreja e uma sociedade sem exclusões: A Festa das Tendias na Diocese de Lages.** 2010, 76 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2010.

MUNARIN, A. **Educação e esfera pública na serra catarinense: a experiência política do Plano Regional de Educação.** Florianópolis: NUP, 1990.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. **Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1985.

PEIXER, Zilda Isabel. **A cidade e seus tempos: o processo de constituição do espaço urbano em Lages.** Lages: Uniplac, 2002.

POPULAÇÃO serrana está encolhendo. **Jornal Correio Lageano**, Lages, 25 out. 2010. Disponível em: <[www.clmais.com.br/informação](http://www.clmais.com.br/informação)>. Acesso em: 17 maio 2015.

RIBEIRO, Lúcia. Comunidade de irmãs e irmãos: a questão de gênero nas CEBs. In: **10o. Encontro Intereclesial. Ilheus – Bahia.** 11 a 15 de julho de 2000. CEBs Povo de Deus. Texto Base. Bahia: Fonte Viva, 1999. p. inicial-final.



RIBEIRO, Helcion. **Da periferia um povo se levanta**. São Paulo: Paulinas, 1988.

RODRIGUES, Afonso. Serra não acompanha o Brasil em desenvolvimento humano. **Jornal Correio Lageano**, Lages, 31 jul. 2013. Disponível em: <[www.clmais.com.br/informação](http://www.clmais.com.br/informação)>. Acesso em: 17 maio 2015.

ROJAS, E. **O Homem Moderno: a luta contra o vazio**. São Paulo: Mandarim, 1996.

SABUGAL, Santos. **A Igreja serva de Deus: para uma eclesiologia do serviço**. São Paulo: Paulus, 1997.

SANTOS, Silvio Coelho dos. **Nova História de Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 2004.

SCHERER-WARREN, I. **Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização** São Paulo: Hucitec, 1999.

SERPA. Élio Cantalício. **Igreja e poder em Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 1997.

SILVA, Carlos Eduardo Moreira da. Da revolução aos resultados. In: SEMANA CIENTÍFICA, 1999, São Miguel do Oeste. **Anais de produção científica**. Chapecó: Grifos, 1999.

SOBRINO, J. Teologia desde la realidad. In: SUSIN, L. C. (Org.). **O mar se abriu: trinta anos de teologia na América latina**. São Paulo: Loyola, 2000, p.153-170.

TEIXEIRA, F.L.C. **A gênese das CEB's no Brasil: elementos explicativos**. São Paulo: Paulinas, 1988.

TOKARSKI, Fernando. Pluralidades e singularidades entre Canudos e o Contestado. **Pharos**, Santiago, v. 9, n. 2, p. 151-153 ,2002.

WERNET, Augustin. **A Igreja Paulista no século XIX: a reforma de D. Antônio Joaquim de Melo (1851-1861)**. São Paulo: Ática, 1987.

WOLFF, Elias. **Vaticano II: 50 anos de Ecumenismo na Igreja católica**, São Paulo: Paulus, 2014.

\_\_\_\_\_. Grupo de Reflexão, modelo de comunidade para paróquia. **Encontros Teológicos**, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 115-132, out. 2013.

#### **Entrevista:**

MARTENDAL A. Entrevista abr. 2014. Entrevistador: Reginaldo Pereira. Lages, 2014.

MOREIRA J. R.. Entrevista Jul. 2014. Entrevistador: Reginaldo Pereira. Lages, 2014.